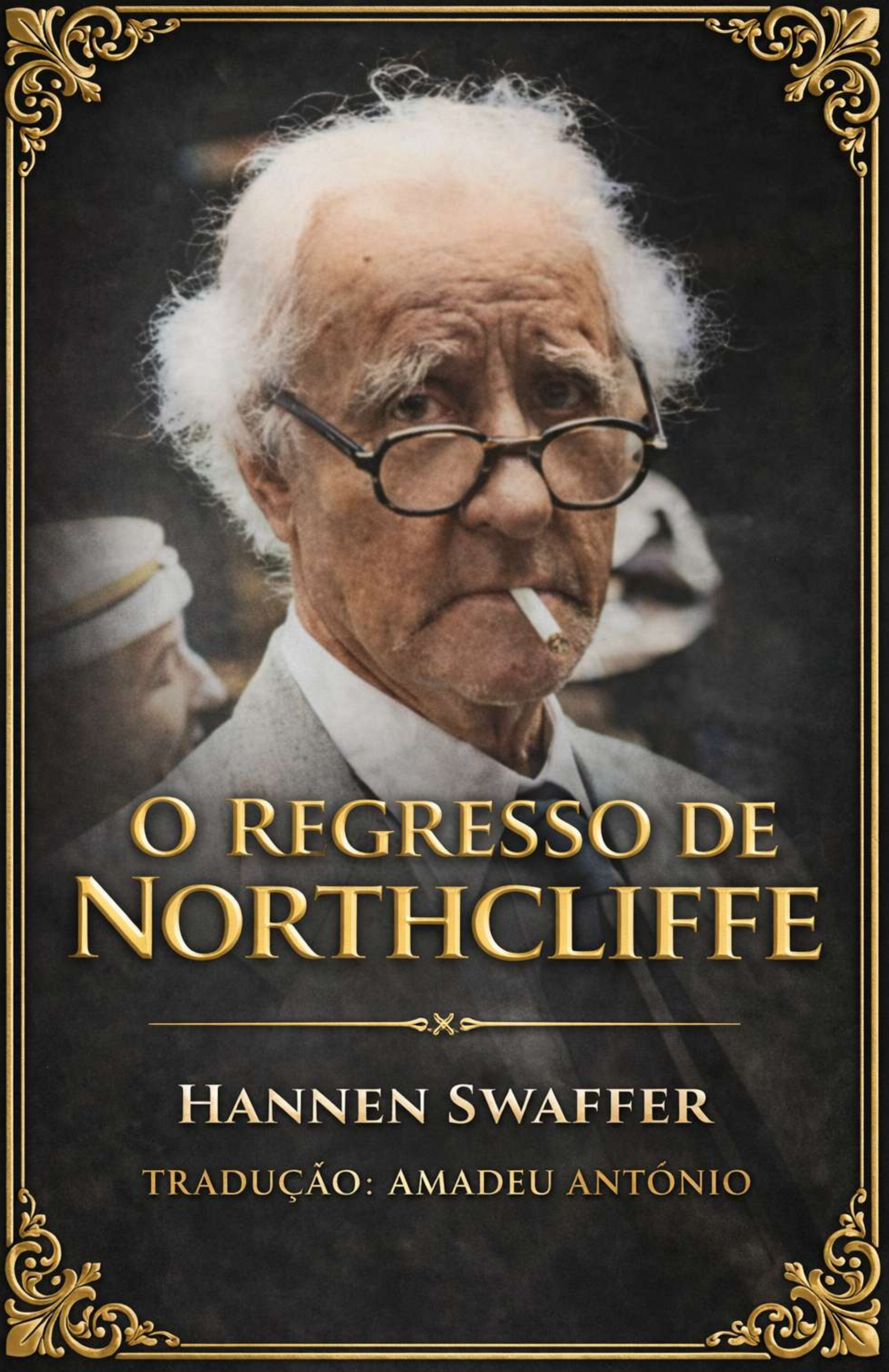

O REGRESSO DE NORTHCLIFFE

HANNEN SWAFFER

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

O REGRESSO DE NORTHCLIFFE

Por HANNEN SWAFFER

AOS MEUS AMIGOS,
SR. E SRA. H. DENNIS BRADLEY.

A coragem de Dennis Bradley ao proclamar a verdade do Espiritualismo no seu livro, *Rumo às Estrelas* (*Towards the Stars*), trouxe conforto a milhares de almas aflitas.

A mediunidade de voz direta, posteriormente desenvolvida pelos dois Bradleys no seu círculo doméstico, sem qualquer assistência profissional ou ajuda exterior, é uma das coisas mais importantes que aconteceram em Londres desde há muitos anos. Foi através deles e devido à sua mediunidade, cuja autenticidade estava para além de qualquer dúvida, que me convenci de uma grande verdade.

PREFÁCIO

Por Lord Beaverbrook

Foi o Sr. Hannen Swaffer quem me deu a oportunidade de pôr à prova a veracidade da crença espírita através da experiência directa e de uma prova pessoal.* Saí completamente descrente e assim continuo até hoje. No entanto, muitas vezes tive absoluta certeza de estar certo em assuntos nos quais mais tarde descobri que estava errado. Não levo, portanto, a minha descrença no Espiritualismo, como alguns fazem, ao ponto de negar a honestidade e a sinceridade daqueles que acreditam que estes fenómenos realmente ligam o organismo vivo do homem a outro mundo.

Penso que a maioria dos espíritas é honesta, embora enganada, e esta opinião é fortemente reforçada na minha mente pela personalidade do Sr. Hannen Swaffer. A sua honestidade é transparente.

Possui também certas outras qualidades que frequentemente acompanham as mais brilhantes capacidades jornalísticas. Quero dizer que ignora por completo forças como a influência, o poder e a riqueza.

Se as desprezasse, teria a arrogância da intolerância. Mas nada disso acontece; simplesmente age como se elas não existissem.

* Sabendo quão extraordinária era a história que tinha para contar ao mundo neste livro, pedi a Lord Beaverbrook, um grande e prático homem de negócios, um organizador empresarial de sucesso — um homem que eu chamaria materialista — que escrevesse um prefácio atestando a minha boa-fé junto dos leitores que não me conheciam pessoalmente. A sessão a que ele se refere — descrita no Capítulo XIV — não foi boa do ponto de vista das provas. Escrevi a Lord Beaverbrook no dia seguinte e disse-lhe que nada acontecera que o devesse convencer. Não foi mais convincente do que a minha primeira sessão, embora certamente tenha sido muito mais dramática.

HANNEN SWAFFER

Prefácio

Se o público deseja um guia numa esfera de experiência e de fé onde eu caminho assumidamente como céptico, não poderia colocar-se em mãos mais seguras do que as do Sr. Swaffer.

BEAVERBROOK

NOTA DO AUTOR

Depois de este livro ter sido escrito e de o manuscrito ter chegado aos editores, participei, em 25 de Fevereiro de 1925, em Dorincourt, a casa de Dennis Bradley em Kingston Vale, numa sessão de voz directa

em que o médium era George Valiantine, que viera da América para Inglaterra para uma série de testes.

Entre os presentes encontravam-se a Condessa Tyong Oeitionghan, esposa chinesa de um membro da Legação Chinesa; a Sra. Reynolds, irmã de John Galsworthy; a Sra. Kennedy, mãe da actriz Joyce Kennedy; Dennis Bradley e a sua esposa; o médium; e eu próprio. O único outro membro do grupo era o Dr. V. J. Woolley, principal investigador da Sociedade de Investigação Psíquica.

A Condessa obtivera, nessa sessão, uma mensagem em chinês do seu pai. Então uma voz falou, bastante alto, na sala, dizendo:

— *Swaff... Swaff, o Chefe.*

Era a própria voz de Northcliffe, muito clara, falando exactamente nos tons de que me lembrava da sua vida terrena.

— Chefe, terminei o seu livro — disse eu. — Enviei-o esta tarde aos editores. Pode dar-me um título para ele?

Após um ou dois segundos, ouvi novamente, na própria voz de Northcliffe:

— *O Regresso de Northcliffe.*

— É a voz de Northcliffe! — gritei ao Dr. Woolley, desejando impressioná-lo, já que ali se encontrava, mais ou menos oficialmente, pela Sociedade de Investigação Psíquica, com o facto de eu considerar aquilo uma prova muito importante da sobrevivência. — É exactamente a voz de que me lembro.

Foi porque o título me foi dado dessa forma extraordinária que o utilizei. O título que eu tinha escolhido era mais longo. As palavras *O Regresso de Northcliffe*, um homem como Northcliffe saberia, funcionariam bem numa manchete, na contracapa de um livro ou num cartaz.

Desde que este livro foi escrito, ouvi a voz de Northcliffe falar comigo em, pelo menos, oito ocasiões durante sessões com Valiantine. Numa ocasião falou comigo à luz do dia, de uma forma que excluía qualquer hipótese de fraude ou truque. Desde que este livro foi escrito,

a voz tem-se tornado mais forte. Dezenas de pessoas ouviram-na na minha presença, algumas delas entre as mais conhecidas do país.

No Capítulo XVIII relato como, na sala de sessões da Sra. Gibbons Grinling, em Harrow Weald, ouvi pela primeira vez o som real da voz de Northcliffe tal como a recordava. Desde então ela tornou-se mais clara, mais distinta. Hoje é impossível confundi-la.

Quero que as pessoas que lerem este livro percebam que nada foi suprimido que pudesse prejudicar o meu argumento a favor da sobrevivência de Northcliffe. Contei tudo francamente. As únicas omissões são expressões que poderiam ofender ou magoar alguém, excepto quando, por vezes, eliminei coisas sem interesse para ninguém.

Os que procuram provas da sobrevivência de Northcliffe encontrarão muitas delas espalhadas pelos relatos das minhas sessões. Faço um resumo, mais ou menos, no Capítulo XIX. Mais uma vez, no Capítulo XXI, apresento provas da sobrevivência do meu falecido Chefe que serão difíceis de refutar. Mas esses capítulos não são tão completos como seriam se eu não tivesse demonstrado muitos dos meus argumentos ao longo da narrativa.

ÍNDICE

CAPÍTULO I

A carreira e a morte de Lord Northcliffe — Arthur Brisbane profetiza a sua próxima vida — O César que era um Peter Pan — Porque era "O Chefe".

CAPÍTULO II

A vida de Northcliffe contada em anedotas — O colapso após a denúncia do escândalo das munições — Quando os alemães quase o mataram — "O Chefe" e Charlie Chaplin.

CAPÍTULO III

O funeral de Northcliffe na Abadia — O cortejo de todos os irmãos — O desfile dos directores de jornais — Houve realmente um sucessor?

CAPÍTULO IV

Como Lord Northcliffe regressou através de Louise Owen — A comédia do salão da modista — A história de um aparelho de rádio avariado e de uma mensagem para Conan Doyle — O que disse o mundo.

CAPÍTULO V

Uma bomba vinda de Forest Hill — Northcliffe descreve como "passou para o outro lado" — A sua descrição do outro mundo — A sua primeira mensagem na noite seguinte à sua morte — Funda um novo jornal nos subúrbios de Londres.

CAPÍTULO VI

Vou a Forest Hill encontrar o espírito de Northcliffe — Os esforços frenéticos do meu Chefe para falar — É interrompido por um relógio de cuco e por fogo-de-artifício — John Ruskin descreve as alegrias do Paraíso — Terá sido Patrick Mahon quem apareceu?

CAPÍTULO VII

O dia de luto da Fleet Street — Como Northcliffe iniciou a sua missão no novo mundo — O Dr. Ellis Powell traz Northcliffe de volta à Terra — Volta a ser simplesmente "Harmsworth" — Como espera encontrar o seu "Lord".

Como conheci o Espiritualismo — Georgina Weldon e a sua prancheta mediúnica — A busca de Max Pemberton e Harold Ashton — O sacrifício de Vale Owen e Conan Doyle — O médium de Abraham Lincoln.

CAPÍTULO IX

Como fui convencido — O milagre de uma sessão dos Bradley — Northcliffe fala através de um trompete — Frances Carson conversa com o marido falecido — O pai de Donald Calthrop regressa.

CAPÍTULO X

Como trabalha a Sra. Osborne Leonard — Northcliffe fala comigo durante duas horas — Começa a acumular provas — Descreve a sua missão no novo mundo — A extraordinária mensagem recebida por Bradley da sua irmã.

CAPÍTULO XI

As mensagens de Northcliffe sobre a melhoria do mundo — "Estou empenhado em acabar com a guerra" — As suas novas opiniões sobre o socialismo — Discute a minha reunião no Queen's Hall — "Como o Espiritualismo poderia salvar o mundo".

CAPÍTULO XII

Vout Peters, o médium de Bloomsbury — Moonstone, o seu guia indiano — A primeira mensagem de Bonar Law — George Warrington Steevens envia notícias — Uma estranha paz para os espíritos.

CAPÍTULO XIII

Northcliffe intromete-se em Bloomsbury — Mais provas da sua sobrevivência — Sessões convincentes numa sala das traseiras — O "meio penny", Ethel Le Neve e as ervilhas-de-cheiro.

CAPÍTULO XIV

Evan Powell, o médium psíquico — Northcliffe fala com Sir Robert McAlpine — Pede desculpa a Conan Doyle — Beaverbrook assiste a uma sessão — Falou ele com Bonar Law? — Mensagem de Bonar Law para Lord Beaverbrook — Keir Hardie envia uma mensagem.

CAPÍTULO XV

Northcliffe confunde um amigo com Lord Birkenhead — Tenta mostrar o rosto — O meu primeiro contratempo e a explicação de Northcliffe — Bradley explica como as coisas correm mal.

CAPÍTULO XVI

A mensagem de Northcliffe na prancheta mediúnica — Estranhos escritos registados pelas filhas de um Conselheiro do Rei — O Chefe tenta falar através do tabuleiro Ouija — Johannes descreve o plano do outro mundo para a propaganda psíquica.

CAPÍTULO XVII

Sessões de Northcliffe por todo o mundo — Experiência de uma escritora americana — Notável sessão em transe em Willesden Green — Mensagens triunfantes de Ellis Powell e W. T. Stead.

CAPÍTULO XVIII

Northcliffe fala com a sua própria voz — O médium amador de Harrow Weald — Três anos de sessões antes de a voz surgir.

CAPÍTULO XIX

Provas de que era Northcliffe — Análise das minhas impressões e convicções — Serão as vozes dos espíritos vozes de demónios?

CAPÍTULO XX

As provas e o seu significado — Daniel troça dos cépticos — "Os factos não são as coisas essenciais" — Um sermão espiritual em Forest Hill.

CAPÍTULO XXI

A última tentativa de Northcliffe para provar quem era — Dá provas inconfundíveis através da Sra. Leonard — Mensagens que refutam a teoria da mente subconsciente.

CAPÍTULO XXII

O que se sente ao ser mártir — A minha profissão de fé numa reunião no Queen's Hall — Como os jornais troçaram e ridicularizaram — O que o público disse e escreveu.

CAPÍTULO XXIII

O que o Espiritualismo significa para o mundo — Como pode ser utilizado em tempos de aflição — Como os guias espirituais podem orientar e avisar — Palavras de amor e conforto para almas atribuladas.

O Regresso de Northcliffe

CAPÍTULO I

A carreira e a morte de Lord Northcliffe — Arthur Brisbane profetiza a sua próxima vida — O César que era um Peter Pan — Porque era "O Chefe".

Disseram milhões de palavras sobre Lord Northcliffe enquanto viveu e quando morreu. Era um dos homens mais falados em todo o mundo. Contudo, de todas as colunas de elogios e de todas as páginas de insultos que li, recordo mais claramente do que qualquer outra coisa um discurso proferido por Arthur Brisbane, o jornalista mais conhecido dos Estados Unidos, quando, certa vez, em Nova Iorque, homenagearam Northcliffe.

Com George Harvey, mais tarde embaixador em Londres, a presidir, distribuíram-se elogios e lisonjas. Então Arthur Brisbane, braço-direito de Hearst, levantou-se e disse:

"Quando Northcliffe, transformado no Duque de Printing-House Square e da Pasta de Papel, for depositado com as suas folhas de morangueiro na Abadia de Westminster, e quando a sua solene e sincera alma britânica partir sozinha para recolher a verdadeira grande notícia e descobrir o que acontece aos seres humanos quando os seus problemas terminam, chegará a uma companhia estranha. Não se encontrará entre as pessoas respeitáveis que imaginais.

Chegará ao sétimo céu — aquele reservado aos que cultivaram o cérebro humano e fizeram crescer milhares de pensamentos onde antes não existia nenhum.

'Quero ser um anjo entre conservadores tranquilos', dirá ele.

Mas encontrar-se-á com o encurvado Voltaire, Rousseau, Jefferson e Danton. E orgulhar-se-á deles quando se habituar à sua companhia."

Muitas vezes me perguntei até que ponto as palavras de Brisbane eram verdadeiras.

O que aconteceria a Northcliffe quando, concluída a obra da sua vida, chegasse a outra esfera? Um dia eu viria a sabê-lo...

Durante dezassete anos ao todo, em três períodos distintos de árduo serviço, servi Lord Northcliffe, primeiro como jovem repórter e depois como um dos seus editores de confiança. Conhecia-o bem, intuitivamente; tão intuitivamente que, geralmente, quando me telefonava, eu já sabia o que ia dizer.

E foi por isso, suponho, que anos mais tarde viria a ser o meio através do qual, após a sua morte, ele provaria que não estava realmente morto.

"Ele, estando morto, ainda fala."

Alfred Harmsworth, ainda adolescente, começou a percorrer Fleet Street vendendo artigos aos jornais. Morreu aos cinquenta e sete anos, como o primeiro Visconde Northcliffe, proprietário de mais de oitenta publicações de diversos tipos, um dos homens mais falados do Império Britânico e o mais brilhante jornalista que alguma vez existiu.

Vendeu artigos a George Newnes, fundador da *Tit-Bits*; depois lançou *Answers*, após convidar Cyril Arthur Pearson a juntar-se a si.

Quando fez de *Answers* um sucesso, Pearson construiu uma fortuna com uma imitação chamada *Pearson's Weekly*.

Harmsworth lançou então, sucessivamente, uma série de revistas para mulheres, rapazes e raparigas, desde *Home Chat* até *The Ha'penny Marvel* e *Comic Cuts*; e depois, aplicando métodos

populares ao jornalismo diário, comprou o *Evening News*, tornou-o lucrativo e lançou o *Daily Mail*, que, embora ridicularizado por toda a Fleet Street, alcançou tal sucesso que revolucionou o jornalismo.

Detinha uma participação de controlo nas publicações da Carmelite House, tão valiosas que Northcliffe recusou 2.000.000 de libras apenas pelo *Daily Mail*; e afirmou, alguns anos antes, que, depois de pagar todos os impostos, lhe restavam 200.000 libras por ano, mais do que qualquer homem deveria ter. Também lhe pertenciam vastos interesses nas suas outras publicações, bem como participações em fábricas de papel e em toda a espécie de negócios relacionados com a produção de jornais.

«Não tenho um único tostão investido em nada que não esteja directamente ligado aos jornais», disse-me certa vez.

A sua fortuna foi provisoriamente avaliada em cinco milhões e meio de libras.

O último acto de Balfour como Primeiro-Ministro, quando se retirou em 1905, foi conceder-lhe um título de barão. Doze anos mais tarde, Lloyd George elevou-o a visconde, recompensando assim a sua presidência da Missão de Guerra Britânica aos Estados Unidos.

Os cínicos chamavam aos seus jornais «A Imprensa Gramofone». Muitos anos antes, Lord Salisbury descrevera o *Daily Mail* como «um jornal escrito por moços de escritório para moços de escritório».

Contudo, apesar de ter sido alvo de troça durante muitos anos por parte de sucessivos estadistas, Lord Northcliffe acabava geralmente por conseguir o que queria.

Muitos anos antes, impôs os torpedos a um Almirantado relutante. Com o passar do tempo, promoveu o automobilismo antes de qualquer outra pessoa perceber as suas possibilidades. Uma visita a Pau, onde viu Wilbur Wright realizar os seus primeiros voos, levou-o a tornar-se campeão da aviação e, ao oferecer enormes quantias em prémios para corridas aéreas, ajudou a transformá-la num sucesso comercial.

Defensor do Império e, em muitos aspectos, o reiniciador do Toryismo Democrático, promoveu e impulsionou o imperialismo.

Converteu-se do Livre-Câmbio à Reforma Aduaneira tão repentinamente que um artigo que demonstrava que as tarifas sobre os alimentos criavam socialismo na Alemanha foi retirado do *Daily Mail* numa noite já tardia, sendo substituído por outro que defendia que o proteccionismo salvaria o Império.

A Guerra deu-lhe a sua grande oportunidade. Convencido — se posso acreditar nas declarações que repetia constantemente — de que pensava: «Isto não acabará durante a nossa vida», tornou-se o mais feroz adversário daqueles que defendiam a política de Lord Lansdowne de fazer a paz imediatamente, política essa que talvez tivesse salvado o mundo.

Impôs os projécteis de alto explosivo a Kitchener, que acreditava na eficácia da metralha, quando French exigia explosivos de alto poder. O seu ataque a Kitchener por este não ter atendido ao pedido de French levou à queima pública do *Daily Mail* na Bolsa de Valores e provocou perdas de muitos milhares de libras; dezenas de anúncios foram retirados e «A Imprensa Northcliffe», como era conhecida em toda a parte, atravessou meses de dificuldades financeiras desconhecidas do público. Alguns dos seus directores protestaram, mas Northcliffe sabia que tinha razão.

O seu ataque a Sir Edward Grey por este não apertar o bloqueio — Grey reconhecia que não se podia deixar morrer de fome os neutros juntamente com os inimigos — constituiu outra das suas campanhas mais amargas durante a guerra.

Os seus ataques persistentes ao governo de Asquith, embora não tenham provocado a formação de uma Coligação, prepararam o caminho para ela. A Coligação foi, de facto, formada sem o conhecimento de Northcliffe.

Depois, diziam, para se verem livres dele, Lloyd George enviou-o para a América, onde, mesmo que não tenha sido o grande sucesso que julgava ser, ele, que sempre fora um firme pró-americano, certamente melhorou as relações entre os dois países. E, como actuava sempre como se estivesse constantemente a «desenrascar-se» à maneira americana, os americanos gostavam muito dele.

Era o mais velho de sete irmãos, todos inteligentes à sua maneira. Dois tornaram-se viscondes e dois baronetes; um deles, Cecil, foi Subsecretário no Foreign Office; outro tornou rentável a Água Perrier; e o sétimo também foi bem-sucedido nos negócios.

Era filho de um advogado londrino, falecido havia muito, e de uma mulher de personalidade dominante que Lord Northcliffe venerava. Ela tinha mais influência sobre ele do que qualquer outra pessoa viva. Era quando estava com ela que o víamos voltar a ser um rapaz, sonhando sonhos e planeando um futuro ainda mais brilhante.

«Tem de vir conhecer a minha mãe», costumava dizer.

Era o maior elogio que alguma vez fazia.

Sim, Lord Northcliffe nem sempre era o homem de ferro que o público imaginava. Um Peter Pan em muitos dos seus estados de espírito, travesso, encantador. Conseguia levar-nos a fazer tudo o que queria, não porque fosse nosso patrão, mas porque falava como se fosse nosso amigo.

Dezenas de homens entraram no seu gabinete zangados e revoltados para dele saírem a dizer:

«O Chefe tem razão. Tem sempre.»

Um ano antes de morrer, ficou mais gravemente doente do que o mundo alguma vez soube, e os médicos ordenaram-lhe uma viagem à volta do mundo.

Ao chegar à América, cometeu um grave erro. Deu — ou permitiu que fosse dada — uma entrevista em que se afirmava que o Rei interviera para impedir a continuação da guerra civil na Irlanda.

A declaração foi considerada tão séria em Inglaterra que Lloyd George pronunciou um discurso na Câmara dos Comuns negando-a categoricamente. A negação foi feita com autorização especial do Rei, de quem Lloyd George acabara de se despedir momentos antes de discursar.

Sim, Northcliffe partira em conflito com toda a espécie de pessoas. De facto, Lord Curzon, então Ministro dos Negócios

Estrangeiros, ordenara aos seus subordinados que não recebessem Northcliffe oficialmente durante a viagem.

Northcliffe estava, na verdade, a pagar o preço. A sua saúde afectava sem dúvida o seu equilíbrio geral, e as pessoas começaram a perceber que mais de quarenta anos de trabalho incessante — começando normalmente às cinco e meia da manhã e levando-o a supervisionar praticamente todos os detalhes do seu enorme império — estavam a pôr termo a uma carreira que encontrava tanto prazer em fazer as pessoas usar chapéus do *Daily Mail*, cultivar ervilhas-de-cheiro ou comer pão padronizado, como em atacar a reciprocidade comercial entre os Estados Unidos e o Canadá ou em ganhar a guerra.

«Como era Lord Northcliffe?», perguntaram-me muitas vezes.

Tudo dependia do momento em que o víssemos. Às vezes era extraordinariamente bonito; outras parecia sombriamente dominador; por vezes apenas se via um sorriso cativante iluminando traços sempre impressionantes.

O mesmo acontecia com os seus humores. Conseguia subjugar seis homens à sua vontade quando queria alguma coisa feita; mas também sabia rir como um grande rapaz em férias.

Tomava decisões de enorme importância num segundo. Recordava-se de toda a gente e de tudo, e organizava a mente em compartimentos tão estanques que, num momento, estava a editar *Answers*, o seu primeiro e último amor, e no seguinte discutia a política externa do *The Times*, quando não estava a ditar a do Governo.

Depois vinha uma campanha publicitária para o *Daily Mail*, para o *Evening News* ou para ambos, porque o segundo tinha de seguir o primeiro.

Usava sempre uma gravata às pintas, azul ou avermelhada com grandes pontos brancos. Detestava polainas e não permitia que os outros usassem lenços a sair dos bolsos do peito, embora ele próprio o fizesse frequentemente.

E, por vezes, odiava tanto o nome «William» que obrigava um membro da equipa a chamar-se de outra forma. Outro homem, com um nome estrangeiro, teve de adoptar o apelido «Hamilton».

Chamava a si próprio «O Que Sabe Tudo» e, de facto, fazia questão de saber tudo o que acontecia no escritório.

Recordava os defeitos das pessoas e fixava na memória o principal deles; depois trazia-o à conversa para curar qualquer excesso de vaidade.

Falava como um tirano, sobretudo ao telefone. E, se alguém lhe respondesse e ganhasse a discussão, desligava simplesmente.

Directores e moços de escritório eram todos iguais para ele; eram peças da sua máquina. Gostava de afirmar que qualquer moço de escritório podia tornar-se director se assim o desejasse. Alguns não desejavam.

Quase todos os melhores jornalistas de Inglaterra trabalharam para ele. Muitos partiram ao fim de poucas semanas, incapazes de tolerar a sua vontade dominadora.

Eu saí três vezes. Uma delas por minha própria iniciativa.

Foi um recorde.

Para todos nós era «O Chefe», e o seu maior orgulho era ser um jornalista trabalhador.

Afinal, a profissão de jornalista é a melhor do mundo.

«O que acha do *Daily Mail*?» era a pergunta que dirigia diariamente a dezenas de pessoas.

As respostas inspiravam as críticas diárias que, copiadas e afixadas nas paredes do escritório, censuravam homens, elogiavam artigos e diziam coisas terríveis e cínicas que, infelizmente, tantas vezes eram verdadeiras.

Chamavam-lhe «o Napoleão da Imprensa».

Chamavam-lhe muitas outras coisas, geralmente com desdém.

Mas quando, nos anos vindouros, algum estudioso do nosso tempo, sentado num gabinete silencioso, avaliar a sua influência na História, recordar-se-á não apenas de que Northcliffe dirigia simultaneamente o *The Times* e o *Comic Cuts* com igual entusiasmo, mas também de que foi ele quem levou o homem comum a ler jornais e, ao fazê-lo, mudou o pensamento do mundo.

Quando Alfred Harmsworth começou a publicar revistas, os primeiros rapazes e raparigas saídos das primeiras escolas públicas estavam a entrar no mercado de trabalho.

Ele ensinou-os a ler coisas que, se não eram cultas, eram pelo menos decentes.

Nunca imprimiu uma palavra obscena na vida. Conduziu-os do *Comic Cuts* e do *Union Jack* ao *Daily Mail* e ao *Evening News*.

E agora existem jornais semelhantes por todo o mundo; e toda a gente os lê.

Durante a guerra trabalhou demasiado. Mas, afinal, sempre trabalhou.

Enviado à volta do mundo por motivos de saúde, encontrava uma «notícia» em todas as cidades por onde passava: «Povoem a Austrália!», o ornitorrinco de bico chato em Sydney, «Cuidado com o Japão!» e uma nova excentricidade de vestuário em Tóquio.

Regressou exausto fisicamente e perturbado mentalmente, convencido de que a sua vida estava ameaçada por alemães que nunca lhe tinham perdoado.

Durante uma visita ao Continente, poucas semanas antes da morte, enviou vários artigos, dois dos quais foram publicados no *Times*, embora revelassem sinais claros de que a mente do autor estava, para dizer o mínimo, perturbada.

Um psicanalista escreveu para uma revista semanal tentando provar, através das palavras utilizadas nesses artigos, que o autor sofria de estranhas ilusões.

Foi provavelmente a primeira vez na História que um psicanalista levou os seus argumentos ao ponto de pôr em causa a sanidade mental de um homem ainda vivo.

Apenas dois desses últimos artigos escritos por Northcliffe foram publicados. Outros chegaram à redacção, mas eram impossíveis de imprimir.

Northcliffe, no estrangeiro, protestava, enviava telegramas e exigia a sua publicação.

Mas piorava de dia para dia.

Por fim, chamaram amigos para o trazer de volta a casa e, em 14 de Agosto de 1922, faleceu.

Até ao fim, embora mentalmente desequilibrado e moribundo num terraço para onde o levavam para apanhar ar, tentou dirigir os seus jornais a partir do leito de doença.

Morreu como viveu: jornalista.

Mas, no final, já ninguém lhe obedecia.

César tinha caído; e, poucas semanas depois, o irmão Harold reinava no seu lugar.

Só os tolos chamavam impiedoso a Northcliffe. Exigia eficiência, sobretudo porque pagava bem para a obter.

Mas, misturados com todas as suas relações humanas, havia encantos de humor e delicadezas de trato que faziam dele um dos seres humanos mais adoráveis que conheci.

Sim, junto da sepultura d'«O Chefe», inclinei a cabeça entristecido.

Não penso nele como o homem que dirigiu o *The Times*, ao escrever estas palavras, mas como um amigo que teve mais influência na minha vida do que qualquer outro homem e para quem trabalhei durante dezassete anos — os dezassete anos mais duros e mais felizes da minha vida.

Hoje já não existe ninguém chamado «Lord Northcliffe», porque não deixou herdeiros.

Não existe ninguém chamado «O Chefe», porque não existe ninguém no mundo capaz de ocupar o seu lugar.

CAPÍTULO II

A Vida de Northcliffe Contada em Anedotas — O Colapso Após a Revelação dos Projécteis — Quando os Alemães Quase o Mataram — «O Chefe» e Charlie Chaplin

Vi Lord Northcliffe durante um dos momentos mais dramáticos da sua vida.

No dia em que publicou no *Daily Mail* a revelação sobre a falta de projécteis, entrou na reunião de redacção das quatro horas da tarde na Carmelite House.

Como sempre acontecia quando ele entrava, todos os presentes se levantaram — o único sinal visível de respeito que alguma vez lhe prestavam.

Colocou os seus grandes óculos de aro grosso e sentou-se numa poltrona ao lado da secretária de Thomas Marlowe, director do *Daily Mail*.

— Já viu o *Star*, Chefe? — perguntou Marlowe.

— Não — respondeu o Chefe. — Nunca leio esses jornais de corridas.

— É melhor dar-lhe uma vista de olhos.

Marlowe atirou-lhe a edição das 18h30 de um jornal da tarde. No topo da quarta coluna da primeira página lia-se:

«DAILY MAIL
QUEIMADO NA BOLSA DE VALORES»

A notícia significava para Lord Northcliffe a perda de muitos milhares de libras, um golpe no seu prestígio e, tanto quanto sabia, a ruína.

Depois de ler, levantou os olhos.

— Não sei o que pensam disto e também não me interessa. O *Star* está errado e eu tenho razão. E chegará o dia em que todos saberão que eu tinha razão. Fish, o que temos no programa?

Recebendo do editor de notícias a lista dos acontecimentos que os repórteres estavam a cobrir, passou imediatamente a discutir a edição do dia seguinte.

No dia seguinte encontrei-o no escritório do *The Times*, sentado sozinho e vestido com velhas roupas de golfe.

— Parece muito alegre, Chefe — disse eu.

— Alegre? O que quer dizer com isso?

— Dizem que o esperam na Torre.

Praticamente todos os jornais de Inglaterra denunciavam o homem que ousara atacar Lord Kitchener no auge do seu poder.

— Que linguagem extraordinária usam vocês, poetas! — respondeu. (Chamava-me sempre «Poeta».) — O que faria se tivesse visto o Comandante-Chefe do Exército Britânico a combater várias batalhas ao mesmo tempo e a permanecer no quartel-general quase em lágrimas porque não tinha projécteis?

— Voltaria para casa e escreveria qualquer coisa sobre isso.

— Pois foi exactamente isso que eu fiz.

Li todos esses jornais esta manhã, muito antes de você se levantar — provavelmente ainda nem se tinha deitado — e, depois de os ler, senti-me tão bem que, sabendo que hoje ia jogar golfe, pensei que faria um buraco de uma só pancada.

Fiz em duas.

E mostrou um orgulho quase infantil.

— Você não conseguia fazer um buraco em duas pancadas. Nem você nem ninguém.

Depois acrescentou:

— Sabe qual é a única coisa que conseguem dizer de mim quando revelo a verdade sobre os projécteis? Que sou dono do *Comic Cuts*! E

é um excelente jornal. Dá muito dinheiro e é sempre decente. Gostava de poder dizer o mesmo de alguns dos relatos de divórcio que eles publicam.

— Mas e se for julgado, Chefe?

— Bem, sou um par do Reino — respondeu. — Serei julgado pelos meus pares. Até um título de nobreza serve para alguma coisa, às vezes. Além disso, vários pares sabem tudo sobre este assunto. Estou mais protegido do que imagina.

Depois disse:

— Bem, suponhamos que todos estes pessimistas têm razão e que ficamos arruinados. Podemos começar tudo de novo, não podemos? Os outros não são tão inteligentes como julgam. E o velho cão ainda sabe ladrar.

Então colocou afectuosamente a mão no meu ombro.

— Se eu tiver de começar tudo de novo, sei que virá comigo.

Quando falava assim, era impossível não o admirar.

Em 25 de fevereiro de 1917, encontrava-se em Broadstairs, na sua casa muito perto do Canal da Mancha, quando, a meio da noite, um contratorpedeiro alemão começou a bombardear a sua mansão. Se os alemães sabiam ou não que ele estava lá, provavelmente nunca o saberemos; mas tinham encontrado a casa sem dificuldade.

O edifício foi atingido, e um secretário entrou a correr no seu quarto, gritando:

— Chefe, os alemães estão a bombardear-nos!

— Morreremos nas nossas camas — respondeu ele.

E virou-se para o outro lado e voltou a dormir.

— Vá você morrer na sua.

Referiu-se ao incidente, no dia seguinte, numa nota que guardo com estima.

— Por acaso, o jornal esteve quase a ser privado do seu principal proprietário na noite passada — escreveu ele —, uma fonte de sentimentos contraditórios entre a equipa.

E contou como a sua casa fora iluminada por cerca de vinte granadas de iluminação disparadas do mar, de tal forma que o local parecia iluminado por relâmpagos. Estilhaços explodiam por toda a parte; alguns atingiram a biblioteca, matando uma pobre mulher e um bebé a menos de cinquenta jardas da casa de Northcliffe e ferindo gravemente outras duas pessoas.

Nos primeiros tempos da Guerra começou a atravessar para a Bélgica, porque então os ingleses não queriam ter nada a ver com ele.

E, nas cidades bombardeadas da costa mais a norte, deslocava-se com Max Pemberton e o Coronel Singleton, oficial de ligação do Exército Belga e inglês destacado junto dos britânicos; e, por vezes, também com Mary Roberts Rinehart, jornalista americana. Ia às trincheiras e às cidades bombardeadas, vagueando com uma curiosidade quase infantil. E atravessava constantemente o Canal em todas as oportunidades possíveis, sempre com essa curiosidade juvenil, sempre desejoso de ver as engrenagens a funcionar.

Quando já tinha esgotado os belgas, os franceses adoptaram-no; e, em Verdun, cuja gloriosa defesa foi o primeiro a relatar ao mundo inteiro, encontrava-se durante horas seguidas onde caíam os obuses.

— Acho que devia arranjar-me um emprego como repórter, Poet — disse quando regressou. — Qualquer pessoa pode possuir jornais. Conseguir as notícias é que é difícil.

Dessa vez tinha conseguido fazê-lo na perfeição.

Um dia, no auge da febre Charlie Chaplin, Lord Northcliffe entrou numa reunião e disse:

— Poet, leia isto.

E entregou-me um telegrama.

— Não, Chefe — respondi. — Eu gaguejo.

— A sua gaguez serve para isto — replicou.

Assim, li algo semelhante ao seguinte:

«Lord Northcliffe,
Edifício do Times,
Londres.

Autorizo-o, por este meio, a publicar nos seus jornais tudo o que desejar sobre mim.

CHARLIE CHAPLIN.»

— Aí está — disse ele. — Um telegrama para mim vindo do outro maior homem do mundo.

Era assim que ele troçava de si próprio.

Provavelmente o discurso mais eficaz que alguma vez fez — pronunciou apenas uma vez um discurso na Câmara dos Lordes, penso que sobre aviação — foi aquele que dirigiu aos editores do Reino Unido durante um almoço no Hotel Savoy, imediatamente após o seu regresso da América.

Dizia-se que Lloyd George o enviara para lá, à frente da Missão de Guerra, apenas para se ver livre dele.

Por isso, antes de ele entrar na sala de jantar, eu disse:

— Chefe, pelo amor de Deus, não volte para lá. Sabe que Lloyd George quer livrar-se de si, e o senhor é muito mais útil como jornalista do que a perder tempo na política.

— Não diga disparates — respondeu. — Nem vinte Lloyd Georges conseguiriam livrar-se de mim.

Uma hora mais tarde estava de pé, falando durante quase uma hora sem notas, explicando as numerosas dificuldades de Woodrow Wilson.

Foi uma revelação do coração e da alma da América. Mostrou que, apesar de estar ocupado a encomendar munições, a reunir-se com altos funcionários governamentais e a entrevistar estadistas continuamente, encontrara ainda horas por dia para estudar os americanos, um povo que, por mais simples que pareça a si próprio, constitui um estudo complexo para os europeus que os visitam.

Poucos meses depois regressou da sua viagem à volta do mundo. A sua vitalidade desaparecera e o rosto estava inchado. O queixo afundara-se e a boca perdera firmeza. Perdeu a paciência durante um discurso porque alguém deixou cair um prato ou qualquer coisa semelhante.

Era um homem diferente.

Os fogos que ardiam dentro dele tinham ardido com demasiada intensidade durante todos aqueles anos.

Quem o ouviu percebeu que era o fim.

— Porque aceitou um título de visconde, Chefe? — perguntei-lhe. — Pensei que se estava a tornar um grande democrata.

— Bem, quando regressei de Washington — respondeu —, o Primeiro-Ministro perguntou-me o que eu queria e eu disse: «Nada.»

Normalmente queria o mundo inteiro, mas foi assim que ele o contou.

— Mas estamos a fazer de Reading um conde — disse-me o Primeiro-Ministro — pelo seu trabalho em Washington; e, se não o fizermos visconde, dirão que falhou.

Fez uma pausa.

— Não podia ser acusado de fracasso, pois não?

Um dos membros mais antigos da sua equipa, que tinha sido despedido por Kennedy Jones, apareceu diante dele conduzindo seis belas crianças que representavam uma espécie de pantomima de tristeza, dizendo:

— Chefe, se eu for despedido, estas crianças morrerão à fome!

— O que quer dizer com despedido? — perguntou Lord Northcliffe.

— O K. J. pôs-me na rua.

— Então eu volto a pô-lo cá dentro.

No dia seguinte, ao encontrar outro membro da equipa, Lord Northcliffe comentou:

— Não sabia que ele tinha filhos.

— Não tem — foi a resposta.

— Então onde arranjou aqueles que me trouxe para ver?

— Pediu-os emprestados.

E tinha mesmo.

Via-se Northcliffe em muitos estados de espírito, diferentes cada vez que o encontrávamos.

Um jovem repórter, que não o conhecia de vista, encontrou-o um dia no corredor.

— Há quanto tempo pertence ao meu circo? — perguntou ele, deixando o rapaz atónito.

— Que circo? — perguntou o repórter.

— O Daily Mail. Eu sou o mestre de pista, sabe, e faço-os todos saltar pelo arco. É melhor aprender a saltar, se quer continuar aqui.

Perguntou certa vez a outro repórter:

— Quanto ganha?

— Oito libras por semana.

— Está satisfeito?

— Bastante.

— Então é melhor ir-se embora. Ninguém que pense estar a ganhar o suficiente presta para trabalhar aqui.

— Sim, Chefe — disse-lhe uma vez. — Pode saber tudo sobre jornalismo, mas eu não o deixaria escolher a música que vamos publicar.

— O que quer dizer com isso? — respondeu. — Sei muito mais de música do que você.

Era uma das suas brincadeiras fingir sempre que sabia mais sobre tudo do que qualquer outra pessoa.

— Ora, antes de ser repórter, fui compositor. E tive muitas composições publicadas. Ainda na semana passada levei dois dos meus sobrinhos ao Madame Tussauds e a banda começou a tocar uma das valsas que compus há mais de trinta anos. Eis o que é a fama!

— E, há alguns anos, uma editora musical — alemães, naturalmente — comprou umas velhas matrizes de composições minhas e ameaçou publicá-las como «Valsas de Lord Northcliffe». Tive de comprar as matrizes e destruí-las.

— Quando tinha trinta e oito anos inventei a expressão «Velho demais aos quarenta» — disse durante o almoço oferecido pela sua equipa no Hotel Ritz, por ocasião do seu quinquagésimo aniversário.

Não tinha sido ele — fora Sir William Osler — mas ele acreditava nisso.

— Quando fiz quarenta anos alterei-a para «Velho demais aos cinquenta»; agora que tenho cinquenta, altero-a para «Velho demais aos sessenta».

Infelizmente, nunca mais voltou a alterar a frase.

Nessa altura estava muito contra o Governo.

— O Governo não passa de um conjunto de tolos — prosseguiu. — Podia olhar à minha volta nesta sala e formar um Governo melhor com elementos da minha própria equipa do que aquele que temos em Downing Street.

Escondi o rosto atrás de um guardanapo, para o caso de ele me nomear Secretário para a Irlanda.

Anos antes, quando disputava Portsmouth, dissera a W. J. Evans, antigo editor do Evening News, que seria Primeiro-Ministro dentro de poucos anos e que então o nomearia Secretário para a Irlanda.

— Não, não vai — respondeu Evans. — Esse lugar é do Marlowe.

Perdeu a eleição de Portsmouth por muitas razões.

Uma delas foi ter-se levantado numa reunião da Igreja — concorria como candidato unionista — e ter dito aos presentes que

sempre discordara da ideia de os bispos terem assento com direito a voto na Câmara dos Lordes.

Alguém lhe puxou o casaco para o lembrar da inconveniência.

Ele afastou a mão e continuou a denunciar a ideia de prelados idosos decidirem o destino das nações.

Voltaram a puxar-lhe o casaco.

Virou-se, irritado.

— Faça o favor de deixar o meu casaco em paz, senhor.

Outra razão foi o facto de uma delegação de trabalhadores dos estaleiros navais lhe ter perguntado se votaria a favor de um aumento de dois pence por hora.

Ele prometeu-lhes dois xelins por hora.

O resultado foi que o respeitável velho conservador que concorria em conjunto com ele passou a referir-se sempre a ele como «Esse homem Harmsworth» ou simplesmente «Esse homem».

As promessas de Harmsworth assustavam-no.

— Quando era rapaz — contou-me uma vez —, percorri Fleet Street entrando em todos os jornais e pedindo emprego. Nenhum proprietário me quis dar trabalho. Olhava para eles e pensava: «Imaginem, idiotas destes dirigem jornais diários.» Então decidi criar um jornal meu. Fi-lo fundando o Answers, fazendo fortuna com ele e subindo pelas escadas das traseiras.

— Porque diz que não há cultura no Daily Mail? — perguntou-me. — Lady Audley's Secret é o melhor romance da língua inglesa, e a minha peça musical preferida é a valsa O Danúbio Azul. O que é suficientemente bom para mim serve perfeitamente.

Gostava de ser atacado pelos outros jornais.

— Quando deixarem de nos atacar, deixarão de nos ler — dizia. — No dia em que não encontrar ataques contra mim nos outros jornais, fundarei um jornal só meu para me atacar a mim próprio. E terá dentes afiados.

— O Daily Mail é o jornal mais odiado do mundo — gabou-se certa vez. — No dia em que deixar de o ser, mudarei toda a minha equipa.

Lord Northcliffe tinha uma atitude peculiar, para um empregador milionário, relativamente às greves; e quase sempre estava do lado dos grevistas.

— Sei que os trabalhadores têm razão — ouvi-o dizer uma vez — porque sei que os patrões estão errados. Todos os milionários são gananciosos. Eu devo saber disso. Sou um deles.

Nos primeiros dias da Guerra, os empregados dos eléctricos de Londres entraram em greve, e eu escrevera um editorial para o seu jornal de domingo criticando-os por fazerem greve em tempo de guerra.

Quando o vi nessa noite, perguntou:

— Sobre o que escreveu o editorial?

— Sobre este escândalo da greve — expliquei.

— Sim — respondeu. — É um escândalo. Os homens têm direito ao que pedem. Sabe uma coisa? Nunca tive uma greve neste escritório. E sabe porquê? Porque pago mais do que qualquer outro patrão em Fleet Street. Nunca haverá greves aqui.

Quando finalmente consegui escapar às suas confidências para alterar o editorial, encontrei à porta do seu gabinete o gerente do jornal, que me disse:

— Swaff, pelo amor de Deus, despacha-te e põe o jornal na rua. Os embaladores estão a ameaçar entrar em greve.

Se Lord Northcliffe tivesse olhado pela janela enquanto falava comigo, teria visto os homens lá fora a protestar.

O assunto resolveu-se, como essas coisas sempre se resolviam, e suponho que até ao dia da sua morte nunca soube que uma greve estivera prestes a acontecer.

— É membro do Clube dos Poetas? — perguntou-me uma vez.

— Sim, Chefe. Uso cabelo comprido, não uso?

— Então devia fazer de mim presidente.

— Porquê?

Apontou para umas palavras num anúncio que promovia o jornal de domingo que eu editava:

«O melhor do lote,
É o Weekly Dispatch.»

— Fui eu que escrevi isto — disse. — Chama-se poeta, mas não conseguiria escrever versos destes. Como é o editor, o seu trabalho é torná-los verdadeiros.

— Sabe? Uma vez escrevi estes versos.

E escreveu numa folha de papel:

«Quando viajar de comboio,
Fique fiel ao Answers sem desvio.»

— Estes versos são os maiores da literatura inglesa — afirmou. — Fizeram toda a Inglaterra permanecer fiel ao Answers sem desvio. Tennyson não conseguiria escrever isto.

Um dia, ao entregar-lhe uma prova tipográfica nos escritórios do The Times, fiz uma ligeira vénia, meio a brincar.

— O que está a fazer? — perguntou.

— A fazer uma vénia a um par do reino.

— O senhor não sabe fazer uma vénia a um par do reino. Você aí, mostre ao Poet como se faz.

O outro pegou na prova e fez uma vénia mais profunda do que a minha.

— Mais abaixo — disse Lord Northcliffe.

Ele obedeceu.

— Mais abaixo ainda.

Obedeceu novamente.

— Mais abaixo do que isso. Lembre-se de que não sou apenas um par do reino; sou também o patrão do The Times.

O homem curvou-se ainda mais.

— Ajoelhe-se, homem, ajoelhe-se!

O outro ajoelhou-se.

Northcliffe virou-se para mim numa explosão de gargalhadas.

— Aí está! — exclamou. — Consigo fazê-los fazer tudo o que eu quiser.

E conseguia.

O golfe era o seu único passatempo, além de ler jornais. E, embora só tivesse começado a jogar na meia-idade, alcançou um handicap de nove, tão fielmente seguia as instruções do profissional que tinha contratado para si.

Vi-o no teatro apenas duas vezes, ambas em estreias de Beerbohm Tree.

Assistiu a *The Miracle* e a *The Man in Dress Clothes*, e ficou tão surpreendido que as impulsionou até ao sucesso.

Reagia como uma criança na sua primeira ida a uma pantomima.

Ele perguntou-me certa vez:

— Onde é que vê os filmes de Charlie Chaplin? Parece saber todas essas coisas maravilhosas que acontecem. As pessoas nunca me falam delas.

— Oh, pode vê-los por um xelim, em qualquer sítio da Edgware Road — respondi.

— Ah, sim, lembro-me da Edgware Road — disse ele. — Às vezes seguia esse caminho para regressar a Hampstead, quando era jovem, quando ia a pé até Fleet Street e voltava quase todos os dias, porque queria poupar o preço do transporte. A Edgware Road mudou desde então. Suponho que ajudei a mudá-la.

E riu-se.

Durante a Guerra, vi certa vez Paderewski à espera na antecâmara diante do grande gabinete privado de Lord Northcliffe.

— O que deseja falar com o Velho, Sr. Paderewski? — perguntei. — Talvez eu possa ajudar.

— Vim interceder pela Polónia — respondeu. — É sete vezes maior do que a Bélgica e sete vezes mais infeliz.

— Diga isso a Lord Northcliffe exactamente nessas palavras — aconselhei — e ele abrirá um fundo.

Um quarto de hora depois, vi o Chefe no seu gabinete quando Paderewski saiu.

— Que grande homem, Chefe! — disse eu. — Nem sequer importa que seja ou não um grande músico.

— Ele está a ajudar a ganhar a Guerra — respondeu. — Neste momento, isso é tudo o que importa!

CAPÍTULO III

O funeral de Northcliffe na Abadia — O cortejo de todos os irmãos — O desfile dos editores — Existiu um verdadeiro sucessor?

Pergunto-me se Lord Northcliffe teria apreciado o seu funeral! A cerimónia na Abadia foi uma homenagem à elevada posição que um simples repórter pode alcançar; mas creio que ele teria preferido algo mais íntimo e menos grandioso.

Todos os irmãos estavam presentes, até mesmo o seu favorito, St. John, gravemente mutilado anos antes num acidente automóvel nocturno — St. John, que superou tão bem as suas lesões que, sentado na cadeira de rodas que sempre utilizava e na qual estava de luto, ainda jogava bilhar e caçava faisões, sempre corajoso e alegre.

A Abadia não estava apenas cheia de pessoas do público em geral, cuja causa Northcliffe defendera tão habilmente e com tanta coragem durante toda a Guerra; reuniam-se também naquele Valhala nacional todos os colaboradores com quem tanto gostava de trabalhar. E mais ainda: muitos antigos empregados, alguns humildes, outros altamente conceituados na sua profissão, que o haviam deixado por toda a espécie de razões, permaneciam ali, de olhos tristes e marejados de lágrimas, perante aquele homem a quem continuavam a chamar «o Chefe».

Muitas recordações me ocorreram enquanto eles passavam solenemente.

Thomas Marlowe, o editor de confiança, elegante e impressionante do Daily Mail.

— Um excelente homem, Marlowe, um excelente homem — costumava dizer o Chefe.

W. J. Evans, acabado de se retirar, tão discreto como sempre.

— O homem que fez o Evening News — disse-me Northcliffe uma vez.

Sir George Sutton, um dos seus primeiros colaboradores, agora rico e baronete.

— Quando me ausento, deixo sempre tudo entregue a Sutton.

Charlie Hands, o mais popular de todos os empregados de Northcliffe.

— Toda a gente gosta do Charlie.

C. I. Beattie, então editor do Evening News.

— Beattie é um homem de grande saber e de grande rectidão.

J. L. Garvin.

— Garvin tem faro — e sabe.

Alguns deles estavam ali, recordando-me frases com que o Chefe os definia — todos eles, então ou anteriormente, pessoas da sua confiança e colegas entusiastas.

Vi também Lord Montagu de Beaulieu.

— O John é um velho amigo.

Quando foi dado como afundado por um submarino no Mediterrâneo durante a Guerra, Northcliffe escreveu pessoalmente o seu obituário e assinou-o com um simples «N.» para o The Times. Mas John afinal não morreu afogado.

Reggie Nicholson, outrora oficial de ligação da empresa, agora de cabelos grisalhos, mas ainda encantador, embora já não fosse deputado; George Curnock, que costumava organizar as grandes iniciativas.

— Digam ao Curnock para se pôr em movimento.

George E. Buckle, antigo editor do The Times; e Wickham Steed, então seu sucessor.

— Esse é um Steed que eles não conseguem montar.

Sir Campbell Stuart, que Northcliffe encontrara como jovem oficial desconhecido em Montreal e colocara à frente do The Times.

— Stuart é um homem promissor.

Max Pemberton, o seu amigo mais antigo, que costumava afastar o Chefe do trabalho sempre que este adoecia e que tinha então a difícil — ou melhor, impossível — tarefa de o manter afastado dos jornais.

Todos os «jovens», na realidade já de meia-idade, que dirigiam as publicações da Fleetway House.

Os Walters, seus associados no Times; e o embaixador americano, que sabia que Northcliffe fora o melhor embaixador que a América alguma vez tivera em Inglaterra.

Louis Tracy, que, juntamente com Kennedy Jones, fora o primeiro parceiro de Harmsworth no Evening News.

Harold Cox, um dos jornalistas mais independentes de Inglaterra.

Alfred Pemberton, afilhado e protegido do Chefe.

Gonnoske Komai, que certa vez encantou o Chefe numa carta — ainda a conservo — ao começar com «Meu caro Lord» e terminar, à verdadeira maneira japonesa, com «Seu muito trémulo servidor».

Sir Thomas Lipton, cuja empresa Northcliffe transformou numa grande manchete jornalística, e que, com o seu tacto encantador, ajudou a resolver a importante acção por difamação entre o Daily Mail e Lord Leverhulme.

Ouvi toda a espécie de pequenas histórias à entrada e à saída.

Walter G. Bell, historiador de Londres, sentou-se ao meu lado e, enquanto aguardávamos, contou-me em voz baixa que, pouco antes de Lord Northcliffe adoecer, lhe revelara que uma cripta carmelita, último vestígio do priorado que dera o nome a Carmelite House, ainda existia sob o pavimento de Britton's Court, em Whitefriars.

O Chefe queria ir vê-la, esperando preservá-la para sempre; mas adoeceu, e nunca chegou a ver o local onde repousaram os primeiros carmelitas após os seus trabalhos.

Norah Heald, uma das competentes repórteres do Chefe, comentou depois:

— Tudo isto faz-nos sentir orgulho em sermos jornalistas.

Evelyn Wrench, cujo Overseas Club Northcliffe apoiava com publicidade e dinheiro por reconhecer o seu valor imperial.

Lord Burnham, representando Fleet Street num sentido quase oficial, acompanhado do Coronel Lawson, seu sobrinho e futuro chefe do Daily Telegraph.

Jimmy Dunn, o repórter que os holandeses prenderam como espião a mando dos alemães e que por vezes se parecia tanto com o Chefe que as pessoas, ao cruzarem-se inesperadamente com ele, assumiam uma expressão assustada.

Vi também H. G. Price, o último secretário do Chefe, guardião de todos os segredos, que transmitia uma reprimenda de forma tão delicada que parecia um elogio.

Pergunto-me a quantas personalidades famosas o pobre Price teve de dizer que o Chefe «não estava».

E outro secretário, N. M. Humphrey-Davy.

— Direi ao Humpty-Dumpty para tratar disso.

Cento e vinte homens comuns de Fleet Street caminharam até à Abadia, a base da profissão, liderados por Jack While, conhecido como «o Bombeiro».

Relatara tantos incêndios que, em tom de brincadeira, o acusávamos de atear fogo às casas para vender jornais com a notícia.

Sim, os pequenos e os grandes — os editores de todos os jornais diários, vespertinos e semanais, jornalistas vindos de todo o mundo. E também os tipógrafos e os homens que imprimiam os jornais nas profundezas das oficinas.

Vi entrar um correspondente japonês, M. Kittelsen, da Noruega, e Newman Flower, outrora editor de um dos pequenos semanários do Chefe e então director editorial do vasto império da Cassell.

Foi a mais impressionante reunião de jornalistas que alguma vez vimos.

Todos os Harmsworth estavam presentes — irmãos e sobrinhos — todos com o rosto característico da família, todos muito solenes; a maioria com a aparência de homens fortes e sinceros mergulhados na dor.

Seguiam o irmão que os conduzira à fortuna.

Seis filhos de uma mãe que, apesar da riqueza e notoriedade alcançadas, continuara a tratá-los como filhos e a aconselhá-los.

Sir Robert Hudson, amigo próximo — as divergências políticas nunca interferiram e o serviço prestado pela Cruz Vermelha reforçara os laços — ajudava as pessoas a encontrar lugar no coro.

Sentia-se profundamente aquilo que Fleet Street perdera ao ver ali reunidas todas aquelas pessoas, não por possuírem títulos ou posições elevadas, mas porque todas, sem excepção, tinham sido

tocadas em algum momento pela poderosa personalidade de Northcliffe.

Sir Arthur Spurgeon, então à frente da Cassell's, atravessava certa vez o Atlântico quando o Volturno ardia. Transformou-se, através da telegrafia sem fios, num excelente repórter de Lord Northcliffe apenas pelo prazer de o fazer. E enviou uma história magnífica.

Mas eu sempre me gabava de o ter vencido nas «fotografias».

Wareham Smith, durante anos responsável pelas enormes receitas publicitárias.

Sir William Berry, que em poucos anos ascendera tão alto.

Sir Woodman Burbidge e H. Gordon Selfridge, grandes anunciantes.

H. W. Wilson, que denunciou a ameaça naval alemã e cuja ferocidade contra os alemães tanto agradava ao Chefe.

Poderia continuar durante horas simplesmente a enumerar nomes.

As pessoas esperavam durante muito tempo no exterior — as pessoas simples da vida comum.

Juntavam-se ao longo do percurso por onde passara pela última vez, pouco antes, Lord Fisher, grande amigo de Northcliffe.

Quando o funeral passou, foi como os Dois Minutos de Silêncio.

Todos os autocarros pararam e milhares de pessoas permaneceram imóveis, tal como acontece no Dia do Armistício.

Tinham esperado durante quatro horas antes do início da cerimónia e mais de quatro mil pessoas encontravam-se reunidas no exterior.

O Daily Mail enviou «A Cadeira Vazia», como lhe chamaram, feita de crisântemos de cobre.

Não me lembrava da cadeira original.

Talvez associasse mais Northcliffe à grande cadeira de braços larga em que se sentava em Printing-House Square, a cadeira de

Delane, onde me disse certa vez, durante os dias da polémica dos projécteis, que, embora o público o odiasse por dizer a verdade acerca das munições, não o odiava tanto quanto odiara William Howard Russell, do mesmo jornal, muitos anos antes, por denunciar os escândalos médicos da Guerra da Crimeia.

Talvez me recorde mais da sua cadeira na sala de Marlowe — a cadeira junto da secretária de Marlowe, destinada aos visitantes, onde o Chefe se sentava sempre durante as reuniões, deixando Marlowe no seu lugar de editor.

Não me recordo particularmente da cerimónia.

O serviço anglicano é tão belo na sua concepção, tão comovente em cada palavra, que nada o altera, nem sequer a recitação apressada de algum cura junto de uma sepultura humilde.

Ouvi-o em São Paulo quando enterraram Sir Henry Wilson, e a bela música de Croft para as palavras de abertura voltou a soar, como então.

O que se levava dali era apenas a ideia da eternidade, da passagem do Homem para o descanso depois de concluída a sua obra.

Lady Northcliffe saiu apoiada no braço do seu cunhado mais velho, Lord Rothermere, com o jovem Esmond Harmsworth à sua direita.

Depois vieram todos os irmãos, todos os sobrinhos, os familiares por casamento, o elegante Percy Burton entre eles, e vários outros que eu não conhecia.

E perguntei-me, ao observá-los, quem poderia suceder-lhe e se o enorme poder deixado por Northcliffe voltaria algum dia a concentrar-se numa só pessoa.

Lord Rothermere tinha já enormes responsabilidades.

Os outros irmãos haviam abandonado o jornalismo, que não apreciavam, para se dedicarem aos negócios e à política.

Mas e os sobrinhos?

Observei-os todos, através da minha tristeza, enquanto passavam.

O favorito de Northcliffe tinha morrido.

Haveria entre eles alguém capaz de assumir o manto — e o peso?

Algumas famílias encontram sucessores.

Noutras, todo o poder desaparece e extingue-se.

Neste caso, tratava-se de uma questão muito séria para Inglaterra nestes tempos difíceis.

Lembro-me de Northcliffe me ter falado da sua preocupação.

— O país precisa de homens fortes e firmes na liderança, capazes de orientar e conduzir, e não apenas de seguir. Esse é o nosso trabalho.

Chamavam-lhe «A Imprensa Northcliffe», mas já não existia Lord Northcliffe.

O nome sobreviveria durante anos ou acabaria gradualmente substituído por outro?

Porque o grande homem que lhe dera primeiro vida e existência e depois poder e força tinha saído pelas portas da Abadia para repousar sob as árvores de um subúrbio da Londres onde trabalhara e morrera.

CAPÍTULO IV

Como Lord Northcliffe voltou para Louise Owen – A Comédia do Salão da Modista – Uma História de um Aparelho de Rádio Avariado e uma Mensagem para Conan Doyle – O que o Mundo Disse.

E DEPOIS, durante dois anos e mais, Lord Northcliffe, no que a mim dizia respeito, permaneceu confortavelmente morto. É verdade que costumava esgueirar-se para a minha conversa a cada duas horas. Quase todos os jornais que saíam da sua redação evocavam no meu cérebro alguma recordação dele. O *Daily Mail* ficou tão maçador que

as pessoas falavam disso. Pois, desde a morte do Chefe, tem dito «Raios» a «Yadil», mas fez pouco mais digno do faro de Northcliffe.

«Finalmente Northcliffe provou que toda esta conversa espiritualista de Conan Doyle é uma tolice», disse um dos repórteres do *Daily Mail*, com desdém. «Se fosse verdade, Northcliffe teria saído do seu túmulo e dito-nos o que pensava do jornal.»

Depois, durante a Reunião de Ascot de 1924, encontrei, no hipódromo, um antigo diretor do *Daily Mail*, a gozar a sua reforma apostando £5 em cada sentido num cavalo. Discutimos o *Daily Mail*, claro, e o Chefe.

«Pergunto-me o que o Velho pensaria disto», disse ele. «Gostaria de ver um dos seus comunicados escrito agora. Tenho boa mente de escrever um eu mesmo, e enviá-lo.»

Poucas semanas depois, um deles estava para sair do próprio túmulo!

A 9 de setembro de 1924, eu estava sentado no salão de exposição de Reville, a ver uns vestidos novos de dez guineus que o grande costureiro estava a mostrar pela primeira vez, popularizando para as classes médias os seus modelos elegantes para os ricos. Tinha acabado de almoçar no Claridge's com um pequeno grupo de mulheres jornalistas. Contei-lhes histórias engraçadas sobre jornais e depois, porque começou a chover, Edward Stanley, um diretor de Reville, mandou vir uma quantidade de táxis para nos levar para o outro lado da rua. Eram apenas algumas jardas; mas ele achou que não nos devíamos molhar.

Foi por causa destes táxis que as revelações de Northcliffe aconteceram, porque Stanley entrou no primeiro e ordenou a um paquete na Reville que pagasse as tarifas à medida que os táxis fossem chegando, um por um. Enquanto eu estava sentado dentro do salão de exposição, quase o único homem presente, a Menina Louise Owen, que eu não via há semanas, entrou e sentou-se ao meu lado na única cadeira vazia.

«Porque pagaram o meu táxi?» disse ela.

«Não sei», respondi eu. «Não está com o nosso grupo?»

«Não», disse ela. «Vim comprar um vestido. O que é tudo isto?»

«Ah, estão a mostrar-nos uns vestidos baratos», expliquei.

«Então vou ficar aqui e comprar um barato», disse ela, «em vez de ir para o outro departamento.»

O paquete, pensando que ela era do grupo de Stanley, tinha pago a tarifa dela e tinha-a conduzido ao salão errado. Vestidos aborrecem-me, por norma, embora já tenha escrito sobre eles de forma bastante surpreendente no meu tempo. Por isso começámos a falar sobre política e o mundo, política e a carne, política e o diabo.

«Pergunto-me o que o Velho diria, Louise», disse eu, «se estivesse aqui.»

«Ele está aqui», disse ela. «Falei com ele ontem.»

E contou-me que tinha estado na Sra. Leonard e tinha tido uma longa conversa com o Chefe.

Realmente, o início de tudo isto foi uma das coisas mais estranhas de que me lembro.

A morte de Northcliffe foi seguida por discussões nos tribunais sobre o seu testamento, e um longo atraso, natural nas circunstâncias, na resolução dos seus assuntos. Muitos dos seus empregados, que eram legatários, gastaram a sua herança meses antes de a obterem. E, tal é a fama, o nome de Northcliffe não ficou indene pela voz do Escândalo. Certas coisas na sua vida foram distorcidas por pessoas que não o compreendiam, e a Menina Owen viu-se reclamada, mais do que uma vez, a defender a memória dele. De facto, sentiu-se impelida a um certo curso de ação, do qual nem sequer darei uma pista. E este ela seguiu, apesar dos esforços dissuasores por parte de outros amigos de Northcliffe.

«Não quero que nada saia que possa macular o nome de Northcliffe», escreveu-lhe um homem.

A resposta da Menina Owen foi típica da sua firme admiração pelo seu antigo Chefe.

«O meu Chefe não era nenhum Jekyll ou Hyde», respondeu ela. «Nunca o vi fazer nada de que eu – que lhe era devotada – tivesse vergonha que o mundo soubesse, quer na sua vida profissional quer na privada. ... Com a massa de conhecimento na minha posse, estou em posição de salvaguardar com segurança a memória do meu Chefe.» E acrescentou como queria limpar todos os rumores infundados que flutuavam por aí e finalmente pôr um fim aos numerosos mitos e insinuações.

Dois dias depois, ela recebeu uma carta que desencadeou as revelações do espírito de Northcliffe. Se não fosse ela, este livro não teria sido escrito. Se não fosse ela, eu nunca me teria tornado um Espiritualista. A Menina Owen obviamente não sabia tudo, sugeriu o homem que originalmente lhe tinha escrito.

«A sua carta perturba-me», escreveu de volta a Menina Owen imediatamente. «Dar-me-ia a extrema bondade de me fazer saber se posso ver-se por alguns minutos?»

Qual era o segredo da vida de Lord Northcliffe? O que havia ali que ela não sabia? Ela tinha trabalhado ao lado dele durante vinte anos, conhecia, habitualmente, até os seus pensamentos mais íntimos. Ele era o homem mais franco que alguma vez viveu. Desembuchava tudo, sempre, para alguém ou para outrem.

«Ele contava-me sempre sobre as coisas que o preocupavam», disse a Menina Owen. «Mais estaria a coisa que mais o preocupava escondida? Tenho de saber. O que é qualquer coisa, comparado com o meu respeito pela memória dele?»

Depois ela leu por acaso um pequeno parágrafo, reimpresso de algum jornal americano, num periódico impresso em Londres; dizia que, entrevistado em Nova Iorque, Sir Arthur Conan Doyle tinha dito aos repórteres que tinha falado com o espírito de Lord Northcliffe!

Algumas semanas passaram; e depois o rádio da Menina Owen avariou-se. Ela está habituada a que as coisas sejam feitas devidamente; pois Northcliffe tinha-lhe ensinado isso. Por isso, em vez de mandar vir um mecânico comum, pediu a um homem de um jornal de rádio para vir e repará-lo. Ele pertencia ao pessoal do seu antigo Chefe; por isso ela recorreu a ele por hábito.

Ao apartamento dela foi ele uma noite, ocupado, mas em tom de desculpa.

«Não posso demorar-me», disse ele, «porque Conan Doyle está a transmitir esta noite da Marconi House, e eu tenho de o ver para conseguir uma reportagem.»

«Por favor, pergunte-lhe se é verdade que ele falou com o meu Chefe», disse a Menina Owen. «Tenho de saber. É importante que eu chegue à verdade.»

Uma hora ou duas mais tarde, o homem telefonou-lhe.

«Sim, é verdade», disse ele; «Sir Arthur vai ver-se e explicar.»

Doyle foi ao apartamento dela em Buckingham Gate, e disse que era verdade. Tinha falado com Northcliffe na América.

«Tenho de falar com ele; tenho de perguntuntar-lhe uma coisa», instou a Menina Owen.

E contou-lhe a história toda.

O meu amigo, Conan Doyle, é um homem que trata o assunto do Espiritualista com a maior reverência. Não deve ser usado para assuntos mundanos, argumenta ele; é uma coisa sagrada. Mas isto parecia um pouco fora do comum. Por isso ele enviou a Menina Owen à Sra. Annie Brittain anonimamente, como é seu hábito, como é de facto o costume com os Espiritualistas. Eles não querem misturar a mente do médium. É melhor que o médium não saiba de todo nada. Além disso, claro, é uma prova maior.

Então, para a Sra. Brittain foi a Menina Owen cheia de esperança, com a mão a tremer quando tocou a campainha. «Estaria atrás daquela porta o grande segredo?» perguntou ela.

Mas, infelizmente! quando a Sra. Brittain entrou em transe, não foi o Chefe, mas a mãe da Menina Owen quem falou com ela através de um guia espiritual.

A Sra. Owen morreu há anos, quando a sua filha Louise era uma criança muito jovem. Durante mais de uma hora, a Menina Owen escutou histórias da sua infância, coisas que ela não sabia. Foi-lhe

falado sobre o seu pai, que tinha morrido anos antes. Foi-lhe falado sobre a sua família, o seu irmão e a sua irmã. Foi muito interessante, muito emocionante. Mas onde estava Northcliffe? Era isso que a Menina Owen queria saber. Porque quando ela está num trabalho, leva-o até ao fim. Até as mães não se devem intrometer quando o trabalho tem de ser feito. Northcliffe tinha-lhe ensinado isso.

Ela veio embora, ainda ardendo por conhecer a maior verdade além.

Voltou para Doyle, que lhe deu mais conselhos. Escreveu ao Rev. G. Vale Owen, cujo nome, claro, ela conhecia; e Vale Owen, através da Sra. Hewat McKenzie, enviou-la anonimamente à Sra. Osborne Leonard, cujo tempo era tão precioso que apenas os enlutados tinham permissão para a ver, como regra geral.

«A Sra. Leonard está cheia de compromissos por um ano», disseram-lhe.

Ela está sempre. Mas este era um caso com o qual se permitiu interferir. À Menina Owen foi dado um dos compromissos que ficaram vagos. Ela conduziu até East Barnet e viu a Sra. Leonard, que, claro, não sabia nada sobre ela. Não sabia o seu nome; não conhecia o seu rosto; não sabia da sua associação com Lord Northcliffe. Não sabia rigorosamente nada.

Posso reconstruir o que aconteceu; pois eu próprio me sentei com a Sra. Leonard desde então.

A Sra. Leonard abriu a porta – ela não tem criada –, conduziu-la a uma sala da frente, puxou a cortina um pouco para torná-la um pouco escura, e depois sentou-se, estando a sua cadeira colocada de modo que ela e a Menina Owen ficassem em ângulos retos uma para a outra. Numa mesa estava um candeeiro pequeno, para que notas pudessem ser tomadas. A Sra. Leonard pôs as mãos nos olhos; e fez-se um silêncio.

É quando se vê pela primeira vez a Sra. Leonard entrar em transe que se nota ela particularmente. Ela é uma mulher altinha, uma mulher simples com olhos bondosos, muito simpática, muito simples.

«Eu tenho tanto de me manter humilde», disse-me ela uma vez. «Quando me dou conta da alegria que tenho trazido à vida de outras pessoas, começo a sentir-me orgulhosa disso; mas não devo, ou pode não continuar.»

Ela tem de se manter como uma ardósia em que algo escreve, como um auscultador de telefone através do qual alguém ouve.

Após alguns minutos de quietude, as mãos da Sra. Leonard começam a tremer e ela torna-se não ela mesma, mas uma rapariga, no que diz respeito à sua voz, à sua expressão e ao seu modo. Estão a ver, ela não é ela mesma nessa altura, mas Feda. Feda viveu há um século algures na Índia. É uma criança morta há muito, mas ainda viva. Pelo meio mais maravilhoso de todo o mundo, o meio pelo qual os mortos podem caminhar, Feda torna-se a Sra. Leonard. Usa a boca dela; usa o cérebro dela; e, por meio da língua dela, fala.

«Feda está aqui», diz ela, infantilmente.

Depois, nesta semipenumbra, começou o drama da ressurreição de Lord Northcliffe, tanto quanto eu o conheço.

«Determinei ser o primeiro aqui hoje», repetiu Feda. Northcliffe estava em pé ao lado dela algures, e ela dizia o que ele dizia, às vezes repetindo-o na primeira pessoa, às vezes dizendo: «Ele diz que estava aqui», ou algo assim. É uma mistura do relato dela própria em terceira pessoa da palavra real do espírito que ela ouve.

«Não permiti que nada bloqueasse o caminho. Sabia que vinhas e trarias contigo algo referente a mim.»

Gostaria de registar aqui que sempre, sempre que ouvi Lord Northcliffe falar, ou ouvi as suas palavras repetidas por algum guia espiritual, ou vi palavras escritas por meio de uma prancheta, ou soube da sua presença ao lado de um tabuleiro *ouija*, ou, de facto, o encontrei em qualquer lado ou o ouvi em qualquer sessão de qualquer tipo, houve a mesma dominância expressa nas palavras: «Determinei ser o primeiro aqui hoje.»

Quanto ao resto da entrevista da Menina Owen, imprimo agora o próprio relato da Menina Owen sobre ela, e os seus comentários.

A MENSAGEM DE LORD NORTHCLIFFE (Conforme registada pela Menina Louise Owen)

«Determinei ser o primeiro aqui hoje. Não permiti que nada bloqueasse o caminho. Sabia que vinhas, e trarias contigo algo referente a mim.

[Eu trazia comigo alguns recortes de artigos de jornais recentes sobre Northcliffe.]

«Inculquei-te a vontade de estares aqui, e dirigi a tua visita ao Colégio Psíquico. Interessava-me pelo Espiritualismo quando na terra e tive algo a ver com a impressão de uma série de artigos. Tinha lido livros, também.

«Ajudaste-me consideravelmente quando fiz a travessia ao reconheceres perante outros que sentias a minha presença perto de ti. Essa fé deu-me poder para visitar a terra.

«Estive contigo muitas vezes, e trouxe-te aqui para este lado durante o teu sono, mas não estavas consciente disso. Isso virá mais tarde com mais poder. Muitos espíritos aqui estão a ajudar-te – parentes e outros. A Sociedade das Nações é da maior importância, e tu deves ajudar. Não deves sentir que o teu trabalho está terminado – não apenas andar à deriva. Há um trabalho definido pela frente.

«As guerras trazem pobreza, ódio, crime, destruição e sofrimento. A Sociedade das Nações é o único caminho para trazer a paz e a felicidade. Instila naqueles que conheces a urgente e grande necessidade de um esforço unido. Deve, e tem de, espalhar-se por todos os cantos, não apenas onde o inglês é spoken, mas por todas as terras. Deve haver mais cooperação; fui sempre um forte crente e apoiante do trabalho cooperativo.

«Aqueles que estão a trabalhar para o sucesso da Sociedade das Nações devem ser ajudados e encorajados. As disputas podem ser abertamente arejadas e o caminho desimpedido para a justiça. Digo novamente: a guerra só traz destruição e miséria. Para grande alegria minha, encontro as pessoas maravilhosas da terra que estão aqui – aquelas que criaram, não as que destruíram.

[Aqui ele mencionou Tolstoi, Joseph Conrad e outras pessoas mundialmente famosas.]

«Estive com Conrad quando ele fez a travessia, e ele vai ajudar-me no meu trabalho. Sabes que sou tão ativo aqui como na terra, pois tenho de me mexer e fazer coisas. Trabalharei arduamente, pois há muito para fazer.

«Sou atraído por aqueles que criam e reformam, não pelos destruidores, pois eles não importam aqui deste lado. Sempre me interessei pelos reformadores e pioneiros do pensamento. Na terra eu era muito intolerante com pessoas de mentes pequenas e estúpidas, pelas quais quero dizer perspetiva estreita. Talvez estivesse errado. Costumava ficar farto e cansado de pessoas de mente pequena. Sentia-me cheio de um poder que não conseguia exteriorizar, demasiado reprimido, o que me tornava inquieto e crítico.

«Eu era uma estranha mistura de impulsividade e cautela – tão muito tolo em certos aspetos. Seria demasiado generoso em algumas direções e, no entanto, criticaria, por vezes, uma pequena quantia. Herdei a minha cautela escocesa.»

[Ele herdou a sua força de caráter da sua mãe, que era de ascendência irlandesa-escocesa.]

«Aqui», disse a Menina Owen, «ouvi-o distintamente dar uma risadinha.»

«Herda-se uma mente física, mas desenvolve-se a nossa própria alma, e quanto maior a alma mais espiritual a pessoa se torna. Eu não era um homem comum no sentido do dia a dia. Não me importava uma única gota com a opinião pública, e tinha as minhas próprias maneiras de fazer as coisas usando o meu próprio poder de vontade. Tu compreendeste sempre o meu motivo ao fazer as coisas da maneira que as fazia.

[Por trás daqueles estados de espírito impulsivos e erráticos havia planos bem pensados.]

«Haverá tempos muito conturbados pela frente; mas mantém-te calma, e faz o que sentires que está certo. Sê sempre guiada pelo teu

próprio instinto, e usa o teu próprio poder de vontade. Não dependas de outros. Noto que segues isto à risca, e estou contente com isso.

«Estou grandemente interessado no poder da cura, e estou a desenvolver isto. Tu, que conheces o poder da mente, deves ajudar também.

«Estou contente por estares apegada ao teu cãozinho. Eu adorava animais, e sinto fortemente a crueldade da vivisseção. Se ao menos pudesse ser travada, ajudar-nos-ia a todos aqui deste lado e ajudar-vos-ia na terra. Faz o que puderes.

[Northcliffe adorava animais, e uma das suas fotografias mais populares foi tirada com o seu cão favorito. Na sua vida terrena, ele defendeu a vivisseção.]

«Estou contente por ter feito a travessia. Fiquei desapontado ao início, pois tantas coisas que tinha começado não ficaram completas. Mas, oh, quão cansado – quão muito cansado eu estava! Se começasse a falar, as palavras não vinham. Quando queria pensar, havia confusão e desordem, e quando tentava escrever estava demasiado confuso e tudo ficava distorcido.

[A doença fatal de Northcliffe, provocada pelo excesso de trabalho, obscureceu a sua visão predileta perto do fim. A confusão de ideias nos últimos artigos, enviados do Continente sobre a Alemanha, era aparente para todos aqueles que o amavam.]

«Se não tivesse feito a travessia não teria recuperado a minha saúde. Eu sei-o. Agora tudo é maravilhoso. Estou em perfeita saúde, muito ativo e muito em forma. Quando na terra sentia os meus músculos a ficarem muito flácidos e caídos. Agora estão firmes e tensos.

«Não estou desdentado, pois os meus dentes estão perfeitos. Lembrar-te-ás do problema que me deram, e como eu andava incomodado e irritado por causa deles. Costumava praguejar, por dentro e por fora, às vezes. Aquela tosse irritante desapareceu, e todo o problema da garganta também.

«Tinha a ideia de que nós aqui deste lado flutuávamos por aí vestindo túnicas esvoaçantes. Como eu teria odiado isso! Sim, eu até

tenho unhas nos dedos. Estou a usar um fato cinzento (de flanela), como aqueles que me vias usar frequentemente, colarinho macio e camisa macia. A minha pele está muito limpa. É uma sensação maravilhosa estar tão em forma. Nunca se está doente aqui, nunca ferido e nunca deprimido. Não temos dinheiro. Resolvemos as coisas em géneros. Trabalhei para ter o meu fato. Nunca fui realmente o que se chamaria um homem feliz, pois não conseguia fazer tudo o que queria fazer, e por isso ficava terrivelmente deprimido. Tu tinhas um temperamento diferente – mais esfuziante – pois após te sentires deprimida voltavas a transbordar de novo.

«Voltei-me muito profundamente para a religião durante os meus últimos meses na terra.

«Não voltaria para a terra. Estou bastante feliz aqui, pois há muito para eu fazer. Encontrei muitos ajudantes; o William e o Kingsley ensinaram-me uma grande parte. Aprendi muito com eles.

[Sinto que ele se referia a William McAlpine, o seu devotado colega e representante em Paris. Por «Kingsley», ele estava evidentemente a referir-se ao filho de Sir Arthur Conan Doyle.]

«Quem me dera ter seguido o teu conselho sobre ir àquela longa viagem. Se não tivesse ido, não teria tido de fazer a travessia tão cedo. Agora, talvez, seja melhor assim.

[Eu, pessoalmente, instei-o a fazer uma cura de repouso em vez da viagem mundial, pois conseguia ver sinais da doença que se aproximava.]

«Sei que a minha mãe sente a minha presença. Tenho estado um pouco ansioso em relação à saúde dela.

«Não te esqueças de te manter em contacto com o Colégio Psíquico. Aprenderás mais, e eu ajudar-te-ei.

«Gostei das flores cor-de-rosa que me trouxeste, mas não te dês ao trabalho de colocar mais nenhuma no meu túmulo. Os túmulos, tal como o corpo terreno, não importam. Em vez disso, mantém bastantes flores nas tuas divisões, pois estou lá frequentemente, e gosto delas. A lápide do túmulo é, no entanto, exatamente o que eu gostava. Ficarás contente por saber que escolhi uma casa de campo – não numa cidade.

Como eu detestava cidades povoadas e sem luz solar! Tenho uma casa belíssima, flores e pássaros. Estou ao feliz nas minhas redondezas, pois fui sempre um amante da Natureza. Até tenho estufas para as minhas flores.

«Não corras a ponta dos teus lápis quando escreves. Figos sumarentos são muito melhores. Estive contigo no sábado quando estavas a comer um, e quando mencionaste o meu nome, dizendo como eu gostava deles. Fiz-te pensar que não estava totalmente maduro, mas apenas por um momento. Adoro picar.

[Quando fui de carro até Cantuária vinda da minha casinha de campo, uns dias antes, comprei alguns figos verdes, observando para o meu companheiro que Northcliffe gostava muito deles. Olhando para um, disse: «Isto não presta; não está totalmente maduro.» Depois descobri que estava.]

«Não vou dizer adeus», retomou ele, «pois estarei contigo outra vez. Lembra-te de que há muito trabalho para tu fazeres, por isso deves reservar a tua força e vitalidade.»

«Imediatamente a seguir», diz a Menina Owen, «vieram as palavras: O poder está a ir-se, mas não vou dizer adeus, pois estarei contigo outra vez. Abençoada sejas, e todas as bênçãos.»

Bem, esta história ocupou três colunas na primeira página do *The People*, com os seguintes títulos:

«MENSAGEM DE NORTHCLIFFE DE ALÉM-TÚMULO» «AQUELES QUE TRABALHAM PELA SOCIEDADE DAS NAÇÕES TÊM DE SER AJUDADOS» «REVELAÇÃO SURPREENDENTE PELA SUA SECRETÁRIA PRIVADA»

Este artigo foi reimpresso em todo o mundo. No dia anterior a ir para as Máquinas, um jovem procurou-me da parte do Serviço de Cabos da Australásia e pediu para ver uma prova. «Quero enviá-lo por cabo para a Austrália», disse ele, de tão importante que o considerava. Foi reproduzido como uma história de destaque na primeira página do *Sydney Sun*, o *Daily Mail* da Austrália, sob o seguinte título:

SENSACIONALISMO PSÍQUICO ESTRANHA HISTÓRIA DE MENSAGENS DE NORTHCLIFFE BEM E FELIZ A VIVER

NUMA MANSÃO DE CAMPO, VESTINDO UM FATO DE FLANELA CINZENTO

Isso foi quase tão a Sul quanto a história podia ir. Foi reimpressa sob um título de três colunas no *Los Angeles Daily News*, o jornal ilustrado do jovem Vanderbilt na Califórnia, com o seguinte alarido no topo:

DESCRITA A VIDA NO CÉU POR NORTHCLIFFE EM MENSAGEM DO ESPÍRITO, DIZ A SECRETÁRIA

Isto é tão a Oeste, quase, quanto a história podia chegar. Atravessou a Europa inteira – foi para a França e Alemanha e Itália – desceu até aos Balcãs. Até os russos ouviram falar disso, na sua terra fustigada. No Atlântico foi citada nos jornais dos oceanos. Se houvesse um jornal impresso no ar, te-lo-iam registado.

O Espiritualismo estava de novo em voga. Pois, como veem, Northcliffe não era nenhum Kingsley Doyle, um desconhecido. Não era nenhum Raymond Lodge, de quem nunca se ouvira falar, mas sim um homem grande, enorme, dominante que, segundo a Menina Owen disse, tinha saído do túmulo e falado de novo, para todo o mundo ouvir. Eu era um jornalista a publicar uma história sensacional; e tinha feito o meu trabalho. No entanto, tinha-o tratado com reverência. Sabia que a Menina Owen era honesta e que, no que a ela dizia respeito, tudo aquilo era verdade, cada palavra. Mas isso era tudo o até onde eu podia ir.

Bem, o que disse o mundo? A Carmelite House, claro, ficou estupefacta. Mas, por outro lado, eles excitavam-se frequentemente se o toucinho caísse um cêntimo por quilo, ou se a caricatura de Tom Webster estivesse meia hora atrasada. Havia uma cópia do *The People* em cima da secretária de cada diretor. O pessoal lia-a, e lia-a de novo, e ria-se e escarnecia, ou ficava em silêncio.

«Pergunto-me se o Velho voltou mesmo», diziam.

Alguns deles desejavam que sim. Alguns deles estavam contentes por não ter voltado. Cada um, de acordo com o seu estado de espírito, mostrava as suas características aos seus amigos, exceto que os escoceses ficaram mais cautelosos do que nunca, e recusavam-se até a

acreditar nas suas próprias opiniões sobre o assunto. As ações não subiram nem desceram.

E, quanto ao mundo lá fora – bem, este habitua-se a títulos surpreendentes, especialmente se eu andar por perto. No Cheshire Cheese e no King and Keys, os repórteres desportivos mostravam-no uns aos outros.

«O Swaff enlouqueceu outra vez», diziam eles. «Isto é pior do que a entrevista do Baldwin.»

«Eu próprio não acredito nisso», disse um homem grande do *Daily Mail*, «mas a minha mulher acredita.»

Sim, as mulheres deles quase sempre acreditam – a mulher de um jornalista acredita em qualquer coisa. Ela já ouviu de tudo.

Lembro-me de Pomeroy Burton me contar uma vez como uma amiga dele, uma semana antes, tinha finalmente começado a acreditar em algo porque o tinha visto no jornal, embora já não fosse verdade.

«Quando lhe contei primeiro, ela não quis acreditar», explicou ele. «Depois, era verdade. É extraordinário como a palavra impressa os faz acreditar em qualquer coisa.»

O que disseram os peritos psíquicos? Aqui estão as suas opiniões, enviadas imediatamente:

Sir Oliver Lodge: «Tenho feito um estudo da mediunidade da Sra. Leonard há alguns anos e estou absolutamente convencido da sua integridade e escrupulosa honestidade. ... Na pressuposição de que a Menina Owen foi com absoluto anonimato, não havia mais razão para Lord Northcliffe ser representado a comunicar do que qualquer outra pessoa.»

Sir William Barrett: «A comunicação que pretende vir de Lord Northcliffe é certamente muito interessante e, *prima facie*, parece ser genuína. Conheço a Sra. Leonard pessoalmente, e ela é certamente uma médium dotada e digna de confiança.»

Sir William acrescentou que até saber se a visita da Menina Owen tinha sido anónima, e se ela tinha registado a mensagem tal

como fora transmitida, não podia dar uma opinião ponderada quanto ao seu valor. A Menina Owen pôde assegurar-lhe estes dois pontos.

Sir Arthur Conan Doyle: «Estou convencido de que o que a Menina Owen obteve da Sra. Brittain e da Sra. Leonard foi bastante independente de si própria. Lendo o relato do que ocorreu, não vejo como qualquer ser razoável poderia possivelmente duvidar de que o próprio Lord Northcliffe enviou as mensagens.»

Sr. John Lewis, Editor da *International Psychic Gazette*: «A mensagem será recebida pelo vasto número de crentes no Espiritualismo como nada de extraordinário. Não há nada nela que seja inconsistente com quaisquer mensagens anteriores.»

E eu continuo a dizer isto: embora a Fleet Street estivesse muito agitada, e os jornalistas americanos ligassem a pedir mais, ninguém me chamou mentiroso. Nem uma palavra de protesto foi proferida, exceto que no *Burnley News*, editado por um amigo meu, apareceu uma coluna a escarnecer da parte do «fato de flanela cinzento». Isto eu quase tinha cortado na prova, sabendo que causaria riso.

Este fato de flanela cinzento causou excitação noutros locais, também.

«Um amigo meu quer saber tudo sobre o fato de flanela cinzento», disse Arthur Phillips, o gestor de publicidade do *The People*.

«Porquê?» perguntei eu.

«Bem, ele quer saber se é verdade, porque se for, ele diz que terá de fazer fatos de flanela cinzenta quando chegar ao outro mundo. Ele é um alfaiate por grosso, estás a ver.»

Depois, no meio deste burburinho, quando nos estávamos todos a rir e, no entanto, a pensar no querido Chefe com tanta ternura, chegou uma carta de Forest Hill que mudou a minha vida inteira.

CAPÍTULO V

Uma Bomba de Forest Hill – Northcliffe Descreve como «Fez a Travessia» – A sua Descrição do Outro Mundo – A sua Primeira Mensagem na Noite após a sua Morte – Ele Funda um Novo Jornal nos Subúrbios de Londres.

EXATAMENTE como um Profeta saiu de Nazaré, assim a segunda surpresa do desconhecido me chegou de Forest Hill. Veio sob a forma de uma carta que começava de uma maneira muito profissional – «Re: a sua comunicação publicada de Lord Northcliffe» – exatamente como a carta de um comerciante teria feito, a tentar vender-me sabão.

O cabeçalho do papel de carta era o da «Igreja de São Lucas do Evangelho Espiritual de Jesus o Cristo, Queen's Road, Forest Hill, S.E.23.» Por baixo estava o nome do pastor, o Rev. J. W. Potter, com o seu endereço e número de telefone, uma cruz azul e uma bonita imagem pequena da igreja, que parecia estar a tentar não cair colina abaixo.

Transcrevo a carta na íntegra, apenas para mostrar como, nestes dias baralhados de revolução e revelação, algo que pode mudar todo o pensamento do homem chega, com uma casualidade dramática, através do correio de um centavo e meio:

34, Lancaster Road, South Norwood Park, Londres, S.E.25. 22 de setembro de 1924.

Ao Editor do *The People*.

SENHOR, — Re: a sua comunicação publicada de Lord Northcliffe, eu diria que este espírito tem passado pelo nosso Círculo «Conselheiro» em numerosas ocasiões durante os últimos dois anos, e ainda na semana passada. Ele vem frequentemente em associação com o Dr. Ellis T. Powell; ambos os quais passaram até nós a poucos dias da sua travessia.

Envio-lhe os registos de algumas das comunicações publicadas dadas pelo espírito que se autodenomina HARMSWORTH, e afirmando que era o Lord Northcliffe da vida terrena. Temos numerosas comunicações não publicadas.

Fielmente seu, J. W. POTTER.

P.S. — Posso dizer que o Círculo «Conselheiro» reúne-se duas vezes por semana, e esta noite realiza a sua 215.ª sessão. Tem sido frequentado por muitos clérigos, pastores, médicos e homens proeminentes, e por visitantes dos Estados, Canadá, Austrália e África do Sul, e é conhecido por todos os envolvidos como tendo motivos elevados, e reunindo-se apenas para comunicação espiritual, estando proibidos fenómenos do tipo físico. O médium é o meu próprio filho, que, como jovem de 17 anos, se desenvolveu no círculo, e nunca conheceu Northcliffe, nem nenhum dos outros espíritos comunicantes com exceção do Dr. Ellis T. Powell. Spurgeon, Gladstone, Ruskin, Parker e outros, todos conhecidos pessoalmente por mim, falam frequentemente, exatamente com a sua antiga voz e maneira.

E, anexadas, vinham duas folhas de papel arrancadas de uma espécie de revista paroquial chamada «Spiritual Truth», descrita sob o seu título como «Um jornal independente de Progresso, Perceção, Investigação, Discussão, Reflexão e Testemunho Espiritual».

Nesses papéis vinham dois artigos: um, datado de 21 de março de 1923, era apenas encabeçado «NORTHCLIFFE», simplesmente assim. Aparecia de forma bastante casual, ao lado da coluna da correspondência e na mesma página que uma série de parágrafos chamados «Vibrações». Aqueles que imprimiram a comunicação de «Northcliffe» não lhe deram importância, aparentemente. Era, para eles, uma coisa comum que um espírito comum tinha dito num círculo comum. No entanto, foi para mim uma das coisas mais dramáticas da minha vida. E tinha aparecido impressa dezoito meses antes – e eu nunca tinha ouvido falar dela!

Eis o que li:

NORTHCLIFFE

O que se segue é um registo exato do que um espírito, dando o nome de Northcliffe, proferiu recentemente no Círculo do «Conselheiro».

Não temos razão para duvidar da autenticidade da entidade comunicante. Ele teve permissão para passar pelo alto espírito no controlo do círculo, e damos a mensagem sem a editar de forma alguma. Os leitores podem aceitar ou rejeitar a mensagem como

entenderem, sendo agentes livres. Meramente passamos para o mundo o que nos foi dado. Temos outras comunicações de Northcliffe, mas esta foi dada em resposta a um pedido para que ele nos contasse algo da sua experiência ao fazer a travessia. A mensagem foi dada na presença de mais de uma dúzia de assistentes experientes, através de um jovem médium em transe profundo.

O Regresso de Northcliffe

Acordei numa casa que me é difícil descrever. Flores de todas as descrições subiam pelas paredes. O telhado parecia-me sólido e, no entanto, conseguia-se ver através dele. Comecei a sentir-me consciente – voltei a mim. Senti felicidade, alegria suprema.

Parecia não haver mais quaisquer limitações terrenas. Levantei-me e saí. Lá fora encontrei um homem com uma aparência tal como eu nunca tinha sonhado. Ele vestia uma túnica de cor magnífica, e eu soube que ele era uma das boas e bondosas gentes dos anjos. Aproximei-me dele. Saudei-o talvez de uma maneira um tanto terrena. Ele colocou a mão no meu ombro; olhou nos meus olhos, e eu soube quem ele era. Era Ellis T. Powell, que eu tinha conhecido tão bem. É ele quem me trouxe aqui esta noite para falar convosco.

Fiquei surpreendido e espantado ao vê-lo. Peguei-lhe na mão. Naturalmente, fiquei contente por encontrá-lo, e ele começou a apontar-me todas as maravilhas acima de nós. Conduziu-me por um caminho glorioso. Ao nosso redor tudo era de um verde radiante; e havia belos pássaros a cantar, e animais, e flores. Subimos e, no topo da colina, voltei-me e olhei para baixo, e ele mostrou-me um santuário para o qual eu olharia mais tarde. Era uma visão para a qual não tenho palavras que descrevam. Disse-me que um dia eu iria lá, e que O veria face a face.

Passei por muitas coisas desde esse momento, coisas muito além das minhas maiores capacidades de imaginação. Há um céu azul aqui, e vemos o sol a brilhar, como veem aí. Mas o mal não está aqui, apenas o bem. Fiquei impressionado em particular pelos belos lagos. Dizem-me que esta água é a Água da Vida – água viva. Estar nas margens dos lagos, a olhar em redor, é desfrutar da maior paz que alguma vez imaginei ser possível. Os meus olhos foram abertos e, se

eu tivesse de viver novamente na terra, a minha vida seria muito diferente.

Devem lembrar-se de que o Reino de Deus não virá através do material. Têm de trazer a Verdade até à Matéria, diz-se; mas se um homem é capaz de se elevar até à Verdade, porquê trazê-la até ele? Tenho de ir, mas voltarei novamente.

Boa noite a todos os amigos.

Lemos isto; lemo-lo de novo. Sim, lemo-lo vinte vezes; e lembro-me de dizer: «Meu Deus, pensar que, mesmo quando o Chefe chegou ao céu, se deu ao trabalho de enviar a história para este lado. Mas por que diabo enviou ele isso para Forest Hill? Por que escolheu ele um correspondente de quem eu nunca tinha ouvido falar para lhe dar a maior história da sua vida? E pensar nisto – o correspondente sabia-o há quase dois anos antes de me contar.»

Infelizmente! Eu sabia pouco de Espiritualismo nesses dias. Não sabia que estas mensagens estavam a chegar quase a cada hora – sim, de facto a cada hora, algures no mundo; que, perseguidos e escarnecidos, os Espiritualistas por todo o globo as guardavam para si, falavam delas furtivamente uns com os outros, imprimiam-nas, talvez, muito discretamente nas suas publicações modestas; e que a nós, as grandes pessoas pensantes, inteligentes, ricas, bem-sucedidas do lado de fora, nunca nos era permitido saber, no caso de virmos a perseguir um pouco mais duramente.

O outro anexo era o seguinte, retirado da mesma revista paroquial, «Spiritual Truth», de 6 de junho de 1923:

NORTHCLIFFE — E «SPIRITUAL TRUTH».

Na noite de quinta-feira, 3 de maio de 1923, o nosso primeiro «controlo» pareceu ser um novo, e dissemos isso mesmo; mas assim que ele pôde falar, disse:

«Já estive aqui antes. O meu nome é Northcliffe.»

(Saudámo-lo, e perguntámos quanto ao seu progresso – e ficámos contentes por VER que era progresso): E ele continuou:

«Não posso explicar o meu progresso em definições terrenas. Aprendi a colocar um novo significado na palavra "Progressão", porque todas as almas, aprendo eu, estão a progredir – nenhuma fica parada. Cada ato em cada vida é um pequeno passo na escada da eternidade. Acho que tem de ser necessariamente assim, e não pode haver retrocesso do ponto de vista dos altos espíritos que olham para todos eles de cima.

«No que diz respeito ao espírito comparar-se com espírito nos planos inferiores, compreendo que eles têm de se exprimir em termos que estejam dentro da sua própria compreensão. Portanto, eles falam de progressão e retrocesso; mas eu aprendi que não há retrocesso; tudo é progressão à vista de Deus. O homem, na verdade, desce – para se aperfeiçoar à vista de Deus; e o homem que sobe vai fazer a mesma coisa. Ele está a construir para si uma casa; está a desenvolver a natureza da sua alma em algo acima do mero animal bruto. Quer desça quer suba, vejo-o como o mesmo, e é bom de se olhar.

«Tenho estado a exercer a minha influência sobre a vossa publicação ("Spiritual Truth"). Estão inteiramente certos em pensar que me viram na vossa redação; eu estive lá. Pensei, quando fiz a travessia, que poderia influenciar as minhas próprias publicações e criações (como, de facto, ele nos disse na altura), mas, infelizmente! acho agora que elas estão muito além da minha influência – e elas não precisam de mera influência, mas sim de uma reconstrução total; toda a política delas tem de ser dobrada por completo e virada ao contrário; mas tal feito está além de mim, tal como me encontro agora.

«PENSEM NISSO! EU VEJO O QUE CRIEI! No próximo trabalho que criar procederei com mais premeditação e menos ambição. A este trabalho dei todos os anos da minha vida desde os primeiros dias. Fi-lo o que é; e TUDO O QUE FIZ NA TERRA DEIXEI PARA TRÁS. Deus sabe que Senti a sua FALTA!

«Pensem em mim! Fiz uma vida para mim próprio. Tracei o caminho que deveria correr numa idade muito precoce, e agarrei-me a esse caminho todos os dias da minha vida. Trabalhei de manhã, ao meio-dia e à noite, e permaneci lá. Desviar-me dele considerava eu que era do diabo. E na morte, vejam só! fui precipitado para um lugar

onde podia olhar E FAZER NADA. Nunca mais poderia influenciar os meus antigos colegas. Os meus camaradas com quem tinha trabalhado, falei com eles – eles ouviram a minha voz nunca mais. Já não podia fazer o meu antigo trabalho. Eu era uma alma perdida, e nesse tempo encontrei um novo trabalho. Esse trabalho foi no vosso jornal; era pequeno comparado com a minha antiga vida, mas preencheu a lacuna quando precisei de algo, infelizmente! e ansiei por algo. Gradualmente está a tirar-me da rotina em que tinha caído, e gradualmente estou a tirar-me dela.

«Espero que continuem para um grande sucesso. Estou contente por ter estado aqui de novo, e desejo-vos toda a alegria no vosso trabalho. A minha fé não é tão grande como a de alguns, mas pelo que posso ver nos anos futuros, o vosso sucesso será esmagador, tal como dificilmente podem compreender ou conceber. Espero que o que consigo ver se torne realidade.»

(Não tenho hesitação em dizer que isto é sem dúvida de Northcliffe, pois ele tem sido visto por clarividentes comigo no trabalho, muitas vezes. — ED.)

Li tudo isto de fio a pavio – sim, tenho a certeza de que devo ter lido umas cinquenta vezes, desde que chegou. Não o aceitei como genuíno; mas tentei imaginar o meu falecido Chefe a voltar de outra esfera, a tentar fazer-se ouvir pelos seus velhos amigos; e depois, quase com nojo, a dirigir-se à única redação de jornal em Londres que o compreendia e, passando lá horas por dia, o mais perto que conseguia estar de um jornal, interessado que fosse apenas numa máquina de impressão suburbana, lamentando um pouco o amadorismo das pessoas que produziam aquela publicação obscura, mas oh!, tentando ajudar, tentando torná-la melhor.

Onde é que eu tinha chegado, agora? Estava exatamente onde estava, exceto que esta minha antiga paixão por Northcliffe se estava a apoderar de mim outra vez. Já disse que costumávamos falar de Northcliffe todos os dias. Por esta altura, falávamos dele a cada hora. E as cartas jorravam; e velhos amigos apareciam; e o telefone continuava a perguntar: «Ouviu mais alguma coisa do Chefe?» O homem combativo, dilacerante e preocupado para quem eu tinha

escravizado durante dezassete anos estava, mais uma vez, a controlar a minha vida, tal como fizera antes durante metade da minha vida. E eu gostava disso.

E, contudo, costumávamos rir e escarnecer. Pois não podia ser verdade? Não, não podia, pois não? Lembro-me da maneira como recebemos a carta de Potter na redação. Soltámos gargalhadas ruidosas. Escarnecemos. Deridimos. Fizemos troça durante dias; e no entanto, como todos os outros que enfrentam esta nova ideia do Espiritualismo, ficámos a pensar...

«Liga para o velho Potter ao telefone», disse eu. Uma redação de jornal está habituada a ligar para todo o tipo de pessoas e a obter todo o tipo de respostas estranhas. Mas lembro-me de imaginar, quando disse a um assistente para ligar, um velho com uma barba branca do outro lado – um homem muito velho, um bocado na sua caduquice. Sabem como imaginamos, sempre, um rosto desconhecido do outro lado. Estamos sempre errados, claro.

Foi uma voz barbuda, de facto, que falou em resposta – uma voz muito simples, estranhamente humilde, como que habituada a falar com alguma coisa muito superior. Não registei a conversa; mas, a 29 de setembro, uma semana após a comunicação original me ter chegado, o Sr. Potter enviou outra carta.

Vou a Forest Hill para Encontrar o Espírito de Northcliffe – Os Esforços Frenéticos do meu Chefe para Falar – Ele é Interrompido por um Relógio de Cuco e Fogos de Artifício – John Ruskin Descreve as Alegrias do Paraíso – Terá Sido Patrick Mahon Quem Veio?

SIM, mais estava para vir. Uma semana após ter chegado a primeira carta, o Sr. Potter, que eu ainda não conhecia pessoalmente, mas com quem falei ao telefone várias vezes, de forma muito séria – no que à minha voz dizia respeito – mas sinalizando troça à minha equipa com as mãos, sem ele saber, escreveu-me novamente. Eis a sua segunda carta, bastante pragmática, como veem, perfeitamente profissional – o género de coisa comum que se esperaria de um homem a escrever sobre uma exposição de cães ou um leilão, algo da terra, terreno:

34, Lancaster Road, South Norwood Park, Londres, S.E.25. 29 de setembro de 1924.

Ao Editor do *The People*.

DEAR SIR, — Relativamente à nossa conversa desta manhã, tenho estado desde então a pesquisar os nossos registos de sessões por comunicações re: Northcliffe ANTERIORES àquelas que já lhe enviei; e envio-lhe as observações e excertos na íntegra, com exceção de duas ou três de caráter privado relativas aos assuntos da nossa Igreja na parte final.

Isto levou-me várias horas, pois temos registos algo volumosos de entre 200 e 300 sessões, que são todos *ipsis verbis*, e registam as declarações de muitos, muitos espíritos além de Northcliffe; de modo que não tive tempo para pesquisar mais do que os registos de APENAS UM ano. Os excertos anexos, contudo, são os que constituem maior evidência.

Relativamente à sua visita aqui na quinta-feira, se vier de comboio deve tirar bilhete para a Estação de Norwood Junction a partir de Victoria ou London Bridge, e precisará de partir de qualquer uma delas o mais tardar às 7 para chegar aqui a tempo, pois estamos a dez minutos a pé da estação. Se desejar vir MAIS CEDO, estarei em casa, caso pretenda falar comigo sobre o assunto.

Notará que esta sessão é realizada na minha casa em South Norwood, e não na Igreja.

Fielmente seu, J. W. POTTER.

Lembrem-se de que, nesta altura, eu só tinha ido a uma sessão de voz direta, uma conduzida por Valiantine, o médium americano, na casa de Dennis Bradley. Esta sessão tinha-me aborrecido bastante, pois não estou interessado nas vozes dos mortos, enquanto tais, tal como não estou interessado nas vozes dos vivos. Só há dez pessoas que conheço com quem falaria de boa vontade por mais de dez minutos. Certamente não há mais do que seis espíritos que conheço pelos quais esteja interessado de alguma maneira que seja.

A minha experiência é que a maioria das pessoas que passam desta vida ficam mais maçadoras quanto mais tempo passam longe

dela; e têm o hábito lamentável de se intrometerem nos meus assuntos, fingindo que sabem muito mais sobre o que eu deveria fazer do que eu próprio. E todos nós sabemos por experiência que, quanto mais sábio outra pessoa for, mais nós odiamos isso.

Contudo, «Vamos até Forest Hill», disse eu.

A Menina Owen, claro, ficou violentamente excitada; e toda a minha equipa queria ir comigo. Mas eu não sabia que tipo de sessão aquilo era. Supunha que havia ali algo de «Santo, santo, santo», e não queria levar pessoas que se rissem. No entanto, um membro da minha equipa, F. W. Wilson, implorou tanto que lhe disse que podia vir connosco se concordasse em esperar lá fora caso o Sr. Potter não encontrasse espaço para ele.

Apanhámos um táxi para London Bridge; tentámos ler os jornais da noite no comboio; e lembro-me de dizer, «O Velho não acharia grande piada a isso», quando vi algo no *Evening News*. E quando chegámos a Norwood Junction, conforme indicado, começámos a nossa busca de fantasmas subindo uma colina, chegando finalmente a uma casa geminada que parecia suficientemente sombria por fora para ser o cenário de uma história de Sherlock Holmes. Lembro-me de me sentir um pouco como o próprio Sherlock Holmes enquanto estávamos parados diante da porta. Pensei numa daquelas histórias em que Conan Doyle escreveu sobre uma espécie de ex-major do Exército Indiano que tem agora uma jibóia numa caixa e uma jovem excitada na sala de visitas das traseiras. Mas a chegar connosco vinham duas mulheres cuja aparência me deixou mais hesitante, mais cínico do que nunca.

Nem todos vós fostes criados na Igreja de Inglaterra, por isso não sabeis quão muito superiores vos sentis quando costumáveis ser um rapaz do coro anglicano e encontrais membros de uma capela não-conformista. É quase a única coisa snobe que eu, boémio de cabelos compridos que sou, mantive da minha juventude; mas sinto-o até ao dia de hoje. De facto, sempre que, numa reunião espiritualista, cantam algo como «Ir-nos-emos Reunir no Rio?», sinto-me tão irritado como G. B. Shaw se sente quando os socialistas cantam «A Bandeira

Vermelha», à qual ele chamava «A Marcha Fúnebre de uma Enguia Frita».

Foi a Sra. Potter, uma mulher frágil e de aspeto paciente, quem abriu a porta. Várias outras pessoas me deram esse tipo de impressão, várias das vinte pessoas que lá estavam, reunindo-se numa sala de trás, algumas delas um bocado grisalhas, um bocado cansadas; mas em cada olho estava o tipo de luz que se vê no rosto das pessoas após um Serviço de Comunhão, quando uma reunião de reavivamento termina, ou quando o Príncipe de Gales acaba de passar.

O Sr. Potter revelou-se um homem alto com um colarinho clerical, uma barba preto-grisalha, uma voz muito mansa. Parecia um homem em quem eu confiaria; mas, ai de mim!, parecia um homem que confiaria em mim, e na verdade em toda a gente. Tenho-o ouvido ser atacado amargamente em círculos espiritualistas desde essa noite, por razões que nunca consegui decifrar. Mas eu próprio descobri que ele é tão bondoso e tão simples que, em muitas ocasiões, deve ter-se colocado à mercê dos escarnecedores por ser tão excessivamente franco sobre as suas comunicações espiritualistas que lhes deu todas as oportunidades de fazerem troça dele. Foi dessa maneira bondosa e simples que ele me escreveu. Mas por uma vez, quando me escreveu, encontrou um amigo.

Bem, reunimo-nos na sala de visitas das traseiras, que era o tipo de sala que qualquer pastor não-conformista teria na sua casa. Havia ali um órgão americano; um arranjo de bambu erguia-se sobre a prateleira da lareira, uma relíquia da minha juventude do período japonês. A sala continha a maior parte dos outros artigos de mobiliário que eu odiava – as cadeiras mais feias, o tipo de cadeiras, aliás, que sentimos que se sentam em nós. Num canto havia um arranjo de cortinas do género a que agora estou habituado. Chamam-lhe uma «cabine», o que não é, mas sim uma espécie de abrigo no qual, suponho eu, o poder do espírito ganha forma. De um lado disto, lembro-me de ver uma cruz, feita de um pedaço de palma, o tipo de coisa que os católicos romanos usam no Domingo de Ramos; e sobre um quadro religioso, vagamente pendurado, estava uma coroa de espinhos, exatamente como a que o Mestre usou; e na prateleira da

lareira estava um bilhete postal ilustrado do Rev. G. Vale Owen, que, dali a pouco tempo, estava destinado a entrar na minha vida.

Um por um, juntámo-nos cerca de duas dezenas, todos eles gente simples não-conformista, muito bondosa, mas teológica, social e intelectualmente, sentia eu, a milhas abaixo de mim. Reflicto frequentemente, contudo, quando vejo reuniões como esta, que a Última Ceia foi algo parecido. Os discípulos eram homens perfeitamente obscuros, notáveis nem pela sua erudição nem pelo dom da palavra fluente. Eram apenas pessoas simples, comuns, e no entanto moveram o mundo.

Alguém tocou o órgão quando o serviço começou; e cantámos. Cerca de quinze cadeiras estavam dispostas em três partes de um círculo; a cabine em que o filho do Sr. Potter, de dezanove anos, estava sentado completava-o.

O jovem Clifford Potter, que conheci mesmo antes da sessão, parece alguém a quem um curso de ténis poderia fazer bem. Ele está obviamente tão pouco habituado ao exercício como eu; e eu odeio caminhar tanto quanto Joseph Chamberlain, cujo ódio ao exercício e amor por charutos partilho em pleno grau. Parecia um jovem perfeitamente comum. Mas sei que, através dele, obtive comunicações estranhas e maravilhosas.

Bem, cantámos um hino da ordem do «Guia-me, Doce Luz»; hinos inócuos e não-setários são cantados em tais reuniões. De facto, na página de trás da «Spiritual Truth», li como o Hinário da «Spiritual Truth» «contém cerca de 130 hinos cuidadosamente selecionados de todas as fontes, de modo a proporcionar um serviço de cânticos, livre de toda a teologia dogmática, mas cheio do Espírito que dá Vida. Peça exemplar de amostra, preço um xelim e seis cêntimos; livre de porte, um xelim e oito cêntimos.»

Cantámos com o acompanhamento do órgão. Depois veio, creio eu, o Pai Nosso, e o Sr. Potter leu algumas passagens da Escritura; e cantámos outro hino. Depois a luz apagou-se; e a Menina Owen e o Sr. Wilson, que se sentavam ao meu lado num sofá atrás do círculo, esperaram...

«Pergunto-me se o Chefe vai falar», disse a Menina Owen.

O Sr. Wilson parecia não levar aquilo a sério. Mas ele tinha sido educado em Oxford. Enquanto esperávamos, a Menina Owen contou-me mais tarde, a Sra. Bullen, a viúva de James T. Bullen, o escritor do mar, sussurrou-lhe: «Falei com o meu marido. É verdade. Ele veio aqui uma vez. Torna-me tão feliz.»

Depois começou uma das experiências mais extraordinárias da minha vida.

Lembrem-se de que, à exceção de uma lâmpada avermelhada, as luzes estavam apagadas. Lembro-me de que o que aconteceu ao início me fez pensar se a coisa toda não seria uma farsa; pois, após alguns minutos sentados no escuro, ouvi uma voz dizer, «Boa noite», e depois podia-se distintamente sentir, e depois ouvir, que alguém se estava a mover pela sala. Eu não sabia que, sempre, o primeiro espírito a falar numa sessão de Potter é um Dr. Richardson que, tendo tomado o controlo do jovem Potter, o médium, caminha pela sala a examinar os seus doentes.

«Estão muitos aqui esta noite», disse ele. «São todos meus doentes?»

«Não, Doutor», disse o Sr. Potter. «Alguns deles são visitantes.»

Tenho visto desde então o jovem Potter caminhar, quando controlado pelo Dr. Richardson, enquanto uma luz estava acesa; por isso sei agora que ele se torna, na forma, no gesto e na maneira, um homem velho, um velho médico típico de uma época meio esquecida. Sei pela sua linguagem, quando dava conselhos, que ele se apegava bastante aos métodos de há meio século. Dizem-me que o Dr. Richardson foi um cirurgião do exército na Guerra da Crimeia, na qual perdeu um braço e uma perna. É certamente um velho cavalheiro muito simpático, com opiniões sobre a maioria das coisas relativas à saúde e à dieta. Mas eu estava prestes a descobrir que uma sessão espiritualista, por muito religiosa que fosse, tinha elementos de humor. Pois os doentes do médico começaram a fazer-lhe as perguntas mais simples, algumas das quais me fizeram rir.

«Acha que se deve tirar a pele a um peixe antes de o cozer, Doutor?», perguntou um dos assistentes.

O médico expressou uma opinião que esqueci.

«A lagosta em lata faz-lhe algum mal?», perguntou outra alma simples.

«Não é de todo tão indigesta como o leite quente», respondeu o médico, cujas opiniões me espantam sempre.

O velho homem, no corpo do jovem Potter, ia coxeando, tateando o seu caminho em redor do círculo, dando conselhos sobre ouvidos e olhos.

«O ouvido é um instrumento muito mais delicado do que o olho», disse ele, «embora vocês, gente, não saibam.»

«Far-me-ia mal se eu tomasse um banho frio?», ouvi uma velha perguntar-lhe noutra sessão.

«Não», respondeu ele. «Uma vez tomei um quando estava com uma temperatura de 103°; e curei-me.»

Receio que os métodos dele não servissem para mim.

Bem, durante dez minutos continuaram a perguntar-lhe sobre que vegetais comer, e qual a melhor maneira de cozinhar peixe e uma dúzia de coisas. Depois ele disse «Boa noite» e desapareceu.

Houve silêncio por um curto espaço de tempo; e depois veio um ruído estranho da cabine, para a qual o jovem Potter tinha regressado.

«É o Umtazare», sussurrou o Sr. Potter, que estava à minha frente.

Não tomei nota do que ele disse; e não me lembro do que foi nesta ocasião. Mas desde então foi-me explicado que Umtazare é um dos guias espirituais que tomam conta do jovem Potter quando ele está em transe. Diz-se que é um nativo africano que morreu há muitos anos. Fala num inglês esquisito e quebrado que não consigo compreender, de tão rude e animalesco que é. É como um grande babuíno a tentar falar *babu*. Mas o círculo de Potter compreende-o, conhecem-no tão bem. Ele vem frequentemente e pede um hino, e aplaude, através das mãos do jovem Potter, enquanto este é cantado;

depois grita por outra estrofe, ou quer outro hino, escolhendo às vezes um. A dele é uma das performances mais estranhas de todas.

Tenho-o ouvido discutir com outro espírito que controla outro membro do círculo. Quase têm uma zaragata, às vezes, exceto que, no fim, o outro espírito cede sempre ao Umtazare, que parece ser muito perito em orientação, em assistir um controlo e, portanto, de grande utilidade no mundo que junta os vivos aos mortos.

Depois, quando Umtazare se tinha ido, e tínhamos estado sentados um minuto, ouvi os tons muito irritáveis e repreensores de um homem velho.

«Boa noite, amigo», disse ele. «Estou aqui para responder a quaisquer perguntas sérias.»

«Boa noite, Daniel», disse toda a gente, de forma bastante alegre, mas achei que com um certo medo nas suas vozes.

Não me admira. Encontrei Daniel várias vezes desde então; e temo-o hoje mais do que temo qualquer homem vivo. Dizem-me que é um clérigo anglicano que morreu há 300 anos, um homem que, no seu tempo, estava tão farto do suborno e da corrupção da Igreja em que era pastor que se retirou para o seu laboratório, ou como lhe chamavam na altura, e discutia os problemas da vida e da morte. Até ao dia de hoje ele passa, e repreende e discute. Ele é o verdadeiro chefe do Círculo de Potter; e toda a gente o sabe. Costuma começar por dizer que está «aqui para responder a quaisquer perguntas sérias»; mas têm de ser sérias.

Muito humildemente, o Sr. Potter dirigiu-se a ele.

«Preferíamos que falasse connosco, Daniel», disse ele, «sobre tudo o que quiser falar.»

Seguiu-se então uma das conversas mais espantosas que alguma vez ouvi.

«Bem, Sr. Potter», disse Daniel, que, lembrem-se, era um espírito a falar através do filho do pastor para o pastor, na presença da congregação do pastor. «Porque disse no seu sermão no último domingo que Jesus o tomaria pela mão?»

«Não creio que tenha dito exatamente isso», disse o Sr. Potter, mais humildemente ainda.

«SIM, DISSE», respondeu Daniel, perentoriamente. «Porque usa palavras materiais para significar coisas espirituais?»

«Bem, Daniel», respondeu o Sr. Potter, em tons ainda mais humildes. «É muito difícil falar de coisas espirituais com palavras terrenas.»

Veio então uma correção terrível do pregador espiritual de há três séculos atrás para o pregador de hoje.

«Se não sabe, DIGA-O», disse Daniel. «A maior parte do problema nas igrejas é causada pelo facto de os pregadores falarem sobre coisas que não compreendem.»

Mais humildemente do que nunca, o Sr. Potter aceitou a correção; e, após mais algumas palavras, Daniel disse, «Boa noite.»

Não me admira que o Sr. Potter fosse humilde. Eu próprio tenho falado com Daniel desde então sobre assuntos que me dizem respeito e temo sempre a sua resposta. Ele é tão absolutamente franco e verdadeiro. Eu, como todas as pessoas terrenas, procuro a coisa conveniente que se segue. Daniel defende a verdade premente. Ele não compreende que temos de avançar por passos. Nós não compreendemos que ele tem razão, e que nós somos cobardes.

Depois veio – sim, depois veio o meu Chefe. Não, ele não veio; mas tentou. O relatório oficial do que aconteceu segue-se. Foi escrito na altura pelo Sr. Potter, que toma notas cuidadosas durante toda a sessão e mantém um registo rigoroso.

A meio da sessão veio um controlo que fez um grande e invulgar esforço para passar, mas não conseguiu. Outro pareceu tentar tomar o controlo, mas não conseguiu. Mais tarde provou ser John Ruskin, e conseguiu passar mais tarde. O primeiro controlo acabou por passar falando com grande esforço, muito menos facilidade do que o habitual, e disse:

«HARMSWORTH! Nunca – devias – ter – dito – ao médium que – eu vinha.»

(Explicámos que não dissemos ao médium que ele, Harmsworth, vinha, mas sim que vinham amigos dele à sessão, apenas isso; e isto apenas um pouco antes da sessão.)

«Ele (o médium) não queria que eu falasse, porque sentiu – que isto seria um teste para ele. Torna-se – infinitamente – difícil para mim falar-vos. Não deveis esquecer que há uma barreira – que me impede de falar – familiarmente. E lembrai-vos – de que – não há nada – no meu falar-vos, porque aprendi – que a personalidade – de um grande homem é de extraordinariamente pequena importância. O que – o que – importa – são as suas REALIZAÇÕES. Tentei arduamente, esta noite. Deus seja convosco.»

Este incidente de Harmsworth deve ter durado dez minutos. Nunca tinha ouvido tanto gemer, tanta luta violenta, em som, na minha vida. Tinha ido lá abaixo para falar com Alfred Harmsworth. A Menina Owen tinha ido lá abaixo para fazer ao seu Chefe perguntas íntimas, para saber um pouco mais, e tudo o que ouvimos foi um ruído terrível de um homem em agonia. Sentei-me ali temeroso. Foi pavoroso.

Assisti a uma execução na minha vida, mas isto foi igualmente mau. Pois um homem de quem eu gostava muito, mas mesmo muito — se, de facto, era ele — estava obviamente num estado de terrível agonia mental, física, espiritual e moral.

Tremo no escuro. Não conseguia falar. A Menina Owen pegou-me na mão. Ela estava a chorar. E, no entanto, eu não conseguia deixar de sorrir porque, enquanto o meu querido Chefe tentava falar, com as suas palavras a saírem em tons dolorosos e excitados, algures no andar de cima um relógio de cuco deu as suas pequenas badaladas das nove horas e, de mais longe, vinha o som dos fogos de artifício no Crystal Palace. O meu Chefe estava morto — e vivo. Mas os Fogos de Artifício de Brock continuavam! Assim, nas noites de quinta-feira em Forest Hill, ouvia-se frequentemente, ao mesmo tempo, o espírito de Alfred Harmsworth e um grande petardo!

Como o querido Chefe se teria rido em vida! Talvez o fizesse, por vezes, na morte.

À parte da porção de Northcliffe, o resto da sessão não me interessou. Oh, sim, interessou; mas não nem de perto tanto. Mas a dada altura veio uma voz suave da escuridão.

«John Ruskin», sussurrou.

Contive-me, embora, depois de Harmsworth, não tenha sido uma surpresa por aí além. E, no escuro, enquanto a voz falava, eu ouvia o lápis do Sr. Potter a registar as suas palavras.

Devem lembrar-se de que este rapaz, o jovem Potter, obviamente não conseguiria escrever, ou falar, ou pensar como Ruskin faz através dele, de maneira nenhuma, num sentido literário, a menos que tivesse decorado blocos dos seus escritos, os quais nós reconheceríamos. Contudo, eis o que a voz de Ruskin disse, através dele, naquela noite:

«Tentei falar convosco antes, mas achei difícil. Mesmo agora o meu antigo hábito regressa, e desejo sentar-me e escrever tudo o que vejo. E quando procuro palavras para descrever, encontro o vocabulário DESTITUÍDO. Nenhuma caneta pode pintar o quadro, que tem de ser VISTO para ser compreendido. Mas penso que se eu pudesse ter um pincel, com pinceladas amplas — pinceladas ousadas — e com a minha arte aperfeiçoada, eu poderia ECOAR — poderia refletir, ainda que rudemente, ainda que vagamente, no brilho da cor, um pouco do que este mundo representa. Ou, com um pergaminho musical, poderia desdobrar a harmonia, e reproduzir para vós os acordes da música que ecoa ao nosso redor sem cessar. Mas depois, receio, despedaçaria o meu instrumento numa vã tentativa de produzir aquilo que dele não conseguiria extrair. Existe apenas um método certo, um definitivo, um seguro pelo qual posso trazer este quadro celestial ao vosso olhar, e esse é através do portal da morte. Isto então é o que a morte significa para vós — o desabrochar do Céu. Boa noite.»

O Círculo de Potter tem muitas colunas daquilo que a voz de Ruskin lhes disse. Escreveram tudo cuidadosamente. É exatamente o tipo de coisa que, em vida, Ruskin teria escrito; contudo, ele não fala de Veneza, que amava, ou da arte de Whistler, que odiava, mas das coisas além do nosso conhecimento, muito além do nosso alcance.

Depois, pouco tempo após, a sessão encerrou, mas de uma forma absolutamente maravilhosa; pois ouvimos, bem no alto da sala, uma voz alta, uma voz extremamente solene, que parecia estar a falar no próprio Paraíso.

«Nosso Deus, curvamo-nos perante o Teu trono no Teu templo», disse.

Soava como o mais nobre sumo sacerdote que alguma vez viveu, de pé numa montanha, cercado por milhares de adoradores, prostrados de mãos e joelhos, com as suas frontes na terra, em reverência.

Era o Conselheiro, o chefe deste Círculo de Potter, o espírito inspirador de cujo nome se intitulam.

Eis a sua oração, registada *ipsis verbis*, tal como todas as outras palavras. Lembrem-se, veio dos lábios de um rapaz de dezanove anos!

«Nosso Deus, curvamo-nos perante o Teu Trono, no Teu Templo. Lançamos todos os nossos bens diante do Teu Altar, Ó Altíssimo. O Teu Nome é conhecido da eternidade para a eternidade que há de vir; pois Tu és Grande. O Teu fogo purificador há de purgar os nossos corações, e enviar-nos purificados para o mundo, tendo conhecido o Teu Santuário interior, e ali recebido as Tuas dádivas no íntimo. Somos um no conhecimento da Tua beneficência, pois Tu és grande em dar; Somos um no conhecimento do Teu amor, pois ele atrai-nos a Ti, e une-nos estreitamente, de modo que nem a terra, nem o inferno, nem o Céu, nos hão de separar de Ti. Tu és, da eternidade à eternidade incontável, Deus do Céu, da Terra, do Inferno. A Ti adoramos, a Ti amamos, e a Ti servimos. Em Nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Ámen.»

Mas, tal como a linguagem não era do jovem Potter, também a voz não o era. Era a voz do ser mais nobre, mais nobre do que a de qualquer ser que eu alguma vez tenha ouvido. Já tremi sob o cenho franzido do Dr. Temple; já ouvi «Woodbine Willie» trovejar a sua ira contra o pecado... Forbes Robertson não o conseguiria fazer, se lesse. Chaliapine não o conseguiria fazer, se cantasse.

E depois veio uma voz que nos conduziu na Doxologia; e depois outra voz meramente repetiu:

«Deliciosos são os frutos do Céu; mas a colheita é reunida da Terra. Ámen.»

Ficámos sentados no escuro por, talvez, cinco minutos. Depois alguém disse: «Estou a receber o nome Paul.»

«Eu conhecia um Paul», disse alguém.

«Está alguém aqui chamada Annie.»

«Pergunto-me quem será ela.»

«Alguém conhece um Pearson?»

«Eu conhecia um Pearson.»

Outros nomes foram mencionados; e depois as luzes acenderam-se.

O Sr. Potter aproximou-se de mim.

«Dizem-nos que o Conselheiro foi um dos Apóstolos de Cristo», disse ele. Eu suprimi, não o riso, mas algo semelhante a isso; pois não estava de espírito para sorrir. «Isso é tudo o que sabemos; mas um dos nossos guias espirituais disse-nos isso.»

Fiz-lhe algumas perguntas, já não me lembro de quais; mas depois ele disse algo que me fez sorrir por dentro, algo que, até agora, não imprimi. Pois, ao registar manifestações Espiritualistas, há muito que a maioria guardaria para si, muito que, talvez, possa fazer com que todo o movimento pareça ridículo aos olhos daqueles que estão de fora.

Mas este livro é muito franco. Quero a coisa toda escrita.

«Nas noites de segunda-feira, quando nos reunimos, alguns espíritos têm permissão para passar para conforto, não para adoração», disse o Sr. Potter. «E por vezes conseguimos passar coisas absolutamente extraordinárias. Uma noite, Patrick Mahon passou.»

O meu amigo Wilson piscou o olho. A Menina Owen abriu a boca um pouco mais.

Mas devem lembrar-se de que, no mundo espiritual, Patrick Mahon não é mais invulgar do que a vossa Tia Mary, ou Júlio César, ou a Prima Jane.

Eis o incidente conforme descrito pelo Sr. Potter:

«Não consigo recordar a história de Mahon de memória, mas a edição de 1 de outubro anexa dá um breve relato do que aconteceu na sua primeira vinda. Isto foi na segunda-feira, 8 de setembro de 1924.

Ele veio novamente na segunda-feira seguinte, 15 de setembro, e o meu registo é o seguinte:

"Depois veio o Caminhante da segunda-feira anterior. Ele disse, falando em solilóquio:

'Sim, eles disseram que eu podia — sim, sim. Sim, está a voltar — lembro-me agora. Sim, eu disse: Ajudem-me! Ajudem-me! Sim, eu disse que vinha. Obrigado — vocês são bons. Oh, não vos consigo agradecer, mas vocês são bons! Vocês não sabem por aquilo que passei — tenho de seguir em frente — falem comigo! Sim.'

(Um controlo falou com ele — 'Amigo, quero que pegues nesta Cruz que te dou.')

Caminhante, recuando — como que horrorizado: 'Não! Não estou digno dela ainda. Ela QUEIMA-ME! ESCALDA-ME! (Angustiado) Ó Deus, eu tenho de! Sim, eu vou. Disse que o faria, e farei. Sim, eu CONSIGO — Oh, está a passar; mas, penso...

(Outro controlo — 'Amigo, pedimos-te que NÃO penses, mas que FAÇAS, com todo o teu coração. Força te será dada. Ergue os teus olhos para o alto; dali vem a tua força. E cada degrau subido é algo ganho. Segue o teu caminho, amigo, reúne forças; envia o teu amor, e receberás amor que nunca compreendeste antes. Deus te abençoe!')

Caminhante: 'É estranho! É estranho! A PAZ! Querias DIZER ISSO? Pequei — não o consigo DIZER ainda — sim, vou — vou esforçar-me — sim, PAZ, Paz, vem comigo — Não para mim! seguramente não para mim; não posso suportá-lo! Não pode ser — seguramente não — Sim, sim, sou tão fraco. Vou, sim. Porque não

haveria de ir? NÃO serei fraco! Não me podem magoar! Não vão! Deixem-nos escarnecer! Não me importarei... Não consigo — segurar — esta — cruz — por um minuto! Oh, está QUENTE!... Trabalhar para ELE? Eu VOU trabalhar; oh sim, eu VOU trabalhar para Ele — se Ele me deixar. Oh, eu vou TRABALHAR para Ele, sim!'

Aqui foi-nos pedido que cantássemos 'Outro Refúgio Não Tenho'. Cantámos.

O Caminhante disse então: 'Eu AGRADEÇO-VOS. Boa noite.'

Nesta noite o Sr. Tanner estava presente, e VIU a entidade a confirmar a sua identidade; mas não publicámos nomes. Não recordo exatamente quando Mahon foi enforcado; mas não há dúvida de que era ele."»

Coisas mais notáveis, como veem, acontecem em sessões do que alguma vez sonham. Estou a ficar habituado a elas agora.

Continuo a não acreditar em tudo o que oiço. Não aceito esta entidade de Mahon como provada; apenas a registo, sabendo que, neste livro, é meu dever não parar perante nada. Vou a cada sessão tão criticamente como costumava ir. Algumas pessoas acreditam em tudo, e outras em nada. Sou jornalista.

Bem, dissemos «Boa noite»; e, fora da casa do Sr. Potter, acendi um cigarro. Caminhámos até à estação, um pouco impressionados, mas ainda assim a rir. A história de Mahon fez Wilson escarnecer.

«Não terias coragem de imprimir isso», disse Wilson. E Daniel, também, nos fez sorrir. Pois nunca antes tinha pensado num pregador terreno a ser repreendido pela voz do seu próprio filho, daquela maneira.

«Talvez ele estivesse a dar tanga ao velho», disse Wilson.

Sim, fomos para casa. Não, eu fui a um restaurante. A Menina Owen foi para casa. E Wilson e eu fomos para o Hotel Savoy, ceámos e encontrámos alguns amigos; e falámos sobre o teatro e Lloyd George. Do outro lado da sala estava J. L. Sachs a falar com Albert de Courville. Marconi estava por perto. E Gladys Cooper entrou.

É um mundo estranho, meus mestres.

CAPÍTULO VII

O Dia de Luto da Fleet Street — Como Northcliffe Começou a sua Nova Missão no Mundo — O Dr. Ellis Powell Traz Northcliffe de Volta à Terra — Ele Torna-se no Simples «Harmsworth» Novamente — Como ele Espera Encontrar o seu «Senhor».

BEM me lembro do dia 14 de agosto de 1922. Foi o dia em que o meu querido Chefe morreu. Passei o dia em lágrimas; contudo, passei o dia a trabalhar. Durante semanas, em momentos soltos, andara a preparar o seu obituário. Nunca me tinha dado a tanto trabalho com nada na minha vida. Queria ser tão estritamente justo, sob o ponto de vista de tudo. Queria ser franco; contudo, não queria ofender. Estão a ver, eu amava Northcliffe por causa das suas fraquezas, não por causa da sua força. O grande jornalista não me atraía. Eu gostava do ser humano, cheio de pequenos defeitos. E, olhando para trás para quase vinte anos da minha associação com ele, lembrava-me de todas as pequenas coisas parvas; e escrevi-as todas.

O meu amigo Charles D. Sandeman, que estava a trabalhar comigo quando Northcliffe estava a morrer, conhecera o Chefe, também; e tinha-o amado. E passámos pelo meu manuscrito, e depois pela prova, uma e outra e outra vez, dia após dia, lembrando uma coisa nova para acrescentar, pensando que alguma palavra, talvez, devesse ser retirada, para não ofender.

E depois, neste triste 14 de agosto, chegou a notícia de que Northcliffe estava morto.

«O Sr. Albery gostaria que escrevesse um artigo sobre Northcliffe para o *Bystander*», trouxeram-me o recado.

Lembro-me de que estava a chorar, com a prova do *Daily Graphic* na mão, quando a mensagem chegou.

«Não consigo escrever mais nada», disse eu, com a voz embargada.

Contudo, ditei mais uma página. E lembro-me de que as primeiras linhas foram: «Os meus olhos estão cheios de lágrimas enquanto escrevo estas palavras.»

Escolhi as fotografias de Northcliffe para o *Daily Graphic*. Uma delas era uma carta que ele me tinha enviado no dia seguinte àquele em que os alemães tentaram matar-lo.

«É totalmente falso que eu esteja morto.»

Escrevi as linhas por baixo delas. Montei as páginas. Mas receio que tenha sido tudo feito muito mal.

Estão a ver, há muito poucas pessoas na nossa vida de quem, realmente, gostamos. Podemos perder a maioria delas sem darmos por isso; mas quando passa da existência um homem cujo menor ato se reflete, a cada hora, em algo, nalguma forma de trabalho que nos absorve — se ele está sempre a publicar, e conseguimos ler nas entrelinhas de tudo aquilo — quando ele nos fascina por causa da sua irreverência e nos domina por causa da sua vontade — sim, mesmo que não o vejamos há meses — se um homem a quem ainda consideramos o nosso mestre mesmo depois de o termos deixado, passa da nossa vida, deixa uma lacuna muito grande.

A maior parte da Fleet Street não quis saber, receio bem. Não conheciam Northcliffe; mas aqueles de nós que tinham trabalhado com ele, e os que trabalhavam com ele ainda, encontraram-se, e evitavam os olhos uns dos outros ao falar dele. Mesmo quando, duas semanas mais tarde, vi J. M. Dick na rua, ele tinha lágrimas nos olhos.

Lembro-me da primeira página do *Daily Graphic* com a sua linha de topo, que eu escrevi:

DEATH OF LORD NORTHCLIFFE, THE GREATEST JOURNALIST WHO EVER LIVED.

E lembro-me de que alguém disse que não era verdade, e falou sobre Delane, ou algum velho caduco e maçador que, nestes dias, não seria rigorosamente nada.

Quase andei à pancada nessa noite quando um homem disse algo desagradável sobre o Chefe. Eu próprio já disse coisas amargas sobre

Lord Northcliffe; mas nunca ouvi outro homem tecer qualquer crítica sem sentir algo erguer-se dentro de mim que rebentava numa resposta irada.

Lembro-me de deambular pelas ruas nessa noite, a falar sobre Northcliffe com um amigo. E, durante todo o tempo, sem eu saber, o Chefe que, na morte, como na vida, estava destinado a ser o maior propagandista do seu tempo, já tinha começado a sua nova missão, para converter este mundo à ideia cristã de que «Não há morte».

Sem eu saber, a algumas milhas de distância de onde eu caminhava, o Chefe já estava a falar — a tentar falar. Já tinha arrombado o caixão que, na altura, nem sequer tinham começado a fazer. Tinha-se erguido do túmulo no qual ainda não o tinham colocado. Poucas horas antes, ele estava a morrer, demente, num telhado em Carlton Gardens; e agora, onze horas após a sua morte, fazia o seu primeiro discurso a partir do outro mundo. Estava numa sessão em casa de Potter, em Forest Hill!

«Ele passou sem primeiro dar um nome», diz o registo oficial de Potter. «Mas pela natureza das suas observações, e pela maneira, julgámo-lo provavelmente ser Northcliffe.»

Estavam perfeitamente habituados, aparentemente, como veem, a que espíritos recentemente libertados passassem.

«O Dr. Ellis Powell passou mais tarde, o que deu ao círculo a impressão de que devia ter sido Northcliffe, uma vez que o Dr. Powell estava particularmente interessado nele, e era amigo pessoal do líder deste círculo, e tinha passado até ele muitas vezes, inclusive na noite após a sua própria morte. A entidade que se julgava ser Northcliffe deu a impressão de ter feito a travessia em extrema fraqueza, e com algum problema de cabeça. Disse que passaria na sessão seguinte, que seria na quinta-feira, e acrescentou que estava agora feliz e livre de dores. Enquanto Northcliffe esteve ali, cantámos três estrofes de "Quão Doce Soa o Nome de Jesus". Ele escutou reverentemente até termos terminado, após o que gritou: De novo, de novo! e cantámos as restantes três estrofes.»

No encerramento desta sessão, na noite da morte de Northcliffe, o Sr. Potter observou que gostaria de ter uma garantia mais clara sobre

quem era o espírito que precedeu o Dr. Powell. Imediatamente, o seu filho Clifford, que nunca antes estivera em transe, foi subitamente tomado por algum controlo. Levantou-se do seu assento e, caminhando pela sala, pegou do sofá um exemplar do *Evening News* desse dia que continha uma grande fotografia de Lord Northcliffe e, caminhando de volta, colocou-a diante do seu pai, dizendo: «Foi este quem foi.» Depois, despertando, saiu do controlo, sem saber o que tinha feito.

Seguem-se então estes registos oficiais, feitos na altura pelo Sr. Potter:

«Na quinta-feira seguinte, 18 de agosto, a entidade que tinha sido trazida, conforme acreditamos, pelo Dr. Powell na segunda-feira precedente, passou novamente e deu o nome de Northcliffe. Parecia mais forte, agradeceu-nos, e disse que vinha outra vez, e usar-nos-ia para comunicar com o mundo. Pediu-nos para cantar, escutou, falou, e depois pediu-nos para cantar o hino novamente. Depois disse que não falaria mais por um pedaço, sugerindo que falaria mais tarde na noite.

Mais tarde, o controlo do círculo, falando num médium, disse a outro: Aceita o teu controlo. Seguiu-se então uma cena que desafia qualquer descrição. A mesma entidade passou novamente, com o controlo no outro médium a instá-lo a passar com mais força e a falar. Durante cerca de cinco minutos, ele foi instado pelo controlo da vida espiritual, insistindo que a entidade podia dar o seu nome em voz alta se tentasse, e ele tinha de tentar, e manter a promessa que fizera na segunda-feira.

"Eu podia dizer-lhes quem tu és", disse ele; "mas tens de lhos dizer tu mesmo, se isso te ajudar." A entidade fez então fortes esforços, e acabou por exclamar: "Nor- North-cliffe arms-worth."

Ele recuou então no assento. Repetiu o seu nome novamente, e disse que viria outra vez quando estivesse mais forte, e usar-nos-ia. Pediu-nos para cantar o mesmo hino novamente. Ao longo de tudo isto, o rosto do médium e o assentamento do cabelo assumiram a própria expressão das fotografias de Northcliffe.

Mais tarde, o controlo do círculo disse-nos que era Northcliffe, e que ele ia usar este círculo para falar ao mundo, e continuar o seu

trabalho, e estaria mais forte na sessão seguinte, acrescentando: Ele foi um grande homem; e é um grande espírito, e fará um trabalho ao convencer o mundo.

Na segunda-feira seguinte, 21 de agosto, ele veio novamente, pediu o seu hino, disse que estava a ficar mais forte para falar connosco e para nos ajudar, e pediu-nos para o ajudarmos. Mencionou repetidamente os nomes de Gerald e Ann, e pediu-nos para comunicarmos com Greig, ou Graig. Terminou com: Tentarei falar convosco noutra altura. Agradeço-vos muito — a todos. É muito difícil, mas estou a tentar. Eu hei de falar."»

Na quinta-feira, 31 de agosto, Northcliffe veio novamente. Deu o seu nome desta vez como Harmsworth, falou bastante alto por vezes, como se estivesse a testar o efeito do alcance da sua voz, disse que estava a progredir, pediu o seu hino e juntou-se ao canto do mesmo. Disse depois: «A terceira coluna, página 2, podia ser melhorada, e deveria ser reexaminada»; também «O artigo principal de um jornal deveria ser feito sempre o mais atraente». Disse que estava feliz, mas que era difícil passar, e tinha muito para dizer. «Resta-me apenas dizer "boa noite". Lamento tanto.»

Na segunda-feira, 4 de setembro, após o Dr. Powell ter falado, o controlo do círculo gritou de repente: «Visconde Northcliffe». Northcliffe passou imediatamente, dando o nome de Harmsworth. Saudámo-lo. Disse que estava a progredir na questão do controlo do médium. Falámos muito com ele. Disse que o seu irmão Cecil era muito cético nestas matérias; e acrescentou que receberíamos toda a evidência de identidade que pudéssemos desejar.

Na quinta-feira, 7 de setembro, veio novamente, dando o nome HARMSWORTH com um grito alto. Disse então: «Não era minha intenção gritar assim, amigos. Lamento. Oh, é maravilhoso aqui — além de toda a descrição. Nunca sonhei nem li sobre um lugar assim. Quem me dera valha-me Deus ter-me apercebido disso na vida terrena. Teria dedicado todo o meu tempo a falar dele ao mundo; e estou ansioso por fazer o que puder agora a partir deste lado. Sinto que farei mais agora do que alguma vez poderia no lado da terra. Digo-vos com certeza agora que, se ao menos tiverem fé, podem fazer mais pelo

mundo do que todos os meus jornais alguma vez poderão fazer, ou fizeram. Se ao menos soubessem como é o mundo espiritual, e soubessem que ele é feito pelos vivos na vida terrena, então a totalidade da vossa vida seria gasta a viver e a praticar a verdade; mas agora sinto que posso fazer mais do que nunca, e estou a lançar-me a fazê-lo.»

Tendo sido feita referência por nós ao facto de ele ter dado o manuscrito de Vale Owen ao mundo, disse: «É uma alegria. E, contudo, é uma tristeza eu não ter reconhecido que acreditava que eram a verdade, porque acreditava. ELES ERAM a verdade; não a totalidade da verdade, mas uma parte da verdade, e arrependo-me de não ter tido a coragem de o confessar e reconhecer quando estava na vida terrena.»

Conversámos juntos. Disse então: «Sabem, eu meio que acreditava em muitas das verdades do Espiritualismo antes de fazer a travessia. Mas não tive a coragem de confessar a minha própria crença. Pelo que vos peço, amigos, que se cheguem à frente e expressem a vossa coragem, e sereis recompensados. Eu falhei em muitas coisas; olhai que vós não falheis.»

Na quinta-feira, 14 de setembro, Northcliffe, durante uma longa e variada conversa, disse que, apesar de todo o seu sucesso, conseguia ver agora que a sua fraqueza era uma faculdade para a destruição mais do que para a construção, o seu desejo de esmagar um rival, de manter o outro homem por baixo em vez de dar a outros homens a sua oportunidade.

Perguntado: «Está satisfeito com os seus jornais tal como estão agora?», respondeu, rápido como um relâmpago: «Nunca estive satisfeito com eles.»

Tivemos depois mais conversa com ele sobre a «Spiritual Truth», que estávamos a lançar como um jornal semanal.

Na segunda-feira, 18 de setembro, Harmsworth veio novamente e deu-nos uma conversa bastante longa sobre a sua experiência ao fazer a travessia, como a primeira pessoa que encontrou foi o Dr. Powell e como, ao reconhecê-lo, o «bombardeou» com toda a informação que ele podia dar. Contou-nos como ele lhe contou muito, e o levou a ver

muito do que era indescritivelmente belo; como o colorido e os belos lagos o surpreenderam; como o levou até a um santuário onde ele iria, no devido tempo, contemplar o seu Senhor; e como o ajudou a «passar».

Harmsworth falou por uns bons quinze minutos, de forma muito evidente, respondendo a perguntas que lhe foram colocadas sobre os seus jornais.

Mais tarde na noite, o Dr. Powell passou e disse: «Harmsworth envia uma mensagem no que diz respeito aos seus jornais. Ele diz: Não deveis esperar que as minhas publicações tratem a vossa causa favoravelmente mesmo neste momento, mas não precisais de duvidar de que, num espaço de tempo muito curto, e quando a vossa necessidade for maior no desabrochar do vosso novo plano, elas estarão abertas para vós. Lembrai-vos de que elas receberam as publicações do Sr. Vale Owen; farão o mesmo novamente.»

Na segunda-feira, 25 de setembro, Harmsworth foi o primeiro controlo a passar. Perguntámos por que razão tinha passado primeiro, e ele respondeu: «Cantastes o meu hino.» Recordámo-nos então de que tínhamos terminado o nosso pequeno serviço introdutório cantando «Quão Doce Soa o Nome de Jesus». Deu uma mensagem pessoal ao Sr. Potter relativamente a algo não conhecido por mais ninguém. Perguntado PORQUE razão tinha dado a mensagem, respondeu: «Acredito que o meu nome estava ligado a isso na sua mente.» Isto estava correto.

Na segunda-feira, 2 de outubro, veio novamente primeiro, dizendo, dirigindo-se ao Sr. Potter: «Peço-lhe, da parte do Dr. Powell, que não estará aqui esta noite por estar presente numa função, que leve a cabo aquilo que ele lhe deu. O que ele comunicou é apenas parte das suas instruções; e é o desejo de toda a gente neste movimento.»

Respondeu a uma variedade de perguntas, terminando com: «Deste lado, dão muita importância ao PRESENTE, e tiram o máximo partido possível dele. Vivem para O FUTURO no PRESENTE. É isso que vós, no plano terreno, deveríeis aprender a fazer.»

Neste período das nossas sessões, um novo controlo do círculo assumiu o comando a partir do lado espiritual, e anunciou que amigos terrenos que tínhamos conhecido apenas teriam permissão para passar ocasionalmente, uma que vez que os que estavam no controlo tinham decidido seguir um curso de ensinamentos. Consequentemente, Harmsworth não tem vindo tão frequentemente desde então.

A sua vinda seguinte foi na quinta-feira, 3 de maio de 1923. (Detalhes sobre isto são dados noutro local.)

A vez seguinte em que passou foi para anunciar que tinha sido permitido e honrado com a transmissão do nome que deveríamos dar à nossa nova igreja, que estava então a ser fundada por ordem do Outro Lado; e nessa ocasião deu-nos uma longa conversa; e novamente a 17 de maio sobre o mesmo assunto.

Veio a seguir a 20 de agosto de 1923, quando, respondendo a algo que tinha dito, perguntámos se se referia à doutrina ou à moralidade.

«Referia-me à doutrina inteiramente», respondeu ele, «visto que tendes de ter doutrina. Quando falais de moralidade, nada posso dizer; pois não sou digno. Sou um proprietário de jornais; pelo menos era, há pouco tempo. Deveis lembrar-vos DISSO, quando fazeis perguntas. Já não compreendo a moralidade, e, pelo que consigo ver, nunca compreenderei. Quero dizer, o horizonte é tão amplo que sinto que nunca hei de compreender. Estou satisfeito por ter dito o que me vai na mente; se a minha mente se tornará ação, não sei. Tenho a corroboração do nosso amigo mútuo Ellis T. Powell nesta matéria; de facto, foi ele quem sugeriu o mesmo, pelo que não posso pretender ter sido o autor da ideia. Ellis T. Powell é o meu colaborador, folgo em dizê-lo, e o meu professor em muitas coisas.»

Foi a 24 de julho de 1924 que Lord Northcliffe, tomando o controlo do jovem Potter no círculo de Forest Hill, falou novamente.

«É meu prazer falar-vos novamente», disse ele. «Se alguma vez tiverdes qualquer interferência nos assuntos do mundo, evitai a Imprensa. Dia após dia os meus olhos se abrem cada vez mais para esse facto. Vejo agora que terrível maldição a opinião de alguns

jornalistas pode ser para uma nação; e quando olho para o que é impresso pergunto-me como homens com intelecto o conseguem ler.

O jornalismo, digo-vos, já teve o seu dia, e vai chegar o tempo em que a desilusão apagará os cartazes dos jornais do dia de hoje, e substituirá o sentido pelo disparate vão. Não consigo ver que uma civilização instruída possa continuar a absorver o que é atualmente dado por muito mais tempo. Uma saciedade tem de vir; e com a indigestão, a desinclinação.

Estou, talvez, impaciente com as atuais condições dos homens; mas a coisa pela qual anseio acima de tudo agora é pelo dia em que os jornais se tornem uma propriedade pública nacional; não para a imposição de ideias e políticas de indivíduos privados, mas com o propósito de transmitir notícias e ideias ao homem comum. Hoje em dia, não faz nenhuma destas coisas. Por um lado, temos os fragmentos de sensacionalismo, que eu criei, e com os quais substituí as reportagens mais longas da era vitoriana; e, por outro lado, temos o facto lamentável de uma moralidade viciosa e uma falta de compreensão espiritual. Os jornais deveriam estar nas mãos do povo. O dia virá em que os plutocratas serão derrubados na inundação. Boa noite, amigos.»

Umas seis semanas mais tarde, falou novamente.

«Boa noite, amigos», disse ele, com a saudação habituada. «Parece que passou bastante tempo desde que vos falei a última vez; e a terra onde costumava viver parece apenas uma vaga memória agora — apenas um mau sonho da minha parte. Esqueci-a; e não desejo lembrar-me mais dela. Já não tem qualquer papel a desempenhar na minha vida. Sinto que pertence ao meu passado, e acabei com ela. Não preciso mais dela, a não ser como um aviso do que se espera que eu possa evitar no futuro.

Estou agora a começar a aprender, digo deliberadamente A COMECAR, pois até agora sou novo nestes mundos onde os séculos parecem palha na brisa. Por isso não venho até vós para vos ensinar nada. Disse-vos as minhas opiniões quanto a mim próprio no momento, e confio que sejam opiniões que possam melhorar no futuro; mas presentemente sinto que há muito pouca esperança de eu

avançar de forma minimamente rápida. Estou a aprender tão devagar, e há tanto para aprender. Cada dia aprendo mais e mais sobre as imensidões ao meu redor; e à medida que percebo mais, assim sei que o meu horizonte cresce em igual proporção.

Ora, esta não é a mente de um jornal, porque a mente de um jornal é egocêntrica; e embora possa aprender, não pode aprender muito, e as suas possibilidades são limitadas. Aprendi a "matar" o meu antigo eu. Aprendi a "assassinar" o meu antigo eu; a suprimi-lo, para que o meu eu real possa vir para a frente; e estou apenas agora a começar a apreciar esse eu real. No passado — dou-me conta agora — estive tão morto como um prego de porta. Não vi nada, e não tinha desejo de ver nada. Mas agora posso dizer que quebrei a barreira, arranquei as barras e olhei para o início, e sinto que ISSO é uma realização maior na minha vida do que qualquer coisa que alguma vez tenha feito. Peguei no meu antigo eu e afastei-o de mim, e nasci de novo. Boa noite.»

Todas estas palavras passaram, deveis dar-vos conta, da mesma maneira que eu tinha ouvido pela primeira vez la voz de Northcliffe no Círculo de Potter. Era sempre a voz do jovem Potter que falava; era sempre este mesmo pequeno círculo de humilde Espiritualistas que as ouvia. Falavam delas em casa, talvez, para si próprios; talvez, vagamente, as mencionassem nas suas reuniões de igreja ao domingo. Mas para eles a de Northcliffe não era mais importante do que qualquer outra voz que passasse — nem de perto tão importante como a de Daniel.

Nos seus registos oficiais, guardados pelo Sr. Potter, eram arquivadas; e, com o passar do tempo, foram, algumas delas, reimpressas no seu jornal semanal. Mas nós, na Fleet Street, não sabíamos. Nem sequer sabíamos que, a 14 de agosto de 1922, na própria noite da morte de Northcliffe, imediatamente após a presumível entidade de Northcliffe se ter manifestado no seu círculo, o Sr. Potter escreveu ao editor do *Daily Mail* e lhe contou o que tinha acontecido. Nada foi alguma vez impresso sobre isso, claro. Tivesse sido eu o editor do *Daily Mail*, teria atirado a carta para o cesto do lixo. É provavelmente o que ele fez; de qualquer forma, era isso que o Sr. Potter esperava que ele fizesse.

«E provavelmente, nas mesmas circunstâncias», diz o Sr. Potter, «eu teria feito a mesma coisa eu próprio.»

Dois anos depois, a notícia chegou-me, e da maneira que descrevi. E, poucos dias depois disso, eu tinha páginas e páginas de alegadas mensagens de Northcliffe. Seriam genuínas? Eu não sabia.

Semanas mais tarde, tendo em mente a minha projetada reunião no Queen's Hall, disse a Northcliffe, em casa da Sra. Leonard: «Posso aceitar as mensagens de Potter? Estou numa dificuldade quanto a isso, porque é apenas em casa de Potter, aparentemente, que disse algo de substancial sobre o outro mundo, ou as suas atuais ideias das coisas.»

«Sim, podes aceitá-las», disse Feda, falando por Lord Northcliffe. «Eu estava algures por trás delas; mas não estava sempre tão habituado a falar como estou agora.»

E disse-me para tirar o jovem Potter do Círculo do Conselheiro, para algum lugar onde ele pudesse falar através dele sob as nossas condições. Assim fiz. Mas outras coisas estranhas estavam para acontecer antes disso.

CAPÍTULO VIII

Como Encontrei o Espiritualismo pela Primeira Vez — Georgina Weldon e a sua Prancheta — A Busca de Max Pemberton, e a de Harold Ashton — O Sacrifício de Vale Owen e de Conan Doyle — O Médium de Abraham Lincoln.

FOI nessa altura que determinei sair para detetar este espírito de Northcliffe, para o expor se fosse uma farsa, para proclamar a sua existência se fosse a verdade. Ia entrar em lugares estranhos, no meio de pessoas estranhas, nas mais estranhas circunstâncias que alguma vez conheci.

Foi cerca de vinte anos antes que soube pela primeira vez alguma coisa de Espiritualismo. Quando estava hospedado em Brighton com a minha mulher, algures por volta de 1904, a Sra. Georgina Weldon, a famosa mulher litigante, contou-me que tinha recebido, através de uma mulher da limpeza, as mais extraordinárias mensagens de

Gounod, o compositor francês, outrora seu grande amigo, mais tarde seu amargo inimigo. Ela processou-o nos tribunais, expulsou-o de Inglaterra, porque ele não queria enfrentar a falência que foi o resultado de ele perder o caso, e depois fez as pazes com ele após ele ter ido para o outro mundo. E, através da mulher da limpeza, ele enviava-lhe mensagens de grande beleza, algumas delas em prosa brilhante francesa, que nenhuma mulher da limpeza poderia escrever; algumas delas em verso perfeito latim, que nenhuma mulher da limpeza poderia ler. Estas ela publicou em forma de livro.

Escutei, fascinado; mas não fiquei tão impressionado quando a Sra. Weldon, que era tão franca como eu, me avisou de que os espíritos eram os maiores mentirosos que ela alguma vez tinha conhecido.

«Não acredites numa única palavra do que eles te dizem», disse ela.

E depois, por meio de uma prancheta trabalhada por um jovem parente e por mim próprio, uma noite, ela falou com um velho chamado Maurice Guest, um parente de Lord Wimborne, de quem, na sua juventude, tinha sido noiva. Fiquei interessado no velho por um minuto; mas quando lhe perguntámos onde tinha estado nesse dia, e, na prancheta, ele respondeu: «No Jardim Zoológico», e continuou a contar-nos como tinha visto «urso, leão, elefante, camelo, morsa», e isto durou cerca de duas horas, fiquei muito aborrecido e pensei pouco mais no assunto. Quando, noutra ocasião, perguntei ao falecido Maurice Guest se me podia dizer quem assassinou a Menina Money no Túnel de Merstham — esse crime estava muito na moda, na altura, e eu estava no *Daily Mail* — ele enviou-me para uma morada perto do Caledonian Market. Mas, quando lá cheguei, o assassino não estava. Este fracasso em usar um espírito para propósitos jornalísticos afastou-me durante anos.

Não foi senão em 1915 que, voltando-me para o assunto seriamente por causa da minha crença de que o Espiritualismo poderia confortar algumas das milhares de mães que tinham perdido os seus filhos, pedi a Sir Oliver Lodge, Sir William Barrett, Sir Alfred Turner

e ao Dr. Ellis Powell para escreverem artigos sobre o assunto para o *Weekly Dispatch*.

«Sai e descobre se é verdade», disse eu a Max Pemberton, mais tarde. Ele não o fez. Viu o Sr. Vango, ou alguém, e um ou dois outros, mas voltou de mãos vazias. Após uma semana ou duas deixei cair os seus artigos.

Depois Northcliffe, em 1917, enviou numa busca semelhante Harold Ashton, que escreveu «À Procura do Tio George». Parecia mesmo. Era tudo sobre a Edgware Road.

Depois, em 1919, veio o manuscrito de Vale Owen.

Durante todos esses anos, li o *Light* frequentemente, e encontrei Espiritualistas com frequência; mas os afazeres do Jornalismo mantiveram-me demasiado ocupado para fazer ao falecido Maurice Guest mais perguntas.

Depois veio a visita de Valiantine; e depois apareceu o Velho Northcliffe. Foi então, por causa do meu interesse obsessivo no Chefe e em todas as suas obras, que, seriamente, comecei a minha longa e paciente investigação.

O que encontrei? Saí para um novo mundo, cheio de fé extática, mas um mundo, também, que estava cheio de credulidade infantil, no qual charlatães sem escrúpulos, diziam-me, faziam a vida à custa dos enlutados. Era tudo uma enorme confusão. Horatio Bottomley e o Além pareciam tão misturados que às vezes pensei que a frase, «Há mais coisas no céu e na terra, Horatio», era uma referência ao muito admirado fundador do *John Bull*.

Descobri, para minha surpresa, que havia 500 igrejas Espiritualistas em Inglaterra, em todas as quais ocorriam sessões regularmente, e em todas as quais havia serviços cristãos, altamente devocionais em caráter, seguidos, frequentemente, por descrições clarividentes de espíritos vistos de pé ao lado da congregação, acompanhados, também, por cura espiritual que parecia milagrosa.

Estas igrejas vinham a funcionar, algumas delas, há mais de setenta anos. Os seus pastores foram perseguidos, no início inicial, tão amargamente como os primeiros cristãos foram. Os médiuns a elas

associados eram sempre a presa das mulheres dos polícias, que faziam visitas para que lhes vissem a sina, com o resultado de que, quando obtinham algo que diziam não ser a sua sina, os médiuns eram levados a um magistrado, multados ou enviados para a prisão. Os informadores de corridas escapavam, e os donos de negócios fraudulentos; mas os médiuns — não!

Descobri que, por todo o reino, havia milhares de lares onde os Espiritualistas se reuniam regularmente para manter conversação com os seus queridos mortos; que na maioria destes nenhuns médiuns profissionais estavam presentes. Era exatamente como a Última Ceia na Câmara Alta, tão reverente como isso, e tão sagrado.

Contudo, descobri que, nos jornais, todo o assunto do Espiritualismo era ignorado, exceto quando era escarnecido e era alvo de desprezo. As acusações de «médium pago» eram usadas regularmente, exatamente como se não tivéssemos um Rei pago e um Primaz pago, e clero pago, e médicos pagos, e polícias pagos, e tudo pago. E, contra estes médiuns, acusações de fraude eram trazidas regularmente, com o resultado de que a acusação era trazida e publicada; mas quando o infeliz médium se atrevia a explicar, descobri que a sua resposta não era impressa de todo, ou era impiedosamente mutilada para se ajustar à ocasião.

Durante os meus quatro meses de investigações sobre a verdade do Espiritualismo, deparei-me com dois casos deste género. No primeiro, a Sra. Deane tirou uma fotografia de espírito no Cenotáfio, uma imagem que continha todo o tipo de rostos estranhos e era o trabalho mais amador alguma vez conhecido na história da fotografia.

Ora, embora a fotografia psíquica tenha sido alvo de investigação por cientistas durante muitos anos, os cientistas continuam a dizer que não a compreendem. A. G. Hales, o correspondente de guerra, obteve uma imagem da sua falecida mulher; o Rev. F. C. Spurr, de Birmingham, converteu-se ao Espiritualismo em parte porque o Sr. Hope, de Crewe, tirou uma imagem do seu falecido filho. E há centenas de outros casos bem documentados que nenhum cientista consegue explicar.

Mas alguns jornais sabiam tudo a respeito do assunto, aparentemente, sem qualquer investigação. Acusaram a pobre e pequena Sra. Deane de copiar, na sua placa, imagens de Siki, Jimmy Wilde e de alguns futebolistas! A Sra. Deane foi acusada de falsificação — a pobre e pequena Sra. Deane, com a sua câmara de três xelins e seis cêntimos e um quarto escuro feito puxando cortinas ao longo das pernas de uma mesa de cozinha! Acusações por atacado foram trazidas contra a simples e infeliz criatura.

Mas quando Sir Arthur Keith, o maior antropólogo do mundo, declarou que «Nem uma das fotografias reproduzidas é idêntica a qualquer uma das representações, ou fotos, reproduzidas na fotografia de espírito», escassamente um jornal imprimiu a sua resposta. O *Daily News* foi uma brilhante exceção.

Um jornal disse que a Sra. Deane tinha sido demitida do Colégio Britânico de Investigação Psíquica por artimanhas; contudo, quando J. Hewat McKenzie, o diretor do Colégio, escreveu a dizer que isto era falso, nenhuma atenção foi dada ao seu desmentido. Sir Oliver Lodge escreveu uma carta a defender a Sra. Deane; mas esta não foi impressa. E quando Dennis Bradley escreveu a desafiar o editor a não perder o seu tempo com a fotografia de espíritos, «a qual não é aceite por nenhum estudante de investigação psíquica como evidência de sobrevivência», mas sim a refutar, em vez disso, por exemplo o Capítulo 21 do Livro II do seu volume, «Towards the Stars», nenhuma atenção foi dada a isto de todo.

Não fico surpreendido, porque, quase como se tivesse sido assim ordenado, Bradley escolheu um capítulo no qual era descrita uma sessão com Valiantine na qual Harold Wimbury, Newman Flower e Caradoc Evans estavam presentes. Digo «ordenado», porque Harold Wimbury e Caradoc Evans, sem Bradley saber, eram ambos outrora colegas do editor em particular que tinha impresso este ataque. Um espírito, que se alegava ter falado nesta sessão, era o de um tal Walter Downing, a quem o editor conhecia tão bem como Wimbury conhecia — e eu conhecia — em Birmingham, vinte anos antes. Para poder refutar este capítulo, ele teria de desacreditar dois dos seus melhores amigos. Mais do que isso, ver-se-ia numa posição curiosa em relação a Walter Downing, a quem ele admirava tanto como nós, há muitos

anos. Tenho de o levar a uma sessão de Bradley, um dia destes. Então ele compreenderá.

É assim que todos estes ataques ao Espiritualismo se finam. As pessoas que contestam, habitualmente, nunca foram a sessões. Elas precisam das experiências que eu tenho tido.

Sim, os médiuns eram frequentemente tratados desta maneira, descobri eu, quando comecei a investigar.

Mas estes seres infelizes, dos quais a polícia se pode fazer presa, não eram de modo algum os únicos no movimento. Encontrei ao meu redor algumas das mais distintas pessoas da terra, pessoas cujos nomes nunca são impressos como sendo Espiritualistas, mas pessoas que andam a investigar há anos. Muitas delas estavam convencidas; outras sentem que estão no limiar a cada hora.

No dia em que o Marechal de Campo Lord Grenfell foi sepultado, por exemplo, o Dr. Abraham Wallace, da Harley Street, ligou-me e disse: «Sabe que Lord Grenfell foi um Espiritualista convicto durante muitos anos? Ele tinha evidência irrefutável de sobrevivência, há muito tempo, e era membro do Ghost Club.»

Noutro jornal, não há muito tempo, li: «Nos anos recentes, tem havido uma onda de interesse histérico no Espiritualismo, e este ganhou uma aparente importância porque várias pessoas famosas (embora quase sempre após algum luto desestabilizador) declararam publicamente (e nalguns casos muito lucrativamente) a sua crença nele.»

Isto não era verdade no caso de Sir Arthur Conan Doyle, por exemplo, a cujo apoio de todo o coração a este movimento presto todos os tributos, sabendo o dinheiro que ele gastou com isso, sabendo o tempo que lhe custou, sabendo a contumélia e o desprezo que sofreu. Contudo, Conan Doyle tornou-se um Espiritualista, não quando o seu filho Kingsley morreu, na guerra, mas já recuando a 1886.

Quanto a Sir Oliver Lodge, cujo livro «Raymond» fez centenas de milhares de pessoas investigar, ele escrevia sobre o assunto do Espiritualismo já recuando aos anos oitenta.

De facto, foi no Palácio de Buckingham, em 1892, que Doyle e Lodge, encontrando-se pela primeira vez, quando ambos esperavam para ser investidos cavaleiros, passaram os vinte minutos que haviam de decorrer antes de receberem o título da Rainha Vitória a discutir o Espiritualismo!

Ora, a questão surgiu na minha mente — se Sir Arthur Conan Doyle estava no seu juízo perfeito quando, amargamente atacados como estávamos pela Europa por causa da Guerra dos Bôeres, foi escolhido pelo Governo em 1901 para escrever a história oficial dessa luta lamentável, porque estaria ele louco, anos antes, quando começou a dar-se conta de que as verdades espiritualistas, de que a Bíblia está cheia, eram tão verdadeiras hoje em dia como eram quando Cristo viveu, e quando, anos depois, escreveu livros que procuravam provar que a era dos milagres são todas as eras do mundo, que a Vida é uma continuidade, e que a Natureza progride desde os tempos mais primitivos até à sua derradeira finalidade? Milhares aceitaram Sherlock Holmes, uma criatura de ficção, como sendo um facto; mas não reconheceriam Kingsley Doyle, um facto, como sendo outra coisa que não um sonho!

Depois Blatchford reconheceu a sua conversão.* Estaria Blatchford louco quando nos avisou, há doze ou treze anos, de que a Alemanha ia fazer-nos guerra? Com certeza que estava! Todos o dissemos, não foi? E por isso ele estava louco, claro, no ano passado, quando disse que tinha falado com a sua falecida mulher.

**NT: Consultar o Apêndice*

Depois ouvi dizer, também, que o Rev. R. J. Campbell tinha sido convencido. E seguiu-se, pouco depois, a reunião na qual o Rev. F. C. Spurr, de Birmingham, reconheceu a sua conversão. Contudo, isto foi considerado um assunto de tão pequena importância que, no *Birmingham Post*, no dia seguinte, apenas catorze linhas foram dadas ao assunto, embora ele fosse o não-conformista mais conhecido na Cidade.

Numa sessão, encontrei Sir Robert McAlpine, e, noutra, Lord Dewar! De facto, encontrei as pessoas de mente mais fria e as mais astutas a fazer investigações.

E encontrei outras pessoas. Mas, acreditem-me, nenhuma delas estava «a ganhar dinheiro» com o movimento. O Rev. G. Vale Owen, por exemplo, teve de deixar a sua igreja quando Lord Northcliffe imprimiu a sua história original, há seis anos. Ele reuniu a sua família ao seu redor e disse: «Devemos imprimir isto? Significa a ruína para nós. Temos de começar tudo de novo.» «Não importa», disseram eles, «é a verdade.» Aparentemente, era. De qualquer forma, ele teve de deixar a sua igreja. Terá a Sra. Alfred Lyttleton ganho algum dinheiro com o movimento? — ou Lady Grey? Acreditem-me, não. Encontro, de facto, mais devoção abnegada no movimento Espiritualista do que encontrei em quase qualquer outro organismo cujas credenciais tenha examinado.

Mas era uma terra estranha em que entrar, este mundo espiritualista, um mundo cheio de armadilhas. Ouvi, na minha investigação, as coisas mais extraordinárias, como, em 1871, a Sra. Guppy, por exemplo, uma médium maravilhosa e uma das mulheres mais pesadas de Londres, foi transportada três milhas desde a sua casa em Highbury até a uma sessão em Bloomsbury sem dar por isso — sim, todo o caminho desde Highbury até à Lamb's Conduit Street, onde onze conhecidos Espiritualistas estavam sentados! «John e Katie King, os espíritos controladores, transportaram-na, embora a porta estivesse trancada», li eu. Poucos meses depois disso, enquanto Lottie Fowler, uma médium, estava sentada num ómnibus na Oxford Street, ouvi dizer que foi transportada para uma sessão em Bloomsbury; dezoito meses mais tarde, o Sr. Henderson, um fotógrafo, enquanto estava sentado numa sessão em casa da Sra. Guppy, em Highbury, tinha sido transportado uma milha e meia até a uma casa em Holloway; enquanto Frank Herne, outro médium, quando caminhava à luz do dia perto de Islington, dizia-se ter sido transportado para uma sala na casa da Sra. Guppy! Todas estas coisas estranhas se alegava terem acontecido, apropriadamente, algures perto do Angel. Aconteceram todas, felizmente, antes de eu nascer; mas também o incidente, registado na Bíblia, de como Elias foi arrebatado ao Céu num carro de fogo.

Mas não foi nos anos setenta, aparentemente, que todas estas coisas estranhas aconteceram. Pois um jornalista, que eu conheço,

procurou-me, pouco depois de as minhas investigações começarem, e contou-me como ele, um «médium de transporte», como é chamado, no seu tempo livre tinha trazido cinco peixes-dourados e dois peixes-gato do outro mundo para um balde de água sob as mais estritas condições de teste!

«Depois de dois terem vindo», relatou o Rev. J. W. Potter, que estava presente, «medimos a água no balde e descobrimos que eram dois quartos e meio pinto, meio pinto mais do que antes de os peixes virem. Eles trouxeram assim também meio pinto de água. Um sexto peixe-dourado veio, também, mas estava morto. Eles retransportaram o morto de volta para donde tinha sido tirado e lá trouxeram-no à vida novamente, envolvendo este último processo o uso de alguma da água no balde, e no fim, em vez de termos dois quartos de água no balde, havia meio pinto a menos. Black Eagle explicou como a água tinha sido essencial para retransportar o peixe morto de volta. Tenho dois destes peixes a nadar num frasco diante de mim enquanto escrevo esta manhã.»

Sim, ouvi coisas estranhas — como, numa igreja Espiritualista no sul de Londres, tinham trazido o seu pão e vinho sacramentais do outro mundo antes de um Serviço de Comunhão, como, quando um Espiritualista se casava, o ramo da noiva era trazido por espíritos do outro mundo, e como uma cruz de ouro tinha sido trazida por espíritos para a mulher do pastor como um tributo de amor!

E haveria de encontrar um clérigo anglicano, com um vicariato no oeste de Inglaterra, que me haveria de dizer que, em várias ocasiões, tinha feito sermões no seu púlpito enquanto estava em transe. «Estou frequentemente sob controlo de espíritos quando prego», diz ele. «A congregação não sabe, exceto que notam que estou mais eloquente, por vezes, do que estou noutras ocasiões.» Este clérigo haveria de dizer-me, também, que pratica cura espiritual, e tinha induzido outro clérigo anglicano na vizinhança a seguir o seu exemplo. Tinham ido ao Arquidiácono para conselho; e o Arquidiácono tinha-lhes dito que não havia nada que os impedisse. Afinal de contas, a imposição de mãos é de origem apostólica, possuindo, hoje em dia, sanção do Livro de Oração. O próprio Bispo de Londres, creio eu, a tem praticado.

Sim, pergunto-me o que diriam os Bispos se soubessem que, espalhados por todo o país, estão clérigos anglicanos que aceitam o Espiritualismo como uma verdade. Eu próprio estive numa sessão onde este pároco em particular estava em transe, aparentemente sob controlo de espíritos.

Era um mundo estranho em que eu estava a entrar — um lugar estranho, de facto, para encontrar o falecido Lord Northcliffe, antigo proprietário do *Comic Cuts* e do *The Times* e fundador do *Daily Mirror*.

Os órgãos Espiritualistas que li estavam cheios de belas ideias; mas continham, também, anúncios estranhos. «Não há morte», anunciava o Sr. J. J. Vango. «Sessões para investigadores; segundas-feiras, 8, 2s., quintas-feiras às 3, 2s. 6d.» James Kennedy, de Glasgow, anunciava: «Leituras Astrológicas detalhadas. Dados necessários, hora, data, ano, local de nascimento e sexo. Honorários, 5s., 10s., 20s.» «Ajuda e Conselho Espiritual Dados. Honorários 2s. 6d.» era outra coisa que lia, bastante perto de uma mensagem que se dizia vir do outro mundo. Signor, de Glasgow, estava a vender «Como Ler Chávenas de Chá» por 1s. 7d., «A Arte da Leitura de Cartas» por mais dois tostões, enquanto a Menina Archer dizia-se dar conselhos sobre o «Espiritual, Psíquico e Material. Segundas e terças-feiras, horas 12 às 8 p.m. Honorários 2s. 6d.» Isto acontecia na Grove Green Road, Leyton, Essex, E.11. Por baixo de um anúncio dos serviços da «Comunidade Espiritualista» no County Hall, Admiralty Arch, encontrei anunciado uma «Loja Astrológica», enquanto a pergunta: «Está em dúvida ou dificuldade?» precedia um anúncio de que a «Madame Liela dá conselhos sobre todos os assuntos da vida quotidiana, também leitura curta de horóscopo». E noutro jornal Espiritualista encontrei uma versão métrica de uma comunicação que se dizia ter vindo de São José de Arimateia!

Sim, toda a forma de sentido e disparate parecia estar misturada neste movimento. Quanta verdade havia nele? Havia muito para descobrir.

E, durante todo o tempo, estavam a representar em Londres «Santa Joana», o nobre drama de Shaw, a maior peça desde

Shakespeare, a qual contava como a Igreja Católica Romana tinha feito uma santa a partir de uma rapariga camponesa francesa que era guiada por vozes de espíritos. Por esta altura, também, Londres estava vibrante com uma peça chamada «Outward Bound», que lidava com o assunto da sobrevivência e que, com a sua história do que acontece às almas no outro lado, fascinou muitos milhares. E um dos grandes eventos musicais do tempo foi a execução de «A World Requiem», cuja música, John Foulds, o compositor, contou-me, lhe foi em parte dada do Outro Lado. «Ovíamos a música na sala enquanto ele estava sentado ao piano», disse a sua mulher. «De facto, eu conseguia ouvi-la a partir de uma sala nas traseiras da casa.»

Bem, eu ia sair para este estranho mundo de maravilha — para me ser dito que Abraham Lincoln costumava sempre consultar o seu guia espiritual antes de tomar qualquer grande decisão e que Thackeray e a Sra. Browning, e Andrew Lang e o Cónego Wilberforce, e Alfred Russel Wallace e Robert Owen, Garibaldi e Lombroso, Sully Prudhomme e Victorien Sardou tinham andado todos a investigar ao longo do caminho que eu ia trilhar. E ia saber, também, que quase todos eles se tinham convencido, em consequência, do facto principal da sobrevivência humana.

O que ia eu encontrar? Perguntava-me.

CAPÍTULO IX

Como Fui Convencido — O Milagre de uma Sessão de Bradley — Northcliffe Fala Através de uma Trombeta — Frances Carson Fala com o seu Falecido Marido — O Pai de Donald Calthrop Regressa.

ACHO difícil refletir que foi a 6 de outubro de 1924, apenas quatro dias após começar as minhas investigações sobre a sobrevivência de Lord Northcliffe, que fui convencido da verdade do Espiritualismo.

Sim, levou apenas quatro dias. Encontrei uma mulher num serviço Espiritualista no Eolian Hall, poucas semanas mais tarde, que me contou que durante vinte anos tinha ido a sessões sem ter uma

única experiência pessoal que fosse convincente. Contudo, ela acreditava! Tivessem as minhas experiências sido como as dela, eu teria permanecido como São Tomé toda a minha vida, querendo ver as marcas nas Mãos e nos Pés, ainda não convencido. Eu julgava-me o mais endurecido cético; contudo, levou apenas quatro dias.

Lembrem-se de que, alguns meses antes, eu tinha sido um daqueles poucos altamente privilegiados que tinham assistido, na casa de Dennis Bradley em Kingston Vale, a uma das sessões nas quais George Valiantine, o médium americano, deu a notável exibição dos seus poderes registada em «Towards the Stars». Nessas sessões, pessoas famosas foram convidadas — Marconi, com quem o alegado espírito do Dr. Barnett tinha discutido o futuro do rádio; William Archer, que tinha agradecido ao seu filho, a quem reconheceu numa sessão, por lhe dar, numa mensagem de espírito, o enredo de «The Green Goddess»; a Viscondessa Grey de Fallodon; Newman Flower, o brilhante biógrafo de Handel, a quem Feda, o guia da Sra. Leonard, tinha uma vez aconselhado quanto a onde encontrar um quadro desaparecido de Handel, de que ele precisava para o seu livro; Robert Lynd, o inteligente crítico irlandês; Caradoc Evans, que tinha sido convencido quase imediatamente; Lord Dewar, que falou, na minha presença, com uma voz que pretendia ser a do seu irmão, Arthur. Sim, dezenas deles iam lá abaixo, celebridades de todo o género.

Na sessão a que assisti, uma voz, anunciando-se como «Avô Hannen», passou. Falei com ele, um tanto assustado no escuro, muito nervoso; pois nunca me tinha sentado antes.

«Segue em frente com o teu trabalho», disse-me ele.

«Eu julgava que já estava a trabalhar o bastante», lembro-me de dizer.

É um bocado difícil, estando nervoso, tentar encontrar palavras. Soavam muito parvas; mas eu tinha de dizer alguma coisa.

«Fala com ele», tinha sussurrado Bradley, e eu tentei manter uma conversa.

Mas, impressionado embora estivesse, não fiquei convencido. Era verdade que Valiantine, que tinha jantado com os Bradleys e comigo

próprio antes de o resto do grupo chegar, nada sabia sobre mim, e que o meu nome não foi mencionado. «Mas eu sou talvez um homem bem conhecido», pensei eu. «Talvez ele tenha ouvido os Bradleys falar de mim, reconheceu-me pela descrição inconsciente deles e depois arriscou a parte do Hannen.»

Eu sabia que, nas sessões de Bradley, William Archer e a Viscondessa Grey tinham sido falados em espanhol; que uma senhora austríaca tinha sido falada em alemão; que Caradoc Evans tinha ouvido o dialeto de Cardigan do seu galês nativo; que russo tinha sido falado à Sra. Rollo; que italiano tinha sido falado a Marconi; e que se dizia Caruso ter cantado, bem no alto do teto, na língua de Nápoles, a sua terra natal.

Mas não se aceita evidência do Além assim, mesmo que a aceitem quando leem o Novo Testamento, relativamente à escrita do qual nada sabem de todo. Tem de ter lugar em Jerusalém para vos convencer, não em Kingston Vale.

Bradley, contudo, andava no meu encalço. Ele tinha sido convencido; por isso não me deixava descansar. Ele andava preocupado comigo, suponho eu, porque sabia que eu tinha a coragem das minhas opiniões, pelo menos se alguns dos seus outros amigos a não tinham.

«Vem cá abaixo na segunda-feira à noite», telefonou-me ele, «e traz a Louise Owen e quem mais quiseres. Podes ouvir a voz direta, sem qualquer médium profissional. Acreditarás se acontecer esta noite?»

«Sim», disse eu.

Disse ao pessoal da redação, acrescentando: «Se acontecer esta noite, tenho de acreditar.»

«Não serás convencido demasiado facilmente», disse Francis Cook, o gestor do *The People*, habituado a mim por esta altura, mas sempre um bocadinho nervoso em relação à minha sanidade. Homens de negócios estão sempre nervosos em relação a pessoas como eu.

«Bem, se Bradley o conseguir fazer», disse eu, «tenho de acreditar.»

E Bradley fê-lo.

Lembro-me de a Louise Owen, a Madeleine Cohen e eu irmos de carro para lá abaixo, muito excitados; pois aqui, finalmente, estávamos a aproximar-nos da Verdade. Jantámos; o grave e reverendo mordomo serviu-nos tão calmamente como sempre, habituado por esta altura ao reboliço excitado de pessoas que querem falar com os mortos. Depois, após o jantar, fomos para o escritório de Bradley, decorado meramente com fotografias dos seus amigos, alguns desenhos feitos por Rilette para os seus anúncios, livros escritos por pessoas que ele conhecia. Era um aposento arranjado com bom gosto, com um gramofone, uma secretária de escrita e cortinas de veludo muito grossas.

Apagámos as luzes e sentámo-nos em redor, apenas seis amigos.

Ora, antes de vos falar da maravilha que aconteceu, tenho de explicar que conheço Dennis Bradley e a sua encantadora mulher há cerca de doze anos, e o seu filho Anthony, que está agora em Cambridge, e que formava o outro dos seis que se sentaram, desde que ele era um menino muito pequeno. A Louise Owen, conheço-a há vinte anos — a Madeleine Cohen, há nove. Éramos todos os seis amigos íntimos. Confiávamos todos uns nos outros. Respeitávamo-nos todos uns aos outros. Nenhum dos seis teria pregado uma partida a qualquer um dos outros sobre nada no mundo, especialmente sobre esta coisa tão grande.

Eu não acreditava que fosse acontecer, embora aceitasse a palavra de Bradley. Estava naquele género de dúvida. Acreditava; e contudo não acreditava.

Quando as luzes se apagaram, Bradley ligou o gramofone. Depois de colocar no chão uma trombeta de alumínio, semelhante à de Valiantine, com a extremidade larga marcada por uma faixa luminosa, sentámo-nos na escuridão enquanto o gramofone reproduzia as vozes de Galli-Curci e Battistini. Viu-se então a trombeta ser erguida no ar e, passados alguns segundos, andava a agitar-se, como se estivesse a reger a música, em movimentos amplos e vigorosos.

Passado algum tempo, pudemos ver a trombeta, que tinha caído ao chão, mover-se novamente em linha reta, mas de forma algo

nervosa, desta vez em direção a Madeleine Cohen, que estava sentada em frente a mim. Um leve sussurro veio da trombeta, o qual não conseguimos ouvir, embora parecesse dizer a palavra «Mãe».

«Fala mais alto», disse Bradley.

Ela repetiu a palavra «Mãe» de forma mais clara; depois disse «Madeleine» e «Querida», acrescentando algo sobre «Beijos».

Foi então que soube que o Espiritualismo era verdade.

Soube que os mortos não estavam mortos; que, profissional ou amador, ou o que quer que fosse, não era tudo uma farsa, mas sim que a amada mãe da Menina Cohen, que tinha morrido há nove anos, tinha realmente falado com ela e que estávamos na presença dos mortos vivos, em sagrada comunhão com os santos. Soube que Doyle tinha razão, e que Lodge tinha razão, e que os tolos e os céticos estavam errados. Soube que a Vida do Além, referida no Livro de Oração, decorria ao nosso redor, numa fusão do presente e do futuro, que aquilo que a Bíblia nos tinha ensinado estava correto e que a frase: «Aos seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos» não era meramente uma frase vã que repetem na igreja, mas sim algo profundo escrito pela vontade de God.

Depois a trombeta foi erguida no ar novamente; e ouvimos o nome «Feda».

Vireis a ouvir falar bastante sobre Feda. Ela é uma grande amiga minha; é a guia espiritual da Sra. Osborne Leonard. Quase todos os Espiritualistas conhecem o seu nome. Ela aparece em todo o tipo de sessões a que vou agora; e é sempre a mesma, não importa quem seja o médium, uma almazinha jovial, alegre e alegre, que traz e leva e faz quase tudo o que lhe pedimos.

«Feda, consegues fazer com que Lord Northcliffe fale?», disse Bradley. «Tenta lá.»

«Farei o meu melhor», sussurrou Feda através da trombeta, a rir e a acrescentar, julgo eu, «Não é uma maçada?» Pois ela gosta muito de usar essa frase. Ouve-se em todo o tipo de sessões.

Pouco depois, a trombeta caiu ao chão novamente e houve uma pausa. Sempre que nada acontecia, ligávamos o gramofone de cada vez. Depois a trombeta foi erguida de novo, a música parou, a trombeta aproximou-se mesmo de mim a poucas polegadas do meu braço direito e disse: «O Chefe. O Chefe. Estou tão contente por te ver, Swaff.» Eles costumam dizer «ver», e nós usamos a palavra em resposta e perguntamos quem é.

A trombeta aproximou-se de uma forma determinada, bastante diferente daquela com que tinha ido ter com a Menina Cohen quando a sua mãe falou. Estava ali uma pessoa muito dominante a falar. Sim, era Northcliffe, tão certo, seguro e ditatorial como sempre.

«Estou tão contente por te ver», continuou a voz, quando respondi.

Depois a trombeta moveu-se diretamente ao longo de onde estava a Menina Owen, sentada ao meu lado à minha direita. Saudou-a também, chamou-lhe «Louise» e disse quão contente estava. Depois, movendo-se de volta para mim e depois de volta para ela, várias vezes, disse: «Deveis continuar a fazer sessões até conseguirdes a voz direta. Tenho um grande trabalho para vós fazerdes, por Deus e pelo mundo. Boa noite.»

Foi a primeira vez que ouvi falar da missão para a qual Lord Northcliffe me enviava — uma missão que haveria de levar a uma confissão pública de fé no Queen's Hall.

Sim, mal sabia eu que esta era a primeira de muitas mensagens do género que iria receber de Lord Northcliffe, mensagens que me instavam a imprimir e publicar a Verdade, mensagens que eram insistentes, que pediam, por vezes, e que inclusive ordenavam. Obedeci-lhes escrevendo este livro, ao qual as mensagens se referiram frequentemente, não uma vez, mas talvez uma dúzia de vezes.

Veio então outra voz.

«É o Warren», disse Bradley.

Eu tinha ouvido Warren falar na sessão com Valiantine. Eis a sua voz de volta, exatamente a mesma voz amigável e bem-humorada.

Aqueles que leram «Towards the Stars» sabem tudo sobre Warren Clarke. É chamado de «W. A.» nesse livro.

Veio então outra voz.

«É a Annie», disse Bradley.

Sim, era a mesma Annie que eu tinha ouvido na sessão com Valiantine, a irmã de Bradley, Annie, que morreu há alguns anos e que, falando com ele na América, onde ninguém sabia que ele tinha uma irmã Annie, o convenceu da grande Verdade da qual ele era por esta altura um tão corajoso apóstolo.

No caso da voz que falou com Madeleine Cohen, apenas ela foi interpelada, embora a trombeta, antes de cair, se tenha aproximado e tocado no meu braço. Não conheci a Sra. Cohen na sua vida terrena; mas tenho falado dela, claro, centenas de vezes desde então. Pelo que ela saberia, se estivesse perto dos seus filhos, quão amigo íntimo de todos eles eu sou.

No caso da voz de Northcliffe, apenas a Menina Owen e eu fomos interpelados. No caso de Annie e Warren, os Bradleys foram interpelados primeiro; e, depois, nós, os três visitantes, fomos introduzidos a uma amizade que continua por todas as sessões a que assistimos nas quais Warren e Annie aparecem.

Não havia nada na voz de Northcliffe que pudesse ser reconhecido como sendo a do meu antigo Chefe; pois, como todas as vozes vêm através da mesma trombeta, todas possuíam, grosso modo, a mesma qualidade, embora, no caso de cada orador, houvesse um algo distintivo, uma espécie de personalidade.

O método de abordagem, quando Northcliffe falava, era o de um grande homem dominante; quando Feda falava através dela, era o de um ser jovem e alegre que usava a trombeta, e movia-se rapidamente, como um duende a moveria, ou uma forma de fada; quando a voz da «Mãe» era ouvida, era tudo muito sério; mas quando Warren e Annie falavam, a trombeta movia-se de uma forma amigável como se estivesse habituada a estar no círculo.

Estivemos sentados, suponho, um pouco mais de uma hora; e depois regressámos de carro a Londres, nós, os três visitantes, num estado de alegria extática. Sabíamos que o Espiritualismo era verdade.

Não vou dizer que aceitei, na altura, que fosse Northcliffe quem me falava. Precisava de mais convicção sobre a sua personalidade do que isso. Mas do facto maior da sobrevivência estava seguro.

Sim, conduzimos para casa maravilhados, as mulheres um bocado lacrimosas, mas falando quase com temor reverencial das grandes coisas que tínhamos acabado de saber.

Depois, um dia ou dois mais tarde, Sir Arthur Conan Doyle procurou-me e almoçámos no Authors' Club. Contou-me como Northcliffe tinha falado com ele em Nova Iorque, algum tempo antes.

«Era Northcliffe um homem indiscreto?», perguntou ele.

«A alma da indiscreção», respondi.

«Fiquei surpreendido a respeito dele», disse Doyle. «Contou-me uma quantidade de coisas de família que quase me fizeram corar.»

Sim, esse parecia ter sido Northcliffe muito bem. E Doyle aconselhou-me a não fazer uma declaração pública da minha nova fé. O caminho dos pioneiros é árduo, queria ele dizer. Não importa. Uma luta estava a caminho por causa de algo; mais valia que fosse por causa disto.

Entretanto, chegaram-me cartas de todo o mundo. A Sra. Albert Chevalier escreveu de Brighton, contando-me que tinha falado com o seu querido marido, três meses após ele ter feito a travessia. «Diz à minha velha companheira para não se desgostar», escreveu ele através da mão de uma senhora amiga; e, através de uma sobrinha, escreveu: «Albert, Fred, Tio John, Mary, Deenie, Bunnie, Noddie, Flossie.» Os nomes Deenie, Bunnie, Noddie, Flossie eram os nomes dos nossos cães que tinham morrido. A minha sobrinha nunca tinha ouvido falar de Noddie. Ela certamente não tinha pensado numa vida futura para animais. Ficámos espantados. O meu marido e o meu filho Fred têm-me dito desde então muitas vezes que todos os nossos cães estão com eles e que trazem os animais de estimação para me verem. «Não fui fácil de convencer ao início; parecia tão impossível. Mas à medida que

uma após outra comunicação evidente vinha, já não podia duvidar. Agradeço a Deus pela Sua misericórdia em me permitir saber a verdade. Não é tudo muito razoável, e apenas o que se poderia esperar de um Deus de Amor? A bela reunião numa vida futura — depois de tudo o que temos de suportar aqui sobre esta terra — através do sofrimento e desgosto da separação dos nossos entes queridos.»

Recebo centenas de cartas agora, como essa.

Durante dias seguidos, falei da sessão de Bradley, contei a toda a gente que encontrava. Devem ter pensado que eu estava louco. Não compreendiam que quase toda a gente que saísse de uma das sessões privadas de Bradley sairia convencida.

E depois, no espaço de uma semana após eu ter sido convencido, a mesma maravilha haveria de se repetir; pois, no domingo seguinte, depois de me ter sentado pela primeira vez com a Sra. Leonard, para ver quem Dennis Bradley me tinha levado lá abaixo numa sessão que ele tinha arranjado — esta sessão está registada no Capítulo X — sentámo-nos novamente em Dorincourt, sete de nós, quatro novos visitantes, o Sr. e a Sra. Bradley e eu próprio.

Bradley não conseguia descansar, por esta altura. Queria provar a todo o mundo a verdade daquilo que sabia. Para esta noite, tinha convidado a vir cá abaixo Donald Calthrop, o inteligente jovem ator-gestor; Frances Carson, a atriz americana que tinha recentemente representado em «Havoc»; Edward Huskisson, o calmo e reservado editor do *Tatler*, o último homem que eu esperaria estar interessado em coisas psíquicas; e P. G. Wodehouse, o escritor inglês de contos, cuja reputação é ainda maior na América do que é aqui.

Jantámos, lembro-me, todos nós, e discutimos Jornalismo e as artes, o antigo *Globe*, no qual Wodehouse costumava escrever a coluna «By the Way», e uma dúzia de coisas; depois fomos para o escritório de Bradley — e sentámo-nos.

Antes de muitos minutos terem passado, aconteceu no escuro uma das cenas mais emocionantes de que alguma vez fiz parte; pois a trombeta subiu, foi em direção a Frances Carson, que estava à minha esquerda, e disse: «Frances, minha querida. É o Eric.»

«Oh, meu querido, estás vivo?», gritou ela, desatando a chorar.

Não sabíamos nada dela, ou da sua história, nenhum de nós. Não sabíamos que ela tinha sido casada. No sabíamos que ela alguma vez tinha estado apaixonada. Mas da escuridão tinha vindo, para a nossa presença, o espírito do seu marido, que tinha morrido subitamente de pneumonia na véspera de Ano Novo, sete anos antes!

Vai-se ao teatro para se ser emocionado por alguma cena comovente de amor, sabendo, durante todo o tempo, que não é verdade. Nunca houve uma representada na minha presença num teatro tão perfeita como esta. Era tão bela e tão real. A Menina Carson clamava alto de alegria.

«Perdoem-me por chorar», disse ela.

«Não sejas parva», respondi. «Se o teu marido tivesse regressado após um ano na América, terias chorado na sala de estar. Porque não podes chorar se ele saiu do túmulo?»

E falaram, o espírito de Eric e ela, das suas recentes férias em Devonshire, pelas ruelas calmas de onde ele frequentemente tinha desejado levá-la nos dias felizes e antigos do amor juvenil; e falaram do seu sucesso em Londres, pelo qual ambos tinham ansiado quando viviam na América, pensando em Londres como a última cidade a ser conquistada.

«Nunca pensei que uma coisa tão maravilhosa pudesse ser», disse ela, «que o Eric pudesse falar novamente comigo...»

Depois, quando a trombeta tinha caído, voltou a subir e sussurrou a Donald Calthrop. Era o seu pai, John Clayton, o ator, que morreu antes de ele nascer.

«Segue em frente com o teu trabalho, meu rapaz», disse ele. «Eles não amam o teatro; mas tu e eu amamos.»

Esqueci o resto; mas lembro-me de o Donald dizer como toda a gente lhe contava que o seu pai costumava falar como se tivesse uma ameixa na boca e recordo a voz do espírito e ele a rirem disso juntos.

Depois a mãe de Donald Calthrop veio e falou com ele, e depois a sua «Tia Emily», que não usou la trombeta, mas falou do meio da

noite. Ouvimos o roçar do seu vestido de seda, que o Donald disse que ela sempre usava. A sua voz era muito suave, e nem todos conseguiram ouvir o que ela disse; mas eu ouvi, tão facilmente como Calthrop ouviu; pois estava sentado ao lado dele.

Depois uma mulher que Huskisson tinha conhecido falou com ele, perguntou por que razão ele não tinha trazido a sua mulher cá abaixo e, quando lhe perguntaram se se lembrava do Nigger, respondeu: «Sim, era um cão retriever.»

Depois veio uma mensagem para Wodehouse, mas não conseguimos ouvir o nome. Soou como «Pai» ou «Walter». Foi o mais perto que chegámos.

Mas disto sei eu, que quatro de nós regressámos de carro para casa no automóvel de Huskisson — Calthrop passou a noite em Dorincourt — a falar excitadamente do que tinha acontecido, Huskisson e eu compreendendo-nos um ao outro pela primeira vez. Eu não tinha gostado muito dele antes; mas esta experiência íntima tinha-nos aproximado. Víamos as coisas mais sob um único ponto de vista...

Por esta altura, deveis dar-vos conta, ao lerdes isto, de que eu tinha algo de definitivo por onde seguir, que já não podia a artimanha profissional ser dada como razão para o que tinha acontecido, mas sim que estávamos em terreno sólido, o terreno sólido da própria mediunidade de Bradley, que ele tinha desenvolvido na sua própria casa, com a sua mulher, em poucas semanas. Tinha-lhe levado menos de dois meses a desenvolver esta grande dádiva de ser o meio através do qual os espíritos podiam falar connosco a partir do túmulo. Outras pessoas têm levado anos e anos. A Bradley tinha-lhe chegado em seis semanas ou coisa parecida.

«Realizaremos estas sessões uma vez por semana, Dennis», disse eu; «vós, os três Bradleys, a Louise Owen, a Madeleine Cohen e eu próprio. E teremos um visitante bem conhecido a cada semana, uma pessoa com nome, que assinará uma declaração do que vivenciou. É a melhor maneira de convencer o mundo, eu sei.»

Mas, ai de mim, passados poucos dias, o espírito de Warren Clarke passou e disse a Bradley que as suas sessões tinham de ser interrompidas. Ele estava a «exceder-se», e eles iriam deixá-lo doente

se continuassem. Assim, durante três meses, nada aconteceu na casa de Bradley. Não podemos ordenar as coisas deste lado. Estamos em Mãos Mais Altas...

CAPÍTULO X

Como a Sra. Osborne Leonard Faz as Sessões — Northcliffe Fala Comigo Durante Duas Horas — Ele Começa a Acumular Evidências — Ele Descreve a sua Nova Missão no Mundo — A Maravilhosa Mensagem de Bradley Vinda da sua Irmã.

NA MINHA primeira sessão com Bradley, eu tinha aceite a evidência de sobrevivência. Isso era, claro, a coisa de importância capital, sob o ponto de vista de um homem comum. Mas eu andava atrás de Northcliffe. Sempre acreditei, de alguma forma vaga, na sobrevivência, mesmo nos meus estados de espírito mais agnósticos. Mas havia Northcliffe de quem se certificar, ainda. O espírito com quem eu tinha falado disse que era o meu antigo Chefe. Seria ele?

Eu era um repórter no encalço de uma grande história. Não era o investigador comum a procurar evidências, mas sim um jornalista a detetar um jornalista, a tentar obter a notícia, a tentar saber o que o outro tipo sabia.

Compreendia que, se conseguisse encontrar Northcliffe e certificar-me dele, estabeleceria mais do que alguma vez tinha sido estabelecido antes, no que dizia respeito ao público em geral. Homens brilhantes, honestos, astutos e pacientes — Lodge, Doyle, Blatchford, dezenas de outros — tinham todos encontrado parentes e satisfeito a si próprios; mas o mundo nada sabia de Raymond Lodge ou Kingsley Doyle ou da Sra. Blatchford. Nem eram eles entidades definitivas, características, idiossincráticas; os seus parentes podiam saber e compreender, mas mais ninguém.

Mas, em Northcliffe, se o encontrasse, tinha um homem que daria evidência da sobrevivência de uma personalidade que era inequívoca. O mundo conhecia-o, pelo menos de reputação. Cada grande estadista em cada país tinha sido influenciado, pelo menos uma vez, pelo que ele dizia; tinha havido períodos em que ele quase controlava os

destinos do Império Britânico. Se fosse verdade que ele tinha passado para uma esfera espiritual a partir da qual a comunicação era possível, seguramente ele, de todos os homens que alguma vez viveram, esforçar-se-ia por comunicar com a terra; pois nesta vida ele era o arquipropagandista, o editor mestre e o maior publicitário da sua era. Nunca um ser foi tão dotado pela sua formação terrena para levar a cabo uma campanha similarmente inquieta, incansável e incessante do Outro Lado.

Além disso, assim que o tivesse encontrado, poderia submetê-lo a contra-interrogatório, perguntar-lhe coisas, forçá-lo a provar-se a si próprio, desafiá-lo, falar com ele como um amigo e como um crítico. Eis um homem de quem eu conhecia cada estado de espírito. Eis um ser que se daria ao trabalho, se estivesse vivo, de espalhar a grande história por toda a parte. Nunca tal oportunidade fora dada a ninguém para provar que o Espiritualismo era uma grande realidade reveladora.

Não pensem que passei todo o meu tempo nisto. Mas fui mais ou menos forçado a continuar, por causa de coisas que aconteciam fora de mim.

Poucos dias após eu ter sido convencido na sessão privada de Bradley, e uma voz de espírito autodenominando-se Northcliffe ter falado comigo, Dennis Bradley telefonou: «Vou lá abaixo a casa da Sra. Leonard no domingo. Queres vir? Se te juntares a mim, espero que Northcliffe apareça lá; gostaria de falar com ele.»

Naturalmente, fiquei encantado; pois sabia como a Sra. Leonard estava sempre com a agenda cheia com um ano de antecedência, que não nos conseguíamos aproximar dela, que ela vivia num mundo à parte.

Assim, no domingo seguinte, seis dias após a minha experiência em Dorincourt, Bradley e eu conduzimos até East Barnet, onde a Sra. Leonard vive numa casinha de campo que se parece com o mais pequeno género de casa em Golder's Green. O seu marido é um inválido com um problema de peito. Vê-se ele, por vezes, quando se vai, mas mais ninguém. A Sra. Leonard costuma abrir a porta ela própria e conduz-nos diretamente para a sua sala de estar. Numa parede estão fotografias de assistentes distintos que fizeram da Sra.

Leonard uma amiga, e noutras estão duas grandes pinturas a óleo, que se diz terem sido feitas sob inspiração espiritual. Não são o tipo de quadros que se esperaria numa casa como esta; nem mesmo o apartamento de Eddie Marsh se sentiria envergonhado com elas.

Quase todos os assistentes da Sra. Leonard vão lá anonimamente. Mesmo quando saem, frequentemente, ela não sabe os seus nomes. Mas quando cheguei ela disse imediatamente: «Tenho de lhe dizer, Sr. Swaffer, eu sei quem você é.»

Não imprimo isto como uma prova da sua honestidade excessivamente franca. Sabia que me tinha sentado com ela uma vez numa sessão de Valiantine; mas não tenho dúvidas de que ela diria isto a qualquer pessoa que a procurasse, caso a reconhecesse.

Para ilustrar este anonimato, que é preservado quando possível, devo salientar o facto de que, há alguns anos, quando a Sra. Leonard se colocou à disposição da Sociedade de Investigação Psíquica por três meses, para que as suas credenciais pudessem ser testadas — foram provadas além de qualquer dúvida — ela deu setenta e três sessões ao comité. Todas menos três destas, creio eu, foram anónimas.

Uma médium como a Sra. Leonard preferiria saber nada. Preferiria que a sua mente fosse exatamente como uma ardósia em branco, pronta a ser escrita.

Bem, Dennis Bradley e eu sentámo-nos na sala de estar da Sra. Leonard. Ela puxou as cortinas um pouco e acendeu um minúsculo candeeiro a óleo numa pequena mesa, para que Bradley pudesse tomar notas exatas. Sentou-se numa cadeira perto de mim e entrou em controlo. No espaço de um minuto ou dois, Feda estava a falar, dizendo: «Bom dia.»

Ora, lembrem-se de que, cinco minutos antes, a Sra. Leonard não sabia que eu a visitava nesse dia. Apenas sabia que Dennis Bradley tinha marcado uma sessão. Não julgava que ela tivesse lido qualquer um dos três artigos que eu tinha impresso sobre as investigações de Northcliffe no *The People*; pois lembro-me de que mais tarde, ouvindo que eu o editava, ela disse: «Tenho de encomendar o jornal.» E eu aceitaria a sua palavra sobre qualquer assunto.

Aqueles céticos que acreditam que um médium de transe faz meramente uma quantidade de representação têm de compreender que, durante duas horas a partir daquele momento, se ela estivesse a fingir, teria de personificar uma mistura de Feda e Northcliffe, isto é, a personalidade de Feda e as palavras de Northcliffe. Tinha de se submeter a uma espécie de contra-interrogatório por mim. Tinha de saber uma quantidade de coisas conhecidas apenas por Northcliffe e por mim. Tinha de estar atenta, como Bottomley no banco das testemunhas, tão cuidadosa como Crippen a responder às perguntas de vida ou morte de Sir Richard Muir, exceto que, como deveis saber, nem todas as perguntas são respondidas na maioria das sessões, de maneira nenhuma.

Não se devem forçar as coisas em demasia, senão não se obtém nada. A evasividade poderia ser fácil; mas, por outro lado, o súbito surgimento de evidências históricas seria, a todo o momento, impossível. O que saberia uma médium como a Sra. Leonard dos assuntos de Lord Northcliffe? Nada! Tinha lido o *Daily Mail*, suponho eu. Sabia acerca do *Comic Cuts*, talvez. Podia lembrar-se de que Northcliffe tinha tido um serviço fúnebre na Abadia de Westminster. Uma mulher assim poderia, ou não, saber que Northcliffe outrora controlou o *The Times*.

Mas deveis lembrar-vos de que o conhecimento geral é a coisa mais limitada do mundo. Se perguntásseis às primeiras vinte pessoas que encontrásseis onde é que George Robey estava a representar, duvido que três vos conseguissem dizer, mesmo que ele estivesse a ganhar £600 por semana nessa mesma noite no London Hippodrome.

Bem, imediatamente após Feda falar, Northcliffe passou. Eu não o aceitei na altura, lembrem-se.

"Falei através da trombeta para a Louise", disse ele. "Chefe, W. A. e Annie."

Ora, a Sra. Leonard pode ter lido no *People* daquela manhã o que eu escrevera sobre a sessão da segunda-feira anterior. Devem lembrar-se de que um dos meus principais problemas relativamente a este inquérito Northcliffe era o facto de eu ser um investigador e um jornalista ao mesmo tempo, e de escrever quase todas as semanas,

dando possíveis pistas a médiuns, dizendo coisas estranhas, talvez, que eles poderiam aproveitar, caso fossem fraudulentos. Era por isso que eu estava tão desconfiado.

Mas, muito em breve, Northcliffe deu provas de si mesmo, em pequenos pormenores peculiares.

Por um lado, começou a falar sobre algo que tinha falado com Louise Owen naquele mesmo quarto. Não posso mencionar o assunto, pois embora por trás desta referência esteja a história de um grande romance, de uma grande amizade, as pessoas não acreditariam em mim se eu contasse a verdade nua e crua, tal como Northcliffe ma contou naquela manhã e noutros dias. O mundo costuma acreditar no pior dos homens. Isto diz respeito a algo demasiado sagrado para eu publicar; mas foi uma prova imediata de que quem quer que estivesse a falar era outra pessoa que não nós os três ali sentados. Eu conhecia, de leve, alguns dos detalhes desta história. Tinha ouvido boatos sobre ela; mas não sou pessoa que acredite no pior lado de nada. Já vivi tempo suficiente no mundo; e sei por experiência própria de vida como os motivos mais nobres são muitas vezes transformados em algo desprezível, assim que o mundo distorce alguns factos isolados. Mas Northcliffe voluntariou a história.

"Antes de eu fazer a passagem, algum idiota intrujão começou a tentar tirar partido disso", disse ele.

Essa pequena parte eu posso imprimir.

"Depois disso, como é óbvio, uma ou duas pessoas espertas começaram a fazer montanhas de montículos de terra. Eu não me importei; mas sei como se reagiu a isso. Hannen, o Bradley está bem?"

Vem-se como Northcliffe queria, cuidadosamente, que esta história fosse guardada do mundo. Até obter a minha garantia de que Bradley estava "bem", ele não continuaria a falar sobre o assunto, mesmo ali.

"Fiquei muito preocupado e aborrecido com as coisas que as pessoas diziam", continuou Northcliffe.

A sua própria voz, naturalmente, não a conseguíamos ouvir; era Feda a repetir as palavras por ele. "Era inteiramente assunto meu. Se

eu decido ser responsável, irei até ao fim; mas não posso fazê-lo da maneira que gostaria. Não há ninguém através de quem eu possa trabalhar."

"A Louise não o pode fazer?", perguntei, consciente do facto de que este grande organizador tinha deixado desorganizado algum detalhe importante da sua vida.

"Não sei se devo arrastá-la para isto", disse ele.

E logo a seguir surgiu uma daquelas pequenas provas que quase saltam para o meio da conversa numa sessão, convencendo-nos.

"Tenho um nome novo para a Louise. É 2 L.O. Ouvi-a chamar."

Esta pequena tirada é distintamente Northcliffe. Ele tinha sempre nomes novos para as pessoas. Às vezes permaneciam por anos; às vezes morriam em meia hora. Mas nós lembrar-nos-íamos deles. Humphrey Davy, por exemplo, era o "Humpty Dumpty", e eu era "O Poeta".

Depois, após mais um pouco sobre esta história romântica e trágica, que está agora enterrada noutra sepultura, Northcliffe tentou contar-me algo sobre como se tinha magoado em Broadstairs.

Ouvem-se pequenas coisas estranhas como esta, que temos de confirmar de forma evidente quando tentamos seguir o rasto de um espírito. Muitas das pistas perdem-se. Algumas não significam nada. Algumas poucas tornam-se factos concretos, quando se investiga. Northcliffe já transmitiu pelo menos uma centena.

Depois falou de uma amiga que tinha falecido recentemente.

"Eu já cá estava algum tempo antes de ela fazer a passagem", disse ele. "Senti que ela vinha, mas não estava preparado para ela nessa altura. Estava ansioso por causa dela; mas a sensação de inquietação passou. Há um dos filhos dela aqui que fez a passagem. Ela ficou muito surpreendida por encontrá-lo a viver aqui."

Isto significa, escusado será dizer, que alguma criança nascida morta tem agora uma vida espiritual no Outro Lado. As provas deste tipo de coisas são muito gerais. Até um feto tem vida, como se vê,

num sentido espiritual. Encontramos muitas crianças nas várias conversas de Northcliffe.

"Eu adorava crianças", continuou Northcliffe nesta. "Tu e a Louise compreenderam-me mais do que ninguém", disse ele, tentando explicar que nós saberíamos o que ele queria dizer com aquilo. "Outros não apreenderam a parte fundamental da minha personalidade."

Tenho de ser bastante franco em relação a esta referência dele. Pode soar arrogante, mas acredito piamente que compreendi o Lord Northcliffe tão bem como qualquer outra pessoa que ele alguma vez conheceu. Conhecia-o de forma tão intuitiva que, quase sempre, quando ele me ligava para fazer alguma coisa, eu era capaz de dizer: "Fiz isso esta manhã, Chefe." Conseguia ler-lhe a mente perfeitamente. Foi por isso que, quando editei o *Weekly Dispatch*, gozei, durante quase todo o tempo, de mais iniciativa do que qualquer outro dos seus editores. Sabia até onde podia ir. Eles pensavam muitas vezes que eu estava a ir longe demais; mas eles tinham, na sua maioria, medo de avançar um centímetro. Não compreendiam que Northcliffe gostava do esforço, mesmo que este não tivesse sucesso. Preferia que um homem fizesse algo errado a que não fizesse nada.

"Dá tantos erros quantos quiseres, mas nunca cometas o mesmo erro duas vezes", disse-me ele uma vez.

Eles tinham medo de cometer algum. Não me admira; a ira dele era por vezes terrível.

Depois falou do "rapaz de quem eu gostava tanto que fez a passagem na Guerra. Tinha grandes esperanças nele."

"Qual era o nome do pai dele?", perguntei, esperando que ele se referisse, como prova, ao seu irmão; pois o filho mais velho de Lord Rothermere, Vivian, devia ter sido o herdeiro de Northcliffe, e era sem dúvida este o rapaz a quem ele se referia. Mas, infelizmente, ele foi morto na Guerra e ali chegou ao fim uma das grandes esperanças do Chefe.

"O rapaz fez a passagem antes de mim", foi tudo o que respondeu. "Havia coisas que eu pensava que poderia fazer com ele.

Sentia-me mais próximo dele do que o pai. O rapaz estava à minha espera quando eu fiz a passagem. As pessoas pertencem-se umas às outras através de uma relação de alma."

De seguida, continuou a falar da mãe, que era o seu ídolo e o seu principal esteio na vida. Mais uma vez, não devo repetir o que ele disse. A intimidade era demasiado sagrada.

Depois Northcliffe referiu-se novamente ao que tinha falado através da trombeta de Bradley — brevemente — sobre a grande obra que havia para fazer pelo mundo.

"Ele diz que tu, Herbert, tens um grande poder, e a tua esposa", disse Feda. Feda chamava sempre "Herbert" a Dennis Bradley, tal como a sua família.

"Ele diz que fareis muito para convencer o mundo de que existe uma vida além da física, que o salto para o desconhecido, que é tão aterrorizador, é apenas um passo para a divisão seguinte. Isso afastará o medo insidioso que ataca as pessoas. A maioria das pessoas permite que ele se torne a substância. Sabendo disto, quero tirar esse peso, essa limitação das pessoas."

Temos ouvido falar muito disso, desde aquela tarde de outono. Northcliffe refere-se a isso quase todas as vezes que fala. O propagandista estava em atividade, como se vê.

"Quero tirar esse peso, essa limitação das pessoas."

Cedo viria a saber que isto era um Evangelho para ele.

Depois sugeriu uma das suas formas de o fazer.

"Pretendo ir a casa do Bradley, se me permitirem", disse ele, com aquela forma curiosa de misturar as pessoas com quem estava a falar, característica de um cérebro que trabalha rapidamente e vai de uma pessoa na sala para outra, mesmo na mesma frase.

Bradley ficou muito surpreendido com isto. Disse algo como: "Podemos não estar de acordo, Northcliffe. Não estávamos na terra."

Bradley, como se sabe, foi pacifista na Guerra. Northcliffe teria continuado, mesmo que a Guerra tivesse durado vinte anos.

"Ter-nos-íamos irritado mutuamente", disse Northcliffe, "mas essas inibições supérfluas já não contam agora. Eu chego ao essencial das coisas. Tinha o dom para o essencial."

Depois veio uma referência mordaz a algo que tinha acontecido recentemente no negócio que já não era dele. Mais uma vez, devo omitir as palavras.

Seguiu-se uma pequena cena emotiva, durante a qual obtive a minha primeira convicção absoluta de que era com Northcliffe que eu falava. Ele estava a falar de outra pessoa.

"Entregue a si próprio, o que teria ele feito?", disse ele. "Não muito. Tem um dom notável para usar o intelecto, o corpo e a alma de outras pessoas, se os conseguisse obter. A ti não te conseguiu apanhar, Swaff."

Depois, após algumas palavras, falei-lhe intimamente.

"Sempre gostei de si, Chefe", disse eu. Lembro-me de quase dizer: "Sempre o amei, Chefe." Pois nós ganhámos o hábito, aquelas pessoas que gostavam bem de Northcliffe, de dizer coisas como: "Nós amávamos o Velho."

Fiquei estupefacto com a resposta.

"Não digas gostava", respondeu Northcliffe. Eu sabia que ele conseguia ler o que estava no meu cérebro. "O amor é a mola motora. Muitos me amaram; mas há amor e amor. Eu amava-os como a filhos crescidos, filhos estúpidos, mas filhos. Ninguém ficou tão surpreendido como eu ao descobrir o amor de que fui alvo vindo dos quadrantes mais inesperados."

O espírito sobrevivente de Northcliffe tinha andado pelos seus escritórios, não tenho dúvidas, depois de ele ter feito a passagem; e tinha ouvido muita verdade. Tinha aprendido que alguns daqueles que mais tinham lucrado com o seu sucesso não gostavam dele em sentido nenhum, mas que muitos dos pequenos, que nada tinham beneficiado, eram os que gostavam dele por ele próprio. Um grande génio inspirador, como Northcliffe era, é assim.

"Não há ninguém que o tenha amado particularmente?", disse eu, tentando obter provas.

Não vieram.

Mencionou algumas pessoas isoladas, não pelo nome, apenas descrevendo-as. Não conseguimos reconhecer nenhuma delas, embora tenhamos analisado as suas palavras com muito cuidado mais tarde.

Depois descreveu como "O meu rosto está liso. Sentia-me tão cansado predestinado ao fim. O meu cérebro não me deixava descansar. Funcionava a dez vezes a velocidade com que trabalhava antes. Não conseguia mantê-lo numa linha, e tinha dez pensamentos todos embrulhados uns nos outros. O resultado era a confusão. Estava a esgotar as forças do meu corpo. Eu era como um vulcão reprimido. A minha mente não conseguia trabalhar através daquele coágulo cerebral."

"Ele tem a certeza de que tinha um coágulo", disse Feda, repetindo subitamente na terceira pessoa o que ele dissera, "um pequeno coágulo no cérebro. Nunca se teria dispersado. Ele teria sido miserável... uma tortura."

Depois tentou descrever um amigo que fizera a passagem por volta da mesma altura que ele; mas a referência foi muito vaga. Pensei que se referia a Kennedy Jones, a quem se referiu, mais tarde, noutra sessão. Mas, nesta fase do meu inquérito, os detalhes de Northcliffe eram vagos. As provas surgiam muito lentamente.

"Admirava-o. Ideias maravilhosas", disse Northcliffe sobre este homem, de quem não conseguimos encontrar o rasto. "Pensava nele como alguém que pensava lá no alto, nas nuvens. Posso tê-lo magoado ao tentar contrariar algo nele. Costumava intrometer-me de repente na vida das pessoas; mas costumava ser oportuno."

"O senhor sabia magoar, Chefe", disse eu, com uma amargura súbita.

"Sim, eu magoava", concordou ele, "uma espécie de cauterização. Nunca tive a intenção de magoar estupidamente. Fazia-o para os acordar — para os agitar."

"Tem algum conselho para mim?", perguntei-lhe.

"Não estou a falar de coisas psíquicas agora", respondeu ele. "Estou a falar dos teus assuntos pessoais."

"Ele está a pôr as mãos sobre ti, Swaff", disse Feda, "e a levantar-te. Não, não te está a tirar da terra, embora tu fosses muito mais feliz se ele o fizesse."

"Swaff, tu expandir-te-ias aqui", continuou a voz, mudando novamente para a primeira pessoa. "As pessoas não te deixam, na terra. Não tens sido o teu verdadeiro eu. Tenho de te ajudar a alterar as tuas condições terrenas. Elas não são felizes, nem as mais indicadas para ti. Estás a entrar numa condição mais feliz, mais forte e diferente em ti mesmo e no exterior do que alguma vez estiveste antes. Tem paciência."

E seguiu-se outra conversa que devo omitir. Mas isto direi, que Northcliffe — lembrem-se, eu já sabia, num sentido emocional, que era Northcliffe quem falava — sabia tudo sobre mim, tudo o que estava a acontecer no meu escritório, tudo o que estava a acontecer na minha vida fora dele. Referiu-se a isso detalhadamente. Deu-me um aviso sério, que eu segui. Falou do futuro; e, no que diz respeito ao que já aconteceu, ele tinha razão em cada palavra.

Agora, compreendam que, ao suprimir aqui provas extraordinárias da forma como as forças espirituais procuram usar-nos como um meio para o seu fim, não estou a tentar esconder do mundo factos espantosos a meu respeito. Mas o problema das investigações espiritualistas, como já afirmei, é que há muito que temos de suprimir. É como um Ministro do Gabinete a tentar ser franco, quando sabe que os seus lábios estão selados pelo seu juramento ao seu Rei. Muito do que foi dito mostrava-me sob uma má luz; mas mostrava outros sob uma luz pior. Eu seria franco sobre mim próprio; mas as outras pessoas têm de ser consideradas. Posso dizer, contudo, que havia várias coisas importantes que eu estava ansioso por fazer naquela altura, e eram muito difíceis.

"Não gostas disso", disse Northcliffe, "a tua dignidade rebela-se contra isso. Mas não te antecipes. Segue cada dia à medida que ele vem. Aplica o projetor de amanhã sobre o assunto. Uma pista pode

ser-te dada muito de repente. Conserva as tuas forças nervosas e a tua energia para isso. Estou a apoiar-te aqui. Tens ajuda deste lado, mesmo sem que nada de definitivo aconteça. Vais senti-la a apoiar-te, espiritual e mentalmente. Não te falharemos. Ficarei apenas por trás de ti, interna e externamente.

"Já tinhas em ti há anos a capacidade de trabalhar para nós. A tua abordagem foi bastante justa. Eu fui até uma limitação para ti. Continuava a tentar colocar-te nos sítios onde não te ajustavas... continuava a dar-te empurrões mentais. Agora reconheço e vejo o que tinhas em ti na altura. Sei que vais trabalhar para mim, que te vais abrir a mim para garantir inspiração e impressão. Tens sido demasiado ávido no lado mental. Abre-te agora ao espiritual. Faz o espiritual funcionar através do material. Sê forte, mas não demasiado positivo."

Lembrem-se de que tudo isto foi escrito por Bradley conforme Feda o dizia por Northcliffe. Foi o primeiro vislumbre que tive de como os amigos do Outro Lado, se pudermos acreditar no que dizem, usam a inspiração, dão impressões, estão ansiosos por guiar, se nós deixarmos. Isto era verdade nos dias do Antigo Testamento, e quando os Apóstolos pregavam por toda a Palestina, e quando Joana d'Arc liderou os exércitos franceses à vitória. Afinal de contas, pensei eu, porque não haveria de ser verdade agora?

Depois veio um pequeno vislumbre do outro Northcliffe, algo vaidoso, consciente dos seus poderes jornalísticos.

"Posso dar-te uma boa quantidade de material", disse ele, "material que nunca foi escrito por nenhuma mente literária de tostão e meio antes, material real, material sólido, original. Não esperes maravilhas ainda."

"Estamos a lubrificar a maquinaria", interpôs Warren, que parece ter-se esgueirado até ao ouvido de Feda para meter uma palavra. Afinal de contas, Bradley tinha originalmente marcado a sessão para falar com ele.

"Calculo que seja isso", disse Northcliffe. "Tens um sistema nervoso difícil para eu trabalhar. Quem me dera poder falar contigo sem intermediário; então tu perceberias."

E surgiu na sua conversa algo tão íntimo que senti, de facto, que estava na presença de um grande amigo que estava sentado ao meu lado, exceto que eu não o conseguia ver.

"Tenho o aspeto que tinha cerca de sete anos antes de morrer", disse Northcliffe, continuando de repente. "Dar-te-ei confiança, equilíbrio, uma base de força espiritual. Trabalharei através de ti mentalmente."

Eu era um estranho para todas estas coisas, como aliás ainda sou, quase — apenas um repórter a registar a verdade fielmente.

"Quer dizer através da escrita automática?", perguntei.

"Não", respondeu Northcliffe, imediatamente. "A maior parte da escrita automática é uma treta. É a mente através da qual posso trabalhar, a mente. Estou a praticar contigo agora, ao início com pequenas coisas."

Depois veio outro Northcliffe, de imediato, um sentimental, tristonho, lamentando as mudanças.

"A cadeira ainda lá está", disse ele, "but não é usada da mesma maneira."

Os meus assuntos foram esquecidos, como se vê. Ele estava a olhar para trás, para os dias em que reinava e detinha o poder.

"É uma posição muito indigna para ela no escritório. Ninguém repara; mas a Louise repararia. Falarei através da trombeta em breve. O Bradley, presumo, pode providenciar as condições necessárias."

"Conseguiremos transmitir mais da próxima vez", intrometeu-se Warren, aqui. "Achei maravilhoso", sendo esta uma referência, escusado será dizer, à sessão da segunda-feira anterior.

Depois eu disse algo sobre a banda de jazz, cujos instrumentos Bradley por vezes coloca no chão, instrumentos que tínhamos visto ser levantados e tocados enquanto esperávamos pelas vozes.

"Ouve, meu velho, não te deves importar com a banda de jazz. É extraordinariamente bela e elevatória, mas a nossa é melhor do que essa."

"Não é tão má como os elefantes azuis em Manchester", disse eu, referindo-me a uma famosa eleição em que Northcliffe mandou pintar alguns animais de azul, e um cavalo se envenenou com um bocado do azul que saiu e se misturou na sua aveia.

Não tomámos nota do que Northcliffe respondeu; mas lembro-me de me rir na altura.

"A nossa não é música política", disse Warren. "A nossa era bastante decente. A banda ajuda."

Depois veio outra das experiências mais extraordinárias da minha investigação espiritualista. Warren tinha-se juntado à conversa. Afinal de contas, a sessão era de Bradley. E então Annie transmitiu mensagem.

Deu conselhos ao irmão sobre uma pequena preocupação em casa. Disse-lhe que o seu génio às vezes não era tão bom como poderia ser; e depois referiu-se a um facto, desconhecido para mim ou para a Sra. Leonard, de que a sua irmã Gertrude, muito doente com tuberculose, estava naquele momento a chegar a Montana, na Suíça. Eu nunca tinha ouvido falar de Gertrude antes.

"Foi uma viagem muito crítica", disse ela. "Teve de ser carregada para fora do comboio. Eu estava lá, a tentar dar-lhe vitalidade. Lamento não poder passar o dia contigo, Herbert; mas o Warren passará. Tenho de ir tomar conta da Gertrude."

Depois a mensagem de Northcliffe continuou até à sua conclusão.

"O meu melhor amor e os meus melhores pensamentos", dizia. "Tudo o que te posso desejar de bom. Agenta-te."

E saímos da casa da Sra. Leonard para nos irmos embora num estado de reverente admiração. Eu estava fascinado. Tinha obtido, reparem bem, muito poucas provas que pudessem convencer outra pessoa qualquer de que eu tinha falado com Northcliffe — esse tipo de coisas viria mais tarde —, mas estava absolutamente certo de que tinha sido Northcliffe a falar comigo.

Não há provas na história de que, em horas de crise, o Mestre tenha estado ao lado dos que sofrem na sua agonia. Mas eles souberam-no; e, quando o disseram, os outros não se riram.

A estranha sequela desta sessão matinal viria a acontecer à noite.

Algumas horas mais tarde, em casa dos Bradley, quando eu estava sentado com Calthrop, Huskisson, Wodehouse e Frances Carson, sendo Bradley, a sua esposa e eu as únicas outras três pessoas presentes, Annie transmitiu mensagem outra vez, mesmo ao fim, e disse: "Vais gostar de saber, Herbert, que a Gert está melhor. Não te preocupes."

A trombeta caiu quando ela acabou de dizer isto, e a sessão terminou.

Agora, percebem o que isto significa? É uma prova acima de qualquer dúvida de que, de manhã, tínhamos falado com Annie Bradley, que morrera há alguns anos, mas que tinha vindo de Montana, na Suíça, para trazer a Bradley notícias da irmã; que tinha regressado e passado o dia a cuidar dela; e que, à noite, aproveitando outra sessão, tinha regressado com boas notícias. Através de um médium de transe, de manhã, ela falara; e, através de uma trombeta, à noite, falara novamente. Era a mesma Annie a fazer o seu trabalho, a continuar.

O que são os anjos da Bíblia senão os espíritos que fizeram a passagem?

"Aos Seus anjos dará ordens a teu respeito, para te guardarem."

E quem seriam os espíritos escolhidos para um trabalho como este, se não fossem os espíritos daqueles que vos foram mais próximos na terra, que continuariam, noutro mundo, o trabalho que tinham deixado inacabado aqui?

Se tivessem lido este tipo de coisas no Antigo Testamento como tendo acontecido a Moisés num qualquer deserto árabe, receberiam a notícia com uma reverência respeitosa. Mas porque aconteceu a Dennis Bradley numa casa belissimamente mobilada em Kingston Vale, podem considerar que é um monte de disparates.

Eu só sei isto: que não tenho prova nenhuma de nada do que aconteceu a Moisés. Nem sequer sei se ele alguma vez viveu. Mas sei que esta coisa maravilhosa aconteceu a Bradley e a mim, há apenas algumas semanas, nos subúrbios de Londres.

"Deus não trabalha apenas através de israelitas mortos em planícies há muito esquecidas, sabem."

CAPÍTULO XI

As Mensagens de Northcliffe sobre a Melhoria do Mundo — "Estou empenhado em Travar a Guerra" — As suas Novas Perspetivas sobre o Socialismo — Ele Discute a minha Reunião no Queen's Hall — "Como o Espiritualismo poderia Salvar o Mundo."

A minha segunda sessão com a Sra. Leonard foi muito mais evidente do que a primeira. Northcliffe estava a habituar-se àquilo, por esta altura. Quanto a mim, começava a sentar-me bem, isto é, a colocar a minha mente numa condição recetiva. Estava a aprender a obter provas sem sugerir nada. Afinal de contas, tinha observado grandes advogados em tribunal durante muitas horas; conhecia a grande vantagem de não fazer perguntas indutoras.

Louise Owen estava comigo, desta vez. A marcação era dela e foi ela quem me convidou.

"O Chefe está ansioso por repetir as suas manifestações", disse Feda, imediatamente após a Sra. Leonard ter fixado os olhos até entrar em transe. "Ele tentou mostrar-se novamente no teu quarto", sendo isto dito à Louise. "Ele sabia que o Swaffer vinha cá hoje."

"Falei com ambos ontem", disse Feda, num pequeno aparte, por sua conta.

Isto era uma referência a uma sessão com Evan Powell — está registada no Capítulo XIV — onde Northcliffe falara com Sir Robert McAlpine e Sir Arthur Conan Doyle. A Sra. Leonard não sabia nada sobre isto.

"Ele falou o máximo de tempo possível ontem. Era ele, e manifestou-se. Ouviram um som muito peculiar como o corpo e os pés de uma pessoa a caminhar de um lado para o outro? Ele estava totalmente materializado. A dada altura, quase se apoiou no Swaff e em ti, de modo que não apenas os seus órgãos vocais, mas todo o seu corpo estava ali. Ele lamenta ter falhado numa experiência, quando tentou mostrar-se. Tentou reconstruir o seu rosto. Ele organizou a sessão. Haverá outra, mais tarde. Devem ir os dois."

Nessa tarde anterior, tínhamos falado com Northcliffe várias vezes. Tínhamos ouvido um passo uma vez no círculo e Louise sentiu uma pressão no braço. Eu não senti nada; mas raramente sinto um toque nas sessões.

"A condição ontem à noite era muito boa", continuou Feda, falando ainda por Northcliffe. "Mas eles tiveram um bocado de problemas ao início com a luz e depois com a música, que era horrível — fazia um barulho desagradável. Não tinha melodia nenhuma."

Isto era uma referência à terrível caixa de música da Menina Stead, que faz alguns dos piores barulhos que já ouvi.

"Ele, Northcliffe, criou uma condição diferente ontem", disse Feda, "uma a que não estamos habituados. Ele sentou-se noutra cadeira depois, e viu que a médium estava num estado de quase colapso. A sua ideia final é que vocês se desenvolvam entre vós."

Depois Feda começou a falar na sua maneira mista de primeira e terceira pessoa, tal como quando, se perdermos a voz, um amigo fala ao telefone por nós e se confunde, na pressa, ao repetir o que dizemos numa chamada de longa distância.

"Não imaginam o quão satisfeito estou por termos todos rolado para o conhecimento juntos", continuou a mensagem. "Vão instruir um grupo forte de pessoas de mentalidade sã para espalhar a verdade da maneira correta pela primeira vez."

Northcliffe, como se vê, tinha tomado conta da propaganda. Referências a isto surgiriam sessão após sessão, através de diferentes médiuns. O Chefe estava em atividade.

"Será feito de uma maneira diferente", continuou a mensagem. "Vocês conseguem fazê-lo. Uma que nunca foi tentada antes. 'O Swaff', diz ele, 'deve escrever mais e falar. Quando ele falar, eu estarei a falar também.' Diz que quer isso feito da forma mais enfática."

Devo explicar que, muito recentemente, eu me tinha comprometido a discursar numa reunião no Queen's Hall sobre as provas de Northcliffe. Não escolhemos o Queen's Hall ao início. Simplesmente cresceu até ficar desse tamanho. Eu não procurei a publicidade. Não o pude evitar. A nossa ideia inicial era uma pequena reunião. Por isso, fiz várias perguntas sobre isto; pois estávamos preocupados com quem iria presidir à mesa.

"Ele tem o pensamento em uma ou duas pessoas, pessoas de relevo", disse Feda. "O Doyle serviria para uma, mas quero um tipo de homem completamente diferente. Ainda não têm o nome, um que confira força e dignidade aos procedimentos. O Doyle estará presente mais tarde. Deve ser o maior sucesso alguma vez alcançado nesta causa. Faremos disso um grande sucesso. Não imaginem outra coisa que não o sucesso. Tenho uma ideia e encontrarei o melhor homem para te apoiar. Tentem conseguir o Lodge. Queres dizer-lhe que conversámos sobre o assunto? Raymond e Myers, que tenho aqui comigo, concordam que faria um grande bem à causa."

Posso dizer que enviei esta mensagem a Sir Oliver Lodge; mas, por uma razão ou por outra, ele não compareceu.

Eu estava algo preocupado, na altura, com a reunião, achando o Queen's Hall grande demais.

"Pergunta-lhe se estivemos bem ao escolher o Queen's Hall, Feda", disse eu.

"Ele quer o Queen's Hall", disse ela, imitando a sua maneira enfática. "Nunca falho no que vou fazer, caso contrário deixo-me disso. Vamos ter sucesso, um enorme comício. Ele tem de te ajudar a publicitá-lo antecipadamente. Deve ser uma reunião de grande dignidade, uma cerimónia impressionante tanto quanto uma palestra."

Aqui estava o Velho a organizar, como se vê, uma reunião, mesmo depois da sua morte, de forma tão sistemática como organizou

aquele ridículo almoço no Olympia quando, na presença do seu pessoal, se proferiu uma oração, referindo-se a "Teu servo, Alfred", uma oração escrita especialmente para a ocasião; eles tinham megafones, também.

O Velho continuava o mesmo. Queria algo em grande escala, ou nada.

"Até onde devo ir?", perguntei, pensando em que partes das minhas provas deveria deixar de fora. Pois algumas delas eram muito íntimas.

"Sei o que queres dizer", respondeu Northcliffe. "Podes criticar nomes ou o que quer que seja. A crítica não anulará o bem que posso fazer. Há muito para pôr em ordem antes da palestra. Estamos a abordar e a tratar o assunto de forma completamente diferente de antes. Quero que as pessoas compreendam que estou a tomar parte nesta pequena parte do mundo.

"Estou empenhado na progressão — empenhado em travar a guerra antes de mais nada. Pretendo pará-la; mas é um trabalho árduo agora. Pretendo trazer e ajudar à igualdade de oportunidades para todos os homens. Cristo era um socialista, nesse sentido. Sou contra o tipo de socialista que acredita em dividir tudo — bens e riqueza — porque isso está fora do cenário; mas igualdade de oportunidades é aquilo por que trabalho, para todos os homens.

"Tu, Louise, sabes o que é ter uma luta amarga, uma luta dura. O teu cérebro deu-te oportunidades."

Louise Owen: "O senhor também mas deu."

Northcliffe: "Sim. Às vezes perguntava-me se também te dava algumas a ti. Só podia dá-las a muito poucos. Apenas um em cada cem tem a oportunidade de viver sequer uma vida decente. Estou determinado a alterar isso. Quando cada homem e mulher forem Espiritualistas, não teremos de assistir à luta entre o Capital e o Trabalho. Os assuntos ajustar-se-ão automaticamente, quando todos acreditarem no Espiritualismo. Acredito que, quando os espíritos puderem comungar com o mundo, isso será a salvação do mundo, falando num sentido material, tanto quanto no espiritual e mental. Não

é apenas para darmos nas vistas no Queen's Hall, ou no Albert Hall, mais tarde; nem penso em dar nas vistas na Imprensa, mas sim em ajudar ao progresso."

Depois essa ideia desapareceu; ele estava de volta ao escritório, com o seu pessoal.

"Lamento que estejam a ocorrer mudanças no velho escritório. Lamento-as, mas não as posso evitar. Estão fora da minha província. As pessoas estão a sair. Os mais novos não estão assim tão mal; mas tenho tanta pena dos mais velhos.

"Está pendente uma ação na qual estou envolvido. Não, não como instigador. Uma ação muito interessante. Diz respeito a três grupos de pessoas. Interessar-te-á a ti, Louise, tanto quanto a mim. Não, não podes fazer nada quanto a isso. É uma completamente diferente da tua."

"Não", isto em resposta a uma pergunta — "não se trata de saber se aqueles que estiveram na guerra têm direito aos seus legados."

Poucos dias depois, obtivemos notícias que nos provaram que o que Northcliffe nos tinha dito sobre este outro processo judicial era perfeitamente verdade. Na altura em que nos sentámos com a Sra. Leonard, nem ela, nem a Menina Owen, nem eu sabíamos absolutamente nada sobre o assunto.

"Tivesse ele olhado em frente, quão diferentemente teria agido, ao contrário de tudo o que imaginou", disse Feda, falando pelo Chefe. "Ele está contente por ter uma vida ativa, não apenas a transmitir pensamentos, mas uma vida ativa real, de modo que possa viver. Imaginem uma vida moribunda para ele!! Ele gosta de organizar; convoca reuniões. É o chefe de uma sociedade que é formada por espíritos bem conhecidos para ajudar o nosso plano, todos a trabalhar para o nosso bem. Ele diz que não temos um número suficiente de pessoas do nosso lado.

"Vou ajudar-vos. Consegui algumas, incluindo-vos a ambos. Outros homens aqui são tão importantes, mas não têm sorte na terra. O espaço não contem nenhum elo de ligação. Não podemos trabalhar no éter vazio. Deve ser mente com mente, pensamento com pensamento.

Por outras palavras, meus filhos, temos de vos ajudar a trabalhar para a vossa própria salvação. Não podemos trabalhá-la por vós; mas podemos ajudar-vos."

"A minha estenografia está periclitante", intrometeu-se a Menina Owen, aqui, sentindo-se apressada com a velocidade a que Northcliffe ia.

"Não é grande perda", foi a resposta do Chefe. "Abrevia! Costumavas fazê-lo bastante bem." Depois continuou. "Cada dia aumenta o número daqueles que podem trabalhar", disse ele. "Nunca falhamos àqueles que nos deixam trabalhar com eles. O nosso apoio é mais útil do que toda a ajuda terrena. Não vos podemos falhar."

Isto foi dito com ênfase.

"Um dia vireis para cá e então podereis ver por vós mesmos. Não é uma coisa que se possa adiar como umas férias de verão. Não se pode adiar esta única coisa. Chega a todos vós, ricos e pobres, fortes e fracos. Não contam com isso — nem uma pessoa em cada dez. E, quando vêm para cá, a maioria fica paralisada. Não sabem onde estão. Pensam que estão a sonhar e querem acordar para as condições normais, quando esta é a condição mais normal de todas."

Nunca esquecerei a solenidade que se apoderou de nós ao escutarmos estas palavras. Realmente, seria este o outro mundo? Seria tudo verdade o que Northcliffe dizia?

"Outra secção do meu trabalho é ligar-me àqueles que fazem a passagem e não compreendem. Sou razoavelmente bem-sucedido neste trabalho, pois compreendo-os. Conseguia sempre ver as capacidades latentes deles. Consegui contigo, minha querida."

Isto era, naturalmente, a Louise que ele queria dizer.

"Observei-te quando não o sabias; mas eu soube o tempo todo. Estava a testar-te."

"Então está contente comigo?", perguntou Louise.

"Sim", disse Feda, "ele está contente; mas não é bom para ti sabê-lo. Estou contente com ambos. Consigo fazer o meu próprio trabalho, sabem."

Pouco antes, Northcliffe tinha encontrado falhas na incapacidade da Menina Owen em soletrar a palavra "moribund" corretamente. Ela colocou um "o" quase no fim.

Então comecei eu a escrever. Mas ele cedo encontrou falhas.

"Eu acreditava em tirar o máximo de ti enquanto cá estive", disse Northcliffe. "É por causa disso que vou tirá-lo agora."

"Ele está a gemer, o Lorde, quero dizer", intrometeu-se Feda, por sua conta. "Diz que ele é pior do que tu", significando o "tu" a Menina Owen.

Esta era a maneira como Northcliffe, em vida, costumava corrigir as nossas falhas. Parecia exatamente igual aos velhos tempos, quando a voz de Northcliffe fazia até Governos tremer.

Qualquer pessoa que conhecesse bem Northcliffe, e que tivesse escutado os últimos dez minutos da conversa de Feda, teria ficado terrivelmente impressionada, por muito cética que fosse a sua mente. Ninguém poderia ter acusado a Sra. Leonard de fingimento. Todos teriam sabido, pelo menos, que quem quer que estivesse a falar era alguém que sabia tudo sobre Northcliffe. Poderia ter sido necessário mais do que isso para os convencer da sua presença; mas teriam sabido, pelo menos, que quem quer que fosse, conseguia imitar Northcliffe em cada um dos seus estados de espírito, por sua vez.

"Mas o senhor vai tão depressa, Chefe", expliquei um pouco mais tarde.

"Não importa", veio a resposta. "Vais lembrar-te. É impossível apontar tudo."

Seguiu-se então uma discussão sobre se uma fotografia tirada pelo Sr. Hope, de Crewe, à Menina Owen, que mostrava um "extra", continha a imagem do Lord Northcliffe ou não.

"Não é a fotografia do espírito dele", explicou Feda. "Nem por sombras."

"Vou tentar outra vez na terça-feira de hoje a duas semanas", disse a Menina Owen. "Ele virá?"

"Sim", respondeu Feda. "Ele vai conseguir uma fotografia, embora diga que o rosto jovem não é o dele. Não vai reconhecê-lo. Ele tentou dissuadir-te de o mostrares às pessoas. Ele tem um rosto um tanto jovem, e está a voltar ao que era quando o conhecestes. Tem um aspeto de rapaz, sem rugas nem coisas agora. A fotografia do espírito estava vazia e achatada, um rosto vazio; mas tinha o núcleo de algo... 'Poderia ser eu', diz ele. 'Vamos tentar outra vez; não está suficientemente bom. Era o que se poderia chamar uma septuagésima impressão de mim, tão longe de mim, e no entanto algo... Estou sempre a dar-me os parabéns por ter realmente encontrado a juventude. Tu aceitar-me-ias nessa forma; mas o público não. Tenho de lhes dar uma prova inegável. Quero uma boa, para que possam comparar.'"

Eu disse algo como: "O senhor terá de me manter interessado neste assunto, Chefe, ou vou fartar-me disto."

"Ele não vai desistir", foi a resposta. "Acho que vou proporcionar-te imensa emoção na vida. Não sugeriria que tivesses de continuar de uma forma monótona. Terás mais variedade do que aquela para a qual estás preparado, e entrarás em contacto com as pessoas mais extraordinárias."

"Acha que serei um fracasso no Queen's Hall, Chefe?", perguntei.

"Não", foi a resposta. "Estou o tempo todo a trabalhar para minimizar qualquer coisa desse género."

"Tenho alguma coisa a atacar?", continuei.

"Faz picadinho das objeções das outras pessoas", veio a resposta de Northcliffe. "Tens de golpear e fazê-los rir. Este movimento está demasiado negativo agora, demasiado frouxo. Não progrediu o suficiente."

"Leu a minha carta no *Light*, Chefe?", perguntei, a propósito do protesto que eu fizera num jornal espiritualista sobre a forma como os jornais tratavam os assuntos psíquicos nas suas colunas.

" Fui eu que a escrevi", veio a resposta característica de Northcliffe. Esse era o Chefe. "Não precisei de a ler. Vou falar no

Queen's Hall. Vou colocar ideias na tua mente e prepará-la antecipadamente e pô-la em ordem."

Sim, esse era de facto o Chefe. Ele haveria de reclamar sempre o crédito, mais tarde, por qualquer coisa que tivesse corrido bem num dos seus jornais. Se corresse mal, a culpa era nossa; se corresse bem, era algo em que ele tinha pensado. E ele haveria sempre de tomar uma espécie de controlo sobre nós, sugerindo que ia fazer tudo o que, na verdade, nós íamos fazer por nós próprios.

"Não deves escrever o discurso laboriosamente", disse Feda. " 'Ele tem de pensar de pé', diz ele. 'Teremos alguns tópicos.' Depois ele elaborará."

Achei que era muita amabilidade de Northcliffe dar-se a todo este trabalho, especialmente porque ele nunca foi tão bom orador como eu sou.

Seguiu-se uma conversa sobre quanto tempo eu deveria falar.

Northcliffe: "Provavelmente acho que vais falar durante muito tempo."

Eu: "Quanto tempo? Meia hora? Mais de uma hora?"

Northcliffe: "Sim, levará mais de uma hora, perfeitamente, mais, cerca de uma hora e meia a duas horas."

Eu: "A minha voz é suficientemente alta para o Queen's Hall, Chefe?"

Northcliffe: "Não posso ajudar nisso. Tens de estar preparado para perguntas."

Eu: "Serei capaz de lhes responder?"

Northcliffe: "Acho que és capaz de responder a quaisquer perguntas comuns."

Eu: "E quanto a um presidente de mesa, Chefe?"

Northcliffe: "E que tal o velho B.?"

Eu: "Quer dizer o Balfour, Chefe?"

Northcliffe: "Não, o Baldwin. Acredito que o conseguiríamos converter."

Depois surgiu o nome de Beaverbrook e a resposta veio:

"O Beaverbrook serviria. Vou pensar nisso. Que tal levá-lo a sessões? Tem estado na minha mente. Leva o Beaverbrook a casa de Herbert Bradley. Há mais poder ali. Leva o Beaverbrook ao Bradley."

Seguiu-se uma longa referência ao Lord Beaverbrook, referida no Capítulo XIV.

Mais tarde, ouvimos, talvez por meio minuto, um sussurro curioso, a cerca de um palmo de distância da cabeça da Sra. Leonard. Parecia a voz de Northcliffe. "Bela futilidade, não é?", ouvimos. "Bela futilidade. Bela futilidade."

Este era um tipo de sussurro muito distinto, um que não se ouve frequentemente em tais sessões. Já ouvi a voz de Northcliffe assim em casa da Sra. Leonard três ou quatro vezes. A Society for Psychical Research considera este fenómeno extraordinário. É certamente algo que não se pode explicar, a não ser admitindo que era uma voz espiritual.

"Ele está a resmungar", disse Feda, que, pelos vistos, não conseguia ouvir tão bem como nós.

Feda continuou a observar que o Chefe estava muito mais paciente do que costumava ser.

"Fico contente", disse a Menina Owen.

"Isso não é uma observação lisonjeira", respondeu Northcliffe. "Eu conseguia resolver as coisas dessa maneira, com uma energia impulsionadora e irrequieta que é uma maldição tanto quanto uma bênção. Sem ela, não se alcança nada. Não te teria suportado se não tivesses algo disso. Eu sabia-o. Reconhecia-o. Estava refletido em ti."

Depois, continuando a falar com a Menina Owen, obviamente falando de como a levou a ir à sua primeira sessão, disse ele: "Eu estava no teu apartamento a fazer-te pensar em mim, a fazer-te chorar, a fazer-te chamar por mim. Eu estava — é uma palavra tonta — a assombrar-te, a fazer-te fazer alguma coisa. Sempre a trabalhar, a

fazer algo. Sabes que a tua mãe tentou aparecer na fotografia? Era realmente o rosto dela."

"Ela está mais satisfeita do que ele", intrometeu-se Feda. "Na verdade, os rostos não estavam nítidos. Estavam misturados com o fundo."

"E quanto à fotografia da Estelle Stead no Cenotáfio?", perguntei a Northcliffe, falando de uma imagem que tinha sido tão asperamente atacada nos jornais.

"Aquelas pessoas não deviam intrometer-se", respondeu ele. "Só trazem sobre si mesmas estes ataques destrutivos contra tudo aquilo por que estamos a trabalhar. Isso faz ricochete neles. Eles não o sabem, mas estão a agir por ignorância. Os ataques não trarão nenhuma bênção. É inevitável que faça ricochete. Eu sei-o. Teria poupado as pessoas das consequências do seu ato, mas não me foi permitido. Não tenho intenção de trabalhar através delas."

CAPÍTULO XII

Vout Peters, o Médio de Bloomsbury — Moonstone, o seu Guia Índio — A Primeira Mensagem de Bonar Law — George Warrington Steevens Envia Palavra — Um Lugar Estranho para Espíritos.

Se vissem Vout Peters, e ouvissem dizer que ele era um médio, rir-se-iam. É um homem mais para o baixo, com uma testa grande e barba, e — o pior de tudo — usa roupas de veludo cotelê. Eu próprio nunca fui além de uma gravata de laço preto e cabelo um tanto comprido. Dennis Bradley criticou-o no seu livro, *"Towards the Stars"*. E algumas pessoas dizem: "Oh, o Vout Peters!", como se tivessem falhado em obter provas quando o visitaram. Só posso dizer que recebi, através dele, as comunicações mais extraordinárias. Em nenhuma das duas ocasiões em que me sentei com ele sabia ele que eu ia.

Não me admira que outras pessoas tenham falhado; pois devem tentar perceber que, se aceitam a ideia de que os espíritos podem comunicar convosco, também devem perceber que a maioria dos

espíritos não seria muito boa no serviço. Não têm grande personalidade; não têm grande inteligência. São apenas fantasmas obscuros comuns com uma espécie de memória persistente — coisas cinzentas, difíceis de identificar, tal como todos os outros.

Tentem apenas, por um minuto, imaginar todos os membros da vossa própria família. A maioria deles é exatamente igual a todos os outros membros de todas as outras famílias, exatamente igual a todas as pessoas que se sentam nos autocarros, todos iguais, exceto um homem de quem se possa trazer uma recordação. Ou, mais tarde, podem recordar uma mulher, não por ser muito inteligente, mas por ser muito gorda ou por ter deixado cair uma moeda de meio centavo e ter discutido por causa disso.

Lembrem-se também, claro, de que a única coisa de que se lembram sobre as tias solteironas é que se supõe que uma delas teve uma vez um papagaio. Se não fosse o papagaio, teriam esquecido a tia solteirona.

Bem, Vout Peters começa uma das suas sessões, por regra, por aquilo a que se chama clarividência. Isto é, ele descreve todos os pobres e pequenos espíritos que se diz estarem na sala, alguns deles com uma mensagem para nós.

Odeio esta parte de uma sessão; pois não consigo imaginar dia mais secante do que um passado com todos os meus parentes. Os mortos não são tão maus como os vivos porque, ao menos, estão mortos; mas quando um médio começa a descrever os que fizeram a passagem, eu estremeço, sabendo o que me espera.

Vout Peters vive em Bloomsbury, a terra da senhoria, do estudante de medicina, do indiano que veio para cá aprender o quão grandes nós não somos, da prostituta e do hotel privado — aquele tipo de edifício que costuma ir buscar o nome a um lugar qualquer na Escócia, pertence, pelos vistos, a um sítio semelhante na porta ao lado e não é nem privado nem um hotel, pelo que me é dado ver. Há fileiras deles. A sua única recomendação é que não vendem álcool. Assim, os escoceses podem ir para lá viver, sabendo que, quando os visitarmos, não precisam de nos convidar para tomar nada.

Foi nesta estranha vizinhança que procurei Vout Peters. Madeleine Cohen tinha ido fazer uma marcação em seu próprio nome. Ela dirigiu-se à Hunter Street, a uma casa exatamente igual a todas as outras, e foi recebida pela Sra. Vout Peters, que disse: "A senhora é médium?"

"Não", disse a Menina Cohen.

"Então devia estar muito grata", respondeu a Sra. Vout Peters. "E devia estar muito feliz por não ser esposa de um médio."

Os médiuns, como se sabe, estão sempre sob suspeita; vivem também sempre com medo da polícia. Por isso, a esposa do médio deve perguntar-se sempre o que irá acontecer. A mediunidade está à mercê de velhas e antiquadas Leis do Parlamento, cuja infração leva a comparências perante magistrados estúpidos, que acreditam em provas trazidas por polícias sem inteligência, e que por vezes condenam um médio por ler a sina, apenas porque a mulher de um polícia disse que ele o fizera. Uma vez que ela foi ter com ele para que lhe lesse a sina, não vejo por que razão haveria de culpar alguém por ter recebido aquilo pelo qual pagou.

A Sra. Peters continuou a explicar que acolhia hóspedes, dez rapazes, o que parecia refutar que este negócio da mediunidade fosse um ramo em que um homem inteligente entraria — se quisesse fazer fortuna.

Nessa manhã, compareci com a Menina Cohen, em cujo nome a sessão tinha sido reservada. Peters não sabia que eu ia. Entrámos para a sala de estar das traseiras, mantida por Peters especialmente para o seu negócio de sessões, um negócio obviamente não tão lucrativo que fizesse valer a pena, mesmo que se seja genuíno. Um homem que consegue dar tantos palpites sobre o futuro como o Sr. Vout Peters faria melhor no negócio das dicas de corridas com Tom Hall, ou na profissão de promotor de empresas com Ernest Terah Hooley.

É numa pequena sala das traseiras que ele se senta. Não se pode fumar lá; mas ele queima um pequeno pau de incenso.

"Como cheira bem", disse a Menina Cohen, para lhe agradar.

E cheirava. Peters parecia um homenzinho simpático e simples, fácil de agradar. Nas suas paredes há ícones do tipo mais barato, que, nos dias anteriores à guerra, comprei em São Petersburgo para amigos e depois perdi no caminho para casa, fotografias de Espiritualistas, do tipo de Vale Owen, Dennis Bradley — perdoado, mas lembrado — entre eles. Devo enviar a minha, a menos que não haja muito espaço.

Peters tranca a porta; a pessoa senta-se; e espera-se enquanto o Sr. Peters ata um pequeno lenço, guardado especialmente para o efeito, em redor dos seus olhos.

Já vos falei de Feda, a guia da Sra. Leonard. É Moonstone — eles têm nomes bonitos — que toma conta do Sr. Peters quando este entra em transe. Moonstone fala com sotaque francês, explicando que era natural de Pondichéry, a parte francesa da Índia. É inteligente por lampejos e conta-nos coisas, geralmente de forma indireta. Mas é tudo muito mais indefinido do que quando Feda fala, e consigo perfeitamente compreender um homem comum, com amigos comuns, ir lá e sair sem absolutamente nada.

Mas não se esqueçam de que eu andava atrás de Northcliffe. E esta personalidade de Northcliffe conseguia fazer passar a cabeça através de uma parede de tijolo.

Uma longa descrição da mãe de Madeleine Cohen começou a sessão, quando Peters entrou em transe, uma descrição exata.

"Deixou algo branco no caixão dela", disse Moonstone.

"Sim", disse a Menina Cohen. "Coloquei uma gola de renda branca no caixão dela como sinal de afeto."

Seguiu-se uma conversa entediante sobre a família Cohen.

Depois, um suposto parente meu aumentou o meu tédio. Foi-me dito que ele era "Um cavalheiro, alto, magro, de rosto comprido, olhos escuros, cabelo escuro, a ficar um pouco grisalho, nariz não grande, lábios um tanto cheios."

Como se eu fosse reconhecer algo do género! A maioria dos criminosos escapa porque a polícia descreve a sua aparência. A sua

aparência, de facto, é habitualmente responsável pelo seu desaparecimento.

"Um homem bastante irrequieto", disseram-me a seguir. "Não era calmo. Antes de fazer a passagem, havia a sensação de que tinha deixado algo inacabado, muito inacabado. Um parente que viveu no estrangeiro num país eslavo alemão."

Os países alemães eram eslavos na Guerra, por isso não me dizia grande coisa. Além disso, muitas pessoas pensam que o meu verdadeiro nome é Herman Schwaffer. Talvez Moonstone pensasse.

Felizmente, não foram descritos mais parentes meus nesse dia. Moonstone, em vez disso, começou a falar-me de outra forma espiritual que estava presente. Eis a descrição exatamente como surgiu:

"Sessenta a sessenta e cinco anos. Bem conservado e rosto comprido, olhos azul-escuro ou cinzentos, cabelo algo escuro, testa alta, nariz bem moldado, narinas cheias, bigode. Muito educado, muito reservado quando queria ser. Este homem tem um propósito em vista. Conseguia liderar, conseguia governar, um bom planeador de negócios, invocaria grande amor por um lado e grande ódio, antipatia, pelo outro. Muito amado. Muito detestado. Sem meias-medidas. Antes de fazer a passagem houve uma pequena tragédia, alguma tristeza na sua vida. Uma morte magoou-o muito mais do que as pessoas pensavam. Antes de falecer para o mundo espiritual, ele adiou uma doença. Quando partiu, foi uma surpresa para as pessoas que o conheciam. Tinha grande poder, mas a sua organização tornava extremamente difícil fazer as coisas."

A esta altura, eu tinha começado a reconhecer Bonar Law. Mas não se esqueçam de que, no *People* do domingo anterior, que, mais tarde, o Sr. Peters disse não ter visto, eu tinha feito referência a Bonar Law e à sua mensagem para o Lord Beaverbrook, dada por Northcliffe. Tivesse eu sido um cético comum, teria acusado o Sr. Peters de inventar tudo isto. Na verdade, houve muita coisa resultante das minhas investigações que eu teria dito ser inventada, não fora o facto de tudo se interligar.

Se formos o John Smith, da Walworth Road, por exemplo, e dissermos a um homem: "O Lloyd George disse-me isto e aquilo ontem à noite", ninguém acredita; mas se formos o Geoffrey Dawson do *Times*, e dissermos a mesma coisa, ninguém nos chama mentiroso.

Esta é uma má forma de descrever como todas as minhas provas eram circunstanciais, ao longo de todas as minhas investigações. Por isso, não fiquei surpreendido quando as palavras seguintes ditas por Moonstone foram: "Ele estava ligado à Escócia e ao Canadá." Soou, para o meu humor inglês, quase como uma confissão pós-morte.

"Negócios em coisas grandes", disse Moonstone, que depois continuou: "Podia ser frio, mas tinha um coração caloroso. Conseguia sentir as coisas. Subir na vida era a sua única ambição. Conseguiu a sua ambição e depois parece que ela lhe foi tirada."

Recordar-se-á que o Sr. Bonar Law foi Primeiro-Ministro por escassos meses, e que a sua doença causou então a sua demissão.

"Era um homem de causas e de política, e o detestar tinha algo a ver com mulheres. Investiga." Depois foi-me dito que tinha a ver com o "sufrágio". Ao início, Moonstone, para afrancesar a coisa, chamou-lhe *"suffrance"*.

"Ele estava sempre em busca de grandes verdades e de ideias muito grandes", continuou a mensagem. "E o mundo político teria sido diferente do que é, se a sua força e o seu intelecto não lhe tivessem sido retirados."

Mesmo nessa altura, foi-me dito que o Sr. Stead me enviava uma mensagem.

"Creio que nunca conheci o Sr. Stead", disse eu.

"Não", foi a resposta. "Ele disse que tu entraste mais tarde. Mas não se teriam dado bem."

Depois de eu ter dito o quão profundamente reverenciávamos a memória do Sr. Stead, o guia disse:

"Há outro homem que o está a empurrar mesmo para fora, outro homem, irrequieto."

Adivinhei, naturalmente, que se tratava da entidade de Northcliffe; pois sempre que esta é mencionada nas sessões, é mencionada como tendo esta postura determinada.

"O teu propósito está correto", disse o Sr. Stead. "Estás a fazer as pessoas pensar."

Aqui foi dada uma mensagem, vinda obviamente do Lord Northcliffe, embora o seu nome não tivesse sido mencionado. Falou sobre "seguir a opinião pública em vez de a liderar".

"O público segue sempre se te deres ao trabalho de lhe dizer. Outras pessoas estão a entrar, a usurpar o lugar que deixei, QUE DEIXEI." A frase "que deixei" foi gritada pelo médio. Quando chegam as mensagens de Northcliffe, as palavras que se referem à sua antiga posição são muitas vezes gritadas, independentemente de quem seja o médio.

Depois, as palavras "O outro jornal, Swaffer", foram mencionadas. Presumi que ele se referia ao *Daily Express*, que estava a fazer um grande esforço para empurrar o *Daily Mail* para o lado.

"Viu a mudança no jornal na passada segunda-feira?", perguntei, querendo dizer que, nesse dia, o *Daily Express* começou uma página de imagens, algo que Northcliffe começara no *Daily Mail*, obrigando os outros jornais a copiar.

"Sim, vai ser muito bom", foi a resposta. "Muito esforço será investido nisso. Nova vida será trazida para lá. Um trabalho tremendo."

Seguiu-se uma referência à associação do Lord Northcliffe com o *Times*.

"Ele fez asneira com o *Thunderer*", disse o médio. "Não o conseguiu tornar barato, não no preço, mas na qualidade do material oferecido. Não conseguiu; não valia a pena tentar torná-lo popular. Tinha de manter a dignidade."

Isto era exatamente verdade quanto aos problemas de Northcliffe em Printing House Square. Peters não o saberia; nem, na verdade,

creio eu que saberia mal qualquer coisa dos assuntos referidos nesta longa sessão.

Depois pareceu que a primeira entidade estava a dar uma mensagem ao médio. Nenhum nome tinha sido mencionado; mas as palavras "escocês" e "Glasgow" fizeram-me pensar imediatamente em Bonar Law de novo.

Seguiu-se uma descrição extraordinária de Winston Churchill, com quem Bonar Law raramente estava de acordo. Mostrava um conhecimento da Guerra que não poderia ter brotado na mente do médio. Eu não estava a pensar nisso, nem sabia tudo. Deve ter vindo de alguma outra inteligência.

"Churchill", ouvi. "Boas ideias, mas má execução. Falta de organização. Ele falha em pequenos detalhes, e não se informa sobre os detalhes primários. Não arranja uma base para construir uma ideia. Veja-se Galípoli. A ideia em si era boa, não percebendo que não havia água. A Mesopotâmia a partir da Índia foi uma organização podre. E havia demasiada burocracia na própria Índia."

Depois, ao que parecia, houve uma discussão entre a entidade de Northcliffe e a entidade de Bonar Law, pois o médio repetiu um fragmento de conversa em que as palavras "Ele não é justo" foram usadas, como se um estivesse a contradizer o outro.

Seguiu-se o que era aparentemente uma descrição do estado atual da política.

"Tudo o que se quer é uma nova configuração das coisas, experimentar um bocado. Tens uma visão dos novos tempos que chegaram e que estão para vir. Isto é importante. Escreve-o. A democracia está pronta para ser liderada corretamente, quando surgirem líderes fortes. Tens de apelar ao bom senso britânico (não inglês); pois existe uma justiça profunda na consciência deles. Lembra-te, eu sempre tive uma audiência justa no meio de toda a agitação. Quando os líderes começarem a perceber que a democracia está a pensar por si própria, e a pensar muito rapidamente, devido aos efeitos da Guerra e de cinquenta anos de educação, quando os jornalistas e os políticos (tenho de dar isto) tiverem uma visão da próxima geração..."

Aí as minhas notas interrompem-se. Não apanhei o fim da frase. O "britânico, não inglês" é tipicamente a observação de um escocês. As palavras "Sempre tive uma audiência justa" eram exatamente verdadeiras em relação aos discursos de Bonar Law em tempo de guerra.

"Fiz bem em ver o seu amigo?", perguntei, querendo dizer se tinha agido sabiamente ao transmitir a mensagem que me fora dada de que o Lord Northcliffe dissera que Bonar Law queria falar com o Lord Beaverbrook, uma mensagem referida no Capítulo XIV.

"Absolutamente", foi a resposta.

"Dê-me uma ideia de quem é o seu amigo", disse eu. "Quero algo para usar como prova."

"Tenho a imagem de um rio, de um riacho, água", disse o médio. "No meio há uma cabana feita de lama e madeira. Estou a dar-ta desta maneira, simbólica. Apenas vejo algo. Estou a descrevê-lo tal como o vejo."

"Este homem teve dois serviços fúnebres?", perguntou então a voz do médio. "Duas igrejas? Uma de vestes pretas e outra de vestes brancas? O que é que o cancro tem a ver com isso?"

Recordar-se-á que o Sr. Bonar Law, sendo presbiteriano, teve um serviço fúnebre na igreja escocesa da Pont Street antes de ser sepultado na Abadia de Westminster. Na primeira, o Dr. Archibald Fleming usou a toga preta de Genebra de um ministro presbiteriano; na Abadia, os cónegos de Westminster usaram as suas sobrepelizes brancas.

"O outro homem quer ocupar o espaço agora", disse o médio. "Ele era muito grande amigo teu. Gostava da tua independência."

Vieram então as seguintes palavras extraordinárias: "Demasiados anúncios; demasiados anúncios. Tens muito que ler antes de chegares às notícias, antes de as pessoas chegarem às notícias."

Não é geralmente sabido que o Lord Northcliffe se opunha a demasiados anúncios nos seus jornais. Isto era uma paixão nele. Qualquer editor tinha total permissão para deixar de fora os anúncios

que quisesse para fazer entrar as notícias. Ninguém que não conhecesse o seu negócio intimamente poderia saber o que quer que fosse sobre isso.

"Estava a falar dos seus assuntos?", disse eu, não tendo a certeza de qual jornal ele queria dizer.

"Sim, o que era o meu assunto", foi a resposta. "O jornal. O jornal."

O Lord Northcliffe referia-se frequentemente ao *Daily Mail* como "o jornal", considerando que essa era a propriedade mais importante que possuía. Não devo considerar isto como uma prova importante, contudo; pois isto foi explicado na entrevista original de Owen, que, presumivelmente, Vout Peters teria lido.

"Interessa primeiro o teu público!", veio a seguir. "Artigos de fundo curtos! Artigos de fundo curtos! Artigos de fundo curtos! Muitos deles. Não coisas longas, enfadonhas e sólidas como costumava haver no *Standard*."

Recentemente, os artigos de fundo do *Daily Mail* tinham sido muito longos. Eu próprio não tinha lido nenhum deles.

Perguntei então se ele se lembrava de Duff. Duff era um advogado que fora conselheiro jurídico da Carmelite House e que também estivera associado a Northcliffe num assunto privado.

"Apanho algo um tanto triste", foi a resposta. "O Alfred falhou-lhe uma ou duas vezes. Nem sempre foi justo com o Duff. O Duff quer acreditar no regresso do espírito, mas é um pouco cauteloso. Muito cauteloso. O Duff fez um trabalho para o qual não há publicidade. Era um trabalho que era necessário. Um homem tinha muito armazenamento para cuidar. É um homem com um nome como Newt."

"Newton?", perguntei, e a resposta veio: "Não sei. Um homem de certa idade. Com muito armazenamento. Muito perturbado com a escassez de papel. O fornecimento de papel era difícil. Ele tinha qualquer coisa nas traseiras do armazém que nós não sabíamos."

"O Duff saberia isso?", perguntei.

"Pergunta-lhe", foi a resposta. "Isso seria uma pista. O Duff fez um trabalho onde não se tornou público."

A descrição dada de Duff era exatamente, e em detalhe, verdadeira. Quando, no dia seguinte, o vi e lhe perguntei sobre esta referência à sua ligação com a escassez de papel, ele disse que era verdade, embora não se conseguisse lembrar de "um nome como Newt". Ele sabe, contudo, que Northcliffe o mandou chamar, um dia durante a Guerra, a propósito de um contrato sobre papel, cujos grandes fornecimentos tinham sido encontrados algures. Pelo que isto deve ser considerado uma prova extraordinária, já que eu nunca tinha ouvido falar do assunto. Vout Peters, com certeza, não ouvira.

"Vou dar-lhe o meu nome", ouvi. "Nappy, ele gostava de ser chamado. Napoleão. O Sr. Duff e o Sr. Smith estavam ligados ao Nappy. Era um trabalho prático. Quando o Duff fez a passagem, houve uma rutura para uma boa parte do antigo pessoal. Alguns foram reformados."

Estas eram referências indubitáveis à mudança de pessoal na Carmelite House, algo que seria impossível para o Sr. Vout Peters saber.

Devo mencionar aqui que um dos argumentos trazidos contra sessões deste género é que o médio, enquanto em estado de transe, lê a nossa mente subconsciente. Dezenas de coisas mencionadas pelo médio nunca estiveram, como esta em particular, na minha mente. Se eu me referisse a isto de cada vez que aconteceu, o meu livro seria singularmente monótono. Devem tomar a minha prova desta como referindo-se também a dezenas de outros casos.

"Pai da Capela. Pai da Capela", continuou Moonstone. "Mudança aí. A mudança não lhe agradou muito."

"Lembra-se de Duncan?", perguntei, referindo-me a John Davey, que era um dos secretários particulares do Lord Northcliffe.

"Ele lembra-se de quase arder na cama?", veio a resposta. "A fumar", acrescentou o guia espiritual. E depois veio a mensagem: "Ele magoou muito uma das mãos, a mão direita. Magoou um lado do rosto

e um pé bastante mal. Foi um caso muito complicado. Estávamos ocupados na altura em que as pessoas não podiam ser dispensadas."

"Isto aplica-se a Duncan?", persisti.

"Pergunta-lhe sobre ter magoado uma mão, um pé e um lado do rosto", foram as palavras que ouvi.

Isto é certamente uma prova extraordinária; pois John Davey, a quem Northcliffe chamava Duncan, salvou uma vez a vida de Northcliffe, não muito tempo antes de este morrer. Davey costumava passar horas a ler para Northcliffe, e a tocar-lhe gramofone, enquanto o seu Chefe estava deitado na cama. Uma tarde, enquanto Davey ainda lia, não sabendo que Northcliffe tinha adormecido, viu que a cama estava a arder. Northcliffe, que fumava um charuto, tinha-o deixado cair e pegara fogo aos cobertores.

Davey enrolou os cobertores em redor de Northcliffe e, com grande dificuldade, extinguiu o fogo. O acontecimento, na altura, causou uma grande impressão nos poucos de nós que sabiam; pois lembro-me de Davey me contar que Northcliffe lhe tinha dito, muito seriamente: "Aquilo foi um aviso." De facto foi; pois Northcliffe tinha percebido subitamente que, embora deitado numa cama que estava a arder, era incapaz de se ajudar a si próprio. No entanto, por mais notável que essa ocorrência tenha sido, muito poucas pessoas no mundo tinham ouvido falar dela.

Mencionei então o nome Dudley Hardy, pois um amigo muito querido dele queria entrar em contacto com ele, e pensei que talvez Northcliffe o pudesse trazer.

" Sketch School", veio a resposta muito rapidamente.

"O poder está realmente a ficar um bocado fraco", intrometeu-se o guia espiritual. "Não consigo chegar lá. Há a reunião de muitos homens e mulheres, ou duas mulheres. Uma reunião privada sobre política. Muito recente. Algo foi feito, formulado, não para o público em geral, mas uma certa linha de política a ser seguida. Não houve acordo em certas partes."

Poucos dias depois, consegui verificar o facto de que a Dama Caroline Bridgeman estivera presente numa reunião conservadora, na

sala de estar da Sra. Baldwin, onde a forma de abordar as mulheres do país foi discutida em detalhe. À data da sessão, eu não sabia nada sobre o assunto. Vout Peters certamente era muito mais ignorante sobre os meandros da política.

Depois ouvimos: "Dudley Hardy. Rapariga de Amarelo." Recordar-se-á que o cartaz da "Rapariga de Amarelo" fez a reputação de Dudley Hardy.

"O Nappy diz 'Alívio de Mafeking, bom furo esse. Bom furo esse. Lady Wilson. Estamos a fazer as coisas mover-se do nosso lado'", continuou a voz do médio.

E mais uma vez veio a mensagem que tantas vezes ouvi através de médiuns a transmitir-me as palavras de Northcliffe: "Lembra-te sempre de uma coisa. Isto não é para o público. Lidera o teu público. Eles verão sempre através dos teus olhos. Tu vais obrigá-los."

"Gostou no domingo?", perguntei então, referindo-se a uma sessão onde Northcliffe tinha comunicado connosco.

"Misto", foi a resposta.

Moonstone disse então: "Ele está a tentar dar o nome George." E seguiu-se uma longa discussão sobre George, na qual Northcliffe disse: "Tu conheces-lo. O Nappy conhecia-o nos primeiros tempos. Chamava-lhe George." No fim, verificou-se ser George Warrington Steevens, que disse que queria falar com o seu irmão. Prometi que poria Harold Steevens em contacto com ele. Mas, até agora, falhei.

CAPÍTULO XIII

Northcliffe Intromete-se, em Bloomsbury — Mais Provas da sua Sobrevivência — Sessões Convincentes numa Sala de Estar das Traseiras — O "Meio Centavo", Ethel Le Neve e Ervilhas-de-Cheiro.

Sim, Vout Peters pode ter desapontado muitos participantes. Mas foi bom o suficiente para mim. Pois, na sexta-feira seguinte, ele surgiu com mais provas da sobrevivência de Northcliffe, provas que não poderia ter inventado. Desta vez, também, ele não sabia que eu ia comparecer. Tinha sido reservada uma sessão para um amigo, anonimamente; mas eu apareci também. Peters pareceu surpreendido, naturalmente; pois eu já lá tinha estado naquela semana.

O meu amigo era um dos meus assistentes, W. R. Davidson, um escocês, que se começava a interessar pelo Espiritualismo por causa do meu entusiasmo. Estava curioso, muito cauteloso, não admitindo nada, mas querendo saber. E Moonstone, sabendo, como é óbvio, que a sessão era dele, dedicou-lhe muito tempo. Pois os amigos espirituais de Davidson juntaram-se em redor. Dois, particularmente, foram reconhecidos — o avô do Sr. Davidson e também a sua mãe, que fez um longo relato da infância de Davidson e uma descrição da casa em que viviam, que era fotográfica nos seus detalhes, uma imagem em palavras das mais extraordinárias, que não deixava margem para dúvidas.

Northcliffe, contudo, continuava a intrometer-se como de costume. Nada o conseguia manter de fora. Ele até empurrou a mãe do Sr. Davidson para o lado quando ela tentava falar ao filho sobre uma fotografia sua, tirada em vidro, que a família não tinha conseguido encontrar, e como, durante a sua infância, ela lhe tinha descrito a Inundação de Moray, que alagou a região quando ele era rapaz. Ela fazia isto, tentando provar a sua identidade, quando a personalidade de Northcliffe se intrometeu.

"George Steevens. Malária. África do Sul", disse Moonstone. "Ele não teve tempo de fazer o que queria."

Tenho reparado que todos os espíritos dizem que não tiveram tempo.

"Pensei que o George Steevens tivesse morrido de tifo", respondi.

"Apanho malária", disse o guia espiritual. "Mas houve uma tremenda confusão na altura entre as duas doenças. Ele diz-te para não forçares demasiado a coisa." Ele referia-se aos relatos das minhas

investigações que eu andava a publicar. "É sempre melhor saltar uma semana. Aguça o apetite do teu público."

Devem compreender que Vout Peters não saberia absolutamente nada sobre isto. Ele não teria o cérebro jornalístico.

E a personalidade de Northcliffe pediu aqui desculpas ao Sr. Davidson, tal como tinha, por exemplo, pedido desculpas a outros espíritos através dos seus médiuns — insistente, mas mais cortês do que era hábito do meu Chefe em vida.

"Eu não tinha nada que vir", disse ele. "O espetáculo não é meu, *Monsieur*."

Este "*Monsieur*" era a estranha mistura de Moonstone e Northcliffe, como se vê.

Depois, Northcliffe provou a sua identidade de uma forma estranhamente indireta.

"Ele sabe de ti", disse Moonstone a Davidson. "Ele diz que a certa altura tu tiveste a ver com ele."

Todas as observações de Moonstone são neste tipo estranho de inglês. A gramática é muitas vezes muito má. Os tempos verbais e as pessoas gramaticais estão frequentemente errados.

"Não", respondeu Davidson imediatamente.

"Sim", insistiu o guia espiritual. "Ele diz que sabe que estavas ligado, algo indiretamente, algo em oposição a ele. Tu não o conheces; mas, indiretamente, estavas a opor-te a ele."

Ora, a prova disto é que Davidson trabalhou outrora para a Hulton's em Manchester, na altura em que Northcliffe estava a impulsionar o *Daily Mail*.

"Aí está o elo", disse Moonstone, falando por Northcliffe. "Acompanhas? Ele diz que eles não gostam de mim. As pessoas à antiga não gostam de mim. Imagens nos jornais nem sempre estiveram na moda. Eles olhavam sempre para o custo inicial. O teu pessoal estava a opor-se a mim. Obriguei-os a alterar as suas táticas, como

Napoleão os obrigou a alterar a sua disciplina. As pessoas lerão imagens quando não quiserem ler mais nada."

Este era indubitavelmente Northcliffe. Não me importa quem o negue. Vout Peters não saberia absolutamente nada sobre isto; nem cinco jornalistas em Inglaterra o saberiam. Eles não pensariam daquela maneira. Northcliffe pensaria, e eu talvez; mas há poucos outros. Além disso, não houve nenhuma "mente subconsciente" nesta imposição da ideia de que Northcliffe e Davidson estavam ligados por oposição. Durante muito tempo, aliás, Davidson negou o que Moonstone dizia. Depois compreendeu.

"Não pressiones todas as semanas", foi-me dito então. "As pessoas procurarão o que houver a mais. Estiveste muito bem em não dar demasiado destaque."

Isto era uma referência ao facto de eu reter uma grande parte das minhas provas.

"Não existe outra grande *réclame*, grande *réclame*, grande anúncio. Isso é sempre um erro."

Isto referia-se, obviamente, ao facto de estar a decorrer uma discussão no escritório do *The People* sobre quanto espaço valiam todas estas entrevistas de Northcliffe. O que Northcliffe queria dizer aqui era que, logicamente, elas não eram nem de perto tão interessantes como a entrevista original de Louise Owen. Vout Peters não saberia nada sobre tudo isto.

Seguiu-se depois uma referência à minha reunião.

"Apanho 2 de janeiro ou 20 de janeiro", disse Moonstone.

O Vout Peters, calculo eu, sabia a data da minha reunião — 20 de janeiro; por isso, não provou nada. Depois veio uma mensagem que provou ser de Northcliffe outra vez.

"Vais ter boas pessoas ali à tua volta, pessoas com títulos para fazer espalhafato", disse ele.

Eu não tive, mas na altura pensava-se que sim.

"Uma mulher muito importante vem a caminho para te ajudar."

"E que tal a Lady Grey?", perguntei, não que a ache uma "mulher muito importante"; mas o nome veio-me à mente. Na verdade, a Lady Grey não veio à minha reunião. No fim, apenas convidei as minhas testemunhas — e os meus médiuns.

"Ele está um tanto intrigado", foi a resposta. "Ele diz Lady Glen. Percebeste? Apanho Tyrant ou Tennant."

"Tennant?", perguntei.

"Está certo."

Devem lembrar-se de que Vout Peters sabia tudo sobre quem a Lady Grey costumava ser, tal como a maioria dos Espiritualistas, mesmo que mais ninguém se lembrasse.

"Usa os nomes das pessoas importantes", disse então Moonstone, por Northcliffe. "Elas estão sempre prontas para publicidade. Gostam de ver os seus nomes impressos. Embora o Espiritualismo não seja popular, elas gostam sempre de ver os seus nomes impressos. Ele ri-se, e diz que se tivéssemos usado artigos escritos por pessoas com títulos — se os tivéssemos impresso tal como foram escritos — eles não teriam sido lidos. Ele vai-se embora. Não, ele volta. O Hall ajudará. Hall! Hall! Hall!"

Northcliffe costumava dizer uma coisa três vezes quando a sentia mesmo. Isto era identidade, a transmitir-se devidamente.

"Marshall Hall?", perguntei.

"Sim", foi a resposta. "Ele ajuda-te a conseguir nomes com títulos. Depois os pioneiros ajudarão. Tremendo quando todo o trabalho de base estiver feito."

Em consequência desta sugestão de Northcliffe, escrevi a Sir Edward Marshall Hall e disse-lhe que Northcliffe tinha sugerido que ele presidisse à mesa. Sir Edward, que tinha confessado publicamente a sua crença na sobrevivência numa reunião espiritualista, consentiu mui gentilmente. É certamente extraordinário que, numa grande reunião realizada numa das maiores salas de Londres para estabelecer a sobrevivência de um homem famoso, o presidente da mesa fosse escolhido pelo próprio homem, mesmo após a sua morte.

Depois veio uma pequena conversa comigo que não repetirei palavra por palavra. Pois referia-se de forma muito pessoal às minhas próprias querelas com o meu Chefe.

"Tu tinhas razão; ele estava errado", foi uma pequena parte dela. Mas isso não é verdade. O verdadeiro problema foi um choque de temperamentos e a minha falta de cuidado. Mas Northcliffe parecia ansioso por fazer as pazes de forma muito generosa.

"Apenas algumas pessoas se lhe opuseram", disse-se então. "Tu foste uma. A Louise opôs-se-lhe nalgumas coisas. Ela nem sempre era uma gata obediente." Este pequeno pormenor, claro, era o verdadeiro Northcliffe. "Ele gostava sempre que as pessoas vergassem." E depois veio outra descrição do seu fim, uma que eu não tinha impresso, mas com a mesma referência à confusão na sua mente.

"Ele segurava a cabeça como se tivesse recebido muitos pensamentos", foram as palavras ouvidas então. "Ele começava meia dúzia de coisas e não terminava nenhuma. Ele quer que eu te diga."

Depois veio a longa descrição da casa do Sr. Davidson, dada pela sua mãe, um longo assunto evidente reconhecido pelo Sr. Davidson. No entanto, quando a velha senhora estava a tentar, com muito cuidado, fazer o seu filho perceber que ela estava ali, Northcliffe intrometeu-se mais uma vez.

"Westminster! Westminster! Westminster!", disse Moonstone para mim. Esse era o Chefe, o Chefe que enfatizava três vezes. "Não, não a Câmara dos Comuns, o *Westminster*. Eles não conseguiram torná-lo lucrativo."

Ai, quão verdade! O *Westminster Gazette* não estava a correr tão bem como devia. Mas o partido liberal também não.

"O material é bom, mas não é suficientemente animado. Quem me dera estar aqui. Eu pô-lo-ia a funcionar; mas não deixaria que a minha mão fosse vista."

Isto, escusado será dizer, não é verdade. Northcliffe não teria tido nada a ver com o *Westminster*, estivesse ele vivo. Poderia pensar que sim; mas não daria em nada. Ele era assim, na vida real. Gostava

sempre que pensássemos que ele andava atrás de tudo, quer andasse quer não.

"Tu tiveste algo a ver com isso", disseram-me.

Eu não tive, exceto de uma forma muito indireta; e expliquei-o. Trabalhei, há mais de vinte anos, no escritório de Birmingham agora gerido por Sir Charles Starmer, que também gere o *Westminster Gazette*.

"Sim, é isso mesmo", disseram-me.

Mas, nesse tipo de sentido, eu estou na maioria das coisas. Não provou nada.

"Tu viste a coisa começar", disseram-me. E depois veio o Northcliffe apologético, a que agora estou habituado. Ele pediu desculpas a Davidson por se ter intrometido.

"Se soubesses o que é estar excluído, e depois ter a oportunidade de falar", vieram as palavras.

Ai, pensar que o meu omnisciente Chefe agora se sentia realmente excluído, contente com a oportunidade de uma palavra ou duas, ditas numa sala de estar das traseiras numa pensão de Bloomsbury! E continuou a falar sobre George Steevens, de quem já falara antes. Eu tinha escrito a Harold Steevens no Savage Club, dizendo que o seu irmão desejava falar com ele; mas não viera resposta.

Louise Owen estava em Paris quando esta sessão teve lugar; por isso, Northcliffe tentou provar que tinha conhecimento do que ela andava a fazer.

"Ela está a esperar mais um dia ou dois para realizar algo", disse-nos ele.

Na segunda-feira seguinte, quando a Menina Owen regressou, confirmou isto, dizendo que tinha ficado para combinar que a sua filha adotiva ficasse como hóspede paga na casa de alguém.

Seguiu-se uma referência muito íntima a um parente próximo de Northcliffe, uma que provou ser Northcliffe a falar. Seguiu-se outra

descrição do filho do Lord Rothermere, que devia ter sido o herdeiro de Northcliffe; depois surgiram, uma após outra, referências aos assuntos privados do próprio Northcliffe.

Mostrá-las-ei a qualquer amigo chegado dele. Mas não são para o grande público. As provas acumularam-se sobre as provas e, por mais comparativamente esquivo que fosse este Northcliffe de Vout Peters, em confronto com o íntimo das sessões com a Leonard, era indubitavelmente o mesmo ser, a impor-se, mas através de uma parede mais espessa.

Seguiu-se outro pequeno fragmento de prova — uma observação quanto à atitude de um amigo em relação ao Espiritualismo nessa altura. Eu tinha-o visto muito recentemente e estava muito curioso por saber o que Northcliffe pensava disso.

"E quanto a...?", perguntei.

"Ele não quer ser forçado a isso", veio a resposta. "Ele tem sido ridicularizado ultimamente."

"Mas, Chefe, eu não me importo que me ridicularizem", disse eu.

"Ele diz que tu estavas abaixo dele", disse Moonstone. "Habituámo-nos a isso. Não te esqueças da queima do jornal. Não te esqueças de que saímos por cima."

A minha associação com Northcliffe, durante o tempo da queima do *Daily Mail*, foi muito íntima. Eu fui quase o único membro do seu pessoal, na verdade, que achou genuinamente que ele tinha razão. Pois, na verdade, tudo parecia muito ousado. Nessa altura, a maioria dos seus associados achava que ele estava errado e temia as consequências. A receita publicitária caiu terrivelmente. Mas era quando Northcliffe estava impopular que, por norma, ele tinha razão. Quando as pessoas o aclamavam, ele estava a fazer alguma parvoíce.

"Quando virem a circulação a subir de gatinhas, não vão discutir", vieram as palavras seguintes.

Isto era uma referência aos meus argumentos, no escritório do *The People*, desconhecidos de Vout Peters, de que deveríamos levar o Espiritualismo a sério, dar-lhe uma oportunidade, deixar Conan Doyle

escrever sobre o assunto. Estavam a chegar cartas a pedir mais sobre isso. As pessoas queriam saber; mas, exceto eu próprio e um ou dois membros do meu pessoal, toda a gente tinha medo do que aconteceria se imprimíssemos mais. Não sabiam, como eu sabia, que era um assunto sempre presente na mente das pessoas. Esta referência à circulação a subir de gatinhas fez-me responder: "Mas já lá vai muito tempo, Chefe."

"Tu estavas a assumir uma causa moribunda", disse Moonstone.

Quem quer que estivesse a falar — e isto Vout Peters não o sabia — sabia tudo sobre os meus assuntos comerciais naquele momento e, mais do que isso, era alguém com um conhecimento jornalístico possuído por muito poucos.

"Apanho o nome Hatton", disse o guia espiritual.

Não me dizia nada; mas Davidson, que estava no jornal há mais tempo do que eu, sugeriu que se tratava de Joseph Hatton, o autor de *"Cigarette Papers"*.

"Sim, sim, sim", veio a resposta. "Luminoso, vivo, direto. Ele lia-os sempre" — o "ele" era Northcliffe — "e tirava muitas dicas dali."

"Eu não os conseguia ler", respondi.

Como questão de verdade, a primeira coisa que eliminei, quando me juntei ao *The People*, foi o *"Cigarette Papers"*. Desapareceu na primeira semana em que lá estive. Estavam no jornal há muitos anos. Penso frequentemente que, quando me preparar para morrer, começarei por mover a lápide de toda a gente.

Depois veio outra pequena prova northcliffeana.

"Ele conseguia facilmente passar os olhos por um jornal muito depressa."

De facto, conseguia. Eu consigo ler todos os jornais da manhã em Londres numa hora. Northcliffe conseguia fazê-lo em cerca de cinquenta e cinco minutos.

"Vou pedir à Sra. Swaffer para descer para falar consigo na segunda-feira, Chefe", disse eu, referindo-me a uma sessão com

Bradley, para a qual Evan Powell tinha sido contratado. "A última vez que esteve com ela foi numa festa no jardim em Sutton Place, no dia em que o Inspetor Dew partiu para o Canadá para prender o Crippen."

"Que grande furo nós tivemos!", veio a resposta instantânea. "Lembras-te do *Mirror*?" Eu estava no *Daily Mirror* nesses dias, algo que Vout Peters não saberia. "Éramos um jornal moribundo; mas nós fizemo-lo subir."

"Ele é exatamente como um rapaz grande", comentou Moonstone, falando obviamente de Northcliffe que ali estava perto dele.

Vieram então as seguintes palavras:

"A Menina Le Neve foi uma das maiores mulheres do século. Lembras-te de entrevistar a querida mamã e o querido papá dela?"

Não, não me lembrava. Mas, aparentemente, isto tinha algo a ver com o que acontecera noutro dos seus jornais.

Considerem agora todas estas provas nesta sala de estar das traseiras em Bloomsbury. Se um amigo vosso estivesse fechado numa cela e tentasse provar quem era, conseguiria ele gritar através do buraco da fechadura tantas provas da sua personalidade quantas Northcliffe conseguira transmitir através de outro espírito a falar por intermédio de um homem vivo? Sabem que não conseguiria. Ele voltaria atrás na sua vida passada e lembrar-se-ia de coisas estranhas conhecidas apenas por si e por ele. Tentaria lembrar-se de uma piada, talvez, que ambos tivessem feito, uma vez, a caminhar por uma rua de Putney; mas acharia difícil lembrar-se de algo conhecido apenas por si e por ele. Poderia ser apenas o cheiro de uma laranja que ambos apanharam enquanto sentados na terceira fila da plateia na noite em que viram Lewis Waller em *"Robin Hood"* no Lyric Theatre.

Seria muito difícil lembrar alguma coisa. Pois você e ele seriam pessoas comuns, levando vidas comuns. Se estivessem ambos na multidão que assistia à passagem do Rei quando este ia ser coroado, a prova de identificação não seria a forma da coroa do Rei, pois ambos saberiam isso — não, não saberiam, já agora —, mas o facto de o bebé segurado por uma mulher gorda à vossa frente ter tapado a visão de

ambos, de modo que não conseguiram ver a coroa que ele usava, ou se usava sequer uma coroa.

Isto é uma explicação das pequenas coisas tontas que surgem como prova. Na manhã em que Robert Blatchford anunciou, no *Sunday Chronicle*, a sua conversão ao Espiritualismo, Sir Hall Caine disse-me que achava estranho que, se a mulher de Blatchford regressasse para junto dele, fossem discutir um par de botas velho. Concordei com o meu amigo, Sir Hall. Eu não compreendia, na altura, que a prova de sobrevivência deve consistir em pequenas coisas assim. Não reconheceriam um espírito, por exemplo, se ele falasse apenas sobre quão maravilhoso era o Céu. Essa é uma generalidade em que todos os espíritos concordariam. Teria de ser algum detalhe insignificante da vida diante do qual uma terceira pessoa pudesse apenas sorrir, por não compreender a razão.

Quando a Menina Owen foi ter com Vout Peters, semanas antes de eu o ver, Moonstone começou imediatamente por dizer: "O que se seguirá é apenas para prova de identificação."

Northcliffe não estava a enviar mensagens, desta vez, que significassem algo para o mundo. Começou a falar sobre como morreu de uma forma que significava algo apenas para ela.

"O meio centavo cativou o público nesses dias", disse ele então.

Charles Sandeman contou-me que, no dia em que Northcliffe e ele foram a uma competição de golfe organizada por Sandeman para o *Daily Mail*, na qual jogadores famosos testaram a bola de golfe moderna contra a bola de guta-percha dos velhos tempos, Northcliffe, vendo a grande multidão ali, disse: "Pensar que o pequeno meio centavo fez isto tudo!"

Northcliffe disse as palavras que Moonstone repetiu. Não me importa quem no mundo diga que não disse. Nenhum médio conseguiria pensar nisso, ou saber o que quer que fosse sobre o assunto. O Velho gostava daquela palavra "meio centavo". Tinha edificado o seu poder.

"Boa ideia os artigos no *Dispatch*", disse ele, pouco depois, a Louise. "Tinha ficado podre. Ajudou em todos os aspetos."

Isso era verdade; mas apenas algumas pessoas em todo o mundo sabiam. Eu tinha feito o *Weekly Dispatch* para Northcliffe, depois de uma vintena de editores terem falhado. Discuti com ele e saí. E, imediatamente a seguir, quando ele viu que o *Weekly Dispatch* carecia da minha inspiração — tinha melhores notícias, mas não tinha ideias —, insistiu na publicação do texto de Vale Owen, depois de outros o terem rejeitado. Fez subir a circulação. Causou sensação, embora a mim me aborrecesse.

"Boa ideia os artigos no *Dispatch*" estava absolutamente correto; poucos, exceto Northcliffe, se lembrariam.

"Tivesse eu sabido quão verdadeiro era este Espiritualismo, ter-me-ia dedicado a ele, mas não me arrependo do pouco que fiz para o ajudar", continuou ele, de imediato. E depois seguiram-se as palavras: "Napoleão em Santa Helena sabia o que era sentir que tudo era pó. Eu também."

Este era Northcliffe, pensando em si próprio como Napoleão, porque a Louise e eu nos lembraríamos daquela palavra napoleónica, daquela frase napoleónica, daquele estilo napoleónico.

Ele descreveu então, através de Moonstone, a Louise, o escritório em que ele se sentava, e o escritório em que ela se sentava, exatamente, nas únicas palavras que poderiam ser. Vout Peters nunca tinha estado perto daquela sala. Não sabia nada sobre ela. Continuou a descrever a poltrona comprida e baixa na qual muitas vezes o vi sentado.

"O teu cérebro de mulher ajudou-o", disse ele. "Às vezes ele ficava muito zangado contigo. A culpa era tua. Eras tão danadamente honesta. Não o bajulavas."

Isto era tudo verdade, absolutamente. Mas como saberia Vout Peters?

"Antes de fazer a passagem, ele foi ameaçado com um processo judicial; se tivesse vivido, e avançado com ele, teria perdido", continuaram as palavras.

Vout Peters não se lembraria de que Sir Andrew Caird e W. G. Fish iniciaram uma ação por difamação contra o Lord Northcliffe não

muito tempo antes de este morrer. Ele teria perdido; e sabia-o. Ele era sempre francamente crítico do seu pessoal; mas desta vez, na sua semi-loucura, tinha-se excedido. E um processo por difamação era a única forma de dois dos seus diretores se justificarem.

"Não foi a primeira vez", vieram as palavras imediatamente a seguir; "teria perdido." O médio disse aqui: "Ele riu-se e está altamente divertido."

Deve recordar-se que o processo por difamação do sabão lhe custou três quartos de milhão de libras! Ele estava a lembrar-se disto, sem dúvida, e a saborear a memória.

"E quanto às ervilhas-de-cheiro? Foi um erro assumir o *Thunderer*. O Stead disse que o Steed era o melhor homem, embora não mantivesse a tradição."

Como diabo poderia Vout Peters saber que Steed, embora um grande jornalista, era o último homem em quem alguém pensaria como editor do *The Times*; pois tinha sido criado na política externa e não na tradição de Oxford, não no estilo do *The Times*.

"O Stead está aqui, a ajudar-me."

Tive outras mensagens, desde então, que mostraram como Stead, no Outro Lado, e Northcliffe trabalhavam na mesma propaganda para impor o Espiritualismo.

Depois veio uma referência a Kingsgate, a sua casa perto de Broadstairs, e as palavras: "Não serviria para o nome."

"Isto obviamente significava a dificuldade que ele teve em escolher o seu título quando obteve o seu pariato. Apenas a Menina Owen e uma ou duas outras pessoas no mundo sabiam que, analisando todas as possibilidades com o seu humor habitual, Northcliffe rejeitou o título 'Lord Elmwood', dizendo: 'Madeira de olmo (*Elm wood*) é aquilo de que fazem os caixões'; e depois, quando o nome 'Lord Kingsgate' foi sugerido, respondeu: 'Esse é o sítio do Lord Avebury.' O Castelo de Kingsgate, residência do Lord Avebury, agora um hotel, ficava ali perto.

'Foi ameaçado, mas não se concretizou. Duas vezes bombardeado a partir do mar durante a Guerra e pelos ataques aéreos', foram as palavras seguintes que Moonstone disse.

Ora, sem que quase ninguém no mundo o soubesse, Northcliffe quase foi morto durante a Guerra enquanto estava hospedado em Elmwood. Nós sabíamo-lo no escritório; mas Vout Peters nunca teria ouvido falar disso. Mesmo que tivesse, nunca se lembraria. Eu lembro-me bem, por todo o tipo de razões. Por exemplo, eu tinha frequentemente contado a história de como, quando Northcliffe estava hospedado em Elmwood num fim de semana, uma mulher, que também estava hospedada na mesma casa, correu em pânico para o quarto dele a meio da noite, depois de ser acordada pelo som dos tiros, e disse: 'Chefe, os alemães estão a bombardear-nos.'

O Chefe acordou e disse, com toda a naturalidade: ' Morrermos nas nossas camas.' Depois, com aquele humor cínico, característico de muitos dos seus estados de espírito, acrescentou: 'Vai morrer na tua.'

Escreveu-me, no dia seguinte, numa carta que ainda guardo:

'QUERIDO SWAFFER — É mentira que eu esteja morto.'

Por essas razões, como veem, eu lembro-me. Mas, de outro modo, no meu cérebro também poderia ser apenas uma vaga recordação. E se estava na mente subconsciente da Louise — bem, como pode uma palavra subconsciente fazer uma trombeta dar continuidade à mesma conversa?

Depois Northcliffe, prosseguindo com a sua conversa com Louise Owen, deu provas íntimas de quem era.

'Foste culpada por três pessoas diferentes', disse ele, 'uma mulher especialmente ficou muito zangada. Ela tinha ciúmes de ti. Uma mulher pequena, que se casou logo a seguir; mas tu ficaste com as culpas disso.'

Tudo isto era verdade.

'O que diriam eles se publicasses tudo? Fazia-os saltar da cadeira, não fazia?'

Sim, fazia.

'Estou um pouco preocupado com o jornal', continuou ele. 'Eles estão a adotar a política errada, seguindo a opinião pública em vez de a liderar.'

Esta referência a 'seguir a opinião pública' é uma com que me deparei três vezes durante as conversas com Northcliffe. É distintamente uma ideia northcliffeana. Nenhum médio que eu tenha conhecido saberia nada sobre o assunto.

'Esta eleição mostrará o quão atrasados eles estão.' Não mostrou, por sinal, no que dizia respeito àquela eleição. 'Será que não compreendem que há uma nova vaga de leitores a nascer nestes últimos vinte anos com ideias mais novas?'

Tudo isto era Northcliffe, para além de qualquer dúvida.

'Não se pode esmagar o Socialismo. É demasiado antigo, demasiado forte. Os jovens mais intelectuais nas faculdades estão todos tocados por ele. Em vez de erguerem o fantasma do Comunismo, deviam tê-los "poupado" e conduzido, para os deixar pensar que não se lhes estavam a opor.'

Vout Peters não se lembraria, nem a Menina Owen, de que, durante a eleição de 1918, Northcliffe, consciente do poder sempre crescente do Trabalho, os 'poupou' dando ao lado do Trabalho uma coluna por dia no *Daily Mail*, uma coluna na qual podiam publicar as suas perspetivas e as suas opiniões.

Isto foi feito por Northcliffe para deixar o Trabalho pensar que ele não lhes era tão oposto como pensavam. Nem, acreditem-me, era. Quando a União Nacional de Jornalistas foi formada, Northcliffe foi o único proprietário de jornais que enviou aos membros um telegrama, um de felicitações e encorajamento. Isto pode ter sido em parte simpatia; mas foi também 'poupá-los', lisonjeá-los, fazê-los pensar que belo homem Alfred Harmsworth era.

'O Harmsworth está do nosso lado.' Isto fazia sempre parte da política de Northcliffe. Eu sabia; mas muito poucas pessoas sabiam. Elas aceitavam as palavras em que ele lhes falava ou aquelas em que escrevia. Não sabiam ler nas entrelinhas.

'Cometi um erro, do qual me arrependo, com o Lloyd George', continuou a mensagem de Northcliffe, de imediato. 'Deixei-o cair demasiado subitamente. Foi um trunfo para mim quando o coloquei lá.'

De certa forma, Northcliffe colocou de facto o Lloyd George lá, embora, na realidade, não soubesse nem de perto tanto sobre o assunto quanto fazia as pessoas acreditar. Northcliffe fez do Lloyd George Primeiro-Ministro, durante la guerra, ao esmagar Asquith. Foi o Lord Beaverbrook quem organizou o grande golpe através do qual Lloyd George se tornou chefe do Governo de Coligação.

'O fantasma do Comunismo serve perfeitamente para o *News*, mas não para o jornal', continuou Moonstone para Louise. Esta palavra 'o' antes de 'jornal' é fortemente evidente; pois apenas poucas pessoas sabem que Northcliffe se referia frequentemente ao *Daily Mail* como o jornal, que era sempre o primeiro jornal que imprimia as suas novas opiniões. O *Evening News* apenas seguia, à noite, o que o *Daily Mail* dissera de manhã. A ideia de Northcliffe era sempre deixar os outros jornais seguirem o *Daily Mail*. O *Mail* de manhã, o *News* à noite, o *Weekly Dispatch* ao domingo — essa era a ideia. Um dos problemas comigo era que eu odiava imprimir, a um domingo, o que o *Mail* e o *Evening News* tinham dito à segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado. Outros editores contentavam-se perfeitamente em seguir. Sentiam-se então seguros. Eu odiava estar seguro. Gostava que as outras pessoas me seguissem.

'Numa coisa falhei', continuou a mensagem. 'Escrevia perfeitamente bem, mas não prestava para falar em público.'

O único discurso de Northcliffe na Câmara dos Lordes, um sobre aviação, foi um fracasso; mas ele não era tão mau a falar em público como isto o faria recordar. Ouvi-o fazer dois discursos realmente bons — um no seu quinquagésimo aniversário no Ritz, e outro, uma oração realmente bela, quando, no seu regresso de Washington como chefe da Missão de Guerra Britânica, se dirigiu aos editores de Inglaterra.

'O Espiritualismo trouxe-te muitos amigos, mas' — e aqui ele riu-se, disse o médio — 'terás muitas cartas para responder. Lembras-te da mala do correio sobre o Kitchener?'

De facto, a Menina Owen lembrava-se.

Seguiram-se muitas outras pequenas coisas, evidentes, mas demasiado pequenas para detalhes aqui.

E depois veio um toque de arrependimento.

'De que servem os títulos, o dinheiro, a posição, quando tudo termina na morte?', disse Northcliffe. 'A única coisa que conta é o que és e o que fizeste de ti. Isso é tudo. Estou contente por ter dado trabalho a centenas. Estou contente por ter ajudado muitos jovens, homens e mulheres, em dificuldades, e mantive vivos os jornais de mulheres que deveriam ter morrido. Mas títulos, publicidade e a casa não contaram para nada a longo prazo.

'Acima de tudo, o mundo depara-se com o Bolchevismo, que tem sido o produto do materialismo. O Espiritualismo é um antídoto. Ora aí tens o teu tema. Tu és uma mulher, uma mulher terna, uma mulher amorosa, eu sei, que ama as crianças. Escreve um capítulo sobre o Espiritualismo do ponto de vista de uma mulher sobre a morte de criancinhas — a inumanidade da guerra, que seria impossível se todos os homens soubessem que a conta teria de ser paga.'

Foi uma longa conversa, esta entre Louise Owen e o seu Chefe. Ela estava muito entusiasmada. Estava no encalço. Não sabia, na altura, o que sabe agora. Apontou cada palavra, com lágrimas nos olhos de vez em quando, ansiosa, entusiasmada.

Surgiu uma referência a Bradley, que não significaria nada, porque Vout Peters sabia tudo sobre ele; e depois a primeira referência a Philip Gibbs.

'Satisfeito por ter detetado um bom homem', disse Northcliffe. Não detetou. Deixou-o ir embora.

Houve uma referência à Sra. Chevalier; mas eu tinha impresso o nome dela, por isso isso não significaria nada, exceto que Vout Peters possa ter lido.

Mas depois vieram algumas palavras, repetidas para mim na mesma sala, mais tarde, quase exatamente:

'Apanha sempre o teu público através do uso de grandes nomes. Não te esqueças de que grandes nomes apanham sempre peixes pequenos.'

Essa era uma ideia northcliffeana marcante.

'Sempre que havia uma crise, e algo tinha de ser badalado', continuou ele, 'eu arranjava sempre pessoas com grandes nomes para o fazer, mesmo que não fosse ideia delas. Conseguíamos nomes; esse era um dos segredos. O que eu era capaz de fazer era tomar nota do que as pessoas queriam. Antecipava-me a elas. Agora é o momento para o Espiritualismo. Elas querem-no mesmo. O Labouchere — ele estava errado.'

Aqui tem-se o funcionamento de uma mente northcliffeana, seguindo a linha do jornalismo, que Vout Peters não conseguiria apanhar.

'O Labouchere queria desmascarar todos os vigaristas; mas não percebeu que esta coisa, o Espiritualismo, era verdadeira.'

Uma das críticas mais mordazes sobre a minha reunião no Queen's Hall apareceu, semanas mais tarde, no *Truth*, tentando ainda ser o *Truth* do tempo de Labouchere, mas falhando, oh, tão lamentavelmente!

Depois veio outra frase northcliffeana: 'O portador do manto de Alfred está a fazer uma futilidade tremenda das coisas.'

Ora isto significa, escusado será dizer, que o Lord Rothermere tinha falhado na grande proeza de manter o *Daily Mail* como o poder vital que era quando Northcliffe morreu. Num sentido comercial, não tinha falhado no que tocava ao público. Para eles, o grande órgão de opinião pública que Northcliffe edificara era o mesmo de sempre; mas nós em Fleet Street sabíamos que já não liderava, que, embora estivesse a fazer muito dinheiro e a enriquecer os seus acionistas — bem, eu já nem sempre o leio agora. Já não me conta nada do que quero saber.

Podem aqui argumentar que, enquanto em transe, o médio estava a ler a mente subconsciente da Menina Owen. De certa forma, isto poderia ser verdade, claro; mas parece-me que, se for verdade, a vossa

mente subconsciente é uma coisa muito mais inteligente do que a outra metade do vosso cérebro. E como pode a vossa mente subconsciente saber mil coisas que vós não sabeis — coisas que estão a decorrer noutra parte do mundo, mesmo enquanto estais a falar; coisas que aconteceram a outras pessoas, noutros países? Foi ao falar de coisas como esta que, noutras sessões, Northcliffe haveria de deitar por terra a teoria da mente subconsciente.

'Fizeste bem em retirar-te antes de eu fazer a passagem', vieram as palavras finais, 'e honro-te pela tua honestidade.'

'O poder desligou-se', disse o médio. 'Adeus.'

'O que se segue é para prova de identificação', dissera o guia espiritual quando a sessão começara. Houve identificação, o tempo todo. A personalidade de Northcliffe estava ali, em pequenos humores. A irreverência e a imperiosidade misturavam-se, Napoleão e Peter Pan empurrando-se mutuamente a cada minuto, tal como faziam no próprio ser terreno de Northcliffe.

A Menina Owen saiu a caminhar para Bloomsbury, com as suas paredes direitas de pensões e o seu tédio romântico. As prostitutas caminhavam pela Guildford Street, como habitualmente; estudantes indianos saíam das suas salas de estar das traseiras, olhando para elas e perguntando-se se aquilo era a civilização ocidental. E aquela estátua estúpida continuava erguida em frente ao Foundling Hospital, ao lado da casa em que Jacob Epstein vive, com escassas libras por semana, por entre paredes nuas, um grande génio, não reconhecido.

É um lugar estranho — não é? — para se ir falar com os mortos, para aprender que não há harpas e asas no Paraíso de que vos falavam na escola, e para perceber que, quando se fala com o outro mundo, basta dar uma guineu a um homenzinho de veludo cotelê, com uma barba castanha e uma esposa que, como as outras senhorias, deve achar que os seus rapazes hóspedes gastam demasiado gás.

CAPÍTULO XIV

Evan Powell, o Médio Psíquico — Northcliffe Fala com Sir Robert McAlpine — Pede Desculpas a Conan Doyle — Beaverbrook

Assiste a uma Sessão — Terá ele falado com Bonar Law? — A Mensagem de Bonar Law para o Lord Beaverbrook — Keir Hardie Envia uma Mensagem.

Entre os médiuns com quem me sentei durante as minhas investigações sobre Northcliffe esteve Evan Powell, que começou a vida como mineiro em Gales e trabalhou debaixo de terra por mais de vinte anos. Ele era psíquico mesmo em rapaz, quando, na noite, contou-me ele, por vezes sentia um corpo invisível a pressioná-lo quando estava na cama.

'Eu gritava pela minha avó, com quem vivia', explicou ele, 'e ela entrava e dizia que era o cão. Ela era mui bondosa; mas à terceira vez que eu gritava na mesma noite ela batia-me. Anos mais tarde, como é óbvio, soube que era uma forma psíquica, semimaterializada. Depois, debaixo de terra, onde trabalhei durante anos, sentia coisas a tocar-me no escuro. Então formámos um círculo, alguns mineiros e eu, e gradualmente tornei-me um médio totalmente desenvolvido.'

Powell gere agora um pequeno negócio de carvão em Paignton, cidade perto de Torquay de onde vem a Londres por vezes para sessões. Não é um profissional, no sentido em que ganhe a vida como médio; mas tem de cobrar pela perda de tempo e pela sua passagem, e pelo homem que gere o seu negócio quando ele está fora.

O Conan Doyle, por exemplo, dá-lhe dez libras quando ele vem a Londres de propósito; mas às vezes ele faz duas ou três sessões num fim de semana. Então fica mais barato.

Sentei-me pela primeira vez com Evan Powell no British College of Psychic Science, que, em Holland Park, é gerido pelo Sr. e Sra. Hewat McKenzie. Quando fui num domingo em lugar da Menina Owen, que tinha reservado uma sessão mas não pôde ir, sentámo-nos lá em baixo como pessoas à espera de ver o médico, e algumas delas parecendo quase tão nervosas.

A Lady Alguém — esqueci-me do nome dela — passava as páginas de algumas fotografias de espíritos num álbum; um advogado falou comigo; e estava lá um médico.

Depois subimos para a sala de sessões, onde vi o mesmo tipo de armário que se vê nesses locais, algumas flores, como habitualmente, ali perto. Powell entrou, usando os seus habituais tweeds escoceses, um homem modesto, alegre e habituado a companhia distinta, por esta altura.

'Alguém me quer amarrar?', disse ele.

Eu não estava habituado a tal pedido; por isso fiquei de um lado. Mas o advogado e outro homem amarraram-no, prendendo-o tão firmemente à cadeira que tenho a certeza de que não se conseguia mover. Mesmo assim, não ficou satisfeito, pedindo para lhe prenderem os polegares com linha de algodão, de modo a que o mais pequeno movimento a partisse. E depois, de um lado ao outro do círculo, obrigou-nos a prender linha, dois ou três comprimentos dela, para que qualquer movimento no círculo partisse a linha e denunciasse qualquer truque.

'Por que se senta amarrado dessa maneira?', perguntei a Powell, noutra sessão.

'Já tive mais horas de almoço do que almoços', respondeu ele. 'Não me posso deixar suspeitar de qualquer fraude, ou isso arruinar-me-ia. Além disso, Conan Doyle garantiu a minha boa-fé e eu não lhe falharia. Sabes, quando estou em transe, posso mover-me e caminhar de um lado para o outro sem o saber. Então as pessoas diriam que eu era uma fraude. Por isso, insisto sempre em ser amarrado.'

Quando Powell ficou amarrado, as luzes apagaram-se e nós murmurámos uma espécie de hino; depois ouvimos a voz de Black Hawk, a assumir o controlo.

Black Hawk, como muitos guias espirituais, é um estrangeiro. Se nós, os ingleses, somos tão estúpidos no mundo espiritual como somos durante as nossas Guerras dos Bóeres, não sei; mas parece que aquilo a que chamamos 'raças nativas' quase monopoliza o trabalho mais importante no outro plano.

Black Hawk faz barulhos como um índio pele-vermelha, resmungando, quando está no controlo, ruídos bizarros que não sei

descrever; mas costuma começar por ser apresentado aos participantes, um por um.

Quando chegaram a mim, dei o nome Campbell, pois a Sra. McKenzie, que estava no círculo, tinha-me aconselhado a não dar o meu nome verdadeiro. Senti-me mui nervoso quando ele veio ter comigo; pois esta era a primeira vez na minha vida que me fazia passar por escocês. Contudo, Black Hawk não pareceu notar. Não era tão esperto como eu pensava.

Começou, como julgo ser seu costume, por dar aquilo a que se chama 'fenómenos físicos'; isto é, moveu flores e uma mesa, expressando, antes de o fazer, o seu desprezo por tais truques, mas acrescentando: 'Vós, pessoas, parece que ficais convencidos com esse tipo de coisas. A mim não me convenceria; só o faço porque vós o quereis.'

Depois foram-nos empurradas flores contra o rosto e, finalmente, uma mesa foi movida em redor sobre os nossos colos. Mãos tocaram-nos e ouvimos uma voz ou duas, entre elas uma que se dizia ser W. T. Stead, que conheci, desde então, em todo o tipo de sessões. Fiquei um tanto surpreendido por ele não ter falado comigo; mas, sob o meu pseudónimo, até um grande jornalista como ele poderia ser desculpado por não reconhecer um homem comparativamente desconhecido como eu.

Eu esperava que Northcliffe se transmitisse, como é óbvio; de outro modo não teria ido. O Sr. Stead não me interessou em vida; habitualmente, não interessa na morte. Pois, em todas as ocasiões em que lhe falei, foi tão pontifical quanto deve ter sido na terra.

'Não nos teríamos dado bem na terra', disse ele a Moonstone para me dizer, uma vez, numa sessão de Vout Peters. Suponho que sabia.

A única coisa que me interessou na sessão foi que, à minha esquerda, estava Nellie Tom-Gallon, como ela agora se chama. É a irmã do escritor de contos, que morreu há algum tempo, e cujo nome ela adaptou. O irmão dela — ela aceita que seja ele — surgiu e falou com ela.

'Nellie, o Tom está aqui', disse ele, suavemente. 'Perdoa-me, querida, pelo problema que te causei', ou algo assim; e seguiu-se uma conversa no escuro entre os dois, demasiado sagrada para eu a repetir, exceto que Gallon regressou duas vezes depois disso e disse: 'Publica-o. Eles lembrar-se-ão do meu nome. Sabes, eles lembrar-se-ão de Tom Gallon.'

Esta é a mensagem insistente que vem de quase todas as vozes espirituais. Querem que todos saibamos.

Foi quase tudo o que aconteceu. Era um círculo misto, um tanto tenso. Eu estava aborrecido, e a maioria das pessoas era enfadonha. Vim-me embora debaixo de chuva, tomei chá com a Menina Tom-Gallon no Criterion Restaurant e discuti o Espiritualismo em geral — e filmes.

Foi Sir Arthur Conan Doyle, escassas semanas mais tarde, quem me convidou para uma sessão na qual Evan Powell seria o médio. Tomámos chá, antes de mais nada, no apartamento de Sir Arthur — Evan Powell; E. H. Lacon Watson, o autor; Louise Owen; Alfred Morris, um homem de negócios reformado; e o Sir Arthur e a Lady Doyle. Depois fomos de carro até ao 'Borderland' da Menina Estelle Stead, na esquina da minha antiga casa, North Street, Westminster. Ali, estavam à espera: Sir Robert McAlpine, o grande empreiteiro que construiu Wembley; a Menina Stead; e o Sr. John Lewis, o editor da *International Psychic Gazette*.

Depois, na sala de sessões daquela antiga residência do tempo da Rainha Ana, onde fidalgos de cabeleira postiça outrora se sentavam a aspirar rapé, falando, sem dúvida, dos Jardins de Cremorne, ali não muito longe, amarrámos Evan Powell, apagámos as luzes e esperámos.

A Menina Stead tem uma velha caixa de música que funciona, 'para criar vibrações', como dizem. É mui asmática e terrível. Espanta-me que os espíritos regressem quando a ouvem. Eu ficaria ainda mais longe.

Mas a sessão foi muito melhor do que a de Holland Park. Por um lado, não éramos uma multidão mista, mas sim, na sua maioria, Espiritualistas convictos; todos, pelo menos, simpáticos.

Muito em breve, a voz de Northcliffe surgiu, obviamente através de uma trombeta que tinha sido deixada pela sala. Estava mais clara do que eu alguma vez a tinha ouvido até então; dominou os procedimentos mais do que nunca. Não era a própria voz de Northcliffe no som; mas era a própria voz de Northcliffe no estilo. A trombeta faz com que todas as vozes soem mais ou menos iguais; mas Northcliffe parecia estar a acentuar a ênfase da sua forma de falar. E, tão orgulhoso estava disso que, muito em breve, disse: 'Essa é a minha voz, Swaffer, não é?'

'Sim, Chefe', respondi.

Era tentar gravá-la bem, para nos fazer saber.

Depois, quase ao fim, veio um momento sensacional. A voz passou para o lado do círculo do Sir Arthur, em frente a mim.

'Doyle, quem me dera ter prestado mais atenção ao que disseste', ouvi, na forma determinada de Northcliffe. 'Desconfiei do teu julgamento, embora estivesse seguro da tua sinceridade.'

Isto foi ao fim de uma longa sessão, durante a qual a voz de Northcliffe dominou os acontecimentos. Era a de um homem num estado de espírito grande demais para as pequenas coisas da vida. Na verdade, até a menção da mãe, a quem o Lord Northcliffe era devoto e de quem a sua voz por vezes fala, o deixou impaciente.

Foi Sir Robert McAlpine quem mencionou a mãe do Lord Northcliffe, perto de quem, creio eu, ele vive.

'Gostaria que levasse uma mensagem à sua mãe, Northcliffe?', disse Sir Robert, que conheceu Northcliffe na sua vida terrena.

'Não', respondeu Northcliffe, 'o meu coração é grande demais até para a minha mãe hoje. Como o Swaffer sabe' — e a voz aproximou-se de mim — 'o mundo é a minha paróquia, e fazer o bem é a minha religião.'

Considero esta referência de Northcliffe à sua mãe como sendo notavelmente evidente, pois, embora estivesse tão ligado a ela em vida, e embora, em várias ocasiões desde a sua morte, me tenha falado sobre ela em termos de devoção, recusou-se a discuti-la quando outra

pessoa o sugeriu. Northcliffe era assim em vida. Se lhe perguntássemos alguma coisa, o mais provável era não obtermos resposta. Ressentia-se de que lhe sugeríssemos o que quer que fosse, mesmo que, se não o tivéssemos sugerido, ele o teria voluntariado.

A única mudança, na verdade, no Lord Northcliffe que notei é a sua defesa da Sociedade das Nações e a sua referência a coisas como 'Fazer o bem é a minha religião.' Estas não eram, de modo algum, características dele em vida. Mas poderiam razoavelmente ser as mudanças trazidas pela projeção numa esfera onde os laços terrenos e os egoísmos terrenos já não existem. Mas, em todos os outros detalhes de todas as mensagens que recebi eu próprio, está o verdadeiro Northcliffe de quem me lembro.

Seguiu-se depois um discurso maravilhoso, mui alto e mui claro, sobre a necessidade de espalhar o Espiritualismo pelo mundo, e o amor dos homens e a grande missão diante de nós."

Era a voz de um homem no seu estado de espírito mais nobre, muito distante das coisas terrenas, falando do grande Futuro.

Vieram outras vozes, a de W. T. Stead, conversando com a filha sobre as chamadas "fotografias de espíritos" da Sra. Deane tiradas no Cenotáfio, e aconselhando a que a projetada ação por difamação contra o *Daily Sketch* fosse abandonada; e a de Bruce Glasier, que me falou sobre as eleições de Birmingham, e disse que Keir Hardie estava com ele. Depois veio Feda, a guia da Sra. Osborne Leonard; Warren Clarke, o cunhado de Dennis Bradley; e Annie, a sua irmã. Todas estas três últimas vozes são ouvidas, habitualmente, em cada sessão a que assisto. São sempre as mesmas; nunca variam na voz ou no estilo, não importa quem seja o médio. São para mim uma prova positiva — se eu não tivesse outra prova — de que o Espiritualismo é verdadeiro.

Foi na cabana da Sra. Leonard em Hertfordshire, no dia seguinte, quando fui com a Menina Owen, que la voz de Northcliffe continuou a conversa da tarde anterior.

Imediatamente após a Sra. Leonard ter entrado em transe, a voz de Feda começou a repetir o que ela dizia que o Lord Northcliffe estava a dizer ao seu lado. Habitualmente ela chama-lhe "o grande

Chefe"; nesta ocasião chamou-lhe "o Lorde", acrescentando uma vez, com um riso: "Não lhe devia chamar isso. Mas ele é o Lorde, não é?"

Depois ela repetiu como Northcliffe dizia que, no dia anterior, tinha havido grande poder; como ele quase tinha materializado o seu rosto diante de nós; como estava tão perto de se materializar que caminhou através do círculo e colocou a sua mão sobre a da Menina Owen.

"Ouviram os meus passos?", disse ele.

Sim, tínhamos ouvido um passo. E a Menina Owen sentiu um toque. Mas depois, ao que pareceu, o poder esgotou-se.

Durante duas horas, na terça-feira, a Menina Owen e eu apontámos as mensagens de Northcliffe cuidadosamente em casa da Sra. Leonard até estarmos cansados, com correções aqui e ali.

Quase perto do fim estávamos a discutir pessoas da atualidade, quando surgiu o nome de Lord Beaverbrook.

"E que tal levá-lo a uma sessão?", veio a mensagem. "Leva-o a casa de Herbert Bradley. Haverá mais poder ali. Leva o Beaverbrook ao Bradley."

"Conheço-o, Chefe", disse eu. "Até gosto do Beaverbrook."

"Sim, eu conheço-o", veio a resposta.

E seguiu-se uma análise notável de Beaverbrook, que os seus milhares de amigos lerão com interesse.

"Ele tem uma natureza muito positiva", disseram-me, "e é propenso a dizer algo quando contrariado por toda a gente. No entanto, é uma natureza curiosamente sensível. É um ser humano. Digo isto de propósito, mui humano, meus filhos."

"Ele chama-vos os seus filhos", intrometeu-se Feda, rindo.

"Tem um coração de ouro", continuou a análise de Beaverbrook. "Mas ele realmente não consegue evitar alinhar automaticamente com a conceção popular que se tem dele. É como um rapaz grande com poder. Tem uma alma muito maior do que aquela que permitiu tomar posse do seu mecanismo. E eu gosto dele. Oh, sim, ele é simples. Se

me pedisses o tipo de um homem simples, eu apontaria para ele entre nove ou dez pessoas. É um homem de bom coração, de coração caloroso, que teve grandes dificuldades, e poucos conselhos, quando era realmente jovem."

As mensagens eram insistentes sobre Beaverbrook. Recomeçaram algum tempo depois, após uma conversa sobre Charles Whibley e outros amigos — "O Twells Brex", ouvi, "entrou numa terra de sonhos onde chegou à completa realização de todas as suas aspirações, e tudo é beleza na sua alma" — e uma referência a Kennedy Jones. Todos os que se lembram de Twells Brex apreciarão isto. Era um homem a quem todos éramos devotos.

"O K. J. está algures em segundo plano", disse a voz. "Ele lembra-me um gafanhoto agressivo. Consigo sempre perceber quando ele anda por perto."

Os inumeráveis amigos de K. J. apreciarão também este pormenor.

Depois Beaverbrook regressou à conversa.

"Encontrei-me com o Bonar Law."

"Ele diz que se encontrou com o Bonar Law", disse Feda, repetindo a mensagem. "O Bonar Law vai ajudar o Beaverbrook. É uma alma pacífica. Está feliz aqui. Encontrou algo que procurava na terra. Está contente. Está satisfeito."

"Encontrou os seus dois rapazes?", perguntou a Menina Owen.

"Sim, encontrou os seus filhos. Eles ficaram mui felizes por o ver. O Bonar Law gostaria de falar com o Beaverbrook. Ele é o seu guia. Não está sempre com ele, mas tirou-o de alguns cantos difíceis e impediu-o de fazer algo que poderia ter sido mau para ele. O Beaverbrook tinha-se permitido absorver condições que não teriam sido boas para ele. Ele ia desembolsar uma boa quantia de dinheiro por um negócio que não lhe servia para nada. Depois teve a impressão de que não teria sido bom para ele. Recebeu isto diretamente do Bonar Law. Ele vai guiá-lo e ajudá-lo."

Perguntei-me o que significaria tudo isto enquanto conduzia para longe da pequena cabana em Hertfordshire, onde, duas vezes por dia, chegam visitantes — em busca de consolo.

Perguntei-me o que fazer. Depois obedeci à voz, fosse ela qual fosse. Pois na noite seguinte, no Hyde Park Hotel, visitei o Lord Beaverbrook, que estava deitado num sofá coberto com uma manta. Lembrou-me a forma como o Lord Northcliffe costumava descansar enquanto trabalhava, e disse-lho. Havia telefones no chão e jornais ao seu lado; e este grande homem de negócios estava deitado, a planear.

"Espero que não pense que estou louco", disse eu, "mas trouxe-lhe uma mensagem. Mandaram-me e eu obedeci. Dizem-me que o Bonar Law quer falar consigo."

E expliquei as circunstâncias.

"Não, não acho que esteja louco", respondeu Beaverbrook, pensativo... "A Lady Grey não está louca."

E ao entregar a Beaverbrook um registo palavra por palavra da conversa, recordei como a esposa do Visconde Grey era uma convertida ao Espiritualismo, para além de qualquer dúvida, agora.

Surgem dúvidas na mente de todos nós quando ouvimos coisas como esta. Viverão realmente os mortos? Os olhos límpidos do Lord Beaverbrook fixaram-se no papel de parede enquanto me escutava.

"Isso é extraordinário", disse ele.

"Posso providenciar uma sessão", respondi, "se quiser ir. Mas tome o seu tempo. Estas coisas requerem reflexão."

E deixei-o a pensar no seu querido amigo, o grande patriota que eu vira ser sepultado na Abadia com homens, os mais altos do país, como portadores do caixão, o Príncipe de Gales, Baldwin, Lloyd George, Asquith e Ramsay entre eles, e Beaverbrook sofrendo ao lado deles. Seria esse o fim de Bonar?

O que faria se uma mensagem destas lhe chegasse — se alguém que, durante anos, fora talvez metade da sua vida, tivesse partido para as sombras e depois viesse uma mensagem que poderia ter vindo dele? Eu iria para ouvir, fosse o que fosse. A mensagem chegou até mim... e

eu fui. E milhares vão todas as semanas, por todo o país. Mas poucos se atrevem a contar. Valeria o Lord Beaverbrook? E, se fosse, obteria provas que o fizessem acreditar que o que Sir Oliver Lodge diz é verdade? E, se acreditasse, diria-o, como a Lady Grey, ou esconderia o facto como o Lord? Oh, eu poderia dar imensos nomes mundialmente famosos...

Durante dias, perguntei-me qual seria o resultado da minha entrevista com o Lord Beaverbrook. Mal sonhava eu que ele iria em breve assistir a uma sessão, na qual eu estaria presente, e por causa de uma insistência que eu acreditava vir do próprio Northcliffe, uma insistência persistente que deve ter despertado a curiosidade de Beaverbrook. De qualquer forma, ele conhecia-me suficientemente bem para saber que eu estava a falar a sério. Assim aconteceu que, a 8 de dezembro de 1924, duas semanas mais tarde, o Bonar Law de facto transmitiu mensagem — pelo menos, Northcliffe disse que era o Bonar Law — e ouvi-o a falar com o Lord Beaverbrook durante bastante tempo.

Aconteceu em casa de Bradley, à noite. Eu tinha estado a almoçar, nesse dia, com Evan Powell no Ivy Restaurant, onde a Louise Owen estava a almoçar com outra pessoa do outro lado da sala, quando Madeleine Cohen, que tinha levado James de Conlay a ver Vout Peters nessa manhã, se aproximou e disse: "Tenho uma mensagem do Northcliffe."

O Sr. de Conlay tinha sido levado a um médium de transe pela primeira vez. Queria falar com Dudley Hardy, de quem era grande amigo; mas não havia sinal de Hardy. O Sr. Vout Peters, como faz frequentemente, apenas descreveu uma quantidade de fantasmas enfadonhos que pareciam andar por ali. Não creio que o Sr. de Conlay tenha reconhecido nenhum deles; mas, mesmo a meio, Northcliffe intrometeu-se, como de costume, e enviou-me uma mensagem.

"Diz-lhe para o trazer cá abaixo logo à noite", disse ele. "Quero encenar algo grande, mesmo que o tragam no último momento."

Nenhum nome foi mencionado, como se vê; mas adivinhei que o "o" significava Beaverbrook. Por isso mandei a Louise Owen convencê-lo a assistir à sessão de Evan Powell que tínhamos

conseguido para essa noite. Era a noite do jantar do Gabinete na véspera da abertura do Parlamento. Receções políticas decorriam na Londonderry House e noutras mansões de Mayfair; de outro modo, o Lord Birkenhead poderia ter estado presente na sessão. Tinha sido convidado, mas tinha pedido para ser dispensado, dizendo: "Vou jantar com o Stanley Baldwin." Nem o Secretário de Estado para a Índia poderia ter alegado que, em vez de se encontrar com o Stanley Baldwin vivo, preferia encontrar-se com o Bonar Law morto.

Eu tinha discutido o assunto com o Lord Birkenhead, um dia, ao almoço no Carlton. Achou que eu estava louco. Disse-o a um amigo meu; e a franqueza é uma das grandes virtudes de Birkenhead. De qualquer forma, estava suficientemente curioso para aceitar ir a uma sessão se pudesse trazer um amigo que percebesse de truques. Não gosto desse tipo de amigo. Mas na política aprende-se a ser cuidadoso.

Começámos essa noite por uma refeição na sala de jantar do Sr. Bradley, com o mordomo, com o seu rosto de quem já está habituado, a não prestar a mínima atenção à nossa conversa, a qual, um ano antes, deve ter achado pura loucura. Já se habituou a isso, por esta altura. Na verdade, às vezes penso que ele se senta do lado de fora da sala de sessões e tem um lugar, só para ele, na primeira fila.

Isto lembra-me que o falecido Lord Dewar, o grande juiz escocês, perdeu uma vez o seu exemplar do *Light*, que costumava ler secretamente.

"É esse o meu *Light* que o vi ler?", perguntou ele a um criado.

"Não, meu lorde, era o meu."

"Está interessado em Espiritualismo?", perguntou o Lord Dewar, mui surpreendido.

"Sim", respondeu o homem; "às vezes fazemos uma sessão no salão dos criados."

Bem, depois do jantar, o Lord Beaverbrook chegou e entrou na sala de sessões, sem ser reconhecido por Evan Powell, não sendo apresentado a ninguém.

Amarrámos o Powell, como habitualmente, depois de combinarmos que a trombeta de alumínio luminosa de Bradley seria colocada no chão ao lado da trombeta de couro preto que o Powell traz consigo. Não só o amarrámos; selámos o nó da corda com lacre. O Bradley ligou o gramofone; Powell entrou no seu habitual transe; e Black Hawk assumiu o controlo.

Depois veio uma voz que falou com Madeleine Cohen, chamando-lhe "Maddie", que é o seu nome carinhoso. Disse apenas algumas palavras; mas era obviamente a sua mãe, que já tinha falado na mesma sala uma vez antes.

Depois Northcliffe chegou rapidamente e assumiu o comando.

"Poeta! Poeta! Poeta!", disse ele, chamando-me assim pela primeira vez. "Eu consegui transmitir o nome, Lulu, não consegui?", indo a trombeta iluminada, através da qual ele falava, para junto da Menina Owen, que estava ao meu lado.

"Estou tão contente por estar aqui, Sra. Swaffer", disse ele de seguida, indo a trombeta para o lado da minha esposa, que estava sentada naquele círculo pela primeira vez. O Powell, como é óbvio, sabia quem ela era. Northcliffe tinha sido perguntado por mim, escassos dias antes, se gostaria que ela estivesse presente, pois já se tinha cruzado com ela duas ou três vezes na terra.

Seguiu-se depois uma cena das mais dramáticas na escuridão. Houve um alvoroço terrível, como se as pessoas espirituais presentes estivessem a tentar fazer algo mui difícil.

"Está aqui um homem alto, moreno, mui reservado, mui ansioso, com uma pequena tosse", disse Black Hawk. "Perdeu dois filhos, perda essa que lhe apressou a morte."

Era óbvio para mim que ele queria dizer Bonar Law, a quem, naturalmente, esperávamos. "O seu espírito está demasiado cheio de emoção para falar ainda", continuou Black Hawk; pois houve uma longa pausa.

"Sentiu-o tocar-lhe?", disse ele a Beaverbrook.

"Não", disse o grande proprietário de jornais... "Sim, senti agora."

"O espírito ao seu lado é o Law", disse Black Hawk.

Veio então uma voz espiritual pretendendo ser a de Bonar Law. Falou num sussurro ténue.

"Continua como vais", disse, dirigindo-se ao Lord Beaverbrook. "Tentarei passar e ajudar-te. Não te comprometas por agora."

Seguiu-se depois uma conversa que não posso repetir. É demasiado íntima.

"Pode perguntar-lhe o que devo fazer em relação a...?", foi uma pergunta que Beaverbrook fez.

"A favor", disse Northcliffe, falando pelo outro espírito que, aparentemente, estava demasiado emocionado para falar. "O Law diz que deves dar o teu consentimento. É a única coisa a fazer."

"Ele vai trazer uma luz espiritual", disse Black Hawk, então. "É a sua mensagem de amor."

E surgiu na sala uma luz, como uma decoração de restaurante barato, parecendo que uma lâmpada elétrica brilhava através de uma rosa de papel — não, não uma rosa, mas uma flor de laranjeira. Parecia algo como a extremidade em brasa de um grande facho, e era aparentemente uma luz contida na trombeta. E era com isso que se pareceria na forma. Flutuou para cima e para baixo, por todo o círculo, e tinha cerca de três polegadas de diâmetro.

Warren Clarke e a irmã de Bradley disseram então as suas palavras amigáveis; depois uma voz espiritual, que deu o nome de Harold Ashton, falou comigo.

"Como estás, Harold?", disse eu.

"Vi-me livre do clorídrico", respondeu ele.

"As entranhas dele tinham-se ido", explicou Black Hawk.

Infelizmente, por um erro tolo da nossa parte, o que poderia ter sido uma peça de prova mui importante perdeu-se nesse dia. Todos pensámos que o "clorídrico" provava além de qualquer dúvida que era Harold Ashton a falar; mas lembrámo-nos, mais tarde, de que Madeleine Cohen e F. W. Wilson, um membro do meu pessoal,

tinham discutido o Ashton, o clorídrico e a forma como ele morreu, na presença de Evan Powell num automóvel nessa tarde. Por isso, embora possa ter sido uma prova genuína, era do conhecimento do médio e, portanto, deve ser descartada. Não prova nada.

O relato da minha esposa sobre o que se seguiu não o valorizo muito; pois ela estava tão emocionada por ouvir um velho amigo falar que pode não se lembrar exatamente das palavras.

"Lembras-te da touca de automóvel?", diz-me ela que o Ashton disse, tocando-lhe no cabelo enquanto falava.

No Encontro de Aviação de Bournemouth, há anos, quando Ashton, a minha esposa e eu estávamos os três presentes, ela comprou uma touca de automóvel nova que ele admirou; e uma vez ele despenteou-lhe o cabelo carinhosamente quando a viu. Foi disto que ela se lembrou; e ele pode ter-se lembrado também.

Depois a voz de Ashton veio para o meu lado e disse: "Viste o Smiler?"

"Queres dizer o Smiler Hales?", disse eu.

"Quem é o Smiler Hales?", perguntou o Lord Beaverbrook.

"A. G. Hales", disse Bradley.

"Quem é o A. G. Hales?", disse uma voz no círculo.

"O correspondente de guerra", expus eu.

Pensei em como era curta, de facto, a fama; há poucos anos, toda a gente conhecia o nome de Smiler Hales.

Depois uma voz dirigiu-se a mim e disse: "Sou o Keir Hardie", com sotaque escocês. "O Bruce Glasier está aqui", acrescentou.

Eu tinha falado com uma voz de Bruce Glasier na minha segunda sessão com Evan Powell e, mencionando o nome de Keir Hardie, tinha enviado a Keir Hardie uma mensagem, quando a voz de Glasier disse: "O Keir está aqui."

"Ainda usa o seu boné de pano?", perguntou Beaverbrook.

"E a minha gravata vermelha", respondeu a voz de Keir Hardie.

"Quer dizer que usam gravatas vermelhas na vossa esfera?", perguntou Bradley, horrorizado. Como autor de *"The Eternal Masquerade"*, ele era o apóstolo do Bom Vestir.

"Individualidade", respondeu a personalidade de Keir Hardie, pronunciando cada sílaba num escocês cerrado.

"O que está a fazer agora?", perguntou Beaverbrook.

"A trrabalhar pela democracia", veio a resposta.

"Tendes democracia do vosso lado?", perguntou alguém, mui chocado.

"A trabalhar pela democracia que hás de nascer", a voz persistiu no escuro.

Seguiu-se depois algo sobre uma mensagem para Ramsay MacDonald.

"Através de quem a deverei enviar?", indaguei.

"A sua casa (*hame*)", ouvi.

"Através de quem deverei enviar a mensagem?", insisti.

"Através de Snowden", veio a resposta.

"Ele é simpático à causa?", indaguei.

"Envia-a através da Sra. Snowden", disseram-me.

Realmente, a esta altura, eu já começava a acreditar que metade das pessoas famosas deste país estava a ser solicitada a manter comunicações secretas com os mortos, até mesmo, talvez, na própria Downing Street. Mas como me tinham dito, algumas semanas antes, que John Brown era um médio e que, durante uma hora todos os dias através dele, a Rainha Vitória costumava falar com o Príncipe Alberto, o seu falecido marido, já há muito passara a fase de ficar chocado com o que quer que fosse.

Black Hawk, que faz sempre observações que lembrarão às pessoas factos evidentes, perguntou: "Reconhecem o sotaque?"

"Sim", disse o Lord Beaverbrook; "era escocês."

E nós sabíamo-lo.

Depois, novamente a entidade de Bonar Law surgiu. Dirigiu-se ao Lord Beaverbrook.

"Consegue uma sessão com a Sra. Osborne Leonard", disse Black Hawk — "anonimamente."

Depois Northcliffe falou outra vez.

"O Law está cheio de emoção. É por isso que acha tão difícil falar", disse ele.

"Porque me chamou ele pelo meu apelido?", instou Beaverbrook. Pois, para os amigos, ele é "Max". Esse, obviamente, é o nome pelo qual Bonar Law lhe chamava na vida terrena.

"Meu Deus, Beaverbrook, se tu soubesses quão difícil isto é", gritou Northcliffe na noite. "Isto é uma nova revelação. Não compreendes? Isto é a grande realidade."

Pouco depois, a sessão encerrou. O Lord Beaverbrook regressou para o jantar que não tinha oferecido. Tinha abandonado os seus amigos porque lhe tinha sido dada uma mensagem, talvez de um grande amigo. Talvez...

Após a sessão, não disse muito e, obviamente, não tinha tomado nenhuma decisão. Queria sair para o ar da noite e pensar. O seu automóvel esperava lá fora; e ele foi-se embora de carro, fascinado, sem dúvida, como eu fiquei a primeira vez que ouvi a voz da trombeta, perguntando-se se seria uma farsa ou se seria um facto...

Não lhe perguntei desde então o que pensou de tudo aquilo. A mim não me teria convencido; mas ter-me-ia deixado a pensar...

Afinal de contas — naquela que foi obviamente a primeira sessão do Lord Beaverbrook — ele vira um médio amarrado numa posição em que mal se conseguia mover um centímetro; e no entanto, embora o médio estivesse firmemente amarrado, vira trombetas iluminadas moverem-se pela sala; ouvira pelo menos seis ou sete vozes diferentes, todas definitivamente características, falando, ou através de uma trombeta ou independentemente, em várias partes do círculo. Deve ter estado consciente de que a entidade de Bonar Law, fosse ela

o que fosse, era característica do estilo do ex-Primeiro-Ministro. A entidade certamente não apresentou nenhuma grande prova de que sabia ao que diziam respeito as perguntas de Beaverbrook; mas estas foram respondidas inteligentemente, possivelmente até para satisfação do Lord Beaverbrook.

Ouvira também uma voz, autoritária, dominante, quase brutal no seu desafio, que impressionaria qualquer pessoa que conhecesse Northcliffe, como o Lord Beaverbrook conhecia, mostrando ser uma entidade semelhante a Northcliffe no estilo. De qualquer forma, ele ouviu-me aceitá-la como sendo o próprio Northcliffe. E eu conhecia Northcliffe muito melhor do que ele.

O Lord Beaverbrook teria tido dificuldade em explicar como aquilo poderia ter sido feito por fraude; pois, quando as luzes se acenderam, encontrou o médio ainda amarrado. Aqueles de nós que conheciam Powell, como é óbvio, e que estávamos habituados a sessões, sabiam que não era fraudulento. A nossa forma geral de aceitar a sessão como não sendo minimamente extraordinária deve tê-lo impressionado.

Mas homens de bom senso e responsabilidade querem mais provas do que isso. Eu queria.

CAPÍTULO XV

Northcliffe Confunde um Amigo com o Lord Birkenhead — Ele Tenta Mostrar o seu Rosto — O meu Primeiro Obstáculo e como Northcliffe o Explicou — Bradley Conta como as Coisas Correm Mal.

Até agora, como se vê, no domingo, 28 de dezembro de 1924, eu já me tinha sentado com Evan Powell três vezes com crescente sucesso, no que dizia respeito aos resultados. Considerava-o, sempre, com uma curiosidade interessada. Sabendo da confiança de Conan Doyle nele, aceitava a sua boa-fé. Nas três ocasiões tinha-o visto amarrado na cadeira, e na última ele tinha inclusivamente ido ao ponto de nos pedir para selar o nó com um bocado de lacre que encontrámos ali perto.

Mas, depois, a 28 de dezembro, aconteceu algo que, tivesse acontecido numa das minhas primeiras sessões, poderia ter interrompido toda a minha investigação; pois eu teria considerado o Espiritualismo como uma farsa lamentável e sem esperança.

O Conan Doyle tinha-me dito que pagava a Evan Powell dez libras para vir de Paignton de propósito para a sessão; e pensei que, fazendo o mesmo, não só continuaria as minhas investigações com ele, mas daria a alguns amigos curiosos a sua primeira experiência de uma sessão. Estava particularmente ansioso por que F. E. B. Duff, um amigo advogado que fora conselheiro jurídico da Carmelite House até se juntar ao Exército, e que, antes disso, estivera intimamente associado a Northcliffe nalguns detalhes privados da sua vida, comparecesse para ver se Northcliffe o reconhecia. O próprio Duff também estava entusiasmado. As minhas investigações tinham-no interessado; e ele estava inclinado a aceitar uma grande parte do que eu tinha impresso.

Mas algo correu mal com os preparativos para a sessão de Powell. O correio de Natal atrasou a carta dele. Não houve tempo, quando ele chegou no sábado, para organizar a sessão para que tivesse lugar em casa da Menina Estelle Stead no dia seguinte, nem nos escritórios da London Spiritualist Alliance. Na tarde de sábado, na verdade, considerámos impossível contactar qualquer organização espiritualista. Então Powell ligou, a partir do meu escritório, para a sua amiga, a Sra. Cannock, uma espiritualista que vivia no número 73 da Earl's Court Road; em consequência, reunimo-nos todos lá.

Eu tinha intenção de levar J. M. Dick, que esteve associado a Northcliffe durante trinta anos como cronista desportivo, e John Davey, um dos seus últimos secretários particulares. Mas algo correu mal no caso de Davey, que chegou tão tarde que teve de ficar fora da sala; e, quanto a Dick, ligou a dizer que não podia comparecer. Por isso, Duff foi o único presente dos três que eu queria levar especialmente comigo.

Tivemos de esperar algum tempo em casa da Sra. Cannock, na Earl's Court Road, porque todo o grupo estava atrasado. Encontrei Evan Powell lá em baixo, quando cheguei, com uma amiga, a Sra.

Head, uma fotógrafa de Ilford, pelo que, sabendo que o grupo seria pequeno, sugeri que a Sra. Head se juntasse a nós. Esta foi a primeira ocasião em que, durante as minhas sessões com Powell, um dos amigos dele esteve presente. Depois, no último momento, sugeri que a Sra. Cannock se juntasse ao grupo também — para dar mais poder. Ela consentiu, mas após hesitar; pois é uma mulher pesada, a sala de sessões fica dois andares acima e ela tinha sofrido uma queda valente nessa manhã enquanto organizava uma quantidade de cadeiras para a sua reunião da noite. Assim, o grupo era constituído pelos seguintes elementos: o Sr. e a Sra. Hannen Swaffer, a Sra. W. R. Davidson, o Sr. F. E. B. Duff, a Menina Madeleine Cohen, a Sra. Head e a Sra. Cannock.

Powell, a Sra. Head e eu subimos para preparar a sala, que continha uma estante de livros, creio eu, um armário cheio de roupas de mulher, um biombo e, julgo eu, dois sofás junto às janelas. Tivemos uma dificuldade considerável em escurecer a sala, pois embora as paredes fossem pretas, provavelmente para o caso de ali se realizarem sessões, as janelas não tinham sido preparadas. O Sr. Powell e a Sra. Head tratarceram disso, de vez em quando com a minha assistência. Examinei o armário, por uma questão de forma, e coloquei contra ele uma cadeira, a qual teria feito barulho no soalho de madeira em frente ao armário caso a cadeira tivesse sido movida. Também encostei a ele uma pá de lareira de latão, que inevitavelmente teria caído se a cadeira sofresse movimento.

Eu confiava em Powell; mas isto foi feito para convencer os outros. O biombo foi dobrado e não foi utilizado. O Sr. Duff ocupou o lugar central.

Tenho reparado que, durante as sessões de Powell, Black Hawk, o seu guia, usa frequentemente o homem que está à sua frente, especialmente se for um não-espiritualista, talvez como a pessoa a educar nas linhas do pensamento psíquico.

"Tens a certeza de que as flores te foram postas na cara?", diz ele, por exemplo. Isto aconteceu em sessões em que estive presente no caso de um homem cujo nome esqueci — creio que o Dr. Reid — no British College; do Sr. Lacon Watson, um investigador na sessão de

Conan Doyle; do Lord Beaverbrook na sessão de Bradley; e de Duff nesta sessão em particular.

O Sr. Duff e eu tirámos notas sumárias após a sessão e, a partir destas, recordo que, depois de Powell entrar em transe e de Black Hawk chegar, o guia disse que via atrás de Duff um homem a carregar uma coruja.

"Isto diz-te alguma coisa?", perguntou Black Hawk.

"Não", respondeu Duff.

Deveria aqui referir que, habitualmente, nas sessões de Powell, todo o grupo é apresentado a Black Hawk. Nesta ocasião, Powell conhecia todas as pessoas ali, exceto Duff e a Sra. Davidson. Dirigiu-se à minha esposa, a mim e à Menina Cohen, creio eu, pelo nome. Apresentou-se a Duff, dizendo que lhe chamaria "Grande Chefe" — a mim chamou-me "Chefe Escriba" uma vez —, mas, de resto, não houve apresentações.

Quando Duff falhou em reconhecer a coruja, Black Hawk sugeriu-lhe a letra "F", que ele aceitou, e depois a letra "E". Eu sabia, como é óbvio, que as iniciais de Duff eram "F. E. B."; mas isto não era do conhecimento de mais ninguém na sessão.

A Menina Cohen parece ter saltado imediatamente para uma ideia qualquer sobre o Lord Birkenhead; mas isto não estava na minha mente, nem na de Duff, já que conhecíamos as iniciais dele, que ela não conhecia. Ela estava a pensar em F. E. Smith.

Depois veio uma referência a uma cabeleira postiça. "Isso diz-te alguma coisa?", perguntou Black Hawk. Isto reforçou a opinião da Menina Cohen de que o Lord Birkenhead era o visado; mas como eu sabia que Duff era advogado, e como ele esperava falar com o Lord Novaes... com o Lord Northcliffe, e se lembrava de que o Lord Northcliffe costumava troçar dele por causa da sua cabeleira, ele estava ainda bem longe da sugestão de Birkenhead.

Vieram então as palavras "Eccentric Club", que também não lhe diziam nada. Poderia haver na minha mente uma vaga recordação de Birkenhead; mas Birkenhead tinha sido frequentemente referido, recentemente. Já nos tínhamos habituado ao seu nome.

Depois a entidade de Northcliffe chegou, dirigindo-se a mim como "Swaff" e mais tarde como "Poeta", fez o tipo de observações habituais sobre a reunião que fora organizada para o Queen's Hall — quando lhe perguntei como estava a correr, por exemplo, disse "Ótimo" —, mas não houve nada evidente de espécie alguma, nem uma única palavra.

Uma voz espiritual autodenominando-se W. T. Stead chegou e falou com a loquacidade habitual de Stead, e era indubitavelmente o mesmo Stead de todas as outras sessões. Enfatizou a necessidade de cuidado com a palestra.

"Peneira os teus factos", disse ele. "Peneira. Analisa-os cuidadosamente. Prepara-os cuidadosamente", como se soubesse o problema que estava para vir nessa tarde.

Depois disseram à Menina Cohen que a sua mãe estava ali. A Sra. Davidson teve uma espécie de amigo descrito em uma ou duas palavras. Feda falou, Warren e Annie; todos eles exatamente iguais, mas não, talvez, de forma tão pronunciada como habitualmente. Não me recordo de mais nenhum visitante.

Northcliffe fez várias observações a Duff, todas elas observações que serviriam para o Lord Birkenhead, todas elas, também, observações que serviriam para Duff, mas que não se aplicariam a mais ninguém. Isto exclui, escusado será dizer, a coruja e o Eccentric Club.

Perto do fim, disse-lhe algo como: "Há tempos conturbados pela frente, tanto a nível nacional como pessoal. Usa a tua força de caráter e o teu cérebro perspicaz."

A saúde do Lord Birkenhead era tema de conversa há muito tempo. Duff, também, não estava tão forte como costumava estar, em consequência do seu serviço de guerra.

Eu continuava na dúvida, até que Northcliffe me disse: "Farei o meu melhor para trazer Birkenhead para o teu lado."

Isto tangeu-me como tão extraordinário que respondi: "Não vale a pena a preocupação", querendo dizer que ele certamente não era o tipo de homem que se conseguisse convencer facilmente. Além disso, o

falecido Lord Northcliffe mal interessaria a um homem imerso no reboliço da política quotidiana. Essa minha observação quase encerrou a sessão.

Mas o incidente mais extraordinário da tarde começou com uma observação, feita por Northcliffe, sobre como ia "mostrar o seu rosto". Isto tinha sido prometido por ele, uma ou duas vezes antes. "Tentarei materializar-me numa sessão de Powell", dissera ele. Mas não tinha acontecido.

Antes disto, tinha-nos sido mostrada uma luz, algo semelhante à produzida na sessão de Bonar Law, mas um pouco mais espalhafatosa. Parecia o tipo de decoração que se veria num restaurante do Soho, uma imitação de flor arroxeada, talvez, iluminada por uma luz elétrica, moldada como se estivesse contida na trombeta.

Isto explica exatamente a minha recordação da luz de Bonar Law produzida, embora, naquela ocasião, não fosse tão espalhafatosa. Esta luz foi mostrada no círculo numa posição tal que, se Powell se esticasse, poderia perfeitamente segurar uma extremidade da trombeta de modo a que a luz na outra extremidade ficasse por onde a víamos. Mas, lembrem-se, ele estava amarrado. Não foi levada mesmo junto ao círculo, embora as vozes fossem, como é óbvio, ouvidas encostadas aos nossos rostos.

Depois veio a observação sobre Northcliffe mostrar o seu rosto; e surgiu novamente um tipo de luz muito semelhante. Não sei explicar a sua forma. Creio que variava em cada ocasião.

"Oh sim, Lord Northcliffe, consigo ver o seu rosto", disse a Sra. Swaffer, que estava ao meu lado.

Eu apenas vi a luz e o tipo de névoa que se veria numa bola de cristal se uma luz difusa, de qualidade antes opaca, nela se refletisse. Não era fosforescente, mas sim mais baça, algo como se um pedaço fino de alforreca flutuasse no oceano.

"Não consigo ver um rosto", disse eu.

Durante este tempo, havia sons no ar, como se um grande esforço estivesse a ser feito, uma espécie de gemido, talvez.

Depois veio outra tentativa para me fazer ver o "rosto". A Sra. Swaffer disse mais uma vez que o via. Eu não vi nada, exceto algo parecido com o que lá estivera antes. Foi após esta segunda tentativa, creio eu, que Black Hawk gritou por ajuda, porque eles insistiam em fazer-me vê-lo.

"Abdullah, ajuda tu — e Feda", creio que disse ele.

Creio que houve uma terceira tentativa antes de eu realmente ver o "rosto".

Esta quarta (?) vez, produziu-se, na minha frente, mesmo acima de onde o médio o poderia ter segurado, tivessem as suas mãos ficado livres, uma espécie de luz teatral; e, imediatamente ao lado, o que parecia uma cópia mui má de cor argilosa de algo entre uma máscara mortuária e o tipo de rosto que se vê feito em gesso no Crystal Palace, uma cópia de uma cabeça clássica tirada de uma peça de estatuária. Os olhos, creio eu, estavam fechados. A minha recordação é a de uma máscara mortuária, feita, talvez, de argila castanho-esbranquiçada.

"Lord Northcliffe, isso não é o seu rosto", disse eu.

Não tinha semelhança nenhuma com ele. Era ridículo.

Depois a sessão terminou.

Combinámos todos sentar-nos no dia seguinte e, quando telefonei a David Gow no *Light*, onde tentei obter um endereço, Evan Powell falou comigo e disse que gostaria de me ver em casa da Menina Stead, onde a sessão teria lugar, meia hora antes da reunião. Cheguei mui tarde, contudo, e encontrei-o com a Menina Stead lá em cima.

"Quero que venhas à sala ao lado com a Menina Stead a sós", disse ele.

Ele entrou imediatamente em transe com a luz acesa. Black Hawk assumiu imediatamente o controlo, mas não fez qualquer referência ao fiasco da tarde anterior. Falou sobre a reunião e disse: "Poderá haver problemas com o Hall", que provavelmente ele não seria o presidente da mesa. Disse que eu devia apontar uma longa mensagem do Lord Northcliffe. A minha ideia sobre esta curta sessão era que Black Hawk, ou Powell, queria que eu visse que o médio estava

genuinamente em transe; que ele sabia que eu estava na dúvida e queria tranquilizar-me. Pois ele entrou em transe com a luz toda acesa.

Esqueci-me do resto da mensagem que Black Hawk me deu. Não era importante. Mas, mesmo ao fim, disse ele: "Escreve algo num pedaço de paper. Não o digas. Escreve-o."

Powell, por esta altura, tinha ligado os olhos.

Escrevi: "O que correu mal ontem?"

Powell pegou neste papel, esfregou as pontas dos dedos nele e depois voltou-o de forma a que, se os seus olhos estivessem a espreitar por fora da venda, ele poderia concebivelmente tê-lo lido. Mas eu escrevo mui mal, e os olhos dele estavam devidamente vendados.

A resposta foi algo como: "As condições eram mui más; havia forças hostis em atividade." Gostaria de expor que dois dos participantes não se falavam, e isto foi referido pelo médio.

Escrevi então: "Pode dar uma mensagem ao nosso novo amigo hoje?"

Mais uma vez, o médio esfregou o papel, voltou-o como se uma forma espiritual atrás dele o pudesse ver e depois segurou-o mesmo por cima do ombro, mostrando-lho de perto.

A resposta a isto foi algo como: "Vamos tentar", ou "Faremos o nosso melhor."

Quando a verdadeira sessão começou, estavam presentes eu próprio, a Menina Estelle Stead, a Menina Madeleine Cohen, F. E. B. Duff, o Sr. e a Sra. W. R. Davidson, Leo D. Gainsmore e a Menina Ida Cohen. Sentámo-nos na mesma sala de sessões, as luzes foram apagadas e a sessão, diria eu, durou meia hora. A caixa de música começou a tocar "Oh Come, all ye Faithful" e, durante parte da sessão, uma boa voz de baixo juntou-se, sendo esta a mesma voz que já ouvi antes nas sessões de Powell. Mas as condições eram mui más. Feda transmitiu mensagem, mas com grande dificuldade, e mal se ouvia. E dizia-se que "Eli Hudson" — o artista de vaudeville, supus eu — estava ali com uma flauta. Creio que falou. Houve outra voz, talvez, mas nada que eu tenha ouvido, até que algo falou com Duff.

Fui avisado, também, por Black Hawk de que ia visitar um K.C. (*King's Counsel*), e que deveria ter mui cuidado com as mensagens que obteria ali, porque vinham coloridas com a personalidade do participante.

Passado algum tempo, Black Hawk disse que as condições eram mui más e, se não melhorassem, a sessão teria de chegar ao fim. Disse algo como "Está bem"; e, pouco depois, a sessão foi dada por terminada.

Mais tarde, quando o grupo se tinha ido embora, Duff, a Menina Stead, Powell e eu ficámos para trás, tendo eu combinado isto.

"Esta é a primeira vez que isto acontece em dois anos", disse Powell, "e, naturalmente, estou mui desapontado."

Perguntei-lhe então sobre o erro de Birkenhead.

"Tinhas no fundo da mente que o Lord Birkenhead vinha ontem?", perguntei.

"Não, não estava a pensar em Birkenhead de todo", respondeu ele.

Expliquei então como o nome de Duff começava por "F. E." e mencionei todas as outras semelhanças que serviriam para Duff ou Birkenhead.

Ele e a Menina Stead disseram que não havia nada ali que não servisse para Duff. Salientei, contudo, que, quando almocei com ele no dia da sessão de Bonar Law, estive a falar sobre Birkenhead, e que no domingo seguinte ele poderia ter lido algo no *People* sobre a coruja e o Eccentric Club; pois Birkenhead e eu nos tínhamos encontrado no jantar anual do clube e eu tinha escrito algo sobre o assunto. A coruja, escusado será dizer, é o símbolo do Eccentric Club. Contudo, isto, disse ele, não estava na sua mente; e, grandemente desapontado com todo o incidente, vim-me embora.

Relativamente ao rosto argiloso ele disse que, como é óbvio, os espíritos encontravam frequentemente grande dificuldade em "construir", e às vezes os rostos eram mui insatisfatórios.

Tivesse esta sido a minha primeira sessão com Powell, eu estaria mui desconfiado. Sendo assim — pois Northcliffe disse-me, mais tarde nessa noite por meio de uma *planchette*, operada pela filha de um K.C. — "algo correu mal."

Agora, lembrem-se, este livro é mui franco. Se não o fosse, seria desprovido de valor. Por isso, para que não pareça, por tudo o que disse neste capítulo, que estou a suspeitar de Evan Powell de qualquer fraude em ligação com este incidente do rosto de Northcliffe, devo insistir em que deve ter sido impossível, pelo que me foi dado ver, ele tirar um rosto de um dos seus bolsos, os quais, habitualmente, revistamos; que não havia certamente sítio nenhum pela sala onde ele o pudesse ter ocultado; e que, se a porta do armário tivesse sido movida, os utensílios da lareira teriam caído. E, o tempo todo, escusado será dizer, ele estava firmemente amarrado a uma cadeira.

Exponho todos estes factos, para o caso de algo que tenha dito transmitir uma impressão que não a de que tenho a maior confiança em Powell, e de que esta foi meramente uma daquelas sessões que correm mal, uma daquelas sessões que tornam toda a investigação psíquica tão fascinante, tão difícil, tantas vezes tão aparentemente ridícula.

Fica melhor explicado, talvez, numa carta que recebi dois dias depois de Dennis Bradley. Esta, que se lia como se segue, explica brevemente alguns dos problemas da investigação psíquica:

"MEU QUERIDO SWAFFER, — Eu não me preocuparia mui seriamente com a sessão negativa com Powell. Estas coisas estão destinadas a acontecer. Também, quando se está empenhado nestes momentosos estudos psíquicos, é impossível esperar que tudo corra sobre rodas. As condições estão destinadas a variar mui consideravelmente. Em certas ocasiões estas falhas e embrulhadas têm a certeza de ocorrer. A condição do médio, dos participantes e a atmosfera — todas estas coisas afetam.

Se consultares o *'Towards the Stars'*, verificarás na página 190 que numa sessão com Valiantine nada absolutamente aconteceu. Estas coisas acontecerão sempre. Noutra ocasião, quando sentado com Valiantine para materialização, o que, francamente, não me atrai

minimamente, uma forma de corpo inteiro construiu-se fora da cortina, mas foi impossível distinguir quaisquer feições. Nesta ocasião havia uma lâmpada vermelha na sala de modo que todos os presentes conseguiam ver. A forma falou, embora bem afastada do médio, e disse: 'Sou a Feda. É mui difícil para mim falar.' A voz era distinta, feminina e um tanto tremula. Ao mesmo tempo, se alguém dissesse que conseguia reconhecer qualquer feição que fosse desta forma, eu diria que era um mentiroso.

Devemos lembrar-nos de que é terrivelmente difícil para um espírito materializar-se; é realmente um milagre. Não serve de nada esperarmos que eles sejam capazes de fazer tudo; não conseguem! E creio que nos deveríamos lembrar de que são eles que se estão a esforçar por realizar estes milagres e não nós, e se falham em certas ocasiões não creio que nos devamos sentir insatisfeitos.

Estou perfeitamente seguro de que Powell é genuíno. Poderás obter resultados mistos, e, como disse antes, não creio que se obtenham grandes provas de valor através dele. Também não aceito os pronunciamentos de Black Hawk porque, vindo através da boca do médio, é perfeitamente possível que venham coloridos pelos seus pensamentos subconscientes e mentalidade.

Tu e eu estamos ambos empenhados num estudo tremendo. Se refletires, faz agora apenas três meses que te viste imerso no assunto. Durante esse tempo, alcançaste resultados mui notáveis, provavelmente mais do que foi alcançado nesse espaço de tempo por quem quer que fosse antes. Ao mesmo tempo, três meses é um período mui curto, e nenhum homem pode esperar chegar a um grande conhecimento em tão pouco tempo.

As falhas estão destinadas a ocorrer de tempos a tempos; eu próprio tive muitas delas. Se te pudesse aconselhar, diria para ires um bocado mais calmo pelas próximas semanas até que a reunião do Queen's Hall tenha passado. Creio que estás a tentar fazer um bocado demais, e se exagerares, é mui provável que isto afete as condições com que tu próprio contribuis. Se a tua mente estiver numa condição preocupada e duvidosa, torna dez vezes mais difícil para o espírito

comunicante passar até ti. Isto não é uma teoria minha; é um facto que provei durante as minhas muitas experiências.

Agarra-te aos factos que tiveste a sorte de acumular, e chuta para canto e esquece as falhas, como esquecemos a peça numa noite de estreia que foi um fiasco.

Sinceramente teu,

DENNIS BRADLEY."

Essa é a melhor maneira de colocar tudo isto. Mas fui perfeitamente franco. Convidei pessoalmente Evan Powell a sentar-se na minha tribuna na reunião do Queen's Hall. Pois, a partir dele, eu tinha obtido uma boa quantidade de provas, algumas demasiado íntimas e pessoais para registo aqui. Muitas pessoas, de muitos médiuns, não obtiveram prova nenhuma.

CAPÍTULO XVI

A Mensagem de Northcliffe na *Planchette* — Escritos Estranhos Apontados pelas Filhas de um K.C. — O Chefe Tenta Falar no Tabuleiro *Ouija* — Johannes Descreve o Plano do Outro Mundo para a Propaganda Psíquica.

Devem perceber que uma das provas mais convincentes da identidade de Northcliffe não foram os milhares de palavras que ele me disse — palavras que apenas ele poderia ter dito —, mas o facto de a sua personalidade dominante se expressar, tão frequentemente, em diferentes sessões. Já me referi a isto; mas devo vincá-lo. Era uma coisa indescritível; mas estava quase sempre presente.

Na noite após o fiasco estúpido em que Northcliffe tentou mostrar o seu rosto, escassas horas, na verdade, após a sessão com Evan Powell que teve lugar no dia seguinte, dirigi-me ao apartamento, em South Kensington, de um conhecido K.C., autor de *"I Heard a Voice"*, cujas duas filhas operam a *planchette* e a escrita automática. Este K.C. é um espiritualista convicto.

Northcliffe, em mais do que uma sessão, tinha-me dito: "Vai a um sítio onde possas escrever." E eu tinha sugerido o método da

planchette, estando ansioso por investigá-lo; pois sabia como uma das filhas do K.C. andava a fazer escrita automática desde os seus onze anos, quando começou por escrever línguas mortas, totalmente desconhecidas para ela, e como, desde então, tinha desenvolvido o seu dom, com a sua irmã, até uma extensão que era notável.

A *planchette* é o meio mais elementar de comunicação espiritual. É pouco fiável. Usam-na em centenas de milhares de lares por todo o mundo; mas frequentemente é uma mistura da mentalidade do participante e da de algum espírito comunicante. Usada de forma imprudente, obtém apenas um monte de disparates. Por seu intermédio, por outro lado, participantes peritos obtiveram as mensagens mais extraordinárias, em todo o tipo de línguas que não conheciam, dotadas de um grau de cultura muito para além da sua educação.

As filhas deste K.C. em particular têm, por exemplo, apontado mensagens em grego e português. Houve até um escrito em antiga escrita pictórica egípcia!

Fui lá porque elas conheciam o meu Chefe bastante bem — na sua vida espiritual, quero dizer.

"Temos estado a falar com o Lord Northcliffe, por meio da *planchette*, desde setembro de 1923", disse o K.C., que me foi visitar um dia. "Queres vir ao meu apartamento falar com ele?"

Assim, em South Kensington, fui conduzido a uma belíssima sala de estar, onde a mui alegre esposa do K.C. e duas raparigas mui bonitas se encontravam sentadas, à minha espera.

Sim, era a noite do segundo fiasco de Evan Powell. Falei sobre o meu desapontamento antes de a sessão começar.

O Northcliffe estava a ouvir, obviamente, porque, quase imediatamente após a *planchette* ter escrito "A atmosfera está um pouco difícil. Estás perturbado. Muitos de nós estão aqui", surgiram as palavras: "A minha personalidade está aqui, com certeza. Mas não me senti decididamente em forma hoje, devido principalmente a este maldito assunto do Powell. Lê!"

Enquanto a *planchette* estava a funcionar, como se vê, não se podia ler o que estava a ser escrito nas grandes folhas de papel que estavam a ser utilizadas. As letras estavam a ser feitas mui grandes. Ninguém as vigiava. As duas jovens raparigas, com as suas quatro mãos sobre a *planchette*, não prestavam atenção à forma como as suas mãos se deslocavam.

"Não se pode comprar publicidade sem sentir um pouco do fardo", escreveu a *planchette,* quando recomeçou. "Ao tentar apresentar-me diante do mundo em capitais mui grandes, deparo-me com dificuldades, inevitavelmente."

Estas palavras "comprar publicidade" e "diante do mundo em capitais mui grandes" eram ideias tipicamente northcliffeanas.

"Embora não goste de me confessar errado", continuou, "tentei demasiado. Acho antes (odeio achar antes) que me deveria ter contentado com detalhes pessoais simples."

Essa frase, "odeio achar antes", é tipicamente a de um editor, aborrecido com uma má frase que viu num texto.

"Olha aqui, meu caro", continuou, "há inimigos disto no nosso mundo, bem como no vosso. Continuo a ter inimigos pessoais, e eles — imaginem o que são os meus apartes —... Espera um pouco. Há este assunto do Powell. Afirmo deliberadamente que um inimigo do outro lado está a trabalhar contra mim, e eu estava tão estafado nesse dia, em parte por ter comunicado de manhã, que não consegui forçar suficientemente a minha personalidade sobre a do intruso. Percebeste? Atrevimento dos diabos tentar arruinar a minha comunicação. Apeteceu-me dar um pontapé aos responsáveis. Fiquei furioso, e tenho um belo gosto por uma zaragata, como sabes. Asseguro-te de que sou devoto a este assunto. Sei que me compete fazer o que posso, e estou a fazê-lo. Nenhum homem me pode acusar de preguiça, ou indiferença, assim que assumia uma coisa. Olha aqui, vai em frente com a reunião. É verdade, tivemos um revés temporário. Mas, por amor de Deus, não o consideres como algo permanente. É natural que eu fique zangado por algum tempo."

Recordo aqui que o guia de Evan Powell me tinha dito que Marshall Hall poderia não presidir à mesa na minha reunião do Queen's Hall. As palavras "desistir" foram usadas, creio eu.

"Não o vou deixar", respondeu Northcliffe. "Quero que ele venha. Agarra-te a isso, meu velho. Pregámos as nossas cores ao mastro, e não vamos deixar que estes pobres e infelizes lutos sejam roubados de um justo conforto — e do único."

Aqui o K.C. e eu começámos a discutir algumas das idiossincrasias de Northcliffe. O meu amigo K.C. é um conservador intransigente (*Diehard*) e, aparentemente, durante as suas longas conversas com Northcliffe através da *planchette*, tinha debatido a situação irlandesa, um assunto em que Northcliffe, o K.C. e eu nunca estaríamos de acordo. Fui mui franco sobre o que considerava ser a estupidez de Northcliffe em certas questões políticas. A *planchette* esteve parada todo este tempo, enquanto falávamos. Depois começou de novo, por vezes movendo-se rapidamente em fúria, indo a um ritmo terrível, como se a entidade dominante que a controlava não a conseguisse mover com rapidez suficiente.

"Eh! Lorde! Amigos cândidos", lemos nós, quando parámos a *planchette* para ver o que tinha escrito. "Bem, a nossa é uma amizade esplêndida e continuará para lá da sepultura."

"Fui terrivelmente avançado e sábio em relação a Vale Owen", começou de novo, respondendo à minha crítica sobre a cegueira ocasional de Northcliffe perante os factos. Aqui contei ao K.C. como, não fora a minha saída do *Weekly Dispatch*, o texto de Vale Owen nunca teria sido utilizado; que Northcliffe se sentiu obrigado a introduzir algumas ideias novas no jornal depois de eu ter saído; e que este material de Vale Owen foi uma delas.

"Duvido que a publicação do texto tenha tido muita utilidade", observei; pois, acreditem-me, após o fracasso de Evan Powell, eu estava num estado de espírito tão zangado como o de Northcliffe nesse dia, e estava a exagerar as coisas.

"Quão tolo, seu teimoso", a *planchette* começou de novo. "Foi o simples facto de um grande jornal ter publicado uma coisa psíquica! Responde a isso."

"Fui eu que imprimi os primeiros artigos alguma vez impressos sobre Espiritualismo num jornal comum", disse eu, "não o senhor. Pois, três ou quatro anos antes do texto de Vale Owen, eu tinha introduzido o Espiritualismo no *Weekly Dispatch*."

"O pior dele é que ele tem sempre razão", observou Northcliffe na *planchette*. "But eu sou sempre inteligente."

Mencionei aqui como tentei fazer com que ele usasse o tabuleiro *ouija* da Sra. Travers Smith — isto é referido mais adiante neste capítulo — e como ele tinha falhado.

"Não posso abrir todas as portas, velho amigo", veio a resposta. "Certas personalidades adequam-se melhor a determinados médiuns. Vou ponderar se não será melhor encurtar o meu material nas entrevistas. É um esforço severo ter uma entrevista demasiado longa."

Mencionei a Sra. Leonard aqui.

"Certo", veio a resposta. "Ela é mui boa. Não precisas de levar as minhas perspetivas sobre nada, exceto sobre este assunto, com mais seriedade do que lhes darias na terra."

"Eu discordava quase sempre do Lord Northcliffe na terra", expliquei ao K.C.

"Eras sempre tão danadamente irreverente", veio a resposta, escrita furiosamente.

"Estou razoavelmente exausto — estoirado", a *planchette* soletrou, pouco depois. "Sorte de Deus, meu velho! Verdadeiros agradecimentos, meu caro! Serás recompensado pela tua coragem. Não que penses alguma vez em recompensas. És um tipo tão bestialmente pouco prático. Sempre teu", e soletrou o "N" napoleónico, que Northcliffe usava em vida. "Agora vai para casa e digere isto. Faz dela" — referia-se à reunião do Queen's Hall — "a minha Austerlitz. Certo! Confio em ti. Boa noite."

Gostaria de expor que, enquanto a *planchette* estava a funcionar, ia a grande velocidade, com varrimentos e movimentos dominantes característicos que mostravam impaciência e vários outros estados de

espírito do Velho. E, no entanto, era apenas um pedaço de tábua, com uma roda e um pedaço de lápis espetado!

Utilizado frequentemente por quem usa a *planchette* é o tabuleiro *ouija*, na superfície altamente polida do qual estão impressas as letras do alfabeto, números de um a dez, talvez, e "Sim" e "Não" e "Duvidoso" nos cantos e na parte inferior. Muitos dos que consideram a utilização disto um jogo compraram um na Hamley's por escassos xelins.

Foi uma semana antes de me sentar com estas filhas do K.C. que tive a minha primeira experiência com o tabuleiro *ouija* operado por uma mão perita.

A Sra. Travers Smith, filha do Professor Dowden, a grande autoridade em literatura inglesa, é uma mulher que desenvolveu os seus poderes mediúnicos ao longo das linhas da escrita automática. Ela obteve provas notáveis, de um caráter para lá de qualquer dúvida. Foi através dela que F. Bligh Bond, o distinto arqueólogo que realizava trabalhos de escavação na Abadia de Glastonbury, obteve instruções espirituais sobre onde escavar, com um relato completo e detalhado da história da Abadia e do que iria encontrar. Em todos os aspetos, ele encontrou o que lhe tinha sido dito que encontraria.

Depois, não há muito tempo, o espírito de Oscar Wilde entrou em comunicação com a Sra. Travers Smith, ditou-lhe uma série de críticas literárias que ostentavam a marca da sua personalidade e eram, para lá de qualquer dúvida, ideias e palavras de Wilde. Recentemente, Wilde ditou-lhe uma peça, que ela apontou, palavra por palavra, no seu tabuleiro *ouija*. Essa peça foi, há escassos meses, oferecida a empresários de Londres, que a recusaram por duas razões: primeiro, era tão essencialmente wildeana que era antiquada; e, segundo, não sabiam como a apresentar ao público. Há alguns anos, uma peça que se dizia ter sido ditada pelo espírito de Ibsen foi produzida num teatro do West End; mas ninguém prestou atenção. Além disso, era uma peça mui má.

Quando combinei encontrar-me com a Sra. Travers Smith, ela consentiu em apontar uma mensagem na minha presença, com a condição de que eu não tentasse comunicar com Northcliffe por meio

do seu tabuleiro *ouija*. Ela era amiga de alguns dos familiares, disse, e não queria ver-se misturada no assunto. Naturalmente, vendo a dificuldade, concordei que não tentaria falar com Northcliffe através dela.

Os Bradley, a Sra. Travers Smith e eu jantámos; depois sentámo-nos na sala de estar, com a médium a colocar o tabuleiro no joelho e a pôr a mão direita levemente sobre uma espécie de ponteiro, cortado de um daqueles blocos de borracha, com pontas rombas, que usam para amortecer a queda de dinheiro numa vitrine de vidro. Quase imediatamente, o bloco começou a mover-se, tão rapidamente, de uma letra para outra, que teria sido impossível para qualquer outra pessoa, exceto a Sra. Smith, saber o que estava a ser soletrado. Ela recitava a mensagem tão depressa que Bradley teve a maior dificuldade em apontá-la e em acompanhar o seu ritmo. Isto é tanto mais extraordinário quando se percebe que a Sra. Smith consegue apontar, a este ritmo, a dissertação mais erudita sobre algum tema filosófico, assunto em que o seu guia espiritual, Johannes, parece ser um grande perito.

Johannes, com quem eu tinha falado numa sessão de Valiantine, diz-se ter sido um Guardião do Templo em Jerusalém antes de Cristo nascer! Com exceção de Daniel, do círculo Potter, ele é de longe o espírito mais erudito com quem alguma vez falei.

Lembrem-se de que, quando combinei a sessão pela primeira vez, esperava uma mensagem de Northcliffe, não sabendo que a Sra. Travers Smith se oporia a apontar uma. Mas Northcliffe estava lá, da mesma forma; pois, imediatamente após a Sra. Smith ter colocado a mão no tabuleiro, e o Sr. Bradley ter falado com Johannes, cuja presença assumia, veio a resposta: "Sei mui bem por que razão sou chamado aqui. Devo dizer desde já que sinto que a tarefa vai ser difícil para mim esta noite."

"Onde reside a dificuldade, Johannes?", perguntou Bradley.

"Não me é permitido explicar exatamente", soletrou Johannes; "mas há aqui forças tão fortes que as minhas forças podem ser retidas. Fui avisado pela minha filha" — referia-se à Sra. Travers Smith —

"de que devo manter esta influência afastada dela. Fá-lo-ei. Deves desculpar-me se não te puder dar o que pedes."

Pobre Northcliffe! Estava a ser empurrado para o lado desta vez, tal como noutras sessões tinha empurrado outros espíritos.

Assim, Bradley e Johannes mantiveram, durante alguns minutos, uma conversa sobre reencarnação; depois veio a primeira referência à minha reunião no Queen's Hall.

"Qual acha que provará ser a forma mais convincente de comunicação espiritual durante o próximo ano?", perguntou Bradley.

"Estou interessado em responder a essa pergunta", soletrou Johannes. "Aqui, de momento, há a sensação de que algo deve ser dado ao mundo — um significado mais amplo do que as provas que têm sido deixadas cair lentamente desde há algum tempo a esta parte. Aconselhámo-nos sobre o que deve ser exibido para convencer. Acreditamos que um certo número de casos deve ser colocado diante de vós, dando provas tangíveis, provas realmente manuseadas e vistas.

Podem esperar um número de casos, tais como o de Glastonbury. Por vezes, poderá estar realmente ali diante dos olhos dos homens, de modo a que ninguém possa possivelmente disputar que têm inspiração exclusiva deste lado. Estes são os primeiros passos; muito será feito por alguns indivíduos. Os casos que estão a ser tornados públicos estão a aumentar em número, à medida que encontramos pessoas que consintam em agir por aqui. O resultado líquido será que, com o tempo, o assunto se tornará um artigo da fé educativa das pessoas em todos os países. A educação é aquilo por que nos esforçamos no presente."

Depois interrompi.

"Importa-se que eu faça uma pergunta sobre a minha palestra no Queen's Hall no próximo mês?", perguntei à Sra. Travers Smith. Como ela não se opôs, continuei. "Pode dizer-me, Johannes", disse eu, "qual é o valor das provas de Northcliffe que apresentarei no Queen's Hall?"

"A minha opinião baseia-se naquilo de que falámos apenas do meu lado", soletrou o tabuleiro *ouija*. "Sinto como se isto fosse ser o

centro de uma série de raios, que se estenderão a partir dele como a sua parte mais íntima. É de suma importância que as provas dadas ao mundo sejam de interesse público. Por essa razão, temos estado a discutir quem deve ser convocado para continuar o que já está começado. O caso em que a minha filha" — isto é, a Sra. Travers Smith — "esteve envolvida foi inteiramente uma questão de acaso. Ela agiu, por um tempo, como intérprete de alguém que estava estreitamente ligado à terra."

"Quer dizer Oscar Wilde?", perguntou Bradley.

"Sim", respondeu Johannes. "Neste caso, o desejo estava lá para falar, e a oportunidade foi-lhe oferecida. A Wilde foi dada uma oportunidade e atribuída a tarefa de fazer com que os seus dotes literários fossem sentidos novamente, como uma peça de prova. Ora, esta nova prova é de outro caráter. É escolhida porque o homem em questão" — referia-se a Northcliffe, como é óbvio — "tem a personalidade requerida. Personalidade significa força, a força que é necessária neste momento. A notícia deve agora ser pressionada para dentro das mentes da massa comum. Tantos permanecem numa ignorância voluntária da vida para lá, vida que não difere totalmente da vida que levam na terra.

Isto é aquilo a que visamos. Queremos uma personalidade enérgica — um caráter que seja inteiramente indiscutível nas provas que apresenta, de modo a que ninguém possa negar a prova da sua existência continuada."

Aqui Johannes parou por escassos minutos, porque o braço de Bradley estava cansado e porque ele queria beber algo. Não me refiro a Johannes.

Não estou interessado em escrita automática, por norma, ou no tabuleiro *ouija*; mas aqui estava um exemplo extraordinário das muitas formas pelas quais a Sra. Travers Smith obteve mensagens do caráter mais bizarro.

Northcliffe não se demorou muito, aparentemente, ao lado de Johannes nessa noite. Pareceu desapontado por não me poder falar no tabuleiro *ouija*. Parece ter corrido para Forest Hill, onde os Potter realizavam a sua habitual sessão de segunda-feira. Pois na manhã

seguinte recebi uma carta do Sr. Potter, que me contou que, cerca de meia hora depois de Johannes me ter dito que Northcliffe estava em casa de Bradley, ele me tinha enviado uma mensagem de incentivo através do jovem Potter, enquanto este estava em transe.

CAPÍTULO XVII

Sessões de Northcliffe por Todo o Mundo — Experiência de uma Autora Americana — Notável Sessão de Transe em Willesden Green — Mensagem de Triunfo de Ellis Powell e W. T. Stead.

Mas, acreditem-me, eu não era o único que recebia mensagens do Lord Northcliffe. Na verdade, a julgar pela minha mala de correio, cedo pareceu que ele assistia a sessões por todo o lado. Por exemplo, um Sr. C. B. Cockaine, que realizava sessões em Swanage, usando como meio de comunicação um copo de vinho e um alfabeto semicircular — os dedos são colocados no topo do copo e este move-se em redor à maneira de *planchette* —, escreveu à Menina Owen, dizendo:

6 de outubro de 1924.

O Sr. e a Sra. Cockcraft, que se encontram atualmente em casa vindos do sul da Índia em licença, e o abaixo-assinado, formam um trio que "se senta" várias vezes por semana para registar uma mensagem em série de duas vítimas de guerra e amigos mui íntimos, N. P. C. e P. P. B. — os quais, enquanto deste lado, realizaram

trabalho educativo, respetivamente na Índia e em Ceilão. Há umas duas noites, disseram que estavam em contacto com o Lord Northcliffe que, tal como eles, tentava lançar uma ponte sobre o abismo entre a esfera deles e a nossa, para que pudéssemos eventualmente ajustar os nossos valores terrenos puramente relativos pelos padrões mais obsoletos que eles percebem.

Ontem à noite, trouxeram o Lord N. em pessoa (talvez devesse dizer em espírito!) e ele deu a mensagem que, a seu pedido, lhe envio agora.

Posso acrescentar que o Lord N. disse achar mais fácil "passar" pelo método que estávamos a usar do que controlando um médio.

C. B. COCKAINE.

"A vida nesta esfera é mais digna e interessante do que na vossa esfera", dizia a mensagem de Northcliffe que o Sr. Cockaine incluiu. "E as querelas e lutas pela política e as condições atuais na Europa parecem tão fúteis e não levam a lado nenhum. A Sociedade das Nações poderia ser tão importante e de real utilidade na vida nacional. A guerra nunca resolverá os problemas do mundo; assim o sabem todos os estadistas que são honestos. Não sou Northcliffe. Sou Harmsworth. O verdadeiro significado da vida não são as honras terrenas que se têm, mas sim o que se faz. Mais trabalhadores em prol da paz são tristemente necessários."

"Estou tão contente por a Menina Owen ter publicado a minha mensagem para ti", foi uma segunda comunicação, que se diz ter sido feita por Northcliffe, seis dias mais tarde.

"A guerra deve ser travada, e é apenas através dos nossos esforços unidos que isto acontecerá. Todos se devem combinar para trabalhar para isto do vosso lado e do nosso. Acho que todos os que recebem mensagens nossas as deveriam publicar: a publicidade ganhou sempre o dia. As pessoas são sempre mui difíceis de convencer; a mera conversa não serve de nada. Uma perspetiva mais ampla é necessária nas relações internacionais e o ódio e todas as ideias de vingança devem ser eliminados. A vingança gera vingança, e a guerra inevitavelmente seguir-se-á se os políticos da Europa não chegarem a um entendimento sobre esta questão.

Tentarei trazer P. P. B. e N. P. C. a casa de Dennis Bradley em breve."

Depois, Eleanor Gates Moore, a autora de *"The Poor Little Rich Girl"*, enviou palavra de Nova Iorque à filha do Rev. G. Vale Owen, relatando uma ocorrência numa sessão com George Wehner, o médio de transe americano, e pedindo-me que, da próxima vez que entrasse em contacto com o Lord Northcliffe, combinasse com ele algo que ele devesse transmitir através de George Wehner numa das sessões dela. A coisa particular combinada deveria ser mantida em segredo, para que o que obtivessem constituísse um teste.

Escassas noites antes de ela escrever, White Cloud, o controlo do Sr. Wehner, deu-lhes o nome "Alfred". Depois descreveu um homem em palavras que serviriam para Northcliffe. Eis o relato dela sobre o que aconteceu depois:

"Depois White Cloud disse, 'Northcliffe'. No momento seguinte ouvimos um sussurro. White Cloud tinha ido embora. Uma nova personalidade falava, e deu o seu nome como 'Alfred'. Quando perguntei, 'É o Lord Northcliffe?', a voz sussurrou, 'Sim, vim antes'. Depois, por cinco minutos ou mais, a personalidade falou. Anteriormente, tínhamos estipulado que cada espírito da noite deveria vir em nome de Jesus Cristo; que não desejávamos espíritos embaraçosos.

Esta personalidade contou-nos que no seu coração estava ainda o fardo dos problemas de Inglaterra, tal como estivera quando estava na terra. Disse que trabalhava para trazer um melhor entendimento entre a Inglaterra e os Estados Unidos. Disse estar estupefacto com o desrespeito pela lei neste país. O meu marido salientou que, quando o Lord Northcliffe contara a verdade nua e crua na terra, antes e durante la guerra, esse contar da verdade lhe trouxera censura em vez do devido apreço.

'Ah, não é sempre assim?', foi a resposta. 'A verdade, quando não é agradável, nunca é bem-vinda.'

Fiquei grandemente impressionada pela linguagem e pela dignidade do orador. À medida que continuava, gradualmente ficava

cada vez mais forte, de modo que, mesmo antes de o poder se esgotar, falava de forma perfeitamente normal.

Ora não havia, pelo que me foi dado ver, nada sobre o acontecimento que nos permitisse dizer que a personalidade era realmente o Lord Northcliffe. Mas estou tremendamente ansiosa por ter o teste. O nome dele já nos foi dado antes; esta é a primeira vez que ele fala. Mas o Sr. Swaffer sabe realmente quando está em contacto com o Lord Northcliffe. Ele pode indagar sobre esta sessão a 10 de janeiro, e pode combinar para que o Lord Northcliffe mencione um assunto particular quando vier da próxima vez — se for realmente ele.

Claro que sei que se diz que nos pregam partidas. Sem dúvida que isso é verdade. Por outro lado, porque as pessoas são distintas, isso não constitui razão, pelo que me é dado ver, para as impedir de dar os seus nomes em sessões."

Uma amiga da Menina Owen, também, apontou para ela uma escrita automática a 10 de dezembro de 1924.

"O Ellis está aqui", começava, sendo isto aparentemente uma referência ao Dr. Dr. Ellis Powell. "O Lord Northcliffe também." Eis outras partes da mensagem que se seguiu:

"Estou a enviar uma curta mensagem através da tua amiga aqui. Ela sabia que estava alguém aqui cujo rosto era diferente daqueles outros. Um plano seguro, minha querida, é tentares não influenciar aqueles que não procuram um verdadeiro conhecimento, mas cuja perspetiva mental é tão egoísta e estreita que tentam influenciar tudo. Nunca conseguirão influenciar-te, minha querida. Tu também não deves deixar os Espiritualistas influenciarem o teu método de ataque. Faz tudo à tua própria maneira. Estamos todos a ajudar-te e haverá um grande esforço feito por nós por aqui. Minha querida, eu não voltaria a menos que sentisse que tu, de todas as outras pessoas, precisavas de mim. O que é necessário no movimento Espiritualista hoje é o esplêndido entusiasmo que tu e o Swaff tendes, ambos, minha querida... Quando regressares da Suíça verificarás em breve que não estive ocioso, mas sim ainda mais ativo do que nunca. Pois eu sou o Lord Northcliffe."

"Depois, também, houve o caso de um almoxarife naval em Rosyth, que me escreveu dizendo que, nas sessões a que assistia, foi recebida uma série de comunicações do Lord Northcliffe. Eis parte da sua carta:

A 8 de maio de 1923, numa sessão no Centro Psíquico de Edimburgo, na qual estavam presentes quinze pessoas, o controlo, Andrew Wallace, dirigiu-se a mim dizendo que um espírito autodenominando-se 'Northcliffe' desejava falar comigo. Perguntei se poderia ser possivelmente o 'Lord Northcliffe', e foi-me respondido afirmativamente. O Lord Northcliffe dirigiu-se-me então, e expressou o seu arrependimento por não ter conhecido a verdade do Espiritualismo antes de fazer a passagem, já que, devido à falta desse conhecimento, tinha achado as condições mui difíceis. Pediu as orações e os pensamentos prestáveis dos presentes, para que pudesse progredir. Disse quão diferentemente teria agido, se ao menos soubesse. Todos prometemos rezar por ele. Falei-lhe do bom trabalho que tinha feito ao mandar publicar os textos de Vale Owen no *Weekly Dispatch*; mas ele disse que apenas o fizera de um ponto de vista jornalístico, e não com um propósito espiritual.

Três semanas mais tarde, numa sessão de trombeta na minha própria casa com os mesmos médiuns, na qual apenas a minha esposa e eu estávamos presentes, ele veio novamente e disse que estava muito mais feliz, e agradeceu-nos por o ajudarmos com as nossas orações, as quais lhe tinham permitido progredir. Expressou de novo arrependimento por não ter agido de forma diferente quando no plano terreno.

A 3 de junho de 1924, em condições semelhantes às da ocasião anterior, agradeceu à minha esposa e a mim pelas nossas orações que, disse ele, o tinham ajudado grandemente no seu progresso. Agradeceu a Deus pela Sua misericórdia, e disse que tinha passado por um momento terrível, no qual não desejava deter-se, já que fazia agora parte do passado, pois tinha saído do cinzentismo para a luz. Expressou novamente a sua dor por não ter acreditado, quando no plano terreno, mas declarou a sua intenção de dedicar todas as suas energias ao grande trabalho de influenciar as mentes das pessoas para que acreditassem na sobrevivência espiritual.

De todo o tipo de outras fontes, por esta altura, eu obtinha mensagens da forma como o mundo espiritual, de acordo com diferentes comunicadores, organizava a reunião do Queen's Hall, planeando para que fosse um sucesso, interessado, aparentemente, em cada detalhe dela. Parecia como se toda a gente no mundo espiritual estivesse interessada nos meus assuntos. Em escassas semanas, sem dúvida, quando eu tivesse cumprido a minha tarefa, haveria de ser outra pessoa.

Mas, entretanto, as minhas investigações continuavam. Ia a todo o tipo de médiuns em busca de provas. Uma delas foi a Sra. J. Clegg, de Willesden Green. Um jovem espiritualista, chamado Barbanell, tinha-me ido visitar para me pedir que discursasse na reunião que ia inaugurar uma nova igreja espiritualista na Chancery Lane. Quando achei que não era muito a minha praia, e o disse, ele sugeriu que eu visitasse uma médium que conhecia em Willesden. Ligou-lhe ao telefone na minha presença, perguntou se podia 'trazer um amigo' na terça-feira seguinte, mas não deu o meu nome. Tenho a sua palavra sob juramento de que não comunicou o meu nome, a minha profissão ou o que quer que fosse sobre mim à Sra. Clegg. Na verdade, mesmo após a sessão, parecia óbvio que ela não sabia quem eu era; nem tinha ouvido falar de mim quando dei o meu nome.

Dirigimo-nos lá, debaixo de uma chuva torrencial, para encontrar a porta aberta por uma mulher de cerca de sessenta anos que, com o seu marido, estava no movimento espiritualista há quarenta anos. É agora viúva, profundamente apegada, ainda, à fé espiritualista, um tanto divertidamente surpreendida por esta ter agora 'pegado', tanto tempo após os anos de zombaria pelos quais teve de passar.

A sua sala de estar, na qual a sessão teve lugar, fica no rés-do-chão. Está mobilada um bocado ao estilo da de um empregado de escritório da City, com gosto, exceto por uma palmeira, do género de empregado de escritório da City, que está num suporte alto, e uma pintura a óleo barata, do género de empregado de escritório da City — de alguns veados, creio eu — quase nos retira o interesse de um testemunho emoldurado outrora apresentado ao seu marido pela Igreja Espiritualista de Stoke Newington.

A Sra. Clegg é a última mulher que eu acusaria de qualquer truque. Parece uma mulher devota de razoável educação, exceto por estar obviamente bem versada naquelas frases peculiares às invocações que por vezes precedem as comunicações espirituais.

A primeira metade da sessão foi a mais entediante de todas as sessões a que assisti. Provavelmente uma vintena de pequenos fantasmas foi descrita, quase todos eles perfeitos desconhecidos para mim, pelo que me foi dado perceber. Fui apresentado aos meus 'dois guias' pela primeira vez, contudo, um, 'uma mulher em vestes espirituais, cabelo solto, tez clara, com um cravo, de tipo grego'.

"Apanho música, cor, arte, teosofia", disse a Sra. Clegg. "Lily, um espírito oriental. De forma nua, cor escura."

"O outro é um homem velho como um Pai Peregrino com longo cabelo branco", disse ela, "roupas grosseiras, rosto comprido e afiado, olhos encovados, barba branca."

Ela pensou que deveria ser Tolstoi!

Depois veio um aviso para mim próprio de uma nuvem através da qual teria de lutar. Teria 'uma vida turbulenta', disseram-me — 'uma luta, uma batalha'. Mas eu tinha 'um espírito determinado e forte, era uma alma guerreira com tenacidade de propósito'. Ia viajar 'para dentro e para fora — não para o estrangeiro'. Não tinha 'lugar para me esconder. Vejo muitas portas abertas, condições mentais e físicas. Terás de ser bondoso contigo próprio. És descuidado com o teu próprio conforto.'

Tudo parecia mui terrível; mas não é tão mau quanto o Jornalismo.

Depois, por quase uma hora inteira, tive de suportar o encontro com os amigos espirituais que não conseguia ver. Foram todos descritos. Contaram-me como alguns deles tinham morrido. Pareceu-me reconhecer uma Tia Emma, especialmente porque o nome 'John' foi dado. A minha Tia Emma tinha um marido chamado John.

"França — Jack — Mary — Elizabeth. Homem — não quero a sua condição física — ataca-me em espírito. Henry — escanhoado, forte, lábios cheios, queixo determinado."

Oh! Vinham numa procissão entediante.

Depois havia o 'George', que parecia estar associado a maquinaria. Arthur, Robert, o último parece ter-se afogado no *Empress of Ireland*. William — Richard — clima quente — África do Sul — nativos — kaffir. Pareciam ser um grupo dos mais desinteressantes, todas as pessoas que estavam junto a mim. 'Charles' pode ter significado o meu avô Hannen, pela descrição, e 'uma velhinha peculiar, à antiga, delicada, com uma touca de lareira e caracóis ao lado' parecia-se com a minha avó Swaffer. "Anne — Lucy — Emily — David — Agnes." Foram todos descritos. Tudo isto durara uma hora, com a Sra. Clegg sentada consciente o tempo todo, recitando num monótono adormecido.

Este tipo de coisas, receio bem, acontece a quase toda a gente que inicia uma investigação no Espiritualismo. Raramente me deparei com isso; mas devo avisar-vos.

"Gostaria de fazer alguma pergunta?", disse então a Sra. Clegg.

"Não", respondi, aborrecido até às lágrimas, preferindo a chuva lá fora.

Mas depois veio o grande e vívido drama. Esta mulherzinha simples pareceu subitamente inspirada.

"Humanidade!", gritou ela. "Vejo isto escrito lá no alto. 'Tudo está bem, divinamente bem.' Haverá perseguição; mas é tudo parte de um plano divino. O livro é para ser aumentado. Jonathan. Ele está a escrever. Professor profético."

Ela tinha entrado nas convulsões de uma mulher subitamente acometida de um ataque. Os seus olhos fecharam-se; a sua boca abriu-se; parecia babar-se dos lábios. A sua cabeça pendeu sobre o peito, e ela estremeceu.

"O Dr. Ellis Powell está aqui", disse ela, numa voz estranha; os seus tons tinham-se tornado masculinos. Parecia duas vezes mais forte, mas aparentava três vezes o peso que tinha antes de o transe se apoderar dela.

"Pega na minha mão!", gritou ela. Caminhei até lá e peguei na sua mão direita, que me apertou num torno. Era o Dr. Ellis Powell, amigo de Northcliffe no outro lado, que tinha tomado o controlo dela; e ele estava a apertar-me a mão através dela!

"O poder é forte", declarou ela, dramaticamente. "Estamos ocupados na orientação espiritual. Estamos todos unidos em ambos os lados."

"O Chefe está aí?", perguntei. Não obtive resposta.

"O momento é chegado", disse a médium. "Difunde a luz! Difunde a verdade, a liberdade de pensamento! Estamos todos a trabalhar contigo em conjunto. O poder vem para cooperar pela humanidade. Luz! Mais luz! Invisíveis, chamam-nos. Mas estamos mui estreitamente ligados convosco, trabalhadores na Fraternidade do Homem."

Isto deve ter durado quase um quarto de hora. Já falei com o Dr. Ellis Powell na sua vida espiritual, provavelmente em seis ocasiões. Mas nesta ocasião ele foi um de quatro conhecidos trabalhadores espirituais que transmitiram mensagem, uns atrás dos outros, todos obcecados com a ideia de que eu deveria proclamar a verdade daquilo que tinha experienciado, custasse-me o que custasse.

Depois a Sra. Clegg sobressaltou-se e regressou à semiconsciência, limpando a boca e parecendo desfalecer. Um minuto ou dois depois, foi acometida novamente de uma espécie de ataque. Alguém mais tinha tomado o controlo, e ela falava por ele novamente numa voz pesada e grossa. Era, aparentemente, Hanson Hey, outrora um conhecido espiritualista; pois foi dito "Sou o Hanson Hey", e houve uma referência a *"The Seven Principles"*, que é o título de um livro que Hey escreveu há anos.

Depois veio outra mensagem que não apontámos, e, passado pouco tempo, a Sra. Jenny Walker, outrora uma conhecida médium, assumiu o controlo e deu uma mensagem.

"Estou livre das minhas incapacidades agora. O poder divino está sempre em teu redor. Com luz para brilhar, é o início daquilo que sairá

— para a frente. Revelações estão a chegar rapidamente a partir do infinito amor e vida. Poder e sabedoria, ministério divino."

Palavras como estas vinham às centenas. Não as apontámos todas. Vinham durante dez minutos, possivelmente.

"O Stead está aqui!", gritou a médium. "Continua com o teu bom trabalho. Estais unidos, fortes. Aqueles trabalhadores e ajudantes no trabalho de propaganda lá fora, em campo aberto. Há um campo maior diante de ti para os teus trabalhos. Aperta-me a mão!"

E, mais uma vez, tive de colocar a minha mão num aperto ávido.

"A paz que o mundo não pode dar", ouvi. "A bênção de Deus protege-vos todo o dia — por todo o caminho — pilotando-vos através das cenas em mudança. O poder é tão forte. Tudo está bem, divinamente bem, para todos os que trabalham em amor e serviço no campo espiritual." Aparentemente era o Stead.

Houve um minuto de silêncio, e depois ouvi: "Cântico! Regozijai-vos! O esclarecimento para abençoar o povo como que com sons de clarim, para baixo, para baixo através das nuvens da terra. Há uma promessa divina do derramamento do espírito sobre toda a carne, devido à visão em que a inspiração se tornou. Consegue poder e elevação! Os trabalhadores da terra estão ocupados. As grandes forças do espírito são inexpugnáveis. A colheita é grande. Sai e proclama o glorioso Evangelho! Tudo está bem, divinamente bem. Aquele poder que foi prometido. Diz ao povo sobre a necessidade de se voltar das trevas espessas para Deus. Dá a mensagem! A inumanidade do homem para com o homem. Cristo é a tua força e poder, com a Grande Alma Suprema. O poder é mui forte para te guiar em todo o teu trabalho. Estamos de mãos dadas, liderando-te suavemente, mas com segurança, para o centro do nosso trabalho."

"W. T. Stead", gritou a médium, daquela forma confiante e dominadora em que as mensagens de Stead sempre surgem. "A vitória será nossa... Falei-te no domingo." Era o Stead, dando o seu nome após a mensagem.

"Foi o senhor que me falou na passada quinta-feira?", disse eu.

"Sim", foi a resposta.

"Foi o Northcliffe, também?", perguntei.

"Sim", foi a resposta.

A médium colocou as mãos nos quadris subitamente, na maneira como Stead tantas vezes se sentava, e disseram-me mais uma vez para lhe apertar a mão. Assim fiz; veio então outra mensagem.

Mas houve gemidos terríveis por parte da médium durante algum tempo. Foi dito então que algum espírito estava ali com uma mensagem e, embora eu naturalmente concluísse que era Northcliffe, não foi senão quando ouvi "Quem é Swaff, Swaff, SWAFFER?" que tive a certeza.

Lembrem-se, a médium não sabia o meu nome.

"Swaffer, escrita de discursos", veio a mensagem. "Owen. Estamos todos a passar, todos mui ocupados. Temos de obedecer a ordens que estão a chegar. Mais estão a vir para o campo aberto como canais para a verdade. Lembra-te desta mensagem. É imperativa. Bradley. Blatchford. Cooperem todos. Há uma força forte aqui para o trabalho futuro, muito mais importante do que antes."

Powell, a Sra. Walker e Stead tinham todos insistido num violento aperto de mãos, e todos eles, creio eu, se referiram em termos gerais ao elo que se desenvolve entre o outro lado e este. Todos falaram das revelações vindouras e profetizaram o grande reforço de poder deste lado. Eu tinha recebido mensagens deste género isoladamente, e já me tinham apertado a mão antes, mas nunca por uma sucessão de entidades, como neste caso.

O mais frio dos críticos teria ficado surpreendido com a veemência da atuação da Sra. Clegg, se fosse uma farsa. Nenhuma mulher se rebaixaria a personificar de forma tão grosseira, e quase depravada, a possessão por seja o que for. A dada altura, ela estava a babar-se, tão grande era a sua emoção interior. Estava nas garras de algo fora de si mesma. Sentou-se encolhida em si mesma, uma vez, como se um velho estivesse a morrer com dores. Isso foi enquanto Powell estava no controlo. Foi quase bestial.

As mensagens que surgiram não eram realmente dignas de nota como prova. Apenas reafirmavam a promessa de campos maiores a

abrirem-se para os trabalhos espiritualistas. Mas os três controlos que apertaram as mãos sofriam de grande emoção. Um espiritualista convicto teria indubitavelmente deduzido que os pioneiros do outro lado estavam reunidos devido à sua expectativa de algo grande acontecer, em consequência daquela sessão.

Mais uma vez, vieram gemidos.

"Pode a Hope tomar o controlo?", disse Barbanell. Hope, creio eu, é a guia espiritual da Sra. Clegg. Hope assumiu imediatamente o controlo, facilmente, contudo, não como os outros; ela estava habituada àquilo.

"Está alguém aqui com grande interesse nos teus rabiscos nos papéis", disse ela. "O Chefe. Ele está a trabalhar contigo no plano terreno. Northcliffe está ocupado com Stead em conjunto, para trazer a verdade e a luz sobre a terra conturbada através do Jornalismo. É difícil atualmente. Há oposição, e as barreiras são grandes."

"Ele é mui excitável", explicou Hope, sem dúvida falando de Northcliffe ainda. "Ele está a fazer o que pensava que não conseguia fazer através de ti — por etapas, falando inspiracionalmente em tribunas públicas. Não tenhas qualquer receio. Tudo ficará bem. Tens de colocar os rabiscos no jornal. Haverá oposição; mas deve ir em frente. Ele é minucioso quanto à mensagem 'Bradley, Blatchford' — mui enfático."

Aqui estava o mesmo Northcliffe dominante de todas as sessões.

"Pergunta-lhe se te dará alguma prova?", disse eu. "Ele sabe quão importante é eu obter alguma aqui hoje à noite, através de uma médium desconhecida."

"Dick", disse ele.

Infelizmente, J. M. Dick, que lhe tinha falado escassos dias antes, tem um apelido que é também um nome próprio mui comum; por isso não significou nada.

"Bobs. Ele disse 'Bobs'", disse a médium.

O Lord Roberts, como é óbvio, era um dos maiores amigos de Northcliffe; mas não significou nada de evidente. Todos nós já ouvimos falar de Bobs.

"Ele está cheio de amor por toda a gente", ouvi; e depois falaram-me de um livro com imagens, um livro de que eu tinha ouvido falar tantas vezes em circunstâncias semelhantes. Este é o livro que estais a ler agora. Mas deixei as imagens de fora.

Mesmo ao fim da sessão, claro, pensei que deveria dar algo à Sra. Clegg; mas não sabia como fazê-lo. Ela apenas sentava para 'investigação séria'; no entanto, tinha de viver.

"O que lhe deverei dar?", disse eu a Barbanell.

"O que quiseres", respondeu ele.

Dei-lhe dez xelins, que ele lhe passou. Parece uma quantia de dinheiro cómica para se pagar — não parece? — por um drama como este, atuado numa sala de estar das traseiras no norte de Londres. Uma mulher da limpeza conseguiria ganhar o mesmo; Gladys Cooper conseguiria ganhar muito mais por atuar de forma de modo nenhum tão convincente.

Outra médium ainda mais barata com quem me deparei foi uma Sra. Brookman, cujo honorário era tão baixo quanto sete xelins e seis pence. Conheci-a no apartamento do Sr. e Sra. Gerald Barton, que, em consequência do meu entusiasmo, tinham começado a fazer investigações psíquicas por sua conta.

Tivesse esta sido a minha única sessão, eu teria ficado mui impressionado. Mas, em comparação com algumas das minhas outras experiências, foi bastante comum, no sentido, quero dizer, de que foi uma sessão geral com mui poucas provas para mim. A Sra. Brookman, contudo, parece ser uma mulher de considerável poder psíquico; e, na verdade, esta sessão foi notável pelo facto de o espírito do pai do Sr. Gerald Barton ter passado, tomado o controlo da médium e abençoado o seu filho, fervorosamente, e com mui grande emoção.

"Meu filho, meu filho", disse ele, dirigindo-se a ele por um nome conhecido apenas por si próprio e pelo seu filho, um nome que não tinha sido usado há trinta e cinco anos.

Nesta sessão, também, vieram duas bênçãos para mim, embora, no caso desta médium também, ela não soubesse quem eu era, ou algo sobre mim. Uma vez ela desviou os olhos, como se estivesse a olhar para uma luz que era demasiado brilhante para os seus olhos.

"Oh, não consigo olhar", disse ela. "É demasiado brilhante."

"Foste selecionado, por aqueles que fizeram la passagem, como intérprete para aqueles deste lado", disse-me ela. "Tens de provar a continuidade da vida e a sobrevivência. Tens o poder de transmitir este conhecimento à humanidade, e dentro de pouco tempo o véu será erguido e os olhos do mundo ser-se-ão abertos."

Outro espírito que passou disse a mesma coisa, quase, mas por outras palavras.

Este tipo de bênção andava a seguir-me por Londres. Noutra ocasião recebi-a de Forest Hill, enviada por correio após o Círculo Potter se ter sentado.

"Damos uma mensagem para o Poeta", disse a voz. "Continua com o teu bom trabalho... conseguindo interessar o R. Tens feito um trabalho magnífico; e, continuando como tens feito, trarás consolação a um milhão de pessoas. E outros, cujo poder é grande no mundo da Imprensa, ficarão interessados, como tu tens estado, desde que realizas o teu grande trabalho... O que teve lugar hoje à noite é como uma migalha para um código de pão comparado com o que será feito."

CAPÍTULO XVIII

Northcliffe Fala na sua Própria Voz — O Médio Amador de Harrow Weald — Sentou-se por Três Anos antes de a Voz Surgir.

Sim, todas estas experiências, extraordinárias como muitas delas foram, empalidecem até à insignificância, creio eu, ao lado daquela que aconteceu na noite de 15 de dezembro de 1924. Pois, nessa ocasião, ouvi pela primeira vez a própria voz de Northcliffe a falar comigo, não, quero dizer, uma voz que pudesse ter sido a de Northcliffe, não uma voz que tivesse meramente o estilo e a ênfase da

de Northcliffe, mas uma voz que era realmente a sua no sentido de que soava exatamente como a voz de que me lembro.

Sabeis quão difícil é recordar o som da voz de alguém. Não a conseguis descrever e, a menos que seja mui característica, como a de Tree ou a de Irving, não vos lembrais de quase nada sobre ela. Mas, no momento em que a ouvis novamente, reconheceis-la como sendo inconfundivelmente a voz de que vos tínheis esquecido até soar de novo.

Nas sessões de trombeta, obtém-se frequentemente o caráter da voz de um homem; e por vezes, como no caso do Dr. Barnett, digamos, que tem uma pronúncia alta e dominante, é uma voz distinta de todas as outras que se ouvem através de uma trombeta. Mas quando se obtém o que chamam 'a voz independente' — isto é, uma que fala a partir da própria escuridão e não está a usar uma trombeta — obtém-se por vezes uma voz tão clara e distinta como a que se ouviu em vida.

Isto aconteceu-me, no que respeita a Northcliffe, numa belíssima casa em Harrow Weald, uma casa presidida pela Sra. Gibbons Grinling, uma encantadora mulher de meia-idade de um tipo mui superior. É uma daquelas fervorosas espiritualistas que abdicaram de anos da sua vida para desenvolver a voz independente. Por mais de três anos ela sentou-se com o seu filho, Denis, ainda no início dos seus vinte anos. Sentavam-se três vezes por semana, por mais de uma hora de cada vez, sentando-se no último andar da sua casa, numa sala especialmente preparada para sessões. Tem paredes escurecidas, um armário num canto, uma caixa de música à antiga e uma luz vermelha que brilha lá no alto, perto do teto, para que dê luz suficiente para que todos os participantes se consigam ver uns aos outros."

Nesta sala, durante muitos meses, a Sra. Grinling sentou-se com o seu filho, sendo sua companheira frequente a Sra. Leonard, que a "desenvolveu"; isto é, sentaram-se juntas na escuridão, com os poderes da médium bem desenvolvida a ajudarem a fortalecer os da mulher que estava a ser treinada. Durante mais de três anos sentaram-se, antes que algo acontecesse. Imaginem dar três anos da vossa vida com tal devoção, sentados na escuridão, hora após hora, esperando pacientemente por aquela grande revelação do outro mundo que

significará que tendes a dádiva inestimável de serdes capazes de provar aos outros que as histórias sobre a morte são todas mentiras. Depois, uma noite, soou mui fracamente na escuridão, na câmara superior da casa da Sra. Grinling, a voz do seu filho, Cedric, que morreu em criança, e que tinha voltado para lhe dizer que tudo estava bem com ele. E ele tinha voltado para lhe dizer, na sua própria voz, não através de um médio, não através de uma *planchette*, não através de um lápis, mas no próprio som do Amor. E, desta forma, o outro filho da Sra. Grinling, Ray, falou também, e um grande amigo, Godfrey, que foi morto na Guerra.

As pessoas que se riem do Espiritualismo querem a prova que eu tive de que a Sra. Grinling e o seu filho podem agora subir as escadas, sentar-se na escuridão e estar cientes da presença e ajuda do falecido Cedric. E assim eles revivem, num sentido real, os dias sagrados da Memória.

A Inglaterra, sem que o saibais, tem lares como este às centenas, lares pelos quais passais de carro, ou passais distraidamente, sem saber, lares entregues à comunhão sagrada com os mortos vivos.

Aconteceu-me a mim porque a Sra. Grinling recebeu uma mensagem, um dia, de que o Lord Northcliffe desejava falar comigo na sua sala. Ela não sabia grande coisa sobre o Lord Northcliffe; e não me conhecia. Mas a Sra. Leonard sabia; foi através dela que recebi a mensagem.

Assim, a Menina Owen e eu deveríamos ir lá numa quinta-feira para falar com o Lord Northcliffe. Mas, nesse dia, estava demasiado nevoeiro. Nós queríamos ir. Teríamos conduzido durante horas através de qualquer nevoeiro pela experiência. Mas quando ligámos à Sra. Grinling, foi-nos dito que a Sra. Leonard não conseguia passar, de qualquer forma, e, como o poder acrescido dos seus dotes psíquicos era necessário para termos a certeza de que ouviríamos, a sessão foi adiada.

Tem acontecido várias vezes eu achar mais fácil entrar em contacto com o Lord Northcliffe durante um nevoeiro do que entrar em contacto, digamos, com o Lord Beaverbrook — isto, embora um

estivesse morto e o outro vivo, e no Hyde Park Hotel. Nesta ocasião, era o espírito que estava pronto e a carne que achou difícil.

Por isso, foi na segunda-feira seguinte que a Menina Owen e eu cumprimos o nosso compromisso, encontrando, na casa da Sra. Grinling, o seu filho Denis, a Sra. Leonard, por esta altura já minha amiga, e um jovem médio chamado Charles Botham. Tomámos chá, discutimos a luta para estabelecer a verdade espiritualista e depois subimos e sentámo-nos, a Menina Owen à minha direita, e a Sra. Leonard, que estava à direita da Sra. Grinling, à minha esquerda. Apagámos todas as luzes, exceto a vermelha, ligámos a caixa de música — e esperámos. Em escassos minutos veio uma voz: "Luz... demasiado brilhante."

Era o filho da Sra. Grinling, Cedric, o falecido, que tinha voltado para falar com ela.

Incidentalmente, eu poderia dizer que uma das respostas ao argumento de que a escuridão nas sessões prova que são uma farsa é o facto de ser frequentemente a orientação espiritual que insiste na escuridão. Se tiverdes demasiada luz, dizem-vos do outro mundo. Significa que os espíritos não conseguem passar, porque a luz está a destruir o poder etérico. Por isso, tornais as coisas tão fáceis para eles quanto conseguis.

Levantei-me e atirei vários lenços contra a luz vermelha, até que dois ficaram lá presos e a escureceram um bocado. Depois sentámo-nos novamente. Cedo ouvi a própria voz de Northcliffe a sussurrar-me.

"A Doris está aqui", disse ela. "Ela está aqui."

Devo aqui expor que, não muito tempo antes, quando sentado com a Sra. Leonard, eu tinha perguntado a Northcliffe se havia uma mui grande amiga minha do seu lado.

"Sabe a quem me refiro?", disse eu.

"Sim", respondeu ele. "Ela está aqui agora."

Tenho quase a certeza de que não mencionei o nome dela; mas lembro-me de que ele falou dela por vários minutos e que Feda disse: "Ela teve uma vida dura."

Como veem, logo na ocasião seguinte em que teve oportunidade de a trazer para que ela me pudesse falar, ele fizera-o — isto, embora eu não lho tivesse pedido.

A voz de Northcliffe vinha de entre a Sra. Grinling e a Sra. Leonard. Para que nenhum zombador sugira que era a Sra. Leonard, a médium profissional, que falava, devo insistir em que os sons que ouvi eram exatamente os da voz do meu antigo Chefe, que ninguém a conseguia imitar, e que, de todas as pessoas que o poderiam ter feito, a Sra. Leonard e a Sra. Grinling — ambas mulheres, e ambas pessoas que nunca tinham ouvido Northcliffe falar — eram certamente duas das mais improváveis.

"É a sua voz, Chefe!", disse a Menina Owen.

"Sim, claro que é", respondeu Northcliffe, na sua maneira ligeiramente impaciente, como se estivesse zangado por ter de concordar com algo que era tão óbvio.

"Estamos a fazer progressos agora", disse eu.

"Sim, com a minha ajuda", respondeu Northcliffe, ainda reclamando o maior crédito possível, como veem.

Seguiu-se depois uma longa conversa por uma hora e um quarto. Mas todas as frases eram mui breves, não observações longas e facilmente expressas como as que vêm através de Feda, mas curtas, como se houvesse necessidade de um grande esforço entre cada observação. Requer, como é óbvio, muito mais poder psíquico para este tipo de conversa.

"Louise. Nome. Lá baixo. Mary", disse Northcliffe, tentando algo evidente. Eu compreendo-o; mas vós não compreenderíeis.

"Acha que estamos a progredir bem?", disse a Menina Owen.

E seguiu-se, em resposta a várias observações nossas, demasiado triviais para repetição, os seguintes fragmentos avulsos de Northcliffe:

"Estão todos a entrar. Vamos apanhá-los na rede... Mais publicidade..."

Eis mais alguns fragmentos avulsos da conversa.

Menina Owen: "Está mui feliz agora, Chefe?"

Northcliffe: "Sim, especialmente desde que tenho estado em contacto contigo."

Hannen Swaffer: "Era o senhor no Círculo Potter na passada sexta-feira?"

Northcliffe: "Sim."

Hannen Swaffer: "Era um mau círculo."

Northcliffe: "Horrível."

Hannen Swaffer: "Continuo sem perceber se as mensagens dos Potter são todas suas."

Northcliffe: "Não te preocupes com elas. São minhas."

Hannen Swaffer: "Vamos escrever um livro após a reunião."

Northcliffe: "Sim. Bom rapaz."

Menina Owen: "Queremos acordar Fleet Street."

Northcliffe: "Sim, é isso que vou fazer."

Depois Northcliffe, mui orgulhoso desta sua nova proeza, observou: "Consigo usar a minha própria voz. Sem trombeta."

Um pouco mais tarde, perguntou ele: "Quem é esta senhora?"

"Refere-se a mim?", perguntou a Sra. Leonard.

"Não", respondeu Northcliffe. "Quem é esta senhora? Talvez ela me deixe vir outra vez."

Isto era obviamente uma referência à Sra. Grinling, a cuja casa ele fazia uma primeira visita, e perto de quem falava.

"A minha mãe não lhe pode falar", respondeu o jovem Denis Grinling, "pois tem de se manter num estado mental passivo. Mas

estamos mui felizes por ter vindo aqui. Se o pudermos ajudar a ajudar o mundo, esperamos que faça uso de nós."

"Certo, meu rapaz", respondeu Northcliffe.

Pouco depois, a voz de Doris foi ouvida. Pelo menos, uma voz de mulher disse: "É a Doris que fala. Estou contigo. Lembras-te do lugar onde me viste?"

"Sim, lembro-me", respondi, com a minha memória a recuar mais de um quarto de século.

"É a primeira vez que fala?", perguntou la Menina Owen.

"Sim, tive uma vida dura", respondeu a voz, como se fosse o discurso preparado que tinha aprendido na sessão com Feda. Muitas vezes, as primeiras observações de um espírito soam como se tivessem sido aprendidas antecipadamente, tal como o esforço de estreia de um orador é por vezes confiado a uma memória da qual ele não quer, nem pode, afastar-se. Mas, neste caso, pareceu ser repetido de propósito, acentuando a prova.

"O meu rapaz vem para casa", continuou a voz de mulher. "Ele não deve saber. Guarda isto para ti."

Eu sabia exatamente o que ela queria dizer. Era uma mensagem do túmulo, a pedir-me para ajudar alguém que lhe era querido. E referia-se a algo conhecido por mais ninguém na sala senão eu, algo que a preocuparia mui grandemente. Eu tinha-me preocupado frequentemente sobre se ele deveria saber tudo sobre si próprio.

Depois a voz de Northcliffe foi ouvida novamente, desta vez dizendo algo tão íntimo para mim que não o posso repetir, mas dando provas do seu atrevimento dos diabos, tão característico dele em vida. Ele adorava descobrir algo sobre os vossos assuntos privados e depois referir-se a isso quando mais alguém estava presente. Acreditem-me, por estes dias, tive ampla oportunidade de me desforrar com ele.

"Lembra-se de como eu às vezes tinha mau génio?", perguntou a Menina Owen.

"Não o consigo esquecer", respondeu Northcliffe, rapidamente.

"Mas eu conseguia ser simpática às vezes?", sugeriu a Menina Owen, querendo um elogio.

"Sim", respondeu Northcliffe, mas de forma mais duvidosa do que na outra resposta.

"Deseja falar com alguém do pessoal?", perguntei.

"Sim", respondeu Northcliffe, mencionando Whibley, e depois, de forma antes suave, "Charlie Hands."

A Menina Owen pediu-lhe então para dar o seu amor ao pai e à mãe dela.

"Ela está aqui", respondeu ele.

"Entrou em contacto com o meu irmão?", perguntei.

"Sim, ele está aqui", disse ele.

"Deverei falar com o Duff?", disse eu.

"Sim, e com o John Davey", respondeu ele. "Deixa-os vir a todos."

"E quanto a Price?", perguntei.

"Não tenho a certeza", respondeu Northcliffe.

"Nenhum deles é tão devoto como nós somos", disse a Menina Owen.

"Eu sei disso", respondeu Northcliffe. "Não precisas de ter ciúmes." E depois, após mais alguns pequenos pormenores: "Louise, estou a agarrar-me firmemente a ti. Vou ficar contigo."

Um pouco mais tarde, perguntei: "Está a trabalhar mui arduamente agora, Chefe?"

"Poeta", respondeu ele, "achas que eu não tinha nada que fazer até tu me acordares?", sendo isto obviamente uma referência ao facto de que, antes de eu falar com o seu espírito, ele já estivera ocupado noutro lado.

A Menina Owen contou como tinha escrito a um famoso dramaturgo a pedir-lhe para assistir à reunião do Queen's Hall, mas

como a resposta dele fora uma recusa ríspida em ter qualquer ligação com o assunto.

"Ele próprio não sabe o que quer pensar", disse Northcliffe.

"Ouvi dizer que o Ramsay está interessado", disse eu, tendo-me sido dito que o ex-Primeiro-Ministro estava mui interessado em assuntos psíquicos.

"Ele ficará bem", respondeu Northcliffe, acrescentando, após uma longa pausa — tínhamos estado a referir-nos a outros homens públicos —: "Louise, já não és tão chorona como costumavas ser."

Depois veio a mensagem: "Não consegui escapar-te", e, pouco depois: "Poeta, eu estava demasiado vivo para morrer."

Soa a uma conversa mui tonta, quando impressa. Mas, lembrem-se, foi tudo apontado em pequenos fragmentos, e frequentemente havia uma longa espera entre cada nova frase. É apenas importante porque cada palavra foi dita na voz de que eu tão bem me recordava quando a ouvia.

"Achamos que o senhor é perfeitamente esplêndido, Chefe", disse a Menina Owen, passado algum tempo.

"Eu acho que vós dois sois perfeitamente esplêndidos também", respondeu ele.

"O senhor costumava dizer que o Swaffer era o único que tinha alguma imaginação", respondeu ela.

"E era", disse Northcliffe. "Mas não convém estragá-lo."

"Lembras-te de gatos?", disse ele, um pouco mais tarde, tentando dizer algo evidente. E depois, quando a Menina Owen contou como, escassos dias antes, se tinha cruzado com um membro do pessoal dele em Paris e ele dissera: "Pergunta ao Chefe se ele se lembra de uma piada que tivemos sobre pesca", Northcliffe respondeu: "Sobre o isco." Isto, já o confirmámos desde então, era verdade. Era uma piada sobre o isco.

"Louise, quase que chegavas atrasada esta manhã", disse Northcliffe, um pouco depois. "Sempre a correr." Isto era verdade.

"Vou tentar organizar melhor a minha vida", respondeu ela.

"Vai dar trabalho", replicou ele.

"Vou tentar concentrar-me, como o senhor fazia", disse ela.

"Serás capaz?", respondeu ele, cinicamente.

"Vai tomar conta da Mary em Paris?", disse a Menina Owen, referindo-se à sua filha adotiva.

"Vou ser a empregada doméstica geral", respondeu Northcliffe.

"O senhor mudou radicalmente de lado, Chefe", disse eu, referindo-me ao facto de as suas mensagens se estarem a tornar mui radicais, mesmo para ele; em vida, achava sempre difícil ser conservador por muito tempo.

"Não o posso evitar", disse ele.

"Tem algumas mensagens para enviar?", perguntei.

"Apenas para o pessoal", respondeu ele. "Dá o meu amor." E depois veio: "Bem, vós dois tendes imensa coragem. Deus vos abençoe."

Escassos minutos depois, a Sra. Grinling sentiu uma dor neurótica aguda no braço esquerdo. Deu um grito e disse que teria de parar. Mesmo nessa altura, ouvimos a voz do seu filho novamente. Cedric falava.

"Está tudo bem", disse ele. E com isto a sessão terminou.

Esta é a única ocasião em que me sentei com a Sra. Grinling. Foi a primeira ocasião em que ouvi a voz de Northcliffe — quero dizer exatamente a voz que ele costumava ter. Não era um sussurro, mas algo semelhante a um sussurro. Quero dizer que o sussurro da voz de um homem não é como a sua voz se não estiver a sussurrar. Mas isto era mais como uma voz minimizada, uma voz alta e suave, por assim dizer. Inconfundivelmente, e para lá de toda a dúvida humana, era Northcliffe a falar, não usando nenhum aparelho, não usando nenhum médio, exceto que estava a extrair poder psíquico da Sra. Grinling e da Sra. Leonard. Era exatamente como se ele estivesse no escuro, mui longe, a falar connosco.

Seis semanas mais tarde, na casa do Sr. Alfred Morris, em Tankerton, a Menina Owen sentou-se novamente com a Sra. Grinling e com a Sra. Leonard e ouviu a mesma voz outra vez.

"O que pensou da reunião do Swaff?", foi uma das perguntas que a Menina Owen lhe fez.

"Mui boa", respondeu Northcliffe. "Mas ele deveria ter erguido mais a voz. Teria marcado mais pontos. Ele pôs as pessoas a falar."

"Tem algo para nos dizer?", perguntou ela.

"Sim, vai em frente", foi a resposta.

"Sabe que o Swaff está a escrever o seu livro?", perguntou ela.

"Sim", respondeu ele, "mas diz-lhe..." E seguiu-se um conselho que tentei seguir ao escrever isto. Lembrem-se, uma quantidade de factos foi omitida por sugestão do próprio Northcliffe.

"O que deverei fazer com as cartas insultuosas que recebo?", perguntou Louise.

"Queima-as", disse Northcliffe.

"Quer que eu faça algo em especial?", perguntou ela.

"Sim, escreve artigos."

"Para que jornais?", perguntou ela.

"Há dois tipos", disse ele. "Semanários. Os jornais diários não os imprimirão."

"O que pensa das pessoas tontas e pequenas de Fleet Street que nos insultaram?", perguntou ela.

"Coelhos", respondeu Northcliffe. "É tudo o que são."

"Como estás, querida?", disse ele então à Sra. Leonard, ao que a Menina Owen disse: "Aqui está a Sra. Grinling, com quem o Swaff e eu nos sentámos em Harrow Weald."

"Sim, lembro-me", disse Northcliffe. "Apreciei imenso aquilo."

"O Fred Bussey passou para ver o Swaff quando eu estava com ele na passada quarta-feira", disse Louise. "Disse que acreditaria se

conseguisse ouvir a sua voz." Bussey costumava organizar para Northcliffe — fazer "FAÇANHAS".

"Quero que ele venha", disse Northcliffe. "Traz-o contigo."

Depois a Menina Owen apresentou o seu anfitrião.

"Aqui está o Sr. Morris", disse ela. "O meu Chefe ama toda a gente."

Northcliffe travou logo esse tipo de entusiasmo.

"Não amo", respondeu ele. "Não digas disparates."

"O que pensa do L. G. e do Asquith estarem a fazer as pazes?", disse Louise.

"Não por muito tempo", respondeu a voz de Northcliffe.

E, com algumas generalidades, essa sessão terminou.

Estas duas sessões não contiveram grande coisa que fosse de real prova, quero dizer no que tocava às palavras. Mas a voz era inconfundivelmente a de Northcliffe e maior prova do que qualquer outra coisa poderia ser de que Northcliffe sobrevive e está, na sua nova vida, tão humano, tão alegre, tão petulante e tão irreverente quanto esteve durante qualquer fase da sua carreira terrena.

Desde então, em sessões com George Valiantine, que tiveram lugar em casa de Bradley em fevereiro, março e abril deste ano, ouvi a própria voz de Northcliffe, várias vezes. Ficava cada vez mais forte, em cada sessão, até ser tão alta como a de uma pessoa envolvida numa conversa aquecida. E era exatamente a voz de Northcliffe da minha memória terrena dele.

CAPÍTULO XIX

Provas de que era Northcliffe — As minhas Impressões e Convicções Analisadas — Serão as Vozes dos Espíritos as de Demónios?

Ora, desafio quem quer que conhecesse bem o Lord Northcliffe e que me conheça bem a ler, atentamente, todos os capítulos anteriores

deste livro sem, pelo menos, admitir que há muito a dizer a favor da minha afirmação, feita várias vezes, de que falei com o Lord Northcliffe não uma, mas em várias ocasiões. Mas apenas alguém que conhecesse bem Northcliffe pode julgar isto. O verdadeiro homem, como veem, era tão diferente do que o público pensava. Em todas as relações da sua vida ele era tal contradição que, a menos que o conhecêsseis intimamente, não o conhecíeis de todo.

E a verdade é que o que é prova para Conan Doyle de que o seu filho, Kingsley, vive, não é prova para mais ninguém senão para Conan Doyle e para os poucos outros que conheceram bem Kingsley Doyle na sua juventude. Eu falei com a voz de Kingsley Doyle na presença de Conan Doyle. Mas não conhecia Kingsley quando ele estava vivo. Como o posso conhecer, agora que não está?

As mensagens dadas pelo Lord Northcliffe a mim e a outros variam de todo o tipo de formas. Um homem, como sabeis, varia tremendamente na terra. Hannen Swaffer, ajoelhado na Abadia de Westminster, não é o mesmo Hannen Swaffer sentado nas cadeiras do Gaiety. Da mesma forma, Northcliffe, visitando um Círculo Potter em Forest Hill, não é o Northcliffe que fala comigo. O Círculo Potter é uma reunião mais religiosa do que o círculo dos meus conhecidos.

Apenas de vez em quando, para mim, Northcliffe irrompeu com palavras de arrependimento. É quando vemos um sacerdote num estado confessional que somos o nosso melhor eu, ou quando, num edifício sagrado, nos determinamos a começar de novo. Há cinquenta Swaffers em mim. Havia mais Northcliffes do que isso nele.

Sim, quem, senão o Northcliffe sobrevivente, teria o grande conhecimento da sua vida terrena — aquele mostrado a mim tantas vezes por médiuns estranhos, que não sabiam quem eu era, que nunca tinham estado no escritório de Northcliffe, e que o conheciam meramente como uma espécie de César, o qual, acreditem-me, ele nunca foi quando eu estava perto?

Baseio todo o meu caso nas sessões a que assisti na casa de Dennis Bradley, quando não estava presente nenhum médio profissional, quando apenas amigos íntimos meus ali estavam, reunidos, em humilde reverência, para buscar a verdade.

Ora, essas sessões refutam o argumento, apresentado por alguns céticos, de que, quando se senta num círculo, mesmo que sejais dez, sois propensos a ser hipnotizados na ideia de que ouvis vozes; de que sois magnetizados na crença de que vedes coisas mover-se; de que é tudo um erro vosso, uma ilusão.

Eu poderia responder a isso de uma vintena de formas. Limitar-me-ei a expor que, numa ocasião, tendo saído do círculo porque estava nervoso quando algo lhe tocou no escuro, o meu amigo Greville Collins, que encenou *"Fata Morgana"* e *"Sun Up"* em Londres, ficou do lado de fora da porta e ouviu as vozes na sala de sessões, estando ele no corredor exterior. Ele certamente já não estava magnetizado ali fora no corredor.

Brevemente, acrescentarei que, em várias ocasiões em que pedimos aos espíritos para levarem a trombeta para algum lado, a encontrámos onde a tinham posto quando as luzes se acendiam, quando, com certeza, não estávamos hipnotizados, mas sim a fumar e a conversar.

Ora, no próprio círculo de Bradley, sem nenhum médio profissional presente, falei com Warren Clarke, cunhado de Bradley; com Annie, sua irmã; com o Lord Northcliffe; e com Feda, a guia espiritual da Sra. Leonard. Noutras sessões falei com todos estes espíritos, embora os médiuns fossem diferentes, e achei-os exatamente as mesmas entidades, que deram provas não solicitadas de que tinham falado comigo no círculo de Bradley; e, não importava quem era o médio, estes quatro espíritos eram sempre seres facilmente identificados, cujas características eram reconhecidas no momento em que passavam.

"Ora, essa é a Feda!", disse a Menina Stead numa sessão com Evan Powell. "O que está ela aqui a fazer?"

Expliquei que ela tinha vindo ver-me.

Depois Warren Clarke passou nessa mesma sessão, o mesmo Warren Clarke do círculo de Bradley, embora totalmente desconhecido para Evan Powell. Continua assim, como veem, continuamente, e é uma longa continuação.

Seria necessário um volume inteiro por si só, se eu começasse a provar tudo isto em detalhe; mas mesmo que o fizesse, o cético continuaria cético; o crente não quereria nenhuma prova antes de começar a ler.

Não se podem provar estas coisas. Quando Colombo regressou da descoberta daquilo que pensava ser a América, não acreditaram nele. Outros tiveram de ir, e outros depois deles, até que, finalmente, agora, quer tenhamos lá ido quer não, todos acreditamos que a América existe, embora saibamos que Colombo nunca lá foi, mas que foram as Índias Ocidentais que ele encontrou. Quando mais 100.000.000 de pessoas estiverem convencidas do Espiritualismo, rir-nos-emos dos que não acreditam, não daqueles que acreditam.

Como diabo pode um médio como Vout Peters produzir para mim um Lord Northcliffe que eu reconheço, a menos que seja o próprio Lord Northcliffe? Ele teria de o fazer, como veem, produzindo alguém sobre quem não sabia absolutamente nada. O Lord Northcliffe da imaginação dele não existiria para mim de todo. Nego absolutamente que um homem como Vout Peters pensasse que o Lord Northcliffe, por exemplo, se oporia a anúncios.

"Demasiados anúncios" foi uma mensagem que passou, lembram-se, numa ocasião. Mesmo os homens da publicidade não aceitariam isto do Lord Northcliffe. Apenas as poucas pessoas isoladas que estiveram no controlo de um ou mais dos seus jornais, como eu estive, acreditariam numa coisa dessas de qualquer proprietário de jornais que alguma vez viveu, em qualquer país do mundo.

No entanto, consultando uma nota que criticava um dos seus jornais, a qual eu tinha entre uma velha coleção de notas dele, li uma queixa de que o pessoal da publicidade estava a invadir o espaço que ele lhes tinha concedido, e expressando a esperança de que o editor exercesse o seu poder de deitar fora qualquer anúncio que escolhesse.

Os céticos explicam este tipo de mensagem dizendo que, enquanto em condição de transe, o médio obtém a ideia da vossa mente inconsciente. Se isto for verdade, a vossa mente subconsciente deve ser de longe a melhor metade do vosso cérebro; pois contém,

aparentemente, pensamentos mais belos do que a outra metade da vossa mente.

Pode uma mente subconsciente erguer uma trombeta no escuro, fazê-la mover-se em vossa direção e dizer-vos o mesmo tipo de coisas que outro médio disse na noite anterior noutra parte de Londres, sem o conhecimento do médio agora sentado?

Vós não recusais aceitar um homem como sendo a pessoa que diz até que ele vos mostre o seu passaporte com a sua fotografia certificada, e depois recusais aceitar o seu passaporte quando ele vo-lo mostra.

Se o Lord Northcliffe já não existe, eu também não. Tenho mais provas da sua sobrevivência do que tenho da sua morte; e fui ao seu serviço fúnebre na Abadia de Westminster. Afinal de contas, nunca o vi deitado morto no caixão; e nunca vi a sua certidão de óbito. É certamente verdade que li sobre a sua morte no *Daily Mail* e no *Times*, mas não acredito em tudo o que leio no *Daily Mail* e no *Times*. Por isso, por que haveria de acreditar nisso?

Apenas sei que toda a gente dizia que ele estava morto; mas não acredito em tudo o que toda a gente diz. Habitualmente, quando toda a gente diz uma coisa, sei que está errada; porque a maioria das pessoas é tola. E o que os tolos dizem está frequentemente errado.

Esta teoria subconsciente é cómica. Quando Northcliffe me mencionou "George", por exemplo, o último George em quem pensei foi em "George Warrington Steevens". Para mim, ele é um daqueles homens em quem se pensa apenas pelos seus nomes completos. Algumas pessoas são assim. Nunca ouço chamar "Smith" ao "Wareham Smith", por exemplo. Não significaria nada. Penso em Steevens, sempre, nos três nomes ao mesmo tempo. Habitualmente, quando um nome próprio passa, é o nome do último ser com quem sonharíeis com esse nome, não o primeiro, como pensaríeis. A vossa mente subconsciente — sabe Deus que continua a ser um quebra-cabeças para todos os especialistas do cérebro do mundo — estaria por vezes a pensar no correto; mas eu não noto que seja assim.

Há também a sugestão de que os médiuns são todos farsas. Ora, como tenho ido a tantos médiuns, e encontrado provas acrescidas da

sobrevivência de Northcliffe quase todas as vezes, isto significaria que, se fui enganado, fui vítima da fraude mais inteligente alguma vez imposta a um homem perspicaz.

Lembrem-se, eu costumava ser repórter de crime. Já detetei assassinos antes de agora. Estive no caso Crippen e no mistério do Túnel de Merstham — sim, e em muitos outros. Estou habituado a analisar provas e a reunir factos. Sou um cético por natureza. Sou difícil de convencer. Não salto para conclusões. A falta de reverência pela tradição é uma falha minha. Troço da maioria das coisas. "Aquele porco cínico" é o tipo de coisas que ouvem sobre mim. "Oh, ele não acredita em nada", dizem as pessoas.

Mas esta conspiração para me enganar — se houve uma — significa que uma quantidade de médiuns, que não achei superinteligentes ou supersábios, são as pessoas mais espertas do mundo. Significa que estão unidos no sistema de espionagem mais diabólico alguma vez inventado desde que a história começou. Significa que, sabendo, antes de eu próprio o saber, que eu ia investigar a alegada sobrevivência do Lord Northcliffe, conspiraram para descobrir tudo sobre ele, coisas que apenas, talvez, seis pessoas sabiam, e depois planearam um meio de me enganar, tão difundido que, ao lado dele, o sistema de espionagem alemão era uma espécie de simplicidade de Escola Dominical.

Significa que, quando visitei um médio, esse médio entrou imediatamente em contacto com todos os outros médiuns do país, para o caso de eu ir ter com um deles na manhã seguinte; que cada um a quem fui apontou imediatamente tudo o que eu tinha dito, e ele ou ela tinha dito, e enviou-o para uma agência central, de onde cópias foram enviadas por correio, imediatamente, para cada médio que fosse conhecido, para que não houvesse falha nem contradição.

Significa que a minha fotografia teve de ser posta em circulação, ou então uma descrição completa da minha aparência, e que, de cada vez, me deveria ser dito algo novo, algo que apenas os familiares do Lord Northcliffe sabiam, ou os seus amigos mais próximos e íntimos. Significa, de tão bem que esta campanha tinha de ser conduzida, que mensagens referindo-se ao que tinha acontecido escassas horas antes,

noutro local, tinham de vir, um dia através de uma trombeta, no dia seguinte através de uma *planchette*, no dia seguinte através de um tabuleiro *ouija*, no dia seguinte através de um médio de transe. E, como algumas destas pessoas não eram profissionais em nenhum sentido ou significado da palavra, mas sim pessoas que se moviam na sociedade mais culta e respeitada — bem, teria de ser mui engenhosamente feito, não teria?

Se todos estes médiuns são farsas e fraudes, começo a perceber por que razão o teatro inglês perdeu todos os seus atores e atrizes. Tenho visto representadas diante de mim, em sessões, cenas que Sybil Thorndike, Henry Ainley e D. Hay Petrie não conseguiriam atuar melhor, se aprendessem todas as palavras antecipadamente. Se é tudo uma fraude, começo a compreender por que razão existe apenas um Datas: todos os outros devem estar no movimento espiritualista cobrando 7s. 6d. por consulta.

Depois há a teoria de que quando nos sentamos num círculo, o médio é um ventríloquo que projeta a voz por aí. Bem, além do facto de os ventríloquos não conseguirem trabalhar no escuro, porque o ventriloquismo é em grande parte uma ilusão ótica baseada em fazer-vos acreditar que é o boneco que fala e não o homem ao seu lado, como pode um ventríloquo conseguir vozes a falar em línguas que ele não conhece? Como pode ele, também, ser por vezes um vocalista tão perito que consiga fazer vir, do teto, a voz de Caruso, reconhecível para os presentes como a voz com que o grande tenor os tinha deliciado tantas vezes, a qual ninguém, morto, vivo ou por nascer, conseguiria imitar, se vivesse até ao milhão de anos?

Como veem, os céticos estão a caminhar em águas mui profundas quando começam a argumentar assim.

Depois há a teoria católica romana. "Sim, vozes de espíritos podem falar-vos", dizem eles, "mas, se assim for, são demónios a conduzir-vos à destruição."

O meu amigo Ralph Pugh, que é mórmon, também pensava que eram demónios, contou-me ele. Fico contente por a Igreja Católica Romana, cujos sacerdotes se diz serem celibatários, concordar com os

mórmons, de quem se diz serem poligâmicos, nem que seja apenas nesta objeção fulcral à minha recém-encontrada fé.

Se são demónios, queremos mais deles; pois se foi um demónio que apareceu em forma de voz a Kate Goodson, a minha secretária, que apontou este livro, e anunciou que era o seu pai a falar com ela, trazendo palavras de conforto, dizendo-lhe para continuar a ser boa para a mãe, e dizendo que a sua irmã Annie estava feliz no outro mundo — bem, os demónios parecem ter mudado as suas intenções, desde que ouvi falar deles pela primeira vez.

"Deus é mui misericordioso", disse uma voz que se anunciou como Tom Gallon, o romancista, à sua irmã, Nellie Tom-Gallon, perante mim uma vez, quando Evan Powell se sentou no British College of Psychical Science. Se os demónios vêm do outro mundo para nos dizer que Deus é misericordioso, quem me dera que viessem mais deles.

Nunca ouvi um espírito, ainda, que não falasse do bem que havia na vida, se ao menos o procurássemos, e da grande caridade e misericórdia por trás das obras de Deus. Não me recordo de uma sessão onde tenha falado com estes chamados demónios da qual não tenha saído sentindo que era um homem fraco e pecador que estava a desperdiçar as grandes dádivas que Deus lhe dera, que tinha falhado na sua grande tarefa designada por Deus de tentar tornar o mundo um bocado melhor.

"Continua com o teu trabalho", dizem todos eles, aqueles que vêm do outro lado. Essa é uma das suas lições. "Prega a verdade." Esse é o fardo de que vos têm de falar. Não soa mui demoníaco, pois não? Se foram demónios que falaram a Joana d'Arc, bem, eles salvaram a França. Se foram demónios que falaram a Moisés, bem, eles salvaram Israel. Se foram demónios que falaram a Conan Doyle — conduziram-no numa nova missão de amor e bondade e trouxeram-no de volta ao Cristianismo. Se foram demónios que falaram comigo — bem, tenho de encontrar o meu próprio caminho, suponho eu.

Mas não me sinto mais diabólico do que antes, enquanto escrevo estas palavras. Eu ia escrever um capítulo a analisar tudo o que Northcliffe disse, de modo a provar, para lá de toda a sombra de

dúvida para o mundo inteiro, que ele de facto sobrevive. Mas um mundo que não aceita nas múltiplas obras de Deus uma prova da existência de um Criador sumamente bom, cujo mundo estamos todos a lançar na ruína e na miséria pelo nosso egoísmo, está para lá de aceitar provas de qualquer espécie.

Apenas sei que todos aqueles que ouviram Northcliffe falar comigo — alguns dos seus nomes estão registados neste livro — chegam pelo menos ao ponto, todos eles, de saber da sinceridade do meu propósito. Alguns deles aceitam, sem questionar, cada palavra que escrevi. Alguns, Louise Owen e Dennis Bradley, por exemplo, sentaram-se comigo durante horas, com a Sra. Leonard, enquanto este Northcliffe, este meu amigo, derramava os seus pensamentos mais íntimos relativos à sua família e aos seus amigos, relativos ao grande negócio que edificou, relativos aos erros que cometeu e aos triunfos de que desfrutou. De vez em quando, deixada cair, surgia alguma pequena peça de prova que para nós era esmagadora; pois era por vezes algo que apenas eu sabia, talvez, por vezes algo que nem eu sabia, mas que provámos mais tarde ser verdade sobre a entidade Northcliffe e o seu passado.

O problema é que para explicar uma pequena parte, ter-se-ia de lhe dedicar capítulos inteiros. É por isso que a maioria dos livros sobre Espiritualismo que tratam de provas são estranhamente enfadonhos; e, mesmo assim, não transmitem nenhuma prova exceto às pessoas que conheciam intimamente na sua vida terrena o espírito comunicante e as coisas de que ele falou.

And tantas vezes, também, Northcliffe, após dar uma prova que era inquestionável, voltou um pouco mais tarde noutra sessão e disse: "Não uses isso." Ele queria dizer que isso magoaria os sentimentos de alguém, ou aborreceria, talvez. Destes exemplos, gostaria de dizer que qualquer um dos seus amigos que goste de ver as minhas notas originais — e guardei cada fragmento delas — o pode fazer a qualquer momento que goste de pedir. Pois Northcliffe, no seu desejo de provar que sobrevive, não quereria que isto fosse recusado, eu sei.

Se, após Northcliffe ter falado comigo durante duas horas em casa da Sra. Leonard, a Annie passa e conversa com o seu irmão,

Dennis Bradley, sobre a sua irmã "Gert", e depois, mais tarde nessa noite, ela fala através da trombeta na sala de sessões do seu irmão, quando não está presente nenhum médio profissional, referindo-se à sua conversa dessa manhã e ao que tinha acontecido a Gertrude desde então, seguramente é prova para Bradley e para mim, prova que é esmagadora. Não o pode ser para vós, a menos que acrediteis que aconteceu exatamente como digo.

E, de uma vintena de formas, Northcliffe fez esse mesmo tipo de coisas, usando um meio diferente, da vez seguinte, de se referir à vez anterior a essa. Além de todas as provas que Northcliffe deu, há todas as circunstâncias envolventes dos meus outros amigos espirituais que, presentes quando Northcliffe me contava algo, o corroboraram, mais tarde, dizendo que lá tinham estado. Como veem, entretece-se, junta-se, confirma-se em todos os aspetos. E as mensagens que me chegam de todo o mundo, confirmando-se mutuamente, são provas acessórias. Os espiritualistas de toda a parte, por todo o lado, não poderiam estar todos hipnotizados, não poderiam estar todos loucos, não poderiam estar todos a sofrer desta mesma ilusão de que este é Northcliffe. Não pode ser tudo um truque. Não pode ser tudo uma farsa. Não pode continuar em círculos, por todo o globo, em toda a parte, incessantemente.

"Sou o chefe de uma sociedade que é formada por espíritos bem conhecidos", disse Northcliffe, através de Feda, em casa da Sra. Leonard, "para ajudar o nosso plano, todos a trabalhar para o nosso bem. Não temos um número suficiente de pessoas do nosso lado. Vou ajudar-vos. Consegui algumas, incluindo-te a ti. Outros homens aqui são tão importantes mas não têm sorte na terra. O espaço não contem nenhum elo de ligação. Não podemos trabalhar no éter vazio. Deve ser mente com mente, pensamento com pensamento. Por outras palavras, meus filhos, temos de vos ajudar a trabalhar para a vossa própria salvação. Não podemos trabalhá-la por vós, mas podemos ajudar-vos."

Pelas provas que recebi, isto pareceria ser verdade. Ele continua, o grande propagandista, espalhando de cem formas a sua recém-encontrada crença.

"Quero fazer muito para convencer o mundo de que existe uma vida além da física", disse-me ele em casa da Sra. Leonard, noutra ocasião. "O salto para o desconhecido, que é tão aterrorizador, é apenas um passo para a divisão seguinte. Isso afastará o medo insidioso que ataca as pessoas. Sabendo disto quero tirar esse peso — essa limitação das pessoas." Ele parece estar a fazê-lo; pois o conhecimento espalha-se.

"Se falas com Northcliffe, por que não te conta ele algo que seja importante?", disse-me Robert Loraine uma vez. É uma pergunta natural a fazer; mas a resposta é ainda mais natural.

Northcliffe, em vida, não era o grande visionário que as pessoas pensam. Era um grande jornalista, e os grandes jornalistas que estão ocupados a produzir jornais todos os dias não têm tempo para visões; nem, por norma, são grandes pensadores mundiais. Pensam que são, talvez, porque cada coisa que dizem é copiada um milhão de vezes e vendida a metade do mundo. Mas, na realidade, estão ocupados na tarefa pequena seguinte de lançar a próxima edição, melhorar o jornal de amanhã, acertar as manchetes. Os grandes pensadores vivem nos topos das montanhas, não para estarem perto de Deus, talvez, mas para estarem longe dos homens. A tarefa pequena seguinte distraí-los-ia. A grande ideia está perto das nuvens. Apenas o eremita vê as coisas com verdade. Não tem renda para pagar; e os corvos alimentam-no.

Não me recordo de ver Northcliffe uma única vez na minha vida no estado de espírito de um grande sonhador. Sempre que nos encontrávamos, uma terceira pessoa que nos ouvisse falar pensaria que o visionário era eu. Eu era mais articulado do que ele, na maioria dos meus estados de espírito. Ele era mais prático do que eu. Conseguia organizar onde eu ficava na dúvida; e os grandes organizadores raramente pensam. O pensamento é ficar na dúvida. Conseguia vencer-me em todas as coisas práticas da vida.

Tinha uma visão sobre a amizade anglo-americana e aviões, e algumas poucas coisas avulsas assim. Mas, na realidade, a amizade anglo-americana não era uma ideia nova. Não foi ele que pensou nela, mas sim pessoas muitos anos antes de ele nascer.

E quando olhamos para o que resta dele, não há muito mais do que um grande negócio. Não há monumento à sua memória. Não há bolsa de estudo que tenha instituído. Não há dádiva à ciência a registar. Não há nova ideia que tenha inventado. A medicina nada lhe deve, nem a arte, nem a beleza. A música não lhe canta louvores porque lhe tenha dado uma oportunidade maior. Contudo:

"Ele era um homem, Olhai-o em tudo e por tudo, Não voltaremos a ver ninguém como ele."

Mas o seu género era o estilo dos organizadores; e não há razão para que, noutra esfera, ele se usasse para qualquer outro propósito que não o de organizar. É isso que ele está a fazer. Digo isto com toda a amizade e reverência; mas se não lhe credito coisas que ele nunca teve na terra, pago-lhe o tributo, pelo menos, de dizer que, noutro plano, se propôs provar ao mundo que não há morte.

Em vida, era um materialista. Na morte, é o inimigo mais acérrimo do materialismo. E está empenhado em travar a guerra, se a guerra puder ser travada. "A França deveria ser rolada na lama e no sangue", escreveu ele nos dias de Fashoda. Mas agora ele sabe, como eu sei, que a guerra travada em quaisquer circunstâncias é errada. Pois ele vê, como nós vemos, aqueles de nós que veem alguma coisa, que é uma coisa tonta e infantil em que o vencedor perde, em que os melhores morrem, e apenas os cobardes e os vigaristas ganham.

CAPÍTULO XX

As Provas e o seu Significado — Daniel Troça dos Céticos — "Os Factos não são as Coisas Essenciais" — Um Sermão de um Espírito em Forest Hill.

Sim. Mas o que são as provas? "Posso aceitar as mensagens dos Potter?", tinha eu perguntado a Northcliffe, uma vez, em casa da Sra. Leonard.

"Apanha-o sob as nossas próprias condições", respondeu ele.

Assim, a 12 de dezembro de 1924, em consequência, reunimo-nos no número 10 da Cambridge Gate, Regent's Park, um apartamento

para onde Edgar Cohen e a sua família se iam mudar dentro de escassos dias e que, embora não estivesse totalmente terminado para ocupação, era o melhor local que conseguíamos encontrar em escassas horas.

A sessão começou à luz com o canto de um hino. Seguiu-se o Pai Nosso, de acordo com o costume dos Potter, e, após outro hino, as luzes foram apagadas. Depois o jovem Potter entrou em transe. Foi Daniel, como de costume, que passou.

"Dar-me-ão licença que tire o relógio do médio", disse ele. "Não gosto de metal sobre o coração."

Quando as luzes se acenderam, encontrámos o relógio de Clifford Potter sobre a mesa.

"A primeira coisa que vos peço para perceberem é isto", disse Daniel, "que vir aqui hoje à noite e realizar este círculo é uma crítica ao atual desenvolvimento do nosso médio."

"Tínhamos intenção de lhe perguntar no círculo habitual ontem à noite, Daniel", disse o Sr. Potter, "mas como estava nevoeiro não o pudemos realizar."

"Teria dito a mesma coisa nessa altura que digo agora", respondeu Daniel na sua voz amarga.

Estremeci, como às vezes faço quando Daniel fala. E seguiu-se uma denúncia geral de toda a ideia de provas.

Durante meses eu tinha andado a tentar fazer com que Northcliffe se provasse; e agora Daniel dizia que era uma perda de tempo fazer passar provas, porque não existia tal coisa. Eu sabera, como é óbvio, que o que era prova para mim não era prova para mais ninguém. Mas Daniel também sabia, como eu sei, que não há prova absoluta da existência de nada, que, por tudo o que sabemos, sou um ser que vive sozinho num mundo que é o seu próprio, imaginando a existência de tudo o que vejo, e oiço, e sinto, que poderá ser apenas um fruto da minha própria fantasia e que, de facto, por tudo o que sei, eu próprio não existo.

"Enquanto exigires provas e colocares as provas à prova", disse Daniel, "dificilmente estarás correto ao conceberes que tais provas são definitivas, fixas e conclusivas. Não há prova sob o sol que o possa ser. Ela convence aqueles que não a apreciaram no passado devido à sua novidade, por ser notável e, portanto, muitas vezes inconcebível. Mas para o lógico de mente esclarecida, há muitos pontos em que a prova é desprovida de valor; e, para te elucidar, dar-te-ei uma característica saliente. Por exemplo, consideras que se receberes uma mensagem de alguém que conheceste, com quem falaste e com quem viveste na terra, e essa mensagem tange à sua natureza, caráter e compreensão geral do homem, consideras que o homem deve estar a falar contigo. Nada disso! Muitos tipos de mentes vão para constituir um mundo. Como pode um médio falar-te? Um médio não é alguém que é controlado como um telefone é controlado quando falas para dentro dele. Não reproduz numa extremidade o que é colocado na outra extremidade. Um médio é alguém que é SENSÍVEL a MUITAS influências espontâneas que estão em redor. Por exemplo, vós como círculo hoje à noite influenciariam o médio. Da mesma forma o fariam aqueles que se congregam em redor vindos do mundo espiritual; o mesmo faria a sala; o mesmo faria tudo através do qual tu, e os teus amigos espirituais, tivessem passado recentemente. Como vês, há uma multidão de influências que vão para constituir a mediunidade."

Posso aqui observar que o jovem Potter, o médio, tinha observado antes da sessão que teria gostado mais da sala se houvesse quadros nas paredes.

"Queres dizer que eles teriam ajudado as condições e garantido melhores resultados?", perguntou o seu pai. "Sim", respondeu ele. O seu pai nunca o tinha ouvido fazer uma observação sobre isto antes.

"Agora, o teu amigo tem estado a desejar falar contigo", continuou Daniel, referindo-se a Northcliffe. "Tive alguma dificuldade em afastá-lo no início."

Como veem, o mesmo Northcliffe dominante estava a impor-se novamente.

"Teria sido temerário para ele ser o primeiro controlo", continuou Daniel. "Lembro-me de quão trabalhoso foi para ele falar quando

controlei este médio pela primeira vez. É sempre difícil controlar quando se faz o primeiro esforço. Podemos não ser tão afetados hoje à noite. Espero que não. Por agora, direi 'Boa noite'; mas cantai uma estrofe de um hino."

Cantámos uma estrofe de "Jesu, Lover of my Soul". Lembro-me de sugerir este porque pensei que esse era o hino favorito de Northcliffe. Sei agora pelo registo que é "How sweet the Name of Jesus sounds" o que ele pediu antes. Menciono-o apenas como uma prova passageira de como nós próprios cometemos erros, mesmo sobre coisas que nos comoveram muito. Se assim é, por que culpamos sempre os espíritos por estarem errados? Eles não são mais omniscientes do que nós.

Seguiu-se uma luta no escuro, quase tão dramática como a que ouvi quando Northcliffe passou na minha primeira sessão com os Potter. Um controlo conseguiu finalmente passar e gritou: "Harmsworth!... Harmsworth!" Depois, como se não estivesse seguro de ter falado eficazmente, lutou novamente e disse: "Harmsworth!" Gemeu mui grandemente e gritou: "Oh! oh!", como se sofresse dores. "O meu — o meu — direito", ouvimos. Creio que queria dizer a sua mão direita, pois o jovem Potter estendeu-me a mão e ouvi um grito: "Pega na minha mão." Apertei-a e a mão agarrou-me e segurou-me por vários minutos, como se algo invisível estivesse a tentar agradecer-me, tentando esticar-se de algures a milhas de distância, tentando lançar uma ponte sobre um abismo. Era Northcliffe, mostrando a sua gratidão pelo trabalho que eu estava a realizar.

Fiquei profundamente comovido, como, de facto, tenho ficado frequentemente em sessões como esta.

"Oh!", gritou-se então, como que em alívio após uma provação terrível. "Deus te abençoe", gritou a voz.

Tentei acalmar as coisas dizendo algo casual.

"A Louise não pôde vir hoje à noite, Chefe", observei, tal como se diria, após uma observação indiscreta numa festa de chá: "Vejo que a sua filha cortou o cabelo à *bob*."

"Eu olhei — olhei", gritou Northcliffe. "Demasiada luz!"

Tínhamos reparado que as cortinas das janelas, inadequadas para uma sessão, deixavam entrar luz, e pedimos desculpa.

"Deverei mudá-las?", disse alguém.

"Não a menos que sejamos instruídos a fazê-lo", disse Potter, sabendo que não era prudente mover-se de um círculo, porque isso perturbaria as condições.

"Sr. Potter, obrigado", disse Northcliffe, que se voltou então novamente para mim e disse, laboriosamente, com grande esforço: "EU MORRI OUTRA VEZ AINDA AGORA."

Ele queria dizer, suponho eu, que, ao assumir uma espécie de forma terrena, tinha passado pela agonia mental de alguém que morreu.

E então o ser Northcliffe partiu, e Umtazare passou, com dialeto e tudo, inglês quebrado e tudo o mais.

"Eu escovei o médio", disse ele, "vim para tirar o calor. Ele sua. Ele não se importa que lhe despentem o cabelo. Esperamos que não. É isso. Ele vai ficar melhor da próxima vez. Ele volta num minuto. Tenta outra vez. Hoje à noite usamos poder que não usámos ontem à noite."

Ele queria dizer, escusado será dizer, que o poder espiritual que não tinha sido usado na habitual quinta-feira dos Potter, porque o nevoeiro o impedira, estava a ser aproveitado nessa noite.

Depois Umtazare desapareceu e o Dr. Ellis Powell passou.

"Boa noite, Potter", disse ele, na sua voz calma, que já ouvi através de vários médiuns. "Tenho algum direito, creio eu, a vir. Vim para preencher o tempo, pois fui responsável por me encontrar com Harmsworth e mostrar-lhe as coisas deste lado, mostrando-lhe o novo mundo. Não me consigo aproximar muito hoje à noite. Estou feliz por causa de Birmingham, meu amigo."

Isto era uma referência ao facto de o Sr. Potter ter o Birmingham Town Hall reservado para três serviços no domingo, 25 de janeiro de 1925, quando Daniel, com o jovem Potter como médio, ia pregar um sermão de um espírito à luz do dia.

Depois outro controlo passou. Era o mesmo laborioso com quem tínhamos falado antes. Era Northcliffe, gritando numa agonia de arrependimentos.

"Há algo em particular que deseje dizer, Chefe?", perguntei, tentando aliviar uma situação que considerava esmagadora.

"Eles — eles — não me ouvirão", gritou-se em resposta. "Hoje à noite, não consigo perceber as minhas limitações — limitações — as minhas limitações."

Depois Daniel passou novamente.

"Importam-se de dar ao médio um curto fôlego?", disse ele. "Vamos retirá-lo do transe e podereis então acender a luz. Ele dir-vos-á quando recomeçar. Poderíeis providenciar para ter a sala um bocado mais escura. Cantai uma estrofe."

Cantámos uma estrofe de "Rock of Ages", e depois o médio acordou, descrevendo formas espirituais que via e vozes espirituais que ouvia. A luz acendeu-se, então, e a porta foi aberta. Falámos por escassos minutos, puxámos as cortinas mais perto, apagámos, no corredor, uma luz que tinha ficado acesa, e retomámos então os nossos lugares. A sessão recomeçou e Daniel falou.

"Sr. Swaffer, quando deres as mensagens de Northcliffe ao mundo", disse ele, "exiges provas definitivas de que as 'mensagens dos Potter', como lhes chamas, são legítimas?"

Tomei estas palavras "como lhes chamas" como a crítica de Daniel à minha crítica ao seu círculo.

"Apenas quero apresentar um caso tão bom quanto possível", disse eu.

"Mostrar-te-ei como tornar o teu caso forte", respondeu Daniel. "Se disseres 'Iria Northcliffe falar através deste médio as toneladas de mensagens que tenho'" — esta frase "toneladas de mensagens" é uma que tenho usado frequentemente — "e não negar as outras mensagens... se vais dar ao teu público provas, provas, provas, deves fazer as pessoas pensarem um bocado por si próprias. Não deves fazer o pensamento por elas. Tens de as fazer pensar."

Disse algo de que não tomámos nota; e Daniel começou de novo, tão omnipotentemente crítico como sempre, brutalmente franco.

"Bem, é lamentável que o Mundo Espiritual falhe em olhar para um assunto sob a mesma luz que o cético", disse ele, "and falhe em perceber que o que o cético pensa que precisa é o que ele realmente quer. Compreenderás que, quando falo agora, toda a minha mensagem é colocada na minha boca por outro. Por outras palavras, dizem-me o que falar e o que não falar, e dão-me as minhas instruções diretrizes sobre como proceder. Portanto, compreendes que estamos LIMITADOS bem como vós próprios; e estamos limitados porque regressamos para vos falar.

O Sr. Potter lembrar-se-á de que, ao iniciar o seu círculo, era para recolher provas de voz direta, para dar ao mundo. Após funcionar por três ou quatro semanas, um certo controlo interveio e tomou o controlo completo do círculo. O seu nome foi dado como CONSELHEIRO. Ele PROIBIU IMEDIATAMENTE a produção de PROVAS.

Durante seis meses, haveria APENAS TRÊS controlos. Eu era um deles. Sabes o que fizemos durante esses meses? Incutimos nas cabeças do Sr. Potter e do Sr. Beddow prova após prova de que A PROVA ERA DESPROPROVIDA DE VALOR. Embora não NEGÁSSEMOS a prova, não a produzíamos em nenhum grande grau, e certamente não a produzíamos A PEDIDO. Não é assim, Sr. Potter?"

"Sim, Daniel", respondeu o Sr. Potter.

"Agora, qual é o nosso OBJETIVO?", continuou Daniel. "Para que regressamos? NÃO para provar a nossa existência! Seria uma IRONIA para um espírito de um estado superior regressar a vós para provar a sua existência. Compete-vos a vós provar a VOSSA existência.

Por exemplo, se eles soubessem que o Lord Beaverbrook estava convencido de que o Mundo Espiritual tinha regressado" — a única razão para o uso deste nome por Daniel foi termos mencionado o Lord Beaverbrook quando as luzes estavam acesas — "isso atraí-los-ia mais para o Espiritualismo do que ter os factos do regresso de um espírito ao Lord Beaverbrook apresentados a eles. Os factos não são a coisa

ESSENCIAL, mas sim a prova psicológica, de modo que, quando te ergueres, não serão os teus factos, mas tu próprio, que transmitirás a convicção. Os teus factos são meramente atributos com que te vestires. Se te projetares para o teu povo, verificarás que eles não conseguem receber raciocínio e factos frios. Isto não é um apelo à razão, mas sim ao coração; e é por isso que falho em concordar com o nosso amigo, Northcliffe."

Daniel, como é óbvio, discordaria de toda a gente. Northcliffe é um propagandista. Daniel é um teólogo de sangue frio. Um quer convencer o mundo; o outro parece acreditar que o mundo não vale a pena ser convencido.

Depois Daniel disse que não gostava das condições da sessão.

"Há demasiados cavalheiros sentados em proporção ao belo sexo", disse ele.

Depois desapareceu; e Northcliffe regressou com outra luta.

"O meu orgulho!", conseguiu ele gritar.

Mas isso foi tudo o que obtivemos. Era doloroso para ele passar de todo, obviamente; o médio saiu do controlo gradualmente, dizendo, ao fazê-lo, que ouvia Northcliffe a falar e o conseguia ver.

"Ele está a dizer 'Vem outra vez na segunda-feira e aponta a minha mensagem'", disse ele.

"Onde?", perguntei.

O médio não conseguiu obter a resposta.

"O Northcliffe está ali de pé a segurar um grande livro e a dizer, 'O meu livro, o meu livro'", disse ele.

Este é o livro a que ele se referia. Tem estado a falar sobre ele há meses, dizendo-me para escrever, quase todas as vezes que lhe falo. Agora estais a lê-lo na vossa sala de estar suburbana, de uma forma fria e factual. A sugestão de que eu o devesse escrever veio do outro mundo.

No entanto, deveis lembrar-vos de que, embora estivesse convencido, agora, não apenas de que os espíritos sobreviviam, mas

de que tinha falado com o próprio Northcliffe desde a sua morte, e com vários outros espíritos com quem, um a um, tinha feito amizade, continuava num dilema sobre como convencer o mundo sobre o assunto, como ter a certeza das minhas provas. Daniel tinha troçado de mim na sessão num apartamento de Regent's Park. Dissera que não existia tal coisa como provas; mas aparentemente percebeu que não tinha transmitido bem o seu caso. Pois, na segunda-feira seguinte, fazendo uma aparição no círculo habitual dos Potter em Forest Hill — eu não estava presente —, referiu-se à sua discussão comigo na sexta-feira anterior e disse que gostaria de discutir o assunto comigo novamente. Nem isto foi suficiente para Daniel, o espírito mais argumentativo que conheço. Na segunda-feira seguinte, quando o Círculo Potter estava sentado, o Sr. Potter, que está sempre a fazer perguntas sobre as dificuldades do regresso do espírito, colocou-lhe mais perguntas, as quais levaram a outra longa referência a mim e à minha missão.

Cito na íntegra o relato feito na altura pelo Sr. Potter, colocado nos registos da sua Igreja e mais tarde impresso em *Spiritual Truth*:

"DANIEL" SOBRE AS PROVAS

29 de dezembro de 1924.

Perguntámos a "Daniel" por que razão parecia que alguns Círculos sentados há anos, e com bons motivos, conseguiam apenas que passasse uma classe de espíritos comparativamente pouco desenvolvida, e alguns que se provou induzirem em erro. Haveria uma LEI a governar isto? Seria para mostrar a diversidade que existe nos reinos espirituais? Ou seria meramente que eram proporcionadas condições favoráveis deste lado apenas para esta classe de espíritos — visto que eles desejam sempre PROVAR as suas evidências?

"Daniel" respondeu:

Há UMA lei, e ela não procede de acordo com as condições do vosso lado totalmente. Essa LEI é que o que se ensina é a VIDA e não a prova. Se requisitares provas, então não as receberás. Se requisitares a VIDA, então ela é tua! Digo-vos, como vos disse muitas vezes antes, que se pedirdes continuamente provas, então tudo o que recebereis serão mentiras; porque as provas são mentiras. Digo-vos que não há

prova que possa ser completa; nem uma partícula é TOTALMENTE verdadeira. Quando tendes Northcliffe a falar-vos, quantas outras influências controlam o seu discurso vós não sabeis. Quase não resta nada do verdadeiro EU; e é surpreendente que possais reconhecer o caráter após a metamorfose que é trazida pela morte. Às vezes a morte altera tanto um caráter que este mal reconhece a sua própria existência... Vós não compreendeis o cataclismo.

Quando un homem deixa o material, deve despojar-se dele. Se ele regressar, e se esforçar por se expressar, então verifica que tem uma mentalidade diferente, e deve ser assistido por um vasto exército pessoal, tanto direta como indiretamente, de forças em redor dele. Por exemplo, ele deve ter guias para o auxiliarem; e eles influenciam-no com o seu pensamento, moldam-no com a sua mentalidade. Depois há outros — espíritos malignos — sempre a passar, que se esforçarão por lançar o seu peso na balança, e, se as condições forem fracas, conseguem inclinar a balança para o seu lado, e conseguem impedir que a personalidade seja reconhecida.

Depois há o próprio indivíduo. Ele tem de se construir a si próprio como era. Tem de se personificar a si próprio como pensa que era. Depois ele fica excitado, por norma. É elevado a uma condição onde pode apreciar que vai falar com os seus amigos, muito embora não esteja no melhor estado de espírito para o fazer; e há muitas outras circunstâncias, tais como as de Círculos variáveis, e caracteres variáveis de participantes, e condições variáveis de participantes. Os locais onde se têm de reunir sofrem preparação; as condições da sala e eventos passados que nela ocorreram, e eventos passados nas vidas dos participantes, tudo desempenha um papel em influenciar o médio através do qual a mensagem chega.

ONDE ESTÃO AS VOSSAS PROVAS? EM LADO NENHUM. É absurdo alegar que são tão grandes e verdadeiras. Não são VERDADEIRAS a menos que sejam ABSOLUTAS; e não podem ser absolutas, pois quando o forem, não serão expressas em termos materiais. Não se podem escrever os factos da VIDA em palavras, porque eles são espirituais, e, sendo espirituais, estão para lá do físico e do mundano. Não há NENHUMA prova que possa ser

verdadeiramente completa; as minhas palavras aplicam-se a cada fase da mediunidade.

Estais a formar um credo de provas; tornando o Mundo Espiritual tão material como vós próprios. Estais errados! Por exemplo, supondo que eu tinha um cético aqui; como o abordaria eu? Assim? Vê aqui, o Visconde Northcliffe, que era tal e tal homem, falou com o Sr. Hannen Swaffer. O Sr. Hannen Swaffer ouviu e compreendeu... Foi excessivamente evidente; e o Sr. Hannen Swaffer ficou convencido de que a personalidade era o próprio Northcliffe!

O que dirias tu a isso? Seria absolutamente desperdiçado com ele. Tu forças-te a dizer-lhe que o Mundo Espiritual existe MATERIALMENTE. Ele não acredita que o Mundo Espiritual seja MATERIAL. Ele tem RAZÃO! De onde surge o seu ceticismo? Bem, surge do facto de ele reconhecer que o Mundo Espiritual NÃO é material. Esse é o primeiro facto. Para o convenceres de que o Mundo Espiritual existe, não lhe dizes que o Mundo Espiritual existe. Dizes-lhe: "Meu amigo, tu não ACREDITAS que o Mundo Espiritual exista. Isso é porque SABES que ele existe." Na realidade ele é mais espiritualista do que vós próprios; e vós chamais-lhe materialista! Se lhe disseres: "O que é este mundo? Não é algo MISTERIOSO?" Ele dirá: "Sim!" Ao dizer ISSO, ele admite que acredita num Mundo Espiritual; por outras palavras, acredita num Deus...

O grande facto é que o Mundo Espiritual se esforça não por fazer espiritualistas, mas por fazer HOMENS MELHORES. A CRENÇA no Mundo Espiritual é inata, e pertence ao velho homem, que morreu. Todos vós o SABEIS, mesmo que os vossos lábios proclamem a negação.

Fala àquele que exige PROVAS da existência do Mundo Espiritual e de uma vida futura. Diz-lhe: "Tu queres obter — receber. Imaginas que o Mundo Espiritual pode ser subornado se deres algum dinheiro. Mas se hás de receber verdadeiramente aquilo que satisfará a tua alma mais íntima, deves aprender a DAR em vez de pedires PROVAS. Prova que o estado superior está em existência, que essa existência é real, saindo e tornando TODA A TUA EXISTÊNCIA REAL entre os teus semelhantes. Tens de DAR."

NÓS ensinamos-vos que o Mundo Espiritual tem uma Mensagem. Essa mensagem é a MELHORIA DOS HOMENS. Aqui está um segredo. Ele PEDE; nós DAMOS, DAMOS, DAMOS! Toda a tua vida deve ser DADA, se hás de perceber uma visão de anjos. Se queres PROVAS do Mundo Espiritual, faz de ti próprio um santo, embeleza a tua alma, eleva a tua visão, glorifica a tua natureza, deixa que a VERDADEIRA COMUNHÃO seja a tua prova. O que queres mais do que isso?

Se tendes alguma dúvida sobre o facto de não ter havido farsa nisto, deixai-me dizer-vos que, sabendo que eu era um investigador fervoroso da verdade, e nada mais do que isso, o Sr. Potter me disse um dia: "O Daniel fala na nossa igreja no próximo domingo. Queres vir cá abaixo e escolher o tema do seu discurso? Não me digas o que é. Não digas nada a ninguém. Quando o Daniel passar, falas com ele."

Ora, lembrai-vos, Daniel, num sentido terreno, era realmente o jovem Potter, de dezanove anos. Quero dizer, era a boca dele através da qual Daniel ia falar. Portanto, se houvesse alguma farsa, o jovem Potter, de dezanove anos, ia falar comigo, não apenas inteligentemente, mas iluminadoramente, sobre qualquer tema de matéria religiosa ou filosófica que eu escolhesse — Predestinação, Reencarnação, a teoria da influência pré-natal, a doutrina da Redenção. Qualquer coisa que eu mencionasse ia ser o tema. Desafio o teólogo comum a pregar, num aviso instantâneo, com a eloquência, a convicção e o conhecimento com que este jovem pregou no escuro, sentado numa pequena sala de sessões em St. Luke's, Forest Hill.

Pontualmente às três e meia — a hora anunciada para o serviço — o filho do Rev. J. W. Potter, Clifford, de dezanove anos, entrou em transe, numa sala escura na qual vinte pessoas estavam sentadas. Imediatamente, uma voz, característica de Daniel, disse: "Terei muito gosto em responder a quaisquer perguntas sérias."

"O Sr. Potter pediu-me para escolher um tema", disse eu, "e por isso, mui humildemente, gostaria de lhe pedir que falasse sobre a religião do futuro."

A partir da escuridão a voz respondeu: "Essa é uma pergunta mui boa. Tenho pedido muitas; mas, por norma, tenho verificado que as

perguntas feitas podiam ser tratadas em escassas palavras. O futuro é inconcebível. Por isso, se falarmos da religião do futuro, devemos dizer que é algo que não conseguimos compreender agora.

Ora, a mensagem do Mundo Espiritual é que devereis quebrar credo após credo, fundir seita e seita", continuou Daniel, "até terdes uma compreensão universal das coisas de Deus e... das coisas do eu. Por outras palavras, um homem deve sacrificar-se pelo bem dos outros. Se o Mundo Espiritual constituir uma religião que é universal, então seguramente essa religião virá a concretizar-se. Porquê? Porque o Mundo Espiritual é o eco do que ficou para trás, e representa aqueles homens que venceram, que encontraram um caminho e descobriram la religião universal.

Qual é a religião universal? É esta — o despojar de todos os laços e o encontro da liberdade."

"Ora, quem dirá que isto não é o resultado de uma consideração de todas as religiões que passaram pela vossa terra? Esta é a ideia central de cada religião.

Qual é a religião do futuro imediato? Há de ser uma religião de igreja e capela, ou de pessoas que guardam o dia do Sabat, ou há de ser uma religião nascida de toda essa experiência? Como sabeis que as religiões que passaram pela vossa terra não serão totalmente destruídas? Não há de ser de palavras ou crenças; as palavras acabaram-se. A religião será um clamor do coração, como sempre foi; mas será mais evidenciada agora do que alguma vez antes. Hoje, não passamos de crianças na compreensão que tem sido derramada — temos de educar as nossas almas, de nos alargar para uma compreensão — e abraçar os FACTOS da nossa existência.

Quais SÃO os factos?

1. O homem.
2. A sua evolução.
3. A sua realização.

E cada um de nós representa estas três ideias. Não há mais nada que seja claro, que seja certo. Mas estas três ideias SÃO CERTAS.

Elas são o próprio centro da nossa alma, a própria razão pela qual nascemos, pela qual continuaremos a viver, pela qual morremos. Esta, então, há de ser a religião do futuro; há de ser um clamor por uma experiência mais completa. É um clamor; o homem deve estar a fazer coisas, alargando-se, ele DEVE caminhar em frente.

As Igrejas de Jesus Cristo, representam elas a atitude de Jesus Cristo em alguma coisa? Onde estão as Suas ordens para que rezeis e pregueis? É A SUA VIDA, é o Seu EXEMPLO que vos é oferecido. Devemos ter VIDA. A religião do futuro não será nenhuma religião; será um vácuo.

Não consiste apenas na obtenção de uma vida perfeita pelo vencer das forças do mal. No que consiste é na criação de um homem forte a partir de um fraco. Aqui vedes o nosso objetivo, a nossa oração e o nosso desejo.

A religião do futuro há de ser TRABALHO, TRABALHO. Deveis ir para a frente.

É um princípio que o vosso mundo dificilmente consegue compreender. Mas quando vos conseguirmos fazer ver coisas afins, e pouco conhecidas e provadas, ireis em frente pelo mundo proclamando o que considerais ser a Verdade, e sem outra prova de que é a verdade, além daquela que está em vós próprios. Quando puderdes ter esta fé suprema no espírito que arde dentro de vós, então podereis alcançar coisas.

Agradeço-vos, amigos."

Não citei todo o sermão, que durou cerca de meia hora.

Em dezenas de igrejas por todo o país este tipo de coisas continua, sem o conhecimento do mundo exterior. Quando estes espiritualistas querem um sermão, chamam um amigo espírito para vir e dar-lhes um. E sentam-se no escuro, a ouvir.

Escassas semanas mais tarde, Daniel pregou um sermão semelhante para perto de 3.000 pessoas, em plena luz do dia, no Birmingham Town Hall, o local em que John Bright costumava falar, o terreno de retórica favorito de Joseph Chamberlain, e o local de

reunião de onde, no auge dos motins pró-Boer, Lloyd George escapou com um capacete de polícia.

Provas! Sim, o que são provas? Tenho sido esmagado com elas. É apenas quando tento passá-las para vós que percebo as minhas limitações.

CAPÍTULO XXI

A Tentativa de Última Hora de Northcliffe para se Provar — Ele Dá Provas Inquestionáveis, Através da Sra. Leonard — Mensagens que Refutam a Teoria da Mente Subconsciente.

Bem, por esta altura, eu estava a dois dias da minha reunião no Queen's Hall. Homens-sanduíche caminhavam ao longo do Strand com grandes cartazes: "O Lord Northcliffe Está Morto?" — isto embora todos os bilhetes tivessem sido vendidos quase duas semanas antes; e havia pedidos a chegar de centenas de pessoas, que tiveram de ser recusados.

Eu tinha combinado que, mesmo antes da reunião, a Sra. Leonard me daria uma sessão final; pois esperava de Northcliffe uma longa mensagem para ler. Assim, no domingo antes da minha reunião, a Sra. Leonard veio especialmente a Londres e deu uma sessão a Bradley e a mim próprio na sua sala de sessões de Kingston Vale.

Eu esperava uma mensagem, disse eu. Raramente se obtém o que se quer do Mundo Espiritual. Em vez disso, vieram provas, duas horas delas. Northcliffe, com a sua mente sistemática e incansável, tentava passar provas finais para tornar o meu caso blindado, à prova de tolos, irrespondível.

"Bom dia, estou tão contente por estar aqui", disse Feda, imediatamente após assumir o controlo da Sra. Leonard. "O Chefe veio, e diz estar contente por poder falar sem tantos intrusos."

Quase sempre, lembrem-se, nas outras sessões, tinham estado várias pessoas presentes; e Northcliffe detesta estranhos.

"Diz que te envia os seus agradecimentos. O Chefe está a dar-te uma pancadinha nas costas, Swaff."

Depois as mensagens vinham como se Northcliffe estivesse a falar, com Feda apenas a repetir o que ele dizia.

"Mantém o ânimo, Swaff", ouvi. "Vamos safar-te. Importas-te de te manter um bocado calmo antes da reunião? Não te atires ao que se chama o abismo antecipadamente."

Isto, como é óbvio, era a ideia da pequena Feda de "perder a cabeça". Ela não conseguia compreender a frase de Northcliffe, que ele lhe tinha dado para repetir.

"Se te deixares ficar calmo", continuou a mensagem, "serei capaz de te controlar e ajudar na reunião. Tentei de facto mostrar-me a ti, Swaff."

Isto, escusado será dizer, era uma referência ao fiasco do rosto na sessão de Evan Powell.

"Pensaste que o meu rosto se assemelhava a um pudim; mas aquilo era o núcleo do meu rosto."

Depois veio uma longa série de coisas que tinham acontecido na vida de Northcliffe que eu não sabia, e coisas que tinham acontecido a Louise Owen enquanto ela estivera na Suíça, onde tinha passado um mês.

Expus-las, mais adiante neste capítulo, explicando como as transformámos em perguntas para Louise Owen responder.

Nestas, sem qualquer outra prova, elas provam para lá de toda a dúvida, primeiro, que, não importam todas as outras sessões, la pessoa que dava estas mensagens a Feda era alguém que tinha estado a vigiar Louise Owen na Suíça, enquanto nós tínhamos estado em Inglaterra e, segundo, que esse ser era o Lord Northcliffe. Contou-nos coisas sobre a sua vida passada que eu não sabia, de que Bradley nunca tinha ouvido falar, e que estavam a milhas do conhecimento da Sra. Leonard.

Estes factos evidentes continuaram, como disse, por duas horas. Nunca, seguramente, na história da investigação psíquica, tanta prova foi apresentada numa só sessão. Trabalhava na sala, enquanto eu ali estava sentado, a alta inteligência deste homem, Northcliffe, que

conhecia a importância do caso e estava determinado a não perder o seu tempo.

"Estou a tentar dar-te provas", disse ele uma vez, "e é por isso que te estou a aborrecer com estes pormenores."

"Era nisso que eu estava sempre a martelar", interpôs Warren Clarke, para Feda repetir. Ele sabia como tinha passado horas naquela sala, a tentar dar provas a Bradley no ano passado.

"O Chefe não gosta de ser interrompido", disse Feda, uma vez, quando o espírito de Warren Clarke, cunhado de Bradley, se intrometeu. "Ele apenas olhou para o Warren. Ele tem um olhar, às vezes. Os seus olhos não estão arregalados. Ele apenas olha calmamente."

"Quem lhe chamou um olhar de três volumes?", disse Northcliffe. "Pergunta à Louise."

"Sim, Chefe, o senhor tinha uma forma invulgar de olhar para as pessoas", respondi.

"Sim, não exatamente o que chamarias um olhar de doze libras, mas um olhar de três volumes", respondeu ele. "Dizes à Louise que a tenho estado a vigiar em várias ocasiões? Creio que ela sabe. Aconcheguei-lhe o cabelo. Estou a ajudá-la com planos materiais, para os levar a cabo até uma conclusão bem-sucedida. Sei que as coisas têm sido difíceis para ela no passado; mas ela ficará melhor agora. Ela teve uma luta dura numa dada altura. Agora ela, tu e eu estamos a tentar tornar o destino comum mais fácil. Pergunta à Louise sobre o meu desaparecer... Quero dizer que eu tinha uma forma mui invulgar de eludir as pessoas... Ela e eu frequentemente nos ríamos disso às escondidas."

Estas e outras pistas são expostas mais adiante.

"Às vezes ele ri sem se rir", disse Feda. "Faz um ruído engraçado e bate na cabeça."

"Muitas pessoas olham para as provas de um ponto de vista diferente", disse Northcliffe. E deixou cair uma referência a Louise a

coser fitas numa veste. Isto é referido mais adiante neste capítulo. Depois continuou sobre a minha reunião.

"Vou trazer um grupo de espíritos na terça-feira, porque acho que haverá ali um elemento que tentará, não quebrar a reunião, mas perturbá-la de alguma forma", disse Northcliffe. "Usaremos o nosso poder para os manter calmos e os suprimir. Há tanto mal-entendido voluntário, e não o vamos permitir. Não te preocupes, Swaff, se houver um sentimento antagónico. Tentaremos manter as condições claras, corretas e harmoniosas."

Na realidade, soube, após a reunião, que um grupo de homens subiu à galeria com centenas de balões, que pretendiam encher e deixar cair para o corpo do salão. Sabemos isto porque uma dúzia foi dada a um dos gerentes do Sr. Bradley, um homem que os pretensos perturbadores pensavam que trataria o assunto como uma piada, tal como eles. Mas, tão impressionados ficaram aparentemente estes perturbadores com a reunião e com a sua seriedade e solenidade, que nada aconteceu. Guardaram os balões nos bolsos.

Seguiu-se depois uma conversa sobre este livro. "Faremos muito pelo livro após a reunião", disse Northcliffe.

Houve depois uma discussão entre Bradley e Northcliffe sobre o editor de Bradley. Pelo meio, veio uma discussão entre Warren Clarke e Northcliffe sobre pontos de edição, na qual Feda se juntou. Northcliffe pareceu um pouco impaciente.

"Apenas uma palavra, por favor", disse Warren. "Esta é a minha sala, e tenho o direito de falar quando desejar. É aqui que trabalho."

Lembrem-se, era a primeira ocasião em que Northcliffe participava numa longa conversa naquele escritório, que era a sala em que Warren tantas vezes tinha falado com Bradley. Northcliffe tinha falado ali, em várias outras ocasiões, através da trombeta de Bradley, e da de Evan Powell, mas não através de Feda.

"Acho que poderíamos ter enchido o Albert Hall para esta reunião, Chefe", disse eu.

"Sim", respondeu Northcliffe. "Já te disse que o Albert Hall poderia ter sido alugado. Mais tarde, sê-lo-á."

"Acha que o conseguiríamos encher?", perguntei.

"Oh sim", veio a resposta, "creio que sim, se as condições fossem corretas, e se não houvesse nevoeiro."

"Eu afastarei o nevoeiro se houver algum", interpôs Warren Clarke, zangado por o Chefe estar a ocupar o tempo todo. Pelo que Feda explicou que Northcliffe não estava de todo impressionado com estas observações de Warren.

"Não creio que os poderes possam ser usados para afetar tais condições", disse Northcliffe, aparentemente para Warren; pois veio uma resposta de Warren.

"Oh sim, podiam", disse ele. "Sei mais de tais poderes do que tu."

Pelo que Northcliffe mudou de assunto.

"Estamos todos neste assunto até ao pescoço", disse ele. "É a maior coisa, Swaffer, em que tocaste até agora."

Seguiu-se depois, por dez minutos talvez, uma conversa mui íntima relativa aos meus assuntos. Para ilustrar alguma dificuldade nela, Northcliffe referiu-se a uma amiga sua que eu conheço, não mencionando o seu nome, mas indicando claramente uma autora do meu conhecimento.

"Ela tem estado a fazer alguns escritos ultimamente", disse ele. "Tem alguma intenção criminosa de os publicar; mas não creio que sejam mui bons." Não era de grande valor como prova; mas verificou-se ser verdade.

Depois continuou a falar dos meus assuntos comerciais, contou-me de mudanças que estavam para vir. Ele certamente parecia saber muito mais sobre eles do que eu. Mas, quase todo o tempo, era prova, prova, prova.

Uma vez pensámos ouvir a voz de Northcliffe a falar afastada da cabeça da Sra. Leonard. Na verdade, Bradley disse: "Não era a própria voz dele?"

Feda respondeu logo: "Não, não era", disse ela. "Não te equivoques."

Mas, pouco depois, ouvimo-la de facto, falando independentemente no ar. Feda concordou que era a própria voz de Northcliffe, dessa vez.

Bem, após duas horas, o poder ficou mui fraco e, com as despedidas habituais, a sessão terminou.

À tarde, Bradley e eu escrevemos, a partir das notas taquigráficas que tínhamos tomado, vinte e duas perguntas definidas para fazer à Menina Owen, no seu regresso de Paris. À noite, por volta das sete, ligámos-lhe, adivinhando que ela teria acabado de regressar. Telefonámos mesmo a tempo. Ela entrava no seu apartamento.

"Vem cá abaixo imediatamente", disse eu. "Queremos fazer-te algumas perguntas importantes."

A Sra. Leonard continuava na casa dos Bradley. Na verdade, ela ia ficar lá a passar a noite. Jantámos todos juntos; mas não mencionámos nada do que se tinha passado de manhã. Nem, por um segundo, a Sra. Leonard e a Menina Owen se encontraram a sós. Depois, imediatamente após o jantar, colocámos à Menina Owen os quesitos que tínhamos preparado, estando cada pergunta escrita de tal forma que de modo nenhum a pudesse ajudar nas suas respostas, ou sugerir-lhe qualquer uma das respostas.

Aqui tento explicar, com absoluta franqueza, como Northcliffe tentou fazer passar mensagens da sua identidade, e como a Menina Owen, que estava em França quando Northcliffe nos deu as mensagens em Inglaterra, confirmou algumas delas e falhou em confirmar outras.

O que Northcliffe disse:

"Dá o amor do Mac à Louise. Ele está contente com o que ela tentou fazer recentemente. Diz-lhe para não se preocupar porque uma parte do plano teve de falhar. Houve algo que ela não conseguiu levar a cabo sobre a criança. Eu (Northcliffe) sabia que era impossível, mas ela fez mais do que eu esperava que fizesse. Ele (Mac) tem estado mui preocupado com um dos seus filhos, mas não tanto no momento. Eu (Northcliffe) gostaria de ajudar o pobre velho Mac de vez em quando. As coisas materiais não estão tão corretas como deveriam ter estado."

O que perguntámos à Menina Owen:

Fizeste alguma coisa recentemente sobre os filhos do Mac?

O que ela respondeu:

Sim! Levei um rapaz comigo para a Suíça por um mês e trouxe-o de volta para Paris comigo. Ele tem tido um pequeno problema pulmonar e achei que umas férias lhe fariam bem. Vou voltar lá dentro de quinze dias. Se me fosse possível geri-lo, sinto que, se ele pudesse passar lá seis meses, seria tão bom para ele. Ele parece razoavelmente bem agora; mas sinto que se conseguisse organizar o envio do Charles para as montanhas para uma longa estada, isso o poria bom.

Isto provou como algum espírito que sabia tudo sobre a Menina Owen e McAlpine, outrora correspondente de Northcliffe em Paris, estava perfeitamente a par da visita da Menina Owen à Suíça, passagem por Paris e tentativa de ajudar o filho de McAlpine.

O que Northcliffe disse:

"Os meus pés. Tive alguns problemas com eles. Creio que a Louise sabe sobre isto. Especialmente esta manhã, estou a tentar dar-vos coisas que não sabeis. Tentei caminhar sobre um pé e não consegui. Comecei a sair e tive de voltar para trás. Foi uma dor real e fiquei de mau génio por causa disso. Creio que verificarás que a Louise tinha razões para se lembrar disto porque rasguei algo — um papel. Nesta ocasião era antes um papel importante. Depois quis descobrir certos detalhes e juntar os pedaços novamente. A Louise tem habitualmente uma memória excelente; mas às vezes é antes errática. Ela forneceu-me os detalhes e permitiu-me remendar este assunto. Poderás dizer-lhe que a demora em encontrar o papel causou uma rutura nas relações. O meu violino deve ter tido uma grande quantidade de cordas nele. Algumas delas sobreviveram. 'Violino' é uma espécie de pista para isso. Creio que se verificará que isto é essencial. Estou a tentar dar-vos provas, e é por isso que vos estou a aborrecer com estes pormenores."

O que perguntámos à Menina Owen:

Sabes de algum problema que Northcliffe tivesse na terra com os seus pés?

O que ela respondeu:

Não, não me consigo lembrar bem de nada em particular. Ele pode ter tido calos.

O que perguntámos:

Lembras-te de algum problema sobre Northcliffe rasgar alguns papéis zangado?

O que ela respondeu:

Não posso dizer nada em particular. Ele estava frequentemente zangado, e rasgava frequentemente papéis, mas isso não transmite nenhum incidente particular à minha mente.

O que perguntámos:

Refrescaste-lhe a memória sobre algum dos detalhes relativos ao rasgar de quaisquer papéis?

O que ela respondeu:

Sim. Eu fiz isto. Houve um certo exemplo do rasgar de cartas em referência à Sra. W. Houve uma querela, um pouco mais tarde, por causa disto. Não conseguiria situar nenhum incidente particular; mas estas ocorrências aconteciam frequentemente. Lembro-me de outro incidente por causa de uma carta com K. J.

O que perguntámos:

Consegues ligar algo deste incidente com uma "rutura nas relações"? (Northcliffe tinha pronunciado a palavra de forma humorística).

O que ela respondeu:

Não — isso não me transmite nada.

Estas perguntas, e as respostas da Menina Owen, deveriam ser lidas com o conhecimento de que um dos problemas óbvios em todas as investigações psíquicas é que um espírito comunicante acha difícil lembrar-se de algo desconhecido, de uma forma geral, sobre a sua vida terrena, de que uma pessoa particular se lembrará da mesma forma que ele. Neste caso, a Menina Owen não se lembrou, como

Northcliffe se lembrava, em detalhe específico; mas, geralmente, concordou que era verdade. A pronúncia humorística é uma piada típica de Northcliffe.

O que Northcliffe disse:

Quando Warren Clarke tinha interrompido, Feda disse: "O Chefe não gosta de ser interrompido. Ele apenas olhou para o Warren. Tem um olhar às vezes. Os seus olhos não estão arregalados; ele apenas olha calmamente."

"Quem lhe chamou um olhar de três volumes?", disse Northcliffe. "Pergunta à Louise. Não exatamente o que chamarias um olhar de doze libras, mas um olhar de três volumes."

O que perguntámos à Menina Owen:

Northcliffe tinha uma forma peculiar de olhar para as pessoas. Ele afirma-nos que este olhar particular não era referido como um "olhar de doze libras". Já ouviste alguma vez referi-lo por uma frase semelhante?

O que ela respondeu:

Não. Não me consigo lembrar disso.

O que perguntámos:

Este olhar foi alguma vez referido como "um olhar de três volumes"?

O que ela respondeu:

Pode ter sido, mas não posso dizer que me lembre dessa expressão particular.

Aqui novamente, a Menina Owen não se conseguiu lembrar da referência exata. Deveis saber que, apesar da sua seriedade nos negócios, a conversa de Northcliffe estava salpicada de piadas. Esta é o género de frase que ele teria usado.

O que Northcliffe disse:

"Diz à Louise que a tenho estado a ajudar em várias ocasiões? Creio que ela sabe. Aconcheguei-lhe o cabelo. Estou a ajudá-la com

planos materiais, para os levar a cabo até uma conclusão bem-sucedida. Sei que as coisas têm sido difíceis para ela no passado; mas ela ficará melhor agora. Ela teve uma luta dura numa dada altura. Agora ela, tu e eu estamos a trabalhar para tornar o destino comum mais fácil."

O que perguntámos à Menina Owen:

Pensaste em algum momento recentemente que Northcliffe te tocou?

O que ela respondeu:

Sim, várias vezes.

O que perguntámos:

Pensaste alguma vez que ele te tocou no cabelo?

O que ela respondeu:

Não, não posso dizer isso; mas tenho sentido frequentemente que ele me tem tocado.

Geralmente falando, como se vê, a Menina Owen concorda. Não se pode ir mais longe do que isso.

O que Northcliffe disse: "Pergunta à Louise sobre o meu desaparecer? Eu costumava contar-lhe histórias de como desaparecia e eludia as pessoas de uma forma mui engraçada. Quero dizer que tinha uma forma mui invulgar de eludir as pessoas. Ela lembra-se. Ela e eu frequentemente nos ríamos disso às escondidas."

O que perguntámos à Menina Owen: Lembras-te de Northcliffe alguma vez mencionar algo sobre desaparecer?

O que ela respondeu: (Rapidamente) Ora, sim, claro. Ele fazia isto frequentemente. Às vezes para enganar as pessoas. Quando na Riviera, ele às vezes esforçava-se por fingir ser outra pessoa. Em certas ocasiões ele enviava-me um telegrama: "Onde estou?" Depois costumávamos rir-nos sobre isto.

Isto, escusado será dizer, foi uma boa prova, confirmada em detalhe pela Menina Owen. Na manhã seguinte, em confirmação, ela deu-me uma nota enviada por Northcliffe a partir de Carlisle em 1910,

que consistia meramente num grande ponto de interrogação desenhado de forma grosseira, com as palavras, por baixo dele: "Onde estou?" Ela também me deu outra coisa que tinha encontrado nos seus papéis — um telegrama enviado para ela a partir de Shaftesbury Avenue, sete anos mais tarde, referindo-se a um assunto de negócios e terminando com as palavras: "Onde estou? Chefe." Isto era tudo absolutamente desconhecido para mim até que a Menina Owen o provou. Era certamente desconhecido tanto para a Sra. Leonard como para Dennis Bradley.

O que Northcliffe disse: "Muitas pessoas olham para as provas de um ponto de vista diferente. Vi a Louise a coser fitas numa veste. Ela estava a colocar as fitas na bainha errada. Ela vai-se rir quando lhe contares isto. Ela estava antes de mau génio com as alças de fita."

O que perguntámos à Menina Owen: Tens estado a fazer alguma costura ultimamente?

O que ela respondeu: Sim, mui provavelmente. Faço uma boa parte do meu próprio trabalho de agulha.

O que perguntámos: Consegues lembrar-te mui recentemente de alguma veste particular que estivesses a coser?

O que ela respondeu: Sim, na Suíça, estava a fazer um bocado de trabalho de agulha num vestido de Corte para uma das minhas filhas adotivas.

(Esta pergunta foi colocada de uma forma tão cautelosa, e "trabalho de agulha" era tão abrangente que considerámos necessário fazer uma pergunta adicional de detalhe fracionado).

O que perguntámos: Havia quaisquer fitas na veste?

O que ela respondeu: (Oferecido rápida e espontaneamente). Sim! Havia. Cozi as fitas do lado errado. Coloquei o debrum de fita no lado errado da bainha do vestido de Corte e tive de descoser aquilo tudo.

O que perguntámos: Havia quaisquer alças de fita?

O que ela respondeu: Sim! Fiquei antes de mau génio com as alças de fita.

Isto, novamente, é uma prova notável de algo que não é a leitura de uma mente subconsciente. Eu tinha recebido um ou dois bilhetes-postais da Menina Owen na Suíça durante a sua ausência, mas nada mais. Nenhum de nós os três sabia o que quer que fosse sobre o coser das alças do lado errado, ou absolutamente nada sobre o assunto. É certamente surpreendente que, enquanto Northcliffe usou as palavras "Ela estava antes de mau génio com as alças de fita", a Menina Owen, sem ser induzida de forma alguma, usou as palavras "Fiquei antes de mau génio com as alças de fita".

O que Northcliffe disse: Perguntando-me quando é que Louise Owen regressava da Suíça, eu tinha dito: "Pode dizer-me, Chefe, onde está a Louise agora?"

Northcliffe: "Como posso saber enquanto estou aqui? Espera um minuto." (Aqui houve uma ligeira pausa de cerca de trinta segundos). "Ela não está longe, e estou a receber os pensamentos dela mui fortemente."

Feda: "Está ela a deslocar-se entre dois locais esta manhã?"

Northcliffe: "Neste momento — importas-te de tomar nota da hora exata." Aqui Bradley tomou nota da hora pelo seu relógio, que marcava 11.42 da manhã. "A Louise parece estar sentada quieta no meio do movimento. Talvez seja uma paragem temporária. Ela parece estar perto de uma janela ou vidro. Esqueceu-se de algo. Ela estava a querer telegrafar, a enviar um telegrama a alguém.

Ela alterou os planos da sua viagem. Esta viagem não foi exatamente como ela pensou organizar no início.

Estou um bocado baralhado sobre como fazer passar isto.

Ouviu ela falar recentemente de um acidente? Como vês, tenho de receber os pensamentos dela como um sem-fios. Tenho de sintonizar a minha mente na condição do aparelho necessário. É difícil para mim agir como transmissor e recetor ao mesmo tempo. Estou a ver um local no sentido das ondas, se compreendes — um local que é rochoso ou pedregoso. Há penhascos mui altos de um lado, e penhascos mais baixos do outro. Vejo um golfo — enorme

profundidade — e do lado direito um golfo ainda mais profundo. Há um enorme penedo.

Este penedo parece estar equilibrado numa posição antes precária. Continuo a receber o pensamento de um acidente. Os pensamentos de vós, pessoas no plano terreno, são passados para nós ao pensar neles. Nós reconstruímos os seus pensamentos.

O acidente que recebo através da mente da Louise poderia ser no presente imediato ou no passado. Nós temos tanto a aprender sobre esta transferência de pensamento como vós. Vós ainda não nos destes as oportunidades para desenvolver isto. Nós e vós deveríamos cooperar. Se este acidente é no passado, é mui, mui recente."

O que perguntámos à Menina Owen: Onde estavas às 11.42 da manhã de hoje?

O que ela respondeu: Creio que por essa altura estava a entrar no carro-restaurante. Viajei de Paris no comboio das 10 horas para Calais.

O que perguntámos: O comboio estava em movimento ou parado?

O que ela respondeu: Não tenho mui a certeza. Creio que parou algures por essa altura perto de Abbeville. Lembro-me de mencionar à Barbara, que estava comigo, coisas sobre Abbeville e a Guerra.

O que perguntámos: Esqueceste-te de alguma coisa?

O que ela respondeu: Sim, esqueci-me de trazer comigo um frasco de perfume de que necessitava.

O que perguntámos: Tinhas a intenção de enviar um telegrama?

O que ela respondeu: Tinha tido a intenção de enviar um telegrama, mas depois achei que não o enviaria.

O que perguntámos: Alteraste os teus planos propostos para esta viagem?

O que ela respondeu: Sim, alterei os meus planos. Tinha tido a intenção de apanhar o comboio das 12 horas de Paris, mas verifiquei

que era impossível reservar lugares nele. Por isso viajei no comboio das 10 horas em vez desse.

O que perguntámos: Por essa altura — 11.42 da manhã — ouviste falar de, ou estavas a pensar em, algum acidente?

O que ela respondeu: Sim. Estava a pensar num acidente. Como veem, estávamos a passar por um nevoeiro, e pensei nalguns dos acidentes ferroviários franceses, e também na possibilidade de um acidente no Canal. Disse à Barbara: "Quão terrível se houvesse um acidente! Detesto nevoeiro."

O que perguntámos: A tua mente estava nessa altura nalguma forma particular de acidente? Se sim, visualizaste de alguma forma a maneira como tal acidente se poderia dar?

O que ela respondeu: (Após uma pausa de escassos segundos). Espera um minuto. Isso é antes engraçado. Eu tinha o *Continental Daily Mail* comigo, e estava a olhar para uma imagem publicada na última página do *Daily Mail* de um rapazinho que eu conhecia. O pai dele era um guia, e pensei quão terrível seria se ele fosse morto e a criança ficasse órfã.

O que perguntámos: Consegues descrever a cena dessa imagem?

O que ela respondeu: A imagem foi tirada nos Alpes. Tenho uma cópia e vou enviar-vo-la. Mostrava uma grande ravina.

Aqui, novamente, há provas que impressionarão a mente mais cética. Nenhuma das perguntas feitas à Menina Owen lhe deu uma pista, como veem. Ela confirmou, em detalhe, tudo o que Northcliffe dissera que ela andara a fazer. Se não era Northcliffe, quem era que mostrava esta estranha curiosidade em todos os seus atos? Era Northcliffe, indubitavelmente. Ele tinha descoberto, para mo poder provar, em circunstâncias em que, seria óbvio, eu nada sabia absolutamente sobre o assunto.

Durante a sessão da manhã, a campainha do telefone no escritório de Bradley tinha tocado continuamente de uma forma aborrecida por um minuto ou dois. Bradley não atendeu, mas continuou a escrever, até ficar tão preocupado que, finalmente, gritou através da porta para o

mordomo atender o telefone lá em cima. Imediatamente, Northcliffe começou com isto.

O que Northcliffe said: "O telefone costumava aborrecer-me consideravelmente. Lembras-te, Swaff, do silencioso que eu tinha? Havia três telefones; dois deles estavam razoavelmente perto, e outro mesmo do lado de fora. Eu frequentemente costumava culpar a Louise, quando ela ia atender, por não fechar a porta."

O que perguntámos à Menina Owen: Sabes alguma coisa sobre um telefone silencioso de Northcliffe?

O que ela respondeu: (Rapidamente) Sim, claro! Ele tinha um telefone silencioso; um que não fazia barulho. Um telefone para dentro do qual se podia sussurrar. Ele costumava chamar-lhe o seu "telefone silencioso". Costumava dizer: "Não grites quando estiveres a usar o meu telefone silencioso."

O que perguntámos: Quantos telefones tinha ele?

O que ela respondeu: Tinha o seu próprio telefone privado e a central normal, também um privado direto para o seu escritório.

O que perguntámos: Havia algum telefone fora da sala dele que tu usasses?

O que ela respondeu: Sim.

O que perguntámos: Usavas ocasionalmente este enquanto ele lá estava sem fechar a porta? E isto criava uma perturbação?

O que ela respondeu: Sim. Ele tem-me culpado frequentemente por não fechar a porta. Dizia que a minha conversa o aborrecia.

Aqui tendes a prova de que a entidade comunicante conhecia mui bem as condições em que Northcliffe trabalhava. Eu nada sabia sobre este telefone silencioso. Portanto não poderia estar na minha mente subconsciente. Nunca tinha ouvido falar dele; nem — devo vincá-lo novamente — Bradley ou a Sra. Leonard.

O que Northcliffe disse: "Outra coisa que quero mencionar, de que poderás saber. Algumas pequenas flores amarelas — prímulas. Pergunta à Louise sobre elas, e pergunta-lhe sobre o duplo

fornecimento que alguém me enviou? Apreciei-as mais do que ela sabia na altura."

O que perguntámos à Menina Owen: Lembras-te de alguma coisa em ligação com Northcliffe no que diz respeito a prímulas?

O que ela respondeu: Sim, estive precisamente a pensar nisso ontem. Costumava enviar-lhas.

O que perguntámos: Lembras-te de alguma coisa sobre um duplo fornecimento?

O que ela respondeu: Lembro-me de lhe ser dada uma caixa de prímulas uma vez, e lembro-me dele a passar a outra pessoa. Ri-me disso na altura.

O que Northcliffe disse: "Pergunta-lhe também se ela se lembra do alvoroço que fiz quando mandei estofar o local?"

O que perguntámos à Menina Owen: Sabes alguma coisa de alguma comunicação com Northcliffe relativa a estofos?

O que ela respondeu: Não, nada em particular, mas tantas coisas eram às vezes estofadas. Não conseguiria situar nenhum incidente particular em ligação com isto.

Aqui, geralmente falando, há mais confirmação. O problema sobre as prímulas é que a Menina Owen e eu não conseguimos entrar em detalhes sobre o que Northcliffe falava. Diz respeito a outra pessoa. Infelizmente, tantas das suas provas tratam de coisas e pessoas de quem me devo abster de mencionar.

O que Northcliffe disse: Feda, falando por ele, observou: "O Chefe está a pegar em algo na sua mão — uma coisa comprida — está a escrever com ela. Algo com uma espécie de tubo na extremidade. 'Lembras-te disso, Swaff?', diz ele."

Não mui seguro, respondi, duvidosamente: "Hum."

Northcliffe: "Não vale a pena dizer 'Hum'. Diz que sabes ou que não sabes. Tu viste-a. Tens de descobrir; todas estas pequenas coisas são importantes. Deverias lembrar-te."

O que perguntámos à Menina Owen: Lembras-te de uma coisa comprida como uma espécie de tubo — que não uma caneta — com que ele costumava escrever?

O que ela respondeu: Não, não posso dizer que sim. Apenas me lembro de que ele usava lápis excecionalmente compridos.

Este bocado de prova falhou, como veem, em provar o que quer que fosse, exceto que devo insistir em que a repreensão de Northcliffe para comigo e a sua ordem — "Tens de descobrir. Todas estas pequenas coisas importam" — foram essencialmente na maneira northcliffeana. Foi exatamente como se Northcliffe me estivesse a repreender na sua vida terrena.

Deveis compreender que estas perguntas e respostas mostram, não apenas que tinha estado uma entidade na sala que sabia tudo sobre o que a Louise andava a fazer nessa altura, o que tinha feito nesse dia e noutros dias, e as coisas que tinha feito na Suíça durante o mês em que não a tínhamos visto, mas que, quem quer que fosse a entidade, tinha certamente informação sobre a vida passada de Northcliffe que nenhuma entidade senão a do próprio Northcliffe poderia possivelmente ter. Noutras sessões a que assisti, pequenas evidências como esta tinham sido deixadas cair. Esta sessão foi quase toda de provas, abundante demonstração de que Northcliffe estava na sala e a falar comigo.

Sim, vereis por estas que a sobrevivência de Northcliffe, a sua existência noutro plano, a partir do qual podia olhar para este mundo, vigiar as suas atividades e lembrar-se do seu passado, foi provada para lá de toda a dúvida, mesmo que esta tivesse sido a única sessão a que eu alguma vez assistira. Não havia nada de "mente subconsciente" nisto. Pois eu nada sabia sobre o assunto; nem Bradley, ou o médio.

"Vamos realizar uma sessão hoje à noite, Warren", dissera Bradley, ao fim da sessão da manhã. "Vais ajudar o Northcliffe a passar, a fim de que nos possa falar na sua própria voz materializada?"

"Sim, a Annie e eu faremos o nosso melhor para ajudar", respondeu Warren.

"Eu passarei e falarei também", disse Feda.

Por isso, à noite, sentámo-nos novamente. Esta era a quarta sessão de trombeta de Bradley a que eu ia, desde que tínhamos iniciado o nosso círculo em janeiro. Na terceira ocasião, nada tinha acontecido, exceto que a trombeta se movera e houvera alguns toques. Mas, desta vez, vozes haviam de vir.

Deveis lembrar-vos de que era Bradley quem era o médio, desta vez — Bradley, um homem de negócios da Bond Street e um autor de prestígio. Não era nenhum médio profissional, nenhuma pessoa de quem se pudesse duvidar, mas sim um homem cujos poderes mediúnicos tinham sido desenvolvidos, quase sob os meus próprios olhos.

Por mui desapontantes que os resultados fossem, a sessão foi das mais dramáticas. Pois Northcliffe fez a sua última tentativa final para me dar uma mensagem para a reunião, uma coisa que aparentemente se tinha esquecido de fazer de manhã, no seu entusiasmo em fazer passar as provas finais.

A trombeta luminosa foi colocada no centro da sala. As luzes foram apagadas e o gramofone foi posto a funcionar. Após o terceiro disco ter sido tocado, a trombeta foi erguida por um curto espaço de tempo e depois caiu. Após outro disco ter sido tocado, a trombeta subiu novamente e uma voz espiritual, de modo nenhum distinta, dirigiu-se a mim. Não conseguimos apanhar a primeira frase.

"Quem é?", perguntei. "Quem é?"

Veio então a resposta, impacientemente: "É o Northcliffe. É o Northcliffe."

Era o Chefe, bem firme no trabalho outra vez. Tentou por cerca de dez minutos, diria eu, fazer-me ouvir uma mensagem urgente.

"A tua reunião fará mui bom trabalho para espalhar o Espiritualismo por todo o mundo", disse ele.

Isso foi tudo o que conseguimos ouvir; mas ele continuou a tentar, falando de forma rouca e indistinta através da trombeta, que esteve erguida no ar o tempo todo, precisamente em frente ao meu nariz. Finalmente, Northcliffe desistiu da tentativa. Não havia poder suficiente.

Depois Feda passou e falou mais claramente; mas mesmo ela não conseguia repetir com clareza suficiente o que Northcliffe tinha tentado dizer. Depois o Warren tentou. Ele esteve um bocado melhor.

"O Northcliffe está mui satisfeito com as disposições que foram tomadas para terça-feira", disse ele. "Diz que é a reunião dele; mas estaremos todos lá contigo."

E a trombeta caiu ao chão. Foi a última tentativa. Foi a minha última palavra de Northcliffe antes de uma multidão de 2.500 pessoas se sentar no Queen's Hall e me ouvir erguer-me e confessar ao mundo a minha recém-encontrada fé. Do início ao fim, eu tinha sido guiado sobre a reunião por Northcliffe, exatamente como se ele estivesse vivo e eu tivesse sido um membro comum e obediente do seu pessoal. Foi tudo feito para lhe agradar. Digo isto com toda a sinceridade, independentemente do que quem quer que seja venha a pensar. Sinto que se não tivesse dito isto seria, pelo resto da minha vida, o maior cobarde que alguma vez viveu.

CAPÍTULO XXII

O que se Sente ao Ser um Mártir — A minha Confissão de Fé numa Reunião no Queen's Hall — Como os Jornais Troçaram e Fizeram Troça — O que o Público Disse e Escreveu.

Eu ia chamar a este capítulo "O que se Sente ao Ser um Louco"; mas visto que enviaram o ex-Inspetor Syme para Broadmoor por contar demasiado do que pensava ser verdade, decidi que mudaria o título.

Rumores da minha insanidade circularam pouco depois de as minhas investigações começarem. "Blatchford e Swaffer."

"Flammarion e Swaffer." "Vale Owen e Swaffer." "Lodge e Swaffer." "Lombroso e Swaffer." "Doyle e Swaffer." Eu era sempre emparelhado com mais alguém de quem se tinha troçado porque passara a acreditar que as histórias bíblicas de sobrevivência tinham um fundamento em factos que podia ser provado.

Quando a reunião do Queen's Hall foi anunciada pela primeira vez, a alegação tornou-se uma certeza; pois um homem que se erguesse e se dirigisse a 2.500 pessoas no segundo maior salão de Londres, e declarasse ter falado com o falecido Lord Northcliffe sem cobrar um pence pelos seus serviços, deve certamente ser um louco. Se eu tivesse cobrado a alguém pelo meu discurso, como Bottomley sempre fazia quando era tão mui patriota durante a Guerra, eu poderia ter sido considerado como tendo tentado salvar o meu país.

Bem, falei por uma hora e vinte e sete minutos. Aparentemente, nem uma única pessoa gritou "Louco" uma única vez; embora uma ou duas vezes tenha ouvido "Fala mais alto, Swaff". Mas isso, aparentemente, era apenas um pedido para que eu fosse louco um bocado mais alto.

Se eu estivesse a criticar o meu próprio discurso, diria que me esqueci de cada ponto que pretendia fazer, que misturei o meu discurso terrivelmente e que não tive tempo para apresentar mais do que escassos fragmentos de provas; mas, indubitavelmente, do ponto de vista da reunião, o meu discurso foi um grande sucesso. E, quanto à minha maneira de estar, embora tenha sido a minha primeira grande reunião pública, estive precisamente tão calmo como estou agora, a ditar isto à minha secretária.

No entanto, devo confessar que, mesmo ao fim, o meu entusiasmo fugiu comigo. Disse algo sobre como o Espiritualismo traria "aquele reajuste nas almas dos homens que salvaria o mundo". Esse pequeno pormenor tenho de o retratar. Foi emoção, não a minha profunda crença. Quando me lembrei disso, na manhã seguinte, percebi como a retórica de Lloyd George às vezes foge com ele quando vê, à sua frente, milhares de olhos ardentes. Comecei a compreender como os oradores acham difícil viver à altura dos seus

discursos públicos, como, no calor do momento, dizem um bocado demais.

Cristo falhou em salvar o mundo — senão não teríamos tido uma guerra. E, se Cristo falhou, a comunicação com os espíritos não conseguirá fazer mais do que enviar avisos. Mas os avisos não serão ouvidos. Conheço o meu mundo. Eu sei.

Ouvi histórias estranhas, após a reunião, vindas de clarividentes que estavam presentes no salão. Alguns deles declararam ter visto o rosto de Northcliffe, e as feições de Ellis Powell e de Stead, e de outros que estavam interessados, acima da tribuna enquanto eu falava. O jovem Denis Grinling contou-me que se cruzou com um espiritualista que declarou ter visto Northcliffe a caminhar de um lado para o outro atrás de mim, esvoaçando os braços!

Sim, ouvi histórias estranhas. Sou agora um repórter, a registar. Estou a tentar escrever a minha história com franqueza, sem ocultar nada.

Mais tarde nessa noite, após a reunião, Conan Doyle enviou-me palavra: a Lady Doyle, que é médium, entrou em transe e deu-lhe uma mensagem de Northcliffe — que ele estava mais orgulhoso daquela reunião do que estivera, em vida, de qualquer uma das suas façanhas jornalísticas.

Escassos dias mais tarde, Estelle Stead enviou-me uma fotografia, tirada pela Sra. Deane, enquanto eu falava. Não a aceito como nada mais do que uma recordação mui interessante; mas, de qualquer forma, mostrava uma espécie de nuvem etérica, bem acima das nossas cabeças, na qual estavam quatro ou por aí formas espirituais. Um dos rostos vistos era indubitavelmente o do Lord Northcliffe. Não me recordo de ter visto algum retrato dele igual a este. Acho difícil explicar como a Sra. Deane o poderia falsificar, mesmo que tentasse; mas, como já disse noutro local, a chamada fotografia de espíritos é uma coisa sobre a qual nada sei.

O *Morning Post* dedicou ao meu discurso quase uma coluna inteira e, no entanto, não cometeu mais do que doze erros. Aquele grande órgão da opinião ducal transformou a "Lady Grey" na "Marquesa de Crewe", acusou-me de me sentar com Marconi e — oh,

na verdade nem se conseguiria compreender! Felizmente para mim, passei pelas oficinas do *Morning Post* no dia em que o relato apareceu e registei uma queixa. Fui mui simpático. Na verdade, o editor de informação, visto que eu era um colega jornalista, foi quase afável; começou a discutir comigo sobre "Como poderia o repórter ter cometido o erro?" Tivesse eu sido a esposa de algum cavaleiro, ou prima de um duque afastada por dezassete graus, eu teria sido tratado com mui maior reverência. Mas, como eu era meramente um irmão jornalista, o departamento de informação, que eu consultei, nem sequer se deu ao trabalho de contar ao editor. Pois, três manhãs após o meu discurso, Ian Colvin, o editorialista, engoliu mui à pressa um bocado de *haggis,* pensou na Batalha de Bannockburn com lágrimas nos olhos e, usando o relato estranhamente inexato da minha reunião impresso no seu próprio jornal como base, aproveitou a oportunidade para me atacar de modo a poder dar mais uma bofetada no Lord Balfour, no Lord Birkenhead, no Lord Beaverbrook e em cada outro B. de que se conseguisse lembrar. Eis o editorial do *Morning Post* na íntegra:

"UM ANCIÃO VEM A SUBIR"

Vivemos numa era de prodígios. Há pouco tempo tínhamos o Professor Gilbert Murray a fazer o que ninguém alguma vez fizera antes — ler a mente do Lord Balfour. É verdade que, quando alcançou o pensamento desse grande homem, o resultado não foi impressionante. Mas tudo deve ter o seu início. Watt experimentou com a chaleira antes de chegar à máquina a vapor, e assim o Professor Gilbert Murray poderá chegar ao bom senso através do disparate. De ler a mente do Lord Balfour, que ainda está vivo, poderá parecer um grande passo ler a mente do Lord Northcliffe, que por acaso está morto. Mas que tal pode ser feito, e tem sido feito, temos o testemunho do Sr. Hannen Swaffer.

O Sr. Swaffer, como dificilmente precisamos de explicar, é um distinto jornalista. Em Fleet Street os seus admiradores chegaram inclusivamente a cunhar o seu nome numa palavra, *to swaffer*, que significa — como haveremos de colocar a questão? — misturar alegremente a verdade e a ficção de modo a tirar o máximo partido tanto da natureza como da arte. O Sr. Swaffer, como Editor do *People*,

foi responsável por aquela famosa entrevista entre um dos seus subordinados e o Sr. Baldwin, na qual o Líder Conservador foi posto a dizer uma boa quantidade de coisas que podem ter sido verdade, mas que ele nunca disse. Como por exemplo, que não queria o Lord Beaverbrook na sua casa e que o Lord Birkenhead, se vivesse, seria um fardo para o seu partido. O Sr. Swaffer é de facto um cavalheiro de muitas facetas e de alguma audácia; está na política, pelo que compreendemos, como um Conservador com inclinações Socialistas, e a sua mente altiva não apenas despreza o solo da atualidade, mas estende-se até aos reinos de Dis.

O Sr. Swaffer tem, para vir ao assunto, andado a entrevistar o Lord Northcliffe, de modo nenhum dissuadido, mas antes encorajado pelo facto de esse grande homem por acaso estar morto. Dizemos "encorajado" porque é óbvio que para um cavalheiro com os talentos peculiares do Sr. Swaffer entrevistar os mortos é mais seguro do que entrevistar os vivos. Pois enquanto o Sr. Baldwin emitiu um desmentido, o Lord Northcliffe é incapaz de fazer uma contradição. Em suma, não há nada que tolha o estilo do Sr. Swaffer.

Na quarta-feira publicámos os resultados destas lides com os mortos, tal como narrados pelo temível Sr. Swaffer à London Spiritualist Alliance, Limited, no Queen's Hall na noite anterior, com Sir Edward Marshall-Hall a presidir. O Sr. Swaffer começou com um elogio ao grande proprietário de jornais, que combinava, segundo o orador, os encantos cativantes de Nero e de Charlie Chaplin, e procedeu a dar um relato daquilo que nos devemos atrever a descrever como as alegadas entrevistas. Havia, como livremente admitimos, uma certa verosimilhança na passagem de abertura. Depreendemos que em vida, como é extremamente provável, o Sr. Swaffer tinha mui grande temor do Lord Northcliffe, e a entrevista com o seu espírito começou apropriadamente com uma "zaragata terrível", e com as palavras: "Tu — tu — tu — tu — não deverias ter dito ao médio que eu tinha prometido estar aqui hoje à noite."

Apenas aqueles que conheciam o Lord Northcliffe (e o Sr. Swaffer) poderiam preencher estes traços! Mas a coisa torna-se menos convincente à medida que avança. Numa das suas mensagens, é-nos dito, o Lord Northcliffe disse: "Demasiados anúncios e editoriais

demasiado longos." Achamos provável que o grande magnata dos jornais se devesse ter queixado da extensão de um editorial — particularmente no *The Times* —, mas não nos conseguimos convencer a acreditar que ele alguma vez se opusesse a demasiados anúncios.

E quando chegamos à política do Lord Northcliffe, tal como relatada pelo Sr. Swaffer, achamo-la ainda mais inacreditável. "Em vez de erguerem o bicho-papão do Bolchevismo, façam-lhes cócegas", diz-se ter dito o espírito do Lord Northcliffe. Aqui o Sr. Swaffer considera necessário explicar que "ele é agora um Northcliffe ligeiramente diferente". Diferente de facto! Desde a morte tornou-se um convertido da Sociedade das Nações e desenvolveu uma inclinação para o Socialismo. Mudou inclusivamente de opinião sobre o Sr. Lloyd George: "Cometi um erro de que me arrependo em relação a Lloyd George. Deixei-o cair demasiado subitamente."

Não negamos a possibilidade de os espíritos mudarem as suas opiniões políticas — se os espíritos puderem ter opiniões políticas após a morte; mas o que dizemos é que se o teste da verdade desta entrevista é a verosimilhança, estas opiniões não são minimamente parecidas com as do Lord Northcliffe, embora possam assemelhar-se mui de perto às do Sr. Swaffer. Pois o Lord Northcliffe, com todas as suas falhas, era um inglês robusto e patriota; não tinha utilidade para a Sociedade das Nações, ou para o Socialismo, ou para o Bolchevismo, ou para qualquer outra impostura após a ter descoberto. A sua mente era de um tipo categórico e radical que rejeitava farsas, e ele tinha também certos instintos saudáveis que o faziam detestar tudo o que o seu espírito é agora relatado como gostando. Portanto, inclinam-nos a pensar que o nome e a memória do Lord Northcliffe estão a ser explorados, tal como o nome e a reputação do Sr. Baldwin foram explorados naquela outra entrevista de dolorosa memória. E poderíamos acrescentar que o resultado da reunião apenas nos convence da sobrevivência de uma personalidade que o mundo poderia perder com menos arrependimento — a saber, a do Sr. Swaffer. Para ser cândido, não estamos impressionados, nem com a testemunha nem com o seu relato da entrevista. Quando a bruxa de Endor disse a Saul: "Um ancião vem a subir, e está coberto com um

manto", há uma certa adequação terrível nas palavras que transmite convicção. Mas quando o Sr. Swaffer diz a Louise Owen "Pergunto-me o que diria o velho se estivesse aqui?", a coisa deixa de ser impressionante e torna-se ridícula.

Imediatamente após ler isto, sentei-me e escrevi uma longa carta ao editor, partes da qual foram usadas como se segue:

O ESPIRITUALISMO NO QUEEN'S HALL

O SR. SWAFFER EXPLICA.

Ao Editor do *Morning Post*:

EXMO. SENHOR, — Gostaria de salientar que os seus comentários sobre o meu discurso no Queen's Hall devem basear-se no relato mui inexato que apareceu no *Morning Post* na manhã seguinte ao meu discurso. Tão inexato foi este relato daquilo que eu não disse que considerei meu dever passar pelo seu escritório nessa tarde, não com qualquer sentimento de ressentimento, nem mesmo para pedir uma correção, mas para me salvaguardar no caso de algum desmentido de alguém cujo nome eu não tivesse mencionado. O seu artigo de fundo, contudo, torna uma correção necessária.

Por exemplo, põe-me a dizer: "Um dia após a sua morte uma mensagem das mais surpreendentes veio dele (Lord Northcliffe) para mim. Ouvi-a na casa de Dennis Bradley. Todo o tipo de pessoas distintas estava presente — o Signor Marconi, a Marquesa de Crewe, William Archer, Carrara Jones, todos eles homens e mulheres de distinção."

Não mencionei a Marquesa de Crewe no meu discurso. Apenas disse que numa das sessões realizadas na casa do Sr. Bradley, durante a visita de Valiantine, o médio americano, a Lady Grey estava presente. Sei como antigo repórter que, em estenografia, os contornos das palavras "Grey" e "Crewe" se distinguem apenas pela espessura de uma linha. Mas isto foi um bocado espesso demais.

Sei, também, que num jornal que circula tanto nas mais altas esferas da sociedade, sois propensos a colocar o título exato, mesmo que o nome errado seja dado. Tal como não disse que me sentei com a Marquesa de Crewe, também não disse que me tinha sentado com o

"Signor Marconi". Quando me encontrei com o distinto italiano na passada quarta-feira à noite no Savoy Hotel, disse-lhe: "Já agora, Marconi, se leres no *Morning Post* que eu disse ter-me sentado contigo numa sessão, quero que compreendas que não o disse." "Não te preocupes", respondeu ele. "Ficaria honrado em sentar-me contigo em qualquer sessão."

Nem nunca me sentei com William Archer; nem o disse. Quanto a "Carrara Jones", suponho que isto seja uma espécie de referência de Gato Preto ao meu amigo Caradoc Evans, embora não tenha dito que me tinha sentado com ele.

Há no seu relato pelo menos seis outras graves inexatidões. Duas ou duas anedotas que contei ficaram absolutamente sem sentido. Um dos problemas das investigações espiritualistas é que, quando são relatadas, são frequentemente mal relatadas; e um problema ainda maior é que, exceto em jornais de mente tão justa como o seu, a nenhuma pessoa que tenha expresso qualquer opinião sobre o Espiritualismo, a menos que seja uma amargamente oposta a ele, é permitido o direito de resposta.

O seu artigo de fundo trata de forma mui humorística várias coisas a que de facto me referi, incluindo o facto de o Lord Northcliffe se opor a demasiados anúncios. Li, na reunião, uma das suas críticas ao *Daily Mail* provando isto. Na verdade, dei provas de cada uma das suas características, tal como reveladas a mim nas comunicações que recebi recentemente através de vários médiuns.

Não creio que seja justo ao dizer que eu tinha temor do Lord Northcliffe quando ele estava vivo. Nunca tive medo de nenhum proprietário de jornais ainda. Na verdade, sempre tive o privilégio de contar os meus empregadores como meus amigos; tratei-os como tais e fui tanto mais apreciado por causa disso.

"O nome e a memória do Lord Northcliffe estão a ser explorados", diz o senhor. Acredite-me, eu nada faria que pudesse macular a reputação de um homem por quem nutrirei sempre a mais alta estima e ter conhecido quem considerarei sempre como o maior privilégio da minha vida. Nem uma palavra foi dita por mim que

pudesse ofender qualquer um dos seus familiares, qualquer um dos seus amigos.

Quanto à defesa pós-morte do Lord Northcliffe da Sociedade das Nações, as suas perspetivas estão inteiramente de acordo com as do Primeiro-Ministro deste país, e com as de cada pessoa sensata.

De V. Exa., etc.,

HANNEN SWAFFER.

A verdade é que, se as provas que vêm do outro mundo cometessem tantos erros quantos os jornais cometem todas as manhãs nas suas colunas, seria ridículo prestar-lhes a mínima atenção. Pego nos meus jornais, manhã após manhã, apenas para encontrar os erros mais caricatos. Nalguns deles, as suas perspetivas contradizem frequentemente as suas notícias; escrevem nomes mal; baralham coisas essenciais; discordam de si próprios em páginas diferentes. Na verdade, geralmente falando, devo dizer que sempre que fui a uma função pública, e li depois os relatos da mesma nos jornais no dia seguinte, quase todos eles imprimiram um relato inexato do que vi, e ouvi, e de que fiquei na dúvida.

Digo isto como jornalista de muitos anos de experiência. Não há dez homens de jornais que eu conheça em Fleet Street que tentem imprimir qualquer palavra de verdade. Os outros são na sua maioria indiferentes, descuidados, estúpidos, ignorantes. Se uma acusação como esta pudesse ser trazida contra os espiritualistas, de uma forma geral, o Espiritualismo não teria sobrevivido.

A minha reunião atraiu a maior concentração jornalística alguma vez reunida numa ocasião assim. No entanto, com escassas exceções, os jornais não comentaram. O meu amigo George Mair, contudo, esteve, como habitualmente, cinicamente desdenhoso de todo o assunto, gostando de mim, no entanto, creio eu que num sentido pessoal. Imprimo aqui o seu artigo do *Evening Standard* na íntegra, porque é uma indicação de como um jornalista inteligente, no ano de 1925, encara ainda o tema do Espiritualismo:

O PÂNTANO DO DESESPERO

Raramente numa reunião se pensa muito no presidente da mesa, mas para mim, no Queen's Hall ontem à noite, quando o Sr. Hannen Swaffer e outras pessoas labutavam através das exíguas provas do seu credo, a coisa mais absorvente era o rosto de Sir Edward Marshall-Hall. Ali estava ele sentado, com as suas feições finas e graves, nas quais as covas das suas bochechas pareciam acentuar-se à medida que a reunião arrastava a sua lenta extensão. Apresentou cada orador com a introdução mais poupada; não fez qualquer comentário sobre o que disseram, exceto para observar que o discurso do Sr. Swaffer parecia mais curto do que era; ao fim, limitou-se a pedir a todos que cantássemos o Hino Nacional.

"Mas ele fez uma coisa dramática mui simples. O orador principal tinha produzido uma trombeta — aquela que tinha sido observada a vaguear numa das sessões do Sr. Dennis Bradley no escuro. Um instrumento de aspeto curioso, feito de uma espécie de metal branco, com um exterior com aspeto de alpaca, e que se puxava para fora em anéis como o género de copos de metal colapsáveis que se levavam para os piqueniques. O Sr. Swaffer tratou-a como uma 'peça de prova', fez uma piada leve sobre ela e depois colocou-a com a boca para baixo e totalmente estendida sobre a mesa do presidente da mesa. Ali permaneceu por algum tempo, e depois Sir Edward Marshall-Hall, lenta e tristemente, fechou-a e deitou-a de lado... Um gesto simbólico.

O PÚBLICO

O público interessou-me. Havia a habitual dispersão dos atenienses — curiosos sobre qualquer nova coisa; uma nuance de sociedade; mas a massa eram as pessoas que se amontoam à noite em pequenos conventículos espiritualistas, ouvindo fervorosamente as declarações em transe do médio local. Eu diria que todos os espiritualistas praticantes de Londres estavam lá, e uma boa parte dos médiuns também estava. Foi-lhes pedido que se pusessem de pé para serem vistos, metade à maneira dos tribunais, metade à de um espetáculo de feira.

Lá estava a célebre Sra. Leonard, uma senhora que se apresentou de uma forma estranhamente sugestiva da clientela da Sra. Jarley. Lá

estava o Sr. Potter, de South Norwood (põe-se de pé, Sr. Potter!), um jovem de aspeto delicado, com uma incapacidade singular para se manter quieto; havia um homem com barba cujo nome não apanhei. Foi realmente um espetáculo mui interessante. Quão escrutináveis, sentia-se, eram os desígnios da providência para que estes fossem os canais escolhidos pelos quais os mortos deveriam comunicar com os vivos. Contudo, eles podem ser aumentados. Um dos oradores disse-nos que dois ou três em cada dez de nós têm poderes mediúnicos, se fossem cultivados, e aconselhou gastar três horas por dia no seu cultivo. Ao olhar em redor para estas fileiras de mulheres fúteis e apáticas e de homens velhos de um adormecido desgrenhado, parecia de facto antes patético que o seu esbelto apego à beleza, ao prodígio e à energia desta vida devesse ser ainda mais atenuado.

Não há, contudo, nada de fraco na personalidade do Sr. Swaffer. Falou de forma divertida sobre os seus empreendimentos jornalísticos, teve um prazer real no facto de um artigo que escreveu sobre o assunto ter chegado tão longe quanto a Austrália e Los Angeles, foi de tempos a tempos jocoso — sentia-se que Shakespeare tinha razão quando fez Hamlet dizer ao fantasma: 'Estás aí, velho Truepenny?' e que o Sr. Swaffer se dirigiria ao seu falecido chefe da mesma forma despreocupada.

O seu discurso foi uma mistura mui hábil de diferentes tipos de tensão. Sir Arthur Conan Doyle, por outro lado, foi fervoroso, evangélico, e continuou a aplicar, como habitualmente, o seu bem conhecido princípio de 'se o digo três vezes, é assim' ao assunto em voga. O Sr. Dennis Bradley foi francamente vitupoperante. No decorrer das suas observações antes desconexas, destinadas a provar a incompetência da Imprensa, disse ele: 'Vós não consultaríeis um pedreiro sobre astronomia'; possivelmente não, mas depois também não consultaríeis — mas o Sr. Bradley é mui demasiado esperto para não apreciar a retaliação óbvia.

Astenho-me de mencionar o que se disse ter vindo do Lord Northcliffe. Os familiares dos mortos deveriam ser protegidos. Nem uma única palavra que foi citada dele passava de uma repetição jejuna de escassas máximas de negócios e idiossincrasias de que aqueles que o conheciam e com ele trabalhavam estavam a par, ou de um

comentário trivial sobre a política contemporânea. É uma velha máxima filosófica que 'recebemos apenas o que damos'.

PITORESQUE

Não se consegue tirar mais de um poema ou de uma imagem do que aquilo que se traz consigo próprio. Foi por isso infinitamente penoso para mim ver este pequeno grupo de zelosos fanáticos a distribuírem estas trivialidades; ouvir o simples deleite com que exibiam como evidências de imortalidade uma sugestão sobre coser uma fita do lado errado num vestido de Corte, ou o facto surpreendente de o Lord Northcliffe na morte, como na vida, estar preocupado com a questão de um equilíbrio entre notícias e anúncios.

Dizem que estão no limiar de grandes descobertas. Veremos. Nada foi dito nesta reunião amplamente publicitada que já não estivesse disponível nos artigos do Sr. Swaffer e no livro do Sr. Bradley. Dizem que vão alugar o Albert Hall. Espero que o façam, pois é apenas através de uma publicidade constante que este credo transitório e sombrio pode ser visto pelo que é — um refúgio para a futilidade e para a tolice, um pântano do desespero.

Resta-me a impressão com que comecei. Quão eloquente pode ser o silêncio do nosso mais eloquente K.C.!"

Relativamente ao Sr. Mair, gostaria de explicar que, escassos dias antes da reunião, ouvindo dizer que ele tinha dito que achava que eu estava louco por causa do Espiritualismo, escrevi-lhe uma carta pessoal, lembrando-lhe um pequeno serviço que lhe tinha prestado algum tempo antes, e sugerindo que a minha carta a lembrá-lo da sua obrigação para comigo era o primeiro sinal de sanidade que eu tinha mostrado em anos.

Não devo imprimir a resposta dele, pois estava marcada como "Privada". Mas isto devo dizer, que, cruzando-me com ele em Piccadilly Circus à uma e meia da manhã na noite em que o seu artigo apareceu no *Evening Standard*, o felicitei por causa dele, e disse: "George, eu próprio não o conseguiria ter escrito melhor."

"Meu caro rapaz", respondeu ele, "acho que estiveste magnífico."

Não indaguei por que razão ele não o tinha dito no jornal. Eu certamente o teria dito, tivesse o discurso sido dele e os comentários meus. Ele expressou imediatamente o seu grande desejo de ir a uma sessão. Mair tinha pedido a Bradley, meses antes, que o convidasse para uma; e agora, mesmo à uma e meia da manhã, quando ambos deveríamos estar na cama há horas, ele repetia o mesmo pedido para mim!

Apenas registo isto como uma prova de como todos eles querem ir, mesmo que, não tendo ido ainda, fiquem do lado de fora e trocem. Por que razão, se Mair chama ao Espiritualismo "um pântano do desespero", quer ele colocar um dos seus pés dentro dele?

Quanto à atitude de Sir Edward Marshall-Hall na reunião, criticada por Mair, apenas preciso de explicar que lhe pedi para vir como um presidente de mesa independente. A sua carta para mim sobre o assunto foi a seguinte:

Brook, Godalming.

20 de dezembro.

CARO MR. HANNEN SWAFFER, — A sua carta coloca-me em alguma dificuldade. De momento, a minha atitude (exceto no que diz respeito às minhas próprias experiências pessoais) é inteiramente de descompromisso. Estou tão fortemente impressionado com a importância vital deste assunto e tenho um sentido de responsabilidade tão sério em me esforçar por fazer os outros acreditarem em algo de que não estou absolutamente certo. Mas ficarei mui contente em vir para a tribuna, como prometido, ou inclusivamente assumir a presidência da mesa como sugere, se realmente o desejar, mas como um presidente independente.

Receio bem que não reconheceria a voz de N. Quando o conheci minimamente bem foi no início dos anos 90, ou talvez mesmo antes. E, como sabe, depois de 1901, fui *persona ingratissima*, embora tenhamos sido amigos novamente, mais tarde.

Sinceramente,

EDWARD MARSHALL HALL.

O nosso velho amigo, o *Star*, reproduziu o seguinte curto artigo de fundo:

EXPLORANDO OS MORTOS

Alguém disse que a arte da biografia adicionava um novo terror à morte. Poderia agora sustentar que o Espiritualismo ameaça redobrar os terrores da biografia. Alguns antigos empregados do falecido Lord Northcliffe, por exemplo, estão a explorar publicamente a teoria de que esse génio irrequieto está a tentar estabelecer uma comunicação espiritual com este mundo. Não parece que tenham recebido qualquer mensagem mui proveitosa de alguém que era a própria personificação da precisão e da eficiência nesta vida. Na verdade, ele nem sequer parece ter sido capaz de comunicar o seu próprio nome com exatidão. Diz-se que ele continua a ser "a mesma personalidade enérgica e dinâmica como em vida" e isto, novamente, achamos difícil de acreditar, pois em vida ele teria demitido de forma enérgica e dinâmica as pessoas que o estão a explorar na morte. Para os mortos estas coisas importam pouco, mas os seus amigos sobreviventes deveriam ser protegidos das atividades macabras dos modernos ressuscitadores.

Apenas preciso de dizer, sobre isto, que é extraordinário como o *Star*, que atacou Northcliffe amargamente durante toda a sua vida, considere necessário, após a sua morte, correr em sua defesa. Por que razão, dado que odiava Northcliffe, e eu gostava dele, nos havíamos de encontrar tão estranhamente em lados opostos na matéria agora? O *Star*, em tantos assuntos, é tão justo, de mentalidade tão liberal e tão progressista que a sua atitude em relação ao Espiritualismo me espantou ainda mais.

O *Truth*, como é óbvio, foi o pior. O Editor do *Truth* está sempre a tentar pensar na melhor maneira de substituir o pobre velho Labouchere. Vou citar o seguinte parágrafo, o mais interessante dos três:

O próprio jornal do Sr. Swaffer não deu um relato do discurso; mas um dramaturgo anónimo que "tem sido frequentemente vítima da crítica do Sr. Swaffer" — o propósito desta observação é,

presumivelmente, sugerir que ele seria portanto mui crítico por sua vez, em retaliação — deu as suas impressões sobre a reunião.

Diz ele que o Sr. J. T. Grein comparou o Sr. Swaffer na tribuna 'a uma figura constituída por Byron, Heine, com uma pitada de Mirabeau'. Esta personalidade mista não garante que não se digam disparates. O dramaturgo desforra-se dizendo que o Sr. Swaffer lhe lembrava mais John Wilkes. John Wilkes! Um canalha fisicamente hediondo e moralmente repulsivo, para quem nada era sagrado, e que teria zombado do Espiritualismo com desdém. Um bocado duro para o Sr. Swaffer!

Sim, eu deveria ter sido mais cuidadoso, creio eu, como editor. Pois, ao imprimir o que Grein tinha dito, dei realmente ao *Truth* uma oportunidade de bater forte, não dei? Mas, depois, eu preferiria ser John Wilkes morto, com todas as suas falhas, do que a maioria dos editores que conheço, ainda vivos. Pelo menos ele representou algo no mundo. E, não fora ele, talvez não estaríamos a desfrutar hoje, nós, os jornalistas, da liberdade de expressão que tornou todos estes ataques contra mim possíveis.

Essas foram as piores coisas que aconteceram em consequência da reunião. Fui esmagado com felicitações. Afinal de contas, a maioria das pessoas que conheço tem-se sentado num vasto edifício como o Queen's Hall e visto um homem como Lloyd George, ou um homem como Ramsay MacDonald, ou uma mulher como Emmeline Pankhurst, erguer-se e dirigir-se a um grande público, comandando-o até às lágrimas, persuadindo-o a um sorriso, controlando as suas emoções — tudo pelo uso de palavras.

"Como é que isso é feito?", perguntámos todos nós. "Que grande dádiva é esta, que domina os corações dos homens?"

Provei que qualquer pessoa o consegue fazer, se acreditar no que diz. Expus o truque. Matei o bicho-papão. E estava a dirigir-me a um grande público pela primeira vez. Todos vós o conseguis fazer, como veem, se tiverdes algo a dizer.

Mas estaria por trás de mim, pergunto-me, nessa noite, um bocado do poder que me tinha sido prometido? Todos nós temos passado por pequenos grupos de membros do Exército de Salvação

nas esquinas das ruas, frequentemente, e visto alguma criada, subitamente articulada, a falar do perdão de Cristo. A sua gramática tem sido má, e o seu sotaque horrível; mas ela tem dito sempre o que tinha a dizer. Nunca se viu um pregador falhar, ou uma pessoa que estivesse realmente convicta tropeçar numa queda de palavras.

Haverá algum grande poder por trás de nós que nos domina quando falamos, se falarmos o que sentimos ser a verdade? Será Deus, ou o poder psíquico, ou meramente a Verdade que nos guia?

"Dar-te-ei a minha voz", dissera Stead.

" Eu farei o discurso", dissera Northcliffe.

" Estaremos todos lá", tinham dito Warren e Feda.

Habitualmente, quando falo — e às vezes, acreditem-me, tenho sido realmente bom —, fico mui nervoso quando, esperando a minha vez, me sento a ponderar o que tenho para dizer. Mas, desta vez, a partir da hora em que disse que declararia a minha crença na verdade do Espiritualismo, nunca me preocupei uma única vez. Aceitei a coisa com tanta calma como se fosse algo que não importasse; e, ao longo de toda uma longa oração, fui senhor de mim próprio, e senhor daqueles que me ouviam.

Durante dias, a reunião foi tema geral de conversa no mundo dos livros, das peças de teatro e dos jornais — o mundo que é uma parte de mim.

"Estiveste bem", disse Albert de Courville, "mas não vais continuar, pois não?"

"Tens o material, e tu apresentaste-o bem", disse Ethel Levey, que tinha estado com o seu marido, Grahame White, a ouvir-me, e que veio até à mesa de Marconi no Savoy, uma noite, para oferecer felicitações.

"Permita-me que o felicite pelo seu admirável manejo de um grande público, consideravelmente maior do que quando costumava expressar as suas perspetivas aos Dramatic Debaters", escreveu Priscilla Craven, a romancista. "Devo dizer que teria pensado que o senhor seria a última pessoa no mundo a tornar-se espiritualista. Mas

isso aumenta o meu interesse, já que acho que se julgam necessariamente tais matérias pelas pessoas que acreditam nelas."

"Francamente, meu velho, quero entregar-te ramos de flores, elogios, halos e todo o tipo de outras manifestações do meu apreço pela forma maravilhosa como nos falaste, e nos agarraste, por mais de uma hora", escreveu Walter Martin, que gastou milhares de libras em publicidade, e que sabe mais sobre como vender charutos do que qualquer outro homem no mundo.

Havia imensas cartas assim, de todo o tipo de pessoas, de cada classe e de cada género. Fui convidado a falar por todo o país. Na verdade, parecia como se algumas pessoas me considerassem um novo discípulo, como um homem que se ergueria em toda a parte e proclamaria, a todos, o que tinha dito, uma vez, a uns comparativamente poucos.

"Permita-me juntar-me ao agradecer-lhe pelo que disse", escreveu o Rev. J. W. Potter, desprezado e rejeitado, no seu tempo, porque tinha dito o mesmo tipo de coisas quando não era tão popular. "Temos todas as razões para agradecer a Deus e ganhar coragem por tudo isto. Servirá de testemunho que nunca o pressionei para uma profissão aberta de fé, mas sim para a exposição de factos apreendidos; mas ninguém se regozijou mais do que eu com a sua voluntária e corajosa enunciação das suas convicções na matéria. Maravilho-me de que nenhum dos oradores tenha manifestado perceção do tremendo significado espiritual das declarações. O senhor foi na realidade APOSTÓLICO. Foi soberbo ouvi-lo. Não sei se o percebeu, mas se seguir a sua determinação de levar a cabo a cruzada de Northcliffe contra a GUERRA, tornar-se-á um apóstolo do maior movimento na história mundial moderna. Organizado numa base mundial, dirigido pelos espíritos, mas inclusivo de homens de TODAS as fés, e não ofendendo nenhuma, abalará o mundo e reformá-lo-á. Por amor de todas as almas, MANTENHA-SE NESTA GRANDE COISA.

Foi-me oferecida uma igreja no West End, a qual constituirá uma catedral esplêndida para o movimento. Posso obtê-la em propriedade plena por uma quantia comparativamente pequena. Constituirá um belo centro para o movimento, e poderemos dirigir uma organização

mundial a partir dali. Poderia ser chamada a Catedral de TODAS AS ALMAS, e poderíamos ter ali uma Capela dedicada ao Rei da Paz. Consideraria juntar-se a nós e ser um dos Curadores? Cedo teríamos um movimento que abalaria o mundo. Esta era a minha convicção mais íntima enquanto o senhor falava."

"Desde o início, pude ver pelas mensagens de Northcliffe que ele estava encarregado de liderar esta cruzada contra a GUERRA, como um meio de alcançar a sua salvação. Será o movimento mais estupendo do mundo num curto espaço de tempo, se continuares o que começaste na terça-feira. Tudo o resto empalidece até à insignificância ao lado disso."

Mas quem sou eu para ser um apóstolo? Eles têm de suportar...

"As fundas e flechas da fortuna ultrajante... Os açoites e escárnios do tempo... A injustiça do opressor... O desprezo do homem soberbo... Mas que o medo de algo após a morte..."

Um apóstolo, também, tem de abdicar de todo o seu tempo, e de todo o seu dinheiro, e de toda a sua vida. Tem de deixar o mundo, e tudo o que tem.

"Toma a tua Cruz e segue-Me."

É demais para eu suportar. Smithfield para mim, nalguns estados de espírito, é um local de martírio; mas habitualmente penso nele como um distrito onde se vai buscar o jantar de Natal. Sou um daqueles cobardes que deixam os outros morrer.

CAPÍTULO XXIII

O que o Espiritualismo Significa para o Mundo — Como o pode Usar quando está em Dificuldades — Como os Guias Espirituais podem Conduzir e Avisar — Palavras de Amor e Conforto para Almas Confrangidas.

Bem, agora, com toda a sinceridade, e como um homem simples e direto, contei-vos exatamente tudo o que aconteceu quando procurei por Northcliffe, e após o ter encontrado. Ainda assim, às vezes, quando lhe quero falar novamente, vou; e, às vezes, ele vem.

E agora todos vós que lestes este livro ides querer ir. Sim, quer acrediteis, quer vos limiteis a rir, ou quer não acrediteis numa única palavra dele, centenas de vós irão correr para os médiuns para falar com amigos mortos. Acreditem-me, a maioria de vós ficará desapontada. Muitos de vós não obterão nada. Lembrem-se, muitos daqueles que foram em busca do Cristo continuam a falhar em encontrá-Lo, não importa quão sincera seja a sua investigação, não importa quão urgente seja o seu anseio por acreditar.

Poder-se-ia colocar de todo o tipo de formas o caso da consulta com o Outro Mundo. Deixem-me explicar apenas como um exemplo isolado do que aconteceu comigo na noite após Valiantine ter vindo a Londres na passada primavera.

Foi a 15 de fevereiro de 1925. Winifred Graham, a autora, a sua mãe, a Menina Cohen, Bradley e eu sentámo-nos com Valiantine, apenas nós os seis. As condições eram mui más, pois algo tinha ocorrido para perturbar o círculo. Por isso, durante meia hora, pelo menos, esperámos em vão, nada acontecendo, exceto que a trombeta se moveu uma vez.

"Estou mui desapontado", disse Valiantine, "porque queria perguntar ao Bert" — esse é um dos seus guias — "como está a minha família na Pensilvânia. Telegrafei-lhes ontem e queria saber se receberam o telegrama. Contudo, não há nada a fazer."

"Lamento particularmente", disse Bradley, "porque queria perguntar ao Dr. Barnett" — esse é outro dos guias de Valiantine — "sobre um remédio para a doença do sono."

E contou-nos como o filho de um espiritualista, que vivia ali perto, estava mui doente e que não se conseguia encontrar nenhum remédio. Como o Dr. Barnett, o guia espiritual de Valiantine, lhe tinha prometido, escassos meses antes, que, se ele organizasse as condições adequadas, daria ao mundo remédios para o cancro, para a tísica e para a sífilis, Bradley pensou que se poderia obter uma cura para este desafortunado jovem.

Precisamente nessa altura ouvimos uma voz profunda e alta soar do fundo da trombeta, que estava de pé no chão.

"Se esperardes um minuto, farei o meu melhor", disse a voz.

"Obrigado, Doutor", respondeu Bradley, reconhecendo o som como sendo o de Barnett.

Em dez minutos ou por aí, a voz falou novamente.

"Quereis apontar isto?", disse ela. "Injetai antimónio e *chaulmoogra*", disse.

"O quê?", perguntámos.

Mui cuidadosamente, e repetidamente, a voz soletrou este nome estranho, que nós não conhecemos.

"O médico do rapaz deverá saber que proporções usar", disse a voz.

"Tem algum outro tratamento?", perguntou Bradley.

"Deixai o paciente exercitar os braços, movendo-os para cima e para baixo desde os quadris até aos ombros enquanto se encontra numa posição relaxada", disse la voz. "Boa noite."

E, com isto, a sessão terminou. E Bradley apressou-se para o telefone para informar o médico, que estava à espera. O médico entrou imediatamente em contacto com um especialista, perguntando-lhe como usar a *chaulmoogra*, sobre a qual nada sabia exceto como cura para a lepra.

Não sugiro que o Outro Mundo vos possa dar, automaticamente, quando pedis, remédios para todos os males deste mundo. Se o fizesse, não haveria aqui luta, nem esforço, e, portanto, nenhuma

melhoria. Mas sei perfeitamente que há casos, aos milhares, em que os espiritualistas são ajudados, nos seus motivos mais elevados e nas suas dificuldades, por amigos do Outro Lado, que os aconselham e orientam.

Deixem-me colocar a questão de outra forma. No final de dezembro de 1924, sentei-me no antigo L.C.C. Hall em Spring Gardens, onde Sir Arthur Conan Doyle pregava um sermão, "de grave importância", disse ele.

"É um aviso do Outro Mundo", disse Doyle; a sua urgência e seriedade ele expressou com uma grande gravidade.

"Foi a 10 de dezembro de 1922", disse Sir Arthur, "faz precisamente dois anos, que o meu guia passou pela primeira vez. Ele escreveu pela mão da minha esposa, e agora consegue usar os órgãos vocais dela e falar. Não o conseguimos comandar. Vem inesperadamente, mas é sempre belo e sempre bem-vindo.

Quase imediatamente após o meu guia ter vindo pela primeira vez, começou a falar sobre um assunto mui grave. Tem falado sobre isso desde então; na verdade, poder-se-ia quase pensar que lhe foi permitido vir a mim a fim de falar sobre isso, e que tudo o resto é acessório.

O tema sobre o qual ele fala é o futuro imediato do mundo. É sério para lá de qualquer expressão; e no entanto estou numa situação tal que apenas o posso tratar em termos mui gerais. O detalhe que possuo não me é permitido expor."

"A situação geral tal como explicada por ele é esta. O homem tem estado desde há muito tempo a andar para trás", continuou Sir Arthur. "Tornou-se mais material. O mundo está a tornar-se impossível. Este movimento de comunicação espiritual direta, que representamos, foi um dos últimos esforços para permitir ao homem salvar-se a si próprio. Tem sido ridicularizado e rejeitado. A grande massa da humanidade não tem sido tocada por ele.

São as igrejas os principais pecadores. Perderam toda a inspiração espiritual. A irreligião aberta é melhor do que uma religião que finge estar viva, e não está. É mero autoengano. Quando testada, vai abaixo.

A teologia o meu guia descreve-a como 'uma nuvem escura que se ergueu entre o homem e o Seu Pai'. Alguma grande mudança é necessária.

Medidas de castigo têm sido tentadas. Houve a Guerra. Essa custou dez milhões de vidas. Depois houve a grande epidemia de gripe. Custou outras tantas. Mas, não, onde está qualquer sinal de uma real mudança espiritual? A Inglaterra está a liderar o mundo. Ele é mui claro sobre isso, embora tanto a minha esposa como eu pensássemos que a América estava moralmente à nossa frente. Ele diz que não. Mas mesmo a Inglaterra tem uma pesada conta a pagar.

E o dia do pagamento aproxima-se. 'Seguramente já sofremos o suficiente?', disse eu. 'As lições não foram aprendidas', disse o guia. E por isso o castigo virá. Poderá ser evitado? Poderá ser modificado? Estas perguntas cabem a tribunais que estão mui acima de qualquer poder com que possamos comunicar. Estes espíritos não passam de agentes. Os planos vêm de cima. Portanto nem nós nem eles podemos dizer até que ponto estas coisas podem ser alteradas por um coração amolecido e pelo verdadeiro Cristianismo, que significa amor mútuo por parte das nações. Mas o tempo é curto."

Nenhum jornal imprimiu este aviso. Eu não o aceito. Limito-me a registar que foi proferido, perante mim, por um homem que leva a vida de um santo moderno, dedicando-la à causa dos seus semelhantes, trilhando o duro caminho de um peregrino para a Eternidade, desafiando as troças e o escarnecimento, seguindo humildemente o seu caminho...

No Domingo do Armistício, no ano passado, sentei-me no Queen's Hall, onde os espiritualistas de Londres realizavam um Serviço de Recordação. Aqui não havia luto, nem suspiros, nem nota de tristeza ou de desolação. Os oradores invocavam a poderosa multidão dos Mortos Vivos, os quais declaravam estarem reunidos acima das suas cabeças. Os clarividentes diziam que os viam, a sorrir. Havia aqui uma profunda convicção de que a morte era apenas uma passagem para um reino mais feliz. Foi a minha primeira assistência a um serviço espiritualista. Compreendi, pela primeira vez, o que uma

profunda convicção de sobrevivência significava para aqueles que, de outra forma, chorariam o luto.

Durante os últimos meses, tenho assistido a sessões em que George Valiantine era o médio, sessões em que pessoas distintas de todos os géneros têm estado presentes. Algumas destas sessões foram fracassos comparativos; mas noutras alturas ouvi a Dame Clara Butt em conversa com o espírito de Lily Hanbury, a sua grande amiga; ouvi a mãe de Constance Collier falar com ela; estive presente quando a Sra. Hilton Philipson, M.P., recebeu uma mensagem de conforto de um amigo morto com quem se preocupava. Perante mim, Violet Loraine, agora Sra. Edward Joicey, foi interpelada pelo seu pai e pelo primo deste, e pela sua antiga camareira, uma querida amiga, todos eles dando provas da sua sobrevivência, todos eles provando a sua existência noutro plano. A Sra. Gordon Craig viu provado, perante mim, que o seu filho Peter, neto de Ellen Terry, que se afogou enquanto salvava uma rapariga em Selsey, estava feliz, noutro lugar qualquer.

Não posso entrar em todos estes detalhes agora. Tenho de os deixar para o livro de Dennis Bradley, que se seguirá ao meu, e que dará amplas provas de como pessoas famosas, quase às dúzias, quando ele e eu estávamos sentados com elas, receberam mensagens de amor e de conforto.

O mundo precisa de médiuns, de milhares mais deles. Quero-os todos registados e garantidos. Quero os vigaristas processados e as fraudes expostas, muito mais do que vós. Mas quero que aos genuínos seja dada a sua oportunidade. Quero a iníqua Lei do Parlamento revogada, que os torna ainda presa de polícias, os quais ainda toleram apostas de rua sob os seus próprios olhos e não fecham clubes noturnos até que eu os force, e não se movem — oh, de tantas formas!

Acredito, com toda a sinceridade, que se os povos cristãos da terra entrarem neste assunto, humildemente e com reverência, encontrarão os princípios básicos da sua fé reestabelecidos, fundados em terreno seguro. Pois compreenderão como o próprio Cristo foi um grande médio, dotado de poderes psíquicos que faziam dos Seus milagres coisas naturais. Compreenderão a Ressurreição. Lerão

novamente a Bíblia com olhos mais amplamente abertos. Obterão uma nova compreensão de Moisés e do que ele ensinou; encontrarão entre o Antigo e o Novo Testamento um elo que nada pode quebrar; e começarão a sondar os mistérios de outras fés, todas elas trabalhando para uma coisa, a melhoria humana, a qual, enraizada embora possa estar nas necessidades físicas do homem, nos elevará a todos, mental, moral, fisicamente, psiquicamente, espiritualmente, mais perto do Todo-Infinito.

Pregadores erguem-se nos seus púlpitos, a cada hora, algures no mundo; há milhares deles, suplicando, argumentando, lutando com os nossos pecados. No entanto, a humanidade não acredita. Mas estas mensagens do Outro Mundo, todas elas um alargamento do que os pregadores dizem, são nova música em ouvidos moucos.

Sim, no Outro Lado estão milhares de almas zelosas, esperando para falar com aqueles que amaram, vivendo ainda ao nosso lado. E nós não ouvimos. Não vamos ouvir a repreensão suave e o apelo zeloso e a mensagem daquele amor que sobreviveu à sepultura.

Saí e ouvi e aprendei, como eu aprendi. Então compreendereis, como eu compreendi, que aquele que amais, que partiu, continua perto de vós, procurando consolar na vossa hora de dor, ansiando partilhar o vosso triunfo e a vossa alegria, tão vivo como quando caminhava ao vosso lado em forma terrena.

"Ele dará ordens aos Seus anjos a teu respeito, para te guardarem."

Eles não são os anjos com asas resplandecentes e com harpas de ouro — aqueles que vivem ainda na vossa fantasia por causa de uma imagem tola que vistes uma vez num livro —, mas sim os entes queridos que conhecestes aqui.

"No entanto ela na terra tem união Com Deus o Três em Um, E mística doce comunhão Com aqueles cujo descanso é alcançado."

Esse é um hino anglicano. As igrejas costumavam acreditar nisso tudo; mas esqueceram-se. Compete-nos a nós fazê-las saber novamente.

Mas o Espiritualismo não vos pode salvar. Apenas pode apontar um caminho. A humanidade deve salvar-se a si própria. Da lama da sua própria criação, o Homem deve erguer a sua própria cabeça. E da mancha do seu próprio gosto, o Homem deve limpar a sua própria testa. Depois, transformado, deve batalhar com o seu próprio destino, até que, divino, por causa da sua luta destemida, possa encarar a Eternidade, a sorrir e sem medo.

FIM

APÊNDICE

Robert Blatchford

Em: 'As Minhas Oito Décadas'

LIII

UMA MUDANÇA DE CRENÇA

…Fôra toda a minha vida um materialista. Acreditava que a mente é o homem e que o cérebro é a mente e que sem matéria não há nada, e acreditando nisso não acreditava numa vida futura. Pó somos e ao pó voltaremos era a minha primeira fé. Mas estava interessado na questão de uma vida futura. Queria saber. E um dia W. T. Stead convidou-me para almoçar e falou-me de espiritualismo. Fiquei intrigado e espantado, e saí de lá muito perplexo.

Não podia duvidar da sinceridade de Stead, nem da sua sanidade, nem da sua veracidade; e não podia acreditar nas coisas que ele me tinha contado. Mas fiz uma experiência preliminar. Ele disse que se eu me sentasse à minha secretária sozinho e pousasse a ponta de um lápis levemente no papel, isso resultaria em escrita automática. Tínhamos ficado sentados até ao anoitecer e, quando cheguei ao nosso escritório de Fleet Street, este estava às escuras e fechado.

Entrei com a minha chave, fui para a minha sala e fiz como me tinha sido dito. Mas o lápis nunca se moveu. Esperei ali no escuro durante algum tempo e depois comecei a falar em voz alta com os meus amigos falecidos. Não houve resposta, e percebi que a situação estava a tornar-se arrepiante. Por isso fui para casa e falei com a minha esposa sobre o assunto e ela disse que não acreditava em espíritos ou numa vida futura. E por aí ficámos. Mas eu continuava curioso. Não conseguia ignorar a seriedade de W. T. Stead.

Foi a subdivisão do átomo que primeiro abalou o meu materialismo complacente. Um átomo que é uma espécie de sistema solar diminuto parecia uma base instável para uma filosofia. Procurei o átomo nas obras de homens de ciência proeminentes. Flammarion disse que "a matéria e a energia tornam-se uma só." Sir Oliver Lodge disse: "Parece agora que um átomo pode dividir-se em cargas elétricas, e estas, por sua vez, poderão um dia revelar-se capazes de se resolverem em éter primitivo." A minha ideia de matéria era uma substância substancial, imutável: um material. Mas um átomo que se divide em cargas elétricas e depois se resolve em éter primitivo parece ser culpado de uma conduta imprópria para uma entidade material. Como poderia eu continuar materialista quando privado de material? Tive de voltar a Pitágoras, que disse: "O universo visível é composto de elementos invisíveis."

Se uma bala de chumbo é composta de cargas elétricas, não poderá um espírito humano ser composto de algo igualmente intangível — ou tangível? Encontrei-me, como Carlyle referiu, "de pé no seio do nada." Isso foi em 1920, quando tinha acabado de fazer sessenta e nove anos.

No ano seguinte, a 19 de dezembro de 1921, a minha esposa faleceu. A querida rapariga teve uma morte feliz. Nunca soube que estava a morrer e não teve dores. Simplesmente adormeceu. A última vez que a vi estava a dormir tranquilamente, e parecia uma criança bonita. Havia uma leve cor nas suas bochechas e uma mãozinha branca repousava sobre a colcha verde: "como uma margarida de abril na relva." Isso foi à meia-noite, e ela faleceu às seis da manhã seguinte. Eu tinha ido para a cama, pois estava exausto da vigília. Durante a última semana ou mais, ela não me deixava sair do seu quarto nem de noite nem de dia.

Quando me levantei na manhã da sua morte, descobri, para minha surpresa, que não acreditava que ela estivesse morta. Apesar do meu materialismo, sentia que a minha esposa estava viva. As minhas filhas, que partilhavam das mesmas opiniões materialistas, partilhavam do meu sentimento. Não podíamos acreditar que ela não existisse. Talvez fosse porque lhe fôramos tão dedicados, porque ela tinha preenchido tanto as nossas vidas. Comecei a perguntar-me se talvez os espiritualistas estivessem certos. Fiz o que a Lady Warwick fez quando a ideia socialista lhe surgiu. Li todos os melhores livros espiritualistas de que consegui deitar mão. Li e pensei firmemente durante um par de anos e depois escrevi alguns artigos no *Sunday Chronicle* protestando contra a crítica dura e o ridículo barato a que os espiritualistas eram sujeitos. Mesmo assim, não

estava convencido. Estava apenas intrigado. Os livros tinham-me afetado como a conversa de W. T. Stead me tinha afetado. Disse a mim mesmo que todos aqueles homens e mulheres dotados e honrados não podiam ser tolos ou vigaristas. E — se eles estivessem certos?

Depois o Sr. T. A. R. Purchas, Presidente do Conselho de Águas de Joanesburgo, escreveu-me contando-me as suas notáveis experiências psíquicas, e eu escrevi-lhe dizendo que se ele conseguisse entrar em contacto com um soldado africano morto em França talvez conseguisse encontrar a minha esposa que morrera em Inglaterra. E em poucas semanas, se as provas fossem credíveis, ele encontrou-a. Mas eu não estava ainda convencido. Estava apenas intrigado.

Pouco tempo depois, o Sr. e a Sra. Hewat McKenzie, do Colégio Psíquico Nacional, visitaram-me na minha casa em Horsham e, após alguma conversa, sugeriram que eu fizesse uma sessão com a Sra. Osborne Leonard, que era, disseram eles, uma das melhores médiuns vivas. Aceitei, e o Sr. McKenzie encarregou-se de organizar o encontro. Assim, num domingo de setembro de 1923, o Sr. McKenzie encontrou-se comigo em Victoria e levou-me de carro até à casa da Sra. Leonard em Barnet.

Fui apresentado como Sr. Roberts. O Sr. McKenzie e o Sr. Leonard saíram no carro, e a Sra. Leonard e eu fomos deixados sozinhos na casa. A sala era uma pequena sala de estar suburbana comum, com uma longa janela de sacada voltada para a estrada e uma porta que dava para o hall. A Sra. Leonard fechou as cortinas grossas e sentámo-nos. Sentei-me a cerca de um metro dela, à sua esquerda e ligeiramente à frente. Poderia ter-lhe tocado com a mão. A sala não estava em escuridão completa. Passados alguns minutos, eu poderia ter lido um livro ou escrito uma carta. As feições da médium eram claramente visíveis.

Estava profundamente interessado, mas de modo nenhum excitado. Estava atento, algo cético; mas não hostil. Tinha uma mente aberta, mas não estava num estado de espírito crédulo. Enquanto a Sra. Leonard adormecia, perguntava a mim mesmo: “Será isto um transe ou sono? Porque haveria ela de adormecer?” Mas gostei da senhora. Parecia tranquila e boa. A minha atitude mental pode ser depreendida de algo que escrevi quatro dias antes da sessão a um velho amigo em Manchester. “Vou a Londres no domingo ver a médium. Dir-te-ei o que acontecer. Tenho pouca fé. Não espero de todo obter qualquer prova sólida; mas prometi ir.” Isso não sugere emoção ou credulidade.

Passados alguns minutos, o controlador, Feda, falou. disse: “Está aqui uma senhora para o ver. Ela trata-o por um nome que começa por B. Não o nome longo, o nome curto.” Eu não esperava aquilo. Mas pensei que talvez a médium soubesse que eu era Robert Blatchford e não o Sr. Roberts.

A mensagem seguinte não significou muito para mim na altura. Era uma declaração de facto que tinha de ser provada. Mas foi provada.

Depois a Feda disse algo que me fez endireitar e prestar atenção: “Ela está a tentar pôr a mão no bolso interior do seu casaco. Diz que está contente por o senhor ter aquilo no bolso; mas a pequena desapareceu para muito longe.”

Eu tinha uma carteira de bolso na qual trago dois retratos da minha esposa. Um é de tamanho *carte-de-visite* e foi tirado pouco antes de casarmos; o outro é uma pequena foto instantânea tirada em 1915. A pequena não estava no meu bolso na altura em que me sentei com a Sra. Leonard. Estava na África do Sul. Como poderia a Sra. Leonard, ou a Feda, saber isso? Comecei a pensar seriamente.

A sessão durou noventa minutos e recebi muitas mensagens, todas tão corretas que eu não conseguia arranjar desculpas para as descartar, mas não preciso de as repetir aqui. Apresentei-as no meu livro *“More Things in Heaven and Earth”*. Um incidente, porém, não posso deixar passar.

A Feda tinha acabado de fazer uma observação quando, a poucos pés de distância da médium, a própria voz da minha esposa me falou diretamente. Ela disse, num tom ansioso e ávido: “Bob, estou aqui. Estou contigo, Bob.” Antes que eu pudesse recuperar a minha presença de espírito, a Feda falou novamente e perdi a oportunidade de responder. Teria eu imaginado que a minha esposa tinha falado? Ela estava morta há quase dois anos e eu nunca mais tinha ouvido ou esperado ouvir a sua voz. Este incidente, a coroar todas as outras mensagens, rompeu o meu ceticismo. Parti para casa convencido de que tinha estado em comunicação com a minha esposa.

Outra sessão, em junho seguinte, confirmou a impressão. Não preciso de dizer como a convicção me ajudou a conquistar a minha serenidade. Ficaria muito infeliz se ficasse convencido de que a esplêndida esperança era uma ilusão.

E no entanto — não parecerá bom demais para ser verdade? Ah, creiam em mim, não posso abalar nem ignorar as provas. A minha dúvida é completamente ilógica e, portanto, completamente humana. Mas — todos

saberemos um dia — talvez. As pessoas idosas gostam de olhar para trás, dizem. Pode ser porque têm muito para onde olhar. Mas se a promessa do redespertar da alma for válida, há uma alegria maior em olhar para a frente. Até ao nosso próximo encontro, então?...

Em: *'More Things in Heaven and Earth'*

…O autor da carta da qual a passagem acima é citada não tinha conhecido a minha esposa e foi incapaz de identificar a voz. Não dei muita importância ao incidente, já que a minha esposa nunca se me dirigia ou se referia a mim como Robert. Mas houve uma sequela mais tarde. No dia 1 de junho de 1924, na minha segunda sessão com a Sra. Leonard, Feda, o controlador, disse:

"A sua senhora diz que falou de facto em Southampton pela voz direta, mas não permaneceu na sala porque não gostou da influência de Munnings."

Eu não sabia quem ou o que era Munnings, mas a minha filha escreveu à sua amiga, a Sra. L., em Southampton, e obteve a resposta de que Munnings era um médium que visitara Southampton "logo após a guerra," fôra posteriormente detetado como uma fraude e tinha, desde então, sido condenado por roubo.

Não recebi nenhuma outra mensagem no ano de 1922, mas recebi uma carta que conduziu a alguns desenvolvimentos curiosos. Eu tinha escrito alguns artigos no *"Sunday Chronicle"* sobre o espiritualismo e os espiritualistas, e o Sr. T. A. R. Purchas, Presidente do Conselho de Águas do Rand, em Joanesburgo, escreveu-me sobre a sua experiência de trinta e cinco anos e contou-me algumas das mensagens notáveis que o seu círculo tinha recebido e como tinham colocado vários soldados sul-africanos, mortos em França, em comunicação com os seus familiares.

Fiquei profundamente interessado e disse na minha resposta à carta que, se o círculo de Joanesburgo conseguia encontrar um filho morto em França, talvez fosse capaz de encontrar uma esposa morta em Inglaterra. Disse ao Sr. Purchas que a minha esposa falecera no dia 19 de dezembro de 1921 e referi que ficaria muito grato se conseguissem obter notícias dela.

Na primeira reunião do círculo após a chegada do meu pedido, o Sr. Purchas pediu ao espírito guia que indagasse com relação à minha esposa. Essa sessão realizou-se no dia 10 de janeiro de 1923. Duas semanas mais

tarde, na sessão de 24 de janeiro de 1923, o espírito guia introduziu duas senhoras, uma das quais ele disse ser a Sra. Blatchford. Cito do relatório detalhado que o Sr. Purchas gentilmente me enviou no dia seguinte. Mas primeiro será melhor explicar que o círculo era composto por amigos pessoais. Não estava presente nenhum médium profissional. A Sra. Purchas, que atua como médium, é clarividente e clariaudiente. Ela vê e ouve os espíritos e todas as mensagens escritas são dadas automaticamente através da sua mão.

"No momento seguinte, a Sra. Purchas comunicou ao Círculo que estavam presentes estranhas — duas senhoras idosas. A Sra. Purchas, dirigindo-se às visitantes: 'Não conheço nenhuma de vós. Tendes alguma mensagem que desejeis transmitir? Podeis escrevê-la? Se houver alguma dificuldade, podereis conseguir que alguém a escreva por vós. Devo entender que uma de vós é a Sra. Blatchford?'

"Tendo obtido respostas satisfatórias às suas perguntas — de uma forma não percetível para o resto de nós, presumivelmente por clariaudiência —, a Sra. Purchas procedeu então à descrição, para os membros do Círculo, da aparência física das duas visitantes.

"Uma é pequena, a outra alta, bastante alta por comparação. Ambas têm, aparentemente, cerca da mesma idade, entre os sessenta e os setenta anos, julgo eu. Ambas são algo magras. A mais pequena e mais baixa tem cabelo grisalho. Eu diria que fôra escuro, se não preto. Os seus olhos são escuros. Não consigo ver se são castanhos ou azuis. A sua tez é pálida, quase amarelada. Está vestida com um material escuro, mas não há nada de distintivo no vestido, tanto quanto consigo ver. A sua companheira é certamente alta, magra, quase inclinada para a caquética.

Foi evidentemente uma mulher loira, mas com a idade o cabelo passou para um grisalho indeterminado e a tez tornou-se naquilo que devo chamar de desbotada. O seu vestido é antiquado, de meados da época vitoriana, imagino. Usa uma touca escura justa e um xale de lã de Shetland está puxado em volta dos seus ombros. É-me dado a entender que é uma parente da pequena senhora e que o seu nome é Margaret. Pedi o seu apelido, mas foi-me dito que o nome próprio será suficiente para a identificação. A impressão que tenho é que a pequena senhora é a Sra. Blatchford."

Não havia nada de muito probatório nessa descrição, nem na mensagem dada através da mão da Sra. Purchas. Mas irei aqui notar um facto sugestivo. Ninguém no Círculo sul-africano sabia que a minha esposa era uma mulher pequena. No entanto, nesta e em ocasiões subsequentes, o

espírito guia e o soldado, George Fisher, que a ajudava, referiam-se invariavelmente a ela como “a pequena senhora”.

Ora, muitos dos amigos íntimos da minha esposa referiam-se habitualmente a ela como “a pequena senhora” ou “a mãezinha”. Essa é uma coincidência comparativamente trivial, mas uma acumulação de tais ninharias sugestivas tem um forte valor probatório. Além disso, embora nenhuma prova conclusiva tenha vindo através do Círculo sul-africano até novembro de 1923, esta ligação com a África do Sul revelou-se de considerável valor na sequela.

Algum tempo na primavera de 1923, o Sr. e a Sra. Hewat McKenzie, do Colégio Britânico de Ciência Psíquica, vieram ver-me, e o Sr. McKenzie prometeu organizar uma sessão com a Sra. Osborne Leonard, a quem descreveu como sendo talvez a melhor médium viva. Esta sessão ficou finalmente marcada para domingo, 23 de setembro de 1923, às 11h30.

Fui apresentado como Sr. Roberts. O Sr. Leonard e o Sr. McKenzie foram dar um passeio de automóvel, e a Sra. Leonard e eu fomos deixados sozinhos na casa. A sala era uma sala de estar suburbana média, com uma longa janela de sacada voltada para a estrada e uma porta que dava para o hall. A Sra. Leonard fechou as cortinas grossas da janela e sentámo-nos. A posição das nossas cadeiras era tal que a Sra. Leonard estava voltada para o norte e eu estava voltado para o sudeste. Estava a cerca de um metro de distância, à sua esquerda e ligeiramente à frente. Poderia ter-lhe tocado com a mão. A sala não estava em escuridão completa. Passados alguns minutos, eu poderia ter lido um livro ou escrito uma carta; as feições da médium eram claramente visíveis.

Estava profundamente interessado, mas de modo nenhum excitado. Estava atento, algo cético, mas não hostil. Tinha uma mente aberta, mas não estava num estado de espírito crédulo. Enquanto a Sra. Leonard adormecia calmamente, perguntava a mim mesmo: “Será isto um transe ou sono? Porque haveria ela de adormecer?” Mas gostei da senhora. Parecia tranquila e boa. A minha atitude mental pode ser depreendida de algo que escrevi a um velho amigo em Manchester, quatro dias antes da sessão: “Vou a Londres no domingo ver a médium. Dir-te-ei o que acontecer. Tenho pouca fé. Não espero de todo obter qualquer prova sólida, mas prometi ir.” Isso não sugere credulidade emocional.

Antes de prosseguir, mencionarei alguns factos acústicos curiosos. Feda, o controlo, falava com os lábios da médium, mas a voz não vinha da

médium. Quando Feda chegou pela primeira vez, a sua voz, falando rápida e indistintamente, aproximou-se de nós a partir da porta e pareceu passar por cima do ombro direito da Sra. Leonard. Depois disso, a voz de Feda vinha da minha esquerda, como se ela estivesse de pé cerca de quatro pés diretamente em frente da Sra. Leonard. Não notei isto ao início, mas passados momentos pareceu-me estranho que, quando eu falava com Feda, me virava de costas para a Sra. Leonard. E quando a minha esposa me falou com a voz direta, pareceu falar de um ponto entre a médium e o controlo.

Não resta dúvida na minha mente quanto a esses factos. Na minha segunda visita, Feda falou do mesmo lugar, e eu virei-me instintivamente para falar com ela. Ora, é óbvio que, se a voz tivesse vindo da Sra. Leonard, eu não me teria virado de costas para ela para fazer ou responder a uma pergunta. A impressão que tive desde o início foi a de que Feda era uma personalidade distinta que em nada se assemelhava à Sra. Leonard. Isto, como dizem os advogados, "sem prejuízo".

Feda, falando numa voz aguda de tiple, com um sotaque estrangeiro e uma liberdade de gesticulação totalmente não britânica, foi diretamente ao assunto. "Está aqui uma senhora que deseja falar consigo. Ela trata-o por um nome que começa por B — o nome curto, não o longo." E eu era o "Sr. Roberts".

Mesmo assim, pensei que talvez a médium soubesse ou adivinhasse a minha identidade.

Feda continuou dizendo: "Ela está contente por o senhor vir hoje, pois é o aniversário de um tempo muito feliz que passaram juntos. Foi há muito tempo e num lugar distante. O senhor tem uma fotografia tirada de si nessa altura, mas está guardada. Ela quer que o senhor a desenterre."

Pensei que a fotografia seria uma tirada na Ilha de Wight em 1887, mas descobri mais tarde que fôra tirada por um amigo em Bruges em 1908. A minha esposa tinha desfrutado imenso dessas férias.

O tiro seguinte de Feda fez-me abrir os olhos.

"Ela está a tentar pôr a mão no bolso interior do seu casaco. Diz que está contente por o senhor ter aquilo no bolso, mas a pequena desapareceu para muito longe." Eu tinha uma carteira de bolso na qual trago dois retratos da minha esposa. Um é de tamanho *carte-de-visite* e foi tirado pouco antes do nosso casamento; o outro era uma pequena foto instantânea

tirada em 1915. A pequena não estava no meu bolso no dia em que conheci Feda. Estava na África do Sul.

Telepatia? Bem, poderia ser, embora não acredite nisso nem por um momento, mas irei agora selecionar desta primeira sessão algumas das mensagens mais probatórias.

Pouco antes de a minha esposa falecer, a minha filha comprou-lhe um par de sapatos bonitos. Ela gostou muito dos sapatos e eles eram guardados numa gaveta do toucador do seu quarto.

No decorrer da sessão, Feda disse: "Ela está contente por o senhor guardar as coisas dela, mas pergunta porque deu o senhor os sapatos novos dela?"

Eu disse: "Não, Feda, não os demos."

Feda respondeu: "Ela diz que não os consegue ver."

Meia hora mais tarde, Feda disse:

"Agora ela voltou aos sapatos novamente. Diz que o senhor não sabe que eles foram dados, mas foram."

Prometi indagar. No meu regresso a casa, descobri que estes sapatos, que costumavam ser guardados no quarto dela, tinham sido colocados numa cómoda no meu quarto, enquanto todos os outros sapatos dela estavam no meu guarda-fatos.

Um assunto insignificante? Sim, mas interessante. Os sapatos tinham sido mudados, mas eu não sabia. Portanto, Feda não poderia ter descoberto por telepatia. Além disso, Feda, ou a minha esposa, pensava que os sapatos tinham sido dados, o que não era o facto. Ora, seria natural para a minha esposa, se sentisse a falta dos sapatos, mencioná-los, pois ela valorizava-os; mas porque haveria um médium, ou um controlo, de se preocupar com eles? Se a minha esposa vem frequentemente à nossa casa, como Feda disse, e sabia que aqueles sapatos especiais não estavam no lugar onde os deixara, nem com os seus outros sapatos, isso explicaria a pergunta vinda dela. Mas como podemos explicar tal pergunta vinda da médium? E a minha esposa disse (exprimo-me assim por uma questão de brevidade, embora, claro, tenha sido Feda quem contou o que ela disse): "Estou a dizer-lhe todas estas coisas triviais para que o senhor saiba que eu visito a sua casa."

A minha esposa perguntou (através de Feda): "Porque mudou o senhor a cama?" Essa era uma cama de penas em que ela dormia. Respondi que tinha sido tirada para arejar, mas que tinha sido recolocada. Teria a médium lido na minha mente que a cama tinha sido mudada? Então porque não leu na minha mente que ela tinha sido recolocada? A minha esposa poderia notar a falta da cama e não saber que ela tinha sido reposta. Mas se a médium conseguisse ler tudo o que estava na minha mente, leria lá o conhecimento de que a cama tinha regressado ao quarto.

Feda: A sua senhora diz: "Diga às raparigas que elas usaram alguns dos lenços dela e que devem usar os que lhe foram dados. Estão numa caixa."

Eu não sabia daqueles lenços, mas encontrámo-los. Como sabia Feda deles?

Feda: Ela diz: "Diga às raparigas para não se preocuparem com o prato azul. Foi um puro acidente. Elas estão preocupadas. Diga-lhes que não tem importância."

Eu sabia que um prato velho se tinha partido, mas não sabia que era azul nem que as raparigas estavam preocupadas com isso. Como sabia Feda?

Feda: Ela diz: "Gosto do jardim. O senhor melhorou-o. Melhorou os quartos também. Mas pergunte às raparigas porque não fizeram o teto."

Nem eu nem as raparigas compreendemos o que era isso do teto. Mas percorri a casa e encontrei o teto de um sótão parcialmente desabado. Como sabia Feda?

Feda: Ela diz: "Aquela fotografia ampliada é bastante boa, mas não tão boa como o original. Algum do fundo foi retirado e o sombreado no lado esquerdo do rosto está demasiado fraco."

Tínhamos enviado uma fotografia de tamanho *cabinet* da minha esposa para ser ampliada. Tínhamos notado o sombreado enfraquecido no lado esquerdo do rosto, mas não a alteração no fundo. Mas verificou-se ser como Feda dizia. Como sabia Feda?

Feda estava a falar sobre uma rapariga quando parou subitamente e depois disse rapidamente: "*A—las, a—las*! Isto é uma piada?" Depois ouvi um sussurro e Feda exclamou: "Oh, ela diz que de onde ela vem um rapaz e uma rapariga são um *lad* e uma *lass*."

Claro que eu sabia o que a palavra *lass* significava, mas como era que Feda não sabia?

Então, com o cão —

Feda: Ela está a dizer "*Ally, ally, ally*". O que é isso? Ela está a sorrir. Será outra piada? Ah! Agora ela diz que é um cão.

A telepatia de Feda estava errada. Tínhamos um cão em Norfolk e, quando lhe gritávamos "*Allez! Allez! Allez!*", ele costumava correr à volta e em círculos, como um cavalo num circo. Feda não leu isso na minha mente. Teve de lhe ser dito.

A telepatia é a cartada de triunfo do cético. Com ela, ele espera ganhar todas as vazas. Mas a telepatia não explica tudo o que Feda disse. Não acredito que a telepatia possa capacitar um médium a ler o que está na minha mente.

Seja como for, a telepatia não lerá na minha mente um conhecimento que não está lá. Feda disse-me quatro coisas que eu não sabia. Disse-me que uns lenços estavam numa gaveta, que um prato partido era azul, que um teto precisava de reparação e que o fundo de uma fotografia tinha sido alterado. Ela não obteve esses factos de mim. Onde, como e de quem os obteve?

Feda falhou em ler algumas coisas na minha mente que eu de facto sabia. Não sabia do cão até lhe ser dito. Quem lho disse?

Feda não sabia que uma *lass* é uma rapariga até lhe ser dito. Quem lho disse? Quando lhe fiz uma pergunta para a minha esposa, sobre uma pessoa cujo nome poderia ser masculino ou feminino, Feda pensou que a pessoa era uma mulher, mas depois disse, rapidamente: "Oh, é um ele e não um ela." Quem lho disse?

Vemos então que, em quatro casos, a telepatia sabia demais e, em três casos, de menos. A telepatia não cobre todos os factos.

E a telepatia não tem qualquer influência sobre o facto de a minha esposa ter falado comigo com a voz direta. Feda tinha acabado de me dar uma descrição de um tio meu que falecera há mais de trinta anos e fizera uma pausa após dizer que ele estava muito feliz e bem, quando levei a surpresa do dia.

Afastada da médium e afastada de mim, a minha esposa falou diretamente comigo. Disse, num tom ávido e ansioso: "Bob, estou aqui.

Estou contigo, Bob." Antes que eu pudesse recuperar a minha presença de espírito, Feda começou a falar novamente e perdi a oportunidade de responder. Mas foi a voz da minha esposa que ouvi e ela pronunciou a palavra Bob como sempre fazia quando estava connosco. Penso que é um facto sugestivo ela ter falado o meu nome duas vezes. Eu sempre dissera que, se ouvisse um médium proferir o meu nome daquela maneira, consideraria a prova importante.

Mas quando relatei esse incidente no *"Sunday Chronicle"*, vários leitores sugeriram que eu tinha imaginado ter ouvido a voz, e entre estes estava o Bispo Welldon. Mas a minha esposa estava morta há quase dois anos, e eu nunca tinha imaginado ouvi-la falar até me sentar com a Sra. Leonard. E nessa sessão a minha esposa disse-me, através de Feda, como tinha tentado dar-me a conhecer a sua presença no nosso lar.

Uma noite ela acordou-me, disse ela. Lembro-me da noite: acordei subitamente com a sensação de que ela estava ali. Acendi a luz, suspirei, disse "A sonhar" e voltei a adormecer.

Noutra noite, disse ela que entrou no quarto ao meu lado e pensou que eu saberia dessa vez. Lembro-me da ocasião: senti a sua presença e acendi a luz, sorri da minha tolice e disse "Imaginação". Isso não se parece com credulidade. Mas não será possível ser-se demasiado incrédulo?

Não imaginei ter ouvido a voz da minha esposa. Não a esperava. É invulgar um espírito intervir com a voz direta e sem a ajuda ou o conhecimento do médium ou do controlo. Tão pouco imaginei a voz e as palavras que elas me sobressaltaram. Sobressaltaram-me tanto que não tive a presença de espírito para dar uma resposta direta.

O Bispo Welldon pensa que a minha imaginação me pregou uma partida. Terei eu imaginado Feda?

O Bispo Welldon sugere que o meu vivo desejo de acreditar que a minha esposa está viva e a minha ânsia por notícias dela explicam, de alguma forma não especificada, a minha crença de que a tinha ouvido falar e a minha aceitação da prova como provada. Já tratei dessa sugestão, e desejo agora apontar respeitosamente que a teoria do Bispo Welldon não explica Feda.

Se Feda não é um espírito, o que é ela? Uma imitação inteligente por parte da Sra. Leonard? Será essa a explicação? Não posso aceitá-la. Não posso acreditar que qualquer pessoa observadora que alguma vez se tenha sentado com a Sra. Leonard a aceite.

Eu alertaria o leitor contra o erro de considerar a minha experiência daquele dia como uma experiência isolada.

A minha não foi a única sessão alguma vez realizada com um médium. Não sou o primeiro homem a quem foi concedida a prova da sobrevivência. Em centenas de milhares de casos, mulheres e homens tiveram experiências psíquicas muito mais notáveis e convincentes do que a minha.

A Sra. Leonard não me deu a primeira sessão da sua carreira. Ela é uma médium famosa, bem conhecida de todos os principais espiritualistas. Sentou-se com muitos homens e mulheres eminentes. Tem sido uma médium de sucesso há anos e ganhou a confiança e o respeito de centenas de pessoas. Mas sobre isso falarei mais adiante.

Feda não é um espírito brincalhão, inventado especialmente para minha edificação. Ela é um controlo perfeitamente bem conhecido, cujos poderes foram testados repetidas vezes. Estes factos devem ser mantidos em mente por aqueles que criticarem o meu relato das manifestações que presenciei a 23 de setembro.

Consultando a Parte LXXVIII das Atas da Sociedade de Pesquisa Psíquica, encontro um relato de uma série de sessões com a Sra. Leonard, pela Srta. Radclyffe-Hall e por Lady Troubridge, no ano de 1916. Nas primeiras sessões, Feda deu provas semelhantes em género às que me deu. Descreveu "o *White Cottage* em Malvern Wells, juntamente com uma descrição de características marcantes da vizinhança e referências aos vizinhos".

A Srta. Radclyffe-Hall não quis correr riscos. Enviou um detetive a Malvern Wells para descobrir se alguém andara a fazer perguntas sobre o local ou as pessoas mencionadas por Feda. Também tomou medidas para descobrir se alguma pessoa tinha obtido permissão para entrar e ver o *White Cottage*.

O detetive também fez investigações sobre a Sra. Leonard em Londres. O detetive não encontrou nada. Mas, ainda assim, as senhoras não ficaram totalmente satisfeitas e foram pessoalmente a Malvern Wells e fizeram elas próprias investigações. O resultado foi que ambas ficaram convencidas da boa-fé da Sra. Leonard.

Ora, quanto a Feda, a Srta. Radclyffe-Hall diz:

"Os nossos agradecimentos são devidos a Feda pelos registos completos e precisos que conseguimos obter. Ela mostrou sempre a maior solicitude sobre este ponto, repetindo lenta e cuidadosamente, mais de uma vez, qualquer coisa intrincada que lhe parecesse ser de valor probatório. O que precede foi a nossa experiência; possivelmente fomos particularmente afortunadas, devido talvez ao facto de uma simpatia mútua muito real ter crescido entre nós e Feda. Isto, fomos dadas a entender, não acontece invariavelmente."

À semelhança de Lady Troubridge e da Srta. Radclyffe-Hall, ganhei uma simpatia por Feda, e gostaria de saber o que o Bispo Welldon propõe fazer a respeito dela. Suponho que seria *infra dig.* para um bispo — ainda assim, sinto que, se o Bispo Welldon conhecesse Feda, ficaria impressionado com a sua personalidade. Penso que, se a ouvisse dizer "Espere um minuto", à sua maneira rápida e impulsiva, perceberia que ela não é um mito, nem uma imitação da médium. Penso, também, que perceberia instintivamente que a Sra. Leonard é uma senhora.

E veja como as coisas se encadeiam. Se a Sra. Leonard é uma senhora, Feda é um espírito, ou, se Feda é um espírito, a Sra. Leonard é uma senhora. Em qualquer dos casos, não haveria motivo para leitura de pensamentos, e as alegações os espiritualistas seriam estabelecidas.

Foi a 23 de setembro de 1923 que a minha esposa falou comigo. A 1 de junho de 1924, na minha segunda sessão, perguntei a Feda se a minha esposa tinha realmente falado comigo ou se eu o tinha imaginado. Feda disse: "Ela falou consigo. É uma coisa que não acontece em centenas de sessões até ao fim. Havia muita energia. Ela agarrou a energia muito rapidamente. Ela é pequenina, mas tem uma vontade própria, e é rápida e corajosa."

Foi o que Feda disse. Ela tinha razão sobre a vontade forte, a rapidez e a audácia. Mas note, por favor, que ela diz que havia muita energia nessa altura.

Ora, a Srta. Estelle Stead escreveu-me logo após essa primeira sessão e disse-me que tinha acabado de receber uma mensagem do seu pai, o falecido W. T. Stead. A carta continha esta passagem:

"O meu pai, que o senhor conheceu quando aqui estava, deseja que eu lhe diga quão satisfeito está e que muitos ajudaram a sua esposa, a quem admiram e amam, por amor a ela e por amor de si, porque as suas palavras terão grande peso junto de muitos."

"Muitos ajudaram a sua esposa!" "Havia grande energia naquele dia!"

Sir Oliver Lodge, comentando o incidente num artigo que escreveu para o *"Sunday Chronicle"*, disse:

"O Sr. Blatchford foi favorecido com o que chamamos 'uma boa sessão'. As pessoas costumam ser favorecidas de igual modo quando vão com mentes sensatas, calmas e preparadas, e quando os seus entes perdidos estão suficientemente ansiosos por vir e são suficientemente inteligentes, perseverantes e enérgicos para pensarem antecipadamente em elementos probatórios e conseguirem transmiti-los apesar das dificuldades.

"A comunicação deste género unilateral não pode ser fácil, pois, pelas regras do jogo, o participante está impedido de prestar assistência; tem de ser passivo, recetivo e inteligente também; não deve rejeitar como disparate nada do que no momento não compreenda, pois isso poderá mais tarde revelar-se uma das melhores informações.

"A experiência do Sr. Blatchford foi ainda melhor, em alguns pormenores, do que a concedida à maioria. Algo como uma correspondência cruzada entre médiuns diferentes e desconhecidos foi estabelecido por meio do episódio sul-africano; e isto foi bem calculado para preparar a sua mente para o reconhecimento da presença pessoal e íntima da amada quando a oportunidade desejada foi realmente dada.

"Além disso, é claro que a Sra. Blatchford deve ter sido uma comunicadora excecionalmente dotada para, mesmo momentaneamente nesta primeira sessão, tornar audível uma 'voz direta'. Com alguns médiuns isto pode ser feito mais facilmente do que com outros, mas com a visitada pelo Sr. Blatchford um fenómeno desse género é raro. A maioria das pessoas tem de se contentar com mensagens transmitidas através do controlo habitual, Feda, como se fosse através de uma operadora de telefones. O controlo real do instrumento raramente é alcançado por um comunicador novo e necessariamente inexperiente. Só pode ter sido por um esforço especial e determinado que esta demonstração persistente foi realizada."

Estas comunicações transmitem a opinião espiritualista. A minha esposa era alerta, rápida, resoluta e corajosa. Estava quase desesperada no seu desejo de me convencer de que está viva, e havia muitos a ajudá-la, entre eles dois da África do Sul, e havia "grande energia". O leitor deve escolher entre as duas; as que eu posso acrescentar, para informação, são que nunca imaginei ter ouvido ou visto nada e que, longe de estar num

estado de espírito para imaginar uma voz naquela ocasião, fui apanhado completamente de surpresa. Não estava à espera do que aconteceu. Tinham-me dito que essas coisas não aconteciam em sessões com a Sra. Leonard.

Nem a credulidade nem a imaginação cobrirão todos os factos. Voltemos à teoria da telepatia.

A Sra. Leonard deve ter lido na minha mente que o meu verdadeiro nome é Robert Blatchford, que sou viúvo, que tenho filhas e que a minha esposa e eu nos referíamos a elas como "as raparigas". Deve ter lido na minha mente que tínhamos obtido uma ampliação da fotografia da minha esposa, e que estava imperfeita, e que há dez anos tínhamos um cão que costumava correr à volta e em círculos quando chamávamos "*Allez*", e que o cão estava morto, e que tenho uma fotografia dele no meu gabinete.

Deve ter lido a data esquecida de umas férias de há quinze anos, e que eu tinha uma fotografia tirada nessa altura, e que estava guardada. Deve ter visto na minha mente o rosto da minha esposa tão claramente como num retrato, e deve ter lido ali o seu caráter tão claramente como viu o seu rosto. Deve ter lido que a minha esposa me chamava Bob, e deve ter ouvido que ela pronunciava o nome de uma maneira peculiar. Deve ter ouvido a voz da minha esposa na minha mente tão claramente que não detetei a imitação.

Deve ter encontrado na minha mente os detalhes completos dos dois anos de doença da minha esposa e da sua morte. Deve ter lido que mantemos flores frescas junto às fotografias da minha esposa, e que me dirijo habitualmente a ela quando vou para a cama. Como Feda referiu: "Ela diz que o senhor fala com ela à noite, não apenas nos seus pensamentos, mas em voz alta." Deve ter lido na minha mente sobre a saúde da minha filha, sobre as nossas costas que precisavam de reparação, e sobre a nossa piada de família.

Ela deve ter visto na minha mente imagens do meu tio e do Sr. Edward Francis Fay, e lido ali uma avaliação correta dos seus caracteres e a história do seu falecimento. Deve ter lido na minha mente que não me aproximo frequentemente da minha esposa em sonhos, pois Feda disse: "Ela não está satisfeita com os seus sonhos. Está a tentar influenciá-lo para que, quando acordar de manhã, se lembre de ter estado com ela durante a noite."

Não acredito que a médium estivesse a ler o meu pensamento durante aquela sessão. Parece mais razoável supor que a minha esposa estava a apelar à minha memória.

As mensagens sul-africanas, pretendendo vir da minha esposa, diziam que ela estava infeliz por não me conseguir influenciar a acreditar. Sugiro que ela tentou fazer-se ouvir em Southampton, que tentou novamente em Joanesburgo, que interveio com a voz direta em Londres, porque temia que as outras mensagens pudessem não me convencer. Havia um tom de apelo na sua voz quando me falou.

As mensagens eram características de uma mulher e de uma esposa. Tratavam de assuntos domésticos. Eu não estava a pensar em mobília, ou lenços, ou sapatos, ou tetos. Ela orgulhava-se da sua casa e amava aquilo a que chamava as suas "coisas", e era característico dela dizer que estava contente por as raparigas manterem a casa tão bonita, e que estava contente por mantermos as coisas dela tal como ela gostava. Quem senão uma esposa perguntaria porque é que uma cama tinha sido mudada e porque não tínhamos reparado o teto? Sugiro que, como ela disse, falou de coisas que me convenceriam de que esteve connosco desde a sua morte, e que apelou à minha memória para obter provas da sua identidade. Sugiro que a teoria de que a minha esposa estava presente com a Sra. Leonard e comigo, e de que estava a tentar convencer-me da sua presença, é uma teoria que cobre todos os factos e que é a única teoria que realmente cobre todos os factos.

Quando fiz uma pergunta à minha esposa, através de Feda, sobre uma preocupação doméstica, Feda disse: "Ah, agora causou-lhe desgosto. Ela estava a sorrir; agora parece grave." Depois, Feda repetiu-me o conselho da minha esposa. Ora, eu tinha temido que a minha esposa não aprovasse o caminho que adotei, mas ela aprovou. De maneira que Feda não poderia ter obtido a aprovação dela a partir da minha mente. Onde a obteve?

Que Feda é um espírito e que a minha esposa estava presente e me falou é a única solução que explica tudo o que foi dito.

Admito que tal experiência e tal conclusão devam parecer incríveis a um cético. Parecem incríveis para mim. Tão estabelecida e tão profunda é a minha dúvida que ainda me encontro muito no mesmo estado de espírito do americano que viu a girafa e disse: "Não acredito". Pergunto a mim mesmo, por vezes: "Estas coisas aconteceram-me realmente? Terei sonhado tudo isto? Será possível que a minha esposa esteja viva, que nos visite, que eu vá encontrá-la e casar-me com ela novamente?"

Quando caio nesse estado de espírito duvidoso, alegra-me ter começado as minhas investigações sem pressa, lendo todos os melhores livros sobre espiritualismo e pesando o testemunho de milhares de boas mulheres e de bons homens.

Encontro hoje nesse testemunho força e encorajamento para a minha nova esperança. Depois de ler o testemunho, fiquei intrigado, mas não convencido. Mas desde que tive uma experiência pessoal, as minhas leituras adquiriram um novo significado e um novo valor. Animam-me quando hesito e amparam-me quando falho.

Li também muita crítica ao espiritualismo, e uma grande quantidade de censura e ridicularização dos seus devotos. E em tudo o que li, nunca encontrei uma solução para todos os problemas nem uma resposta para todas as provas.

A 19 de novembro de 1923, numa sessão do círculo de Joanesburgo, uma mensagem, pretendendo vir da minha esposa, foi escrita automaticamente pela Sra. Purchas. Cito a mensagem na íntegra, tal como relatada pelo Sr. Purchas, e com a nota dele em anexo:

"Diz ao *Bmb* que estou agora muito feliz, pois ele partilha da minha fé. Estranho que tenha sido necessário o vosso Círculo Sul-Africano para dizer ao meu querido marido que estou viva. Estamos muitíssimo gratos. Não, não irei assinar ainda; não se pode ter tudo de uma vez."

Nota: Sublinhei a palavra acima porque foi escrita exatamente como transcrita aqui. Se isso foi feito ou não para transmitir uma inflexão conhecida por si, mas desconhecida por nós, não posso, como é óbvio, dizer. — T. A. R. Purchas.

A minha esposa pronunciava sempre o meu nome da forma indicada na mensagem acima. Mas era completamente impossível para qualquer pessoa no círculo saber isso. Como, então, a palavra Bob veio a ser escrita *Barb*?

Na sessão com a Sra. Leonard, a 23 de setembro de 1923, quando a minha esposa me falou diretamente, pronunciou o meu nome *Barb*, e usou o nome duas vezes, como que de propósito para me convencer da sua identidade: "*Barb*, estou aqui. Estou contigo, *Barb*."

Ora, seria de supor que Feda ouviu a minha esposa falar comigo. No entanto, a 1 de junho de 1924, Feda dirigiu-se a mim repetidamente como "Sr. Bob". Ela não tinha captado a inflexão. Como, então, a inflexão foi

parar a uma mensagem automática dada a uma distância de 7.000 milhas a um grupo de participantes no qual nenhum jamais ouvira a minha esposa falar?

A recusa da minha esposa em assinar o seu nome é peculiar, mas não invulgar. Espero que ela assine em breve, pois seria uma boa prova, visto que nenhum membro do Círculo Sul-Africano sabe o seu nome próprio ou o diminutivo pelo qual eu geralmente a tratava. Alguém, creio eu, dirá que a recusa do nome é suspeita e sugere que a médium falhou em adivinhá-lo. Mas tal objeção perde muito da sua força quando se recorda que este círculo obteve os nomes completos de vários soldados africanos mortos em França e obteve, além disso, a inflexão pessoal peculiar do meu próprio nome.

Na minha segunda sessão com a Sra. Leonard, a 1 de junho de 1924, passei a maior parte do tempo a fazer perguntas, e houve apenas duas mensagens de natureza estritamente probatória.

Feda disse que uma das amigas mais antigas da minha esposa estava presente com ela. Descreveu esta senhora, uma prima e amiga de toda a vida da minha esposa, de modo que a reconheci. Chamar-lhe-ei Sra. John. Perguntei a Feda se a senhora me poderia dar uma mensagem para o seu filho, pois ele estava muito ansioso por ter notícias dela. Feda, em resposta, disse que Jonathan não estava apenas preocupado com a mãe, mas estava preocupado com outra coisa e encontrava-se numa posição da qual teria de ser libertado, já que o meio que o rodeava dificultava o seu desenvolvimento.

Eu não sabia nada sobre isso, mas quando falei disso ao Jonathan, ele disse que era verdade.

Feda disse que estava alguém com a minha esposa: “Lucille — não, não é Lucille, é um jovem. É Lally, Lally — Lei.” Perguntei se o nome era Leslie, e ela disse que sim, e que ele estava com alguém chamado Fred, que lhe era muito querido — alguém que tinha partido depois de Leslie.

Eu não sabia, até chegar a casa e me ser dito, que o pai de Leslie se chamava Fred, nem que o seu irmão tratava habitualmente Leslie por Lei.

Em nenhum desses dois casos a telepatia explicaria o conhecimento de Feda. Ela não poderia ter lido na minha mente pensamentos que não estavam lá. Não poderia ter obtido de mim factos de que eu próprio andava ignorante.

É muito fácil fazer perguntas sobre aparentes contradições ou inconsistências encontradas em manifestações psíquicas, mas é menos fácil responder-lhes. Não estamos tão familiarizados com o Plano Astral como com a Trafalgar Square e deveríamos, como o Sr. Gow me diz, dar uma margem para erros. No livro de Sir Oliver Lodge, *"Raymond Revised"*, deparei-me com a seguinte advertência do autor:

"Explico a seu tempo e lugar que não temos ainda o privilégio de entrar em contacto com a personalidade completa do falecido; vemos por um espelho, de forma obscura, não face a face. Mas, através de um meio mais ou menos turvo, captamos vislumbres, damo-nos conta de uma real personalidade sobrevivente."

Quando estive com a Sra. Leonard a 1 de junho, Feda disse: "A sua senhora fala de dois aniversários, um mesmo agora passado, outro por vir. O que está por vir, diz ela, é importante. Uniu-vos a si e a ela." Depois, fez esta adição notável: "Ela segura o seu braço para mostrar que vos uniu."

Isso fez-me pensar. Teria Feda, então, lido a partir de sinais ou ações e traduzido-os em palavras? Parecia que sim, e em *"Raymond"* encontrei duas declarações separadas que parecem confirmar a ideia. Na página 62, Feda está a falar de Raymond e diz:

"'Ele já esteve aqui para vos ver antes, e diz que uma vez pensou que sabíeis que ele estava lá, e que duas ou três vezes não teve a certeza.' Feda obtém-no sobretudo por impressão; nem sempre é o que ele diz, mas o que ela capta, mas Feda diz, 'ele diz', porque o obtém dele de alguma forma."

Na página 69, o Sr. Peters está a transmitir a Sir Oliver Lodge uma mensagem do seu filho e faz a seguinte declaração:

"Agora ele quer que eu diga isto: que a partir da sua morte, que é apenas uma entre milhares, que o trabalho para o qual ele (tenho de traduzir as ideias dele em palavras, não as obtenho textualmente) — o trabalho para o qual ele se voluntariou para ser capaz de ter sucesso em — não, não é isso. O trabalho para o qual ele se alistou, é isso que ele diz, embora fosse apenas uma unidade e estivesse aparentemente perdido — contudo, o próprio facto da sua morte será o meio de o impulsionar. Agora percebi. Com a sua partida, muitas centenas serão beneficiadas."

Se, como sugerem as declarações acima, o controlo tem de traduzir pensamentos ou ações em palavras, e deve usar as suas próprias palavras e não as do espírito comunicador, não é de todo estranho que ocorram erros. E não devemos cair no erro comum de supor que um espírito ou um

controlo espiritual é ubíquo ou infalível. Um ser humano não se torna omnisciente uns dias após deixar o corpo.

Existem inconsistências também, pois o que Feda e o Sr. Peters acabam de nos dizer não se aplica a todas as mensagens. Muitas das mensagens que vinham da minha esposa através de Feda eram obviamente dadas em palavras, e nas palavras da minha esposa. Por exemplo, quando Feda disse "*Alas, alas*! O que é isso?" e depois acrescentou "Oh, ela diz que de onde ela vem uma *lass* é uma rapariga", não estava obviamente a traduzir uma ação ou um pensamento, mas estava a repetir textualmente palavras que lhe tinham sido ditas.

Passemos em seguida a um excerto do artigo escrito por Sir Oliver Lodge em resposta a M. Richet:

"A metapsíquica subjetiva é ainda mais fácil de associar à sobrevivência humana. Sabia-se que a entidade imaterial de controlo, a personalidade viva, enquanto aqui estava, era capaz de operar sobre as células do seu cérebro, de modo não só a mover os músculos mas, por esse meio, a transmitir ideias de forma inteligível a outras personalidades semelhantes que estivessem familiarizadas com os sinais convencionais ou com a linguagem. E é uma questão de prova saber se este poder de operação sobre os cérebros pode ser alargado a outros cérebros, de modo que uma personalidade que tenha perdido o uso do seu próprio instrumento possa ser capaz, com dificuldade e por permissão, de trabalhar de forma semelhante no cérebro de alguma pessoa hospitaleira que desocupe parcialmente o seu instrumento em transe, ou que permita que parte dele seja utilizada para mover ou a sua mão na escrita ou os seus órgãos da fala.

"Se assim for, as ideias desse modo transmitidas podem pertencer principalmente e ser amplamente apropriadas, não ao anfitrião ou 'médium', mas à personalidade atuante ou 'controlo'. Embora se admita que o hábito e o cultivo do cérebro do médium possam, até certo ponto, entravar o controlo livre, espontâneo e plenamente inteligente, e possam exigir uma seleção criteriosa de tópicos ou de linguagem, tais como o instrumento seja capaz de transmitir sem um esforço excessivo e telérgico."

Uma mensagem, portanto, deve ser transmitida pelo espírito comunicante ao controlo, que deve passá-la ao participante através da agência do cérebro do médium. E o cético exige que as mensagens enviadas dessa maneira indireta sejam absolutamente claras e absolutamente corretas.

Existem peculiaridades na comunicação espiritual para as quais não se vislumbra nenhuma explicação humana. Os nomes, por exemplo! Os controlos parecem encontrar dificuldade no manejo dos apelidos. Evitam-nos. Falam dos espíritos desencarnados, e daqueles que ainda não despiram esta lamacenta veste de decadência, pelos seus nomes próprios.

Feda estava a falar-me de um jovem morto no Somme. Conseguiu o seu nome próprio após várias tentativas, e depois disse-me: "Ele está com alguém que partiu depois dele, alguém chamado Fred, que lhe é muito querido." Fred? Perguntei-me quem poderia ser o Fred. Bem, verificou-se ser o pai dele. Mas, deste lado, nunca sonharíamos dizer de um pai e de um filho: "O jovem Philip vive com um que gosta muito dele, o Bill." Suponho que, do outro lado, a idade é um zero e Leslie e o seu pai, "Fred", são como dois irmãos.

Mas porque é que os controlos se esquivam dos apelidos? Feda não menciona o nome da minha esposa, refere-se a ela como "a sua senhora" e chama-me "Sr. Bob". E disse-me que uma prima da minha esposa, que partiu há muitos anos, tem um querido amigo cuja inicial é J. E este J é a mãe dela, segundo julgo, cujo nome era Jane. Feda deu-me uma descrição precisa e gráfica da minha mãe, que faleceu em 1890, mas não mencionou o seu nome. Disse que com ela estava um jovem que partira há muitos anos num país distante, de quem ela gostava muito. Mas quando, adivinhando tratar-se do meu sobrinho, pedi o nome dele, ela não mo conseguiu dar. Disse que "não conseguia pressentir o nome dele".

Para me ajudar nesta matéria, Sir Oliver Lodge enviou-me gentilmente um artigo seu sobre "O Cérebro e a Fala", que foi publicado no *Journal of the Society for Psychical Research* em maio último.

O artigo é bastante claro e lógico, mas é difícil de condensar. Sir Oliver diz:

"Este tipo de afasia é frequentemente atribuído a uma confusão mental do comunicador sob condições invulgares. Mas, embora ocasionalmente possa haver essa confusão, habitualmente penso que a dificuldade não se deve de todo a confusão mental, mas sim a uma falta de controlo adequado do mecanismo, de modo que existe um bloqueio nalguma junção a caminho dos centros da fala, uma obstrução que tem de ser contornada por algum caminho indireto.

"Muitas pessoas pensaram que esta dificuldade com os nomes e as esquivas quando algo definitivo tem de ser proferido, como, por exemplo,

em resposta a uma pergunta súbita, é um sinal não de confusão mental, mas de algum tipo de sondagem e fraude. Acredito que, na maioria dos casos, isso é um grande erro, e que deveríamos aceitar o facto de que existe uma dificuldade, e tentar perceber em que consiste essa dificuldade.

"E, na verdade, é em grande parte o que se deveria esperar, na perspetiva de que uma inteligência plena e competente está a tentar usar um mecanismo cerebral emprestado que não está completamente sob controlo, encontrando obstrução ao longo daquilo que pareceriam ser canais bastante simples e habituais."

O processo parece ser, assim, o seguinte: o controlador recebe uma mensagem do espírito que deseja comunicar com o participante. Essa mensagem deve ser enviada pelo controlo através do cérebro e da fala do médium. Mas o controlo não tem, talvez, pleno poder sobre o cérebro do médium. Anda à procura de palavras no cérebro do médium como quem procura fósforos e velas numa casa estranha.

Ora, os nomes são sempre mais difíceis de recordar do que as ideias. Tenho uma boa memória, mas vulgarmente hesito perante os nomes de pessoas e de lugares. O que é que eu faço? Digo: "Aquele homem que conta as histórias de cães", ou "Aquele lugar onde desembarcámos em Marrocos". Da mesma forma Feda, em vez de dizer: "Aquela pequena fotografia foi para África", diz que "está a uma grande distância". E durante a minha última sessão ela disse: "Há uma carta para lhe ser enviada pelo correio naquele lugar de onde o George vem". E a carta, a propósito, foi enviada e chegou devidamente às minhas mãos.

A Srta. Walbrook, na sua introdução a *"The Case of Lester Coltman"*, alude a este estranho problema com os nomes:

"Os nomes são sempre uma dificuldade em tais comunicações, o que tem sido explicado pelo facto de um nome ser uma coisa puramente artificial e diferir inteiramente da nossa ideia. Nós próprios temos consciência de como os nomes se nos escapam na vida, especialmente à medida que envelhecemos, embora possamos reter a mais clara recordação do indivíduo."

Há uma roseira de chá em árvore bastante bonita no meu jardim. Chama-se Anna Olivier. Nove em cada dez vezes que me perguntam o nome, descubro que ele se me escapou. Mas nunca esqueço o estilo e a cor das suas rosas, a forma da sua copa simétrica ou o local do jardim onde se encontra. Poderia sempre dizer imediatamente: "Aquela bonita roseira de

chá de cor creme e rosa na extremidade sul do canteiro quadrado é muito graciosa e decorativa, e está sempre cheia de flor". Mas não me conseguiria recordar com a mesma presteza das palavras Anna Olivier.

Ora, se eu tenho tal problema com um nome ao usar o meu próprio cérebro, o que faria um controlo comigo se eu fosse um médium? É fácil, mesmo numa casa estranha, encontrar a mesa de jantar, ou o fogão da cozinha, ou o piano, mas é mais difícil encontrar os fósforos, ou o açúcar, ou a partitura para piano de *"The Gondoliers"*.

Lord Beaconsfield não se conseguia lembrar do nome Chipre, e referiu-se-lhe na Câmara como "aquela ilha", e Emerson foi visitar um amigo e, ao ser-lhe perguntado pelo criado o seu próprio nome, não se conseguiu lembrar dele.

Estamos muito longe da solução dos mistérios da mente. Na edição de *"Light"* de 27 de setembro de 1924, num artigo sobre Vibrações pelo Sr. Arthur Butcher, deparei-me com uma ideia que é nova para mim. O autor diz:

"Os nossos cinco sentidos podem ser considerados como um conjunto de instrumentos delicados, cada um com uma sensibilidade requintada para certas taxas de vibração, através dos quais somos capacitados a apreender algo do mundo exterior a nós próprios. Que eles são limitados no seu alcance pode ser facilmente demonstrado; mas não se segue de modo nenhum que estas limitações esgotem as possibilidades do nosso ser. Frequentemente consideramos necessário corrigir ou emendar as evidências dos nossos sentidos, e o facto de o fazermos é prova de que possuímos uma faculdade ou poder que transcende o da sensação. Pegue-se em qualquer animal com sentidos semelhantes aos do homem, mas mais altamente desenvolvidos: poderia tal animal resolver um problema de aritmética, embora dotado de maior sensibilidade? O cálculo, como todos sabemos, não é uma questão dos sentidos. Claramente, então, deve ser obra de uma faculdade superior a eles, porque é capaz de lidar com sucesso com matérias além do seu alcance."

Estou realmente surpreendido por não só nunca ter pensado nisso, mas por nunca antes ter encontrado tal ideia nas minhas leituras. No entanto, é obviamente verdadeira. Não pensamos por meio dos nossos cinco sentidos. Um homem poderia perder a vista, a audição, o paladar, o olfato e o sentido do tato, e ainda assim ser capaz de pensar de forma aguda e profunda.

Pensamos com o cérebro? Tanto quanto tocamos com um piano ou escrevemos com uma máquina de escrever. Mas o piano não cria a melodia, nem a máquina de escrever compõe o artigo ou a carta. Não acredito que o cérebro origine o que quer que seja. O cérebro apenas escreve, fala ou ouve, por ditado. Pensamos a partir da mente, e a mente é independente dos sentidos, como o Sr. Butcher nos diz.

Os sentidos não têm parte na originação de um pensamento. O que é um pensamento? De que é feito o pensamento? De onde vem? É uma coisa imaterial, o pensamento. No entanto, pode fazer guerras e revoluções, romances e tragédias e comédias, e religiões e ciências e arte e música e poesia, e hospitais e prisões e jardins de flores e gás venenoso.

Gosto da filosofia espiritualista, e para mim a conceção espiritualista do casamento tem um caloroso apelo. Lancemos um olhar sobre esta que, para muitos de nós, é uma teoria nova e estranha.

John Galsworthy, num ensaio sobre "A Posição das Mulheres", há alguns anos, escreveu o seguinte:

"Vê-se que os destinos da humanidade são guiados, muito lentamente, por algo mais coerente do que a oportunidade política, moldados estavelmente numa direção determinada rumo à conclusão daquele templo da Justiça. Não há outra forma de explicar o crescimento do homem desde o habitante das cavernas até à sua condição atual. E esta lenta moldagem espiritual em direção à Equidade prossegue apesar da atuação dos agentes gémeos do corpo: a força e a conveniência. O crescimento social e político é, de facto, um processo de evolução controlado, dirigido, espiritualizado pelo princípio supremo da Equidade!"

De facto, "Há uma Divindade que molda os nossos fins, por mais toscamente que os esbocemos". Uma Divindade. Uma força espiritual.

Ora, a ideia dos espiritualistas sobre a atuação dessa força espiritual difere da ideia defendida e ensinada pelas religiões ortodoxas, e os efeitos dessa diferença de ideia sobre o problema do matrimónio são surpreendentes. São surpreendentes porque, embora as religiões ortodoxas tendam a olhar de cima para o espiritualismo como estando num plano moral inferior, la teoria espiritualista do casamento é mais elevada e mais pura do que a de qualquer seita cristã.

Na Igreja Católica, o casamento é para a vida. Se um casal se separar, não se deve casar novamente. Nas Igrejas Protestantes, o casamento é para a vida, mas o divórcio é permitido em casos de infidelidade, e os

divorciados podem casar-se de novo. Em todas as Igrejas Cristãs, a monogamia é a lei. Um homem só pode ter uma esposa enquanto a sua esposa estiver viva e não divorciada.

Mas em todas as Igrejas Cristãs o casamento é dissolvido pela morte. Após a morte de um dos cônjuges, o sobrevivente pode voltar a casar-se. O casamento cristão termina na sepultura. Qual é a crença ortodoxa quanto ao relacionamento após a morte, não tenho a certeza. A posição parece vaga e disforme. Suponho que a maioria dos cristãos diria: "No céu, não se casam nem se dão em casamento", e ficaria por aí. Mas um espiritualista não concordaria. O espiritualista acredita que os homens são homens e as mulheres são mulheres no outro mundo e que, como um é incompleto sem o outro, haverá casamentos lá, mas serão casamentos perfeitos e espirituais, tais como não são possíveis nesta vida.

O casamento, o verdadeiro casamento, a "união" aperfeiçoada, de acordo com a fé espiritualista, em vez de terminar na morte, só é alcançável após a morte. O casamento ideal não é para a vida; é para a eternidade. Isso não significa que um casal unido nesta vida seja obrigado ou se espere que permaneça marido e mulher para sempre. Os homens e as mulheres no próximo mundo, pelo que depreendo, não estarão vinculados sob penalizações; serão livres para escolher e encontrarão os seus parceiros naturais, tal como os homens aqui encontram os seus amigos naturais, e um par, uma vez perfeitamente unido, não desejará mais separar-se do que dois velhos amigos desejariam separar-se nesta vida.

Compreendamos que, na vida futura do espiritualista, não haverá luta pela existência, nem paixões sensuais, nem filhos para sustentar e educar, e as mulheres e os homens serão em todos os aspetos tão iguais lá como dois homens o são aqui. Um casal no próximo mundo, de acordo com a crença espiritualista, será uma unidade completada. Ter-se-ão entregado um ao outro. Nunca se separarão, porque a sua felicidade será completa. Trabalharão juntos como as duas asas de uma ave. Serão tão inseparáveis como o baixo e o tiple unidos numa fuga. O casamento lá será uma união de afinidades.

E porque não um estado de bem-aventurança semelhante aqui e agora? Porque não casamentos ideais na Terra? Certamente que as Igrejas Cristãs impõem a todos os casais a lição de que devem levar uma vida de amor e retidão. Mas esse é um conselho de perfeição construído sobre uma esperança tão esguia que as palavras finais do serviço religioso do

casamento quase poderiam ser: “E que o Senhor tenha misericórdia das vossas almas.”

Não, não sou cínico. O sacerdote abençoa a noiva e o noivo e exorta-os a serem amorosos e bons, e, suponho eu, quase nunca se dá conta de que, no caso de mais de metade dos casais, está a pedir a realização do impossível. O que é que aproxima a maioria dos casais? O magnetismo sexual. O magnetismo sexual é erroneamente chamado amor. Mas não é amor. Pode ou não desenvolver-se em amor, mas não é amor. É um chamamento e uma atração subconscientes, não dirigidos ou controlados pela razão. É uma forma de hipnotismo inconsciente, por meio do qual a Natureza atinge os seus fins.

Um casamento de paixão pode falhar porque um dos dois não é digno, porque nenhum é adequado para o outro, porque ambos são frívolos ou egoístas, ou porque um ou ambos podem ser ignorantes dos elementos essenciais da felicidade conjugal. Um casamento de paixão pode ter sucesso porque, pela graça de Deus, e não em virtude do seu próprio discernimento, o par possui afinidades naturais. Um casal nupcial pode ser tão felizmente dotado e tão perfeitamente combinado que ambos são um desde a palavra sim, e nunca poderão ser enviuvados pela morte. Mas tal sorte abençoada é rara. O resto de nós tem de viver e aprender, ou arrepender-se vagarosamente.

Muitos casais não estão unidos, e nunca poderão estar unidos. Estão vinculados por uma ficção clerical ou legal. Muitos divórcios são concedidos por uma forma de infidelidade mais venial do que aquela que estraga a vida quotidiana de uma multidão de maridos e esposas respeitáveis.

Oh, perfeitamente respeitáveis! Há um exemplo flagrante numa história do Sr. Locke, *“The Scourge”*.

Sir Hildebrand Oates era um modelo perfeito de decoro dignificado. “Casou jovem. A sua esposa trouxe-lhe uma fortuna, da qual ele era o único administrador, um par de filhos e uma obediência submissa sem paralelo nos lares muçulmanos mais corretos. Uma alma fraca, tímida e sentimental, ela ficou intimidada desde os primeiros dias gélidos da lua de mel pela personalidade inflexível do seu marido”...

Sim. Ele moldou as opiniões dela, regulou a conduta dela, ordenou a vida dela. E ela, na verdade, ressentia-se disso — embora ele fosse demasiado vaidoso para o ver até que teve de o fazer, o que aconteceu após

a morte dela, e quando o testamento dela foi lido. Ela deixou todo o seu dinheiro e bens aos seus filhos, e liquidou o seu autoritário marido com estas doces palavras: "Deixo e lego ao meu marido, Sir Hildebrand Oates, Cavaleiro, a quantia de quinze xelins para comprar para si um açoite para fazer penitência pela arrogância, falta de caridade e crueldade com que tratou a mim e aos meus filhos durante os últimos trinta anos."

Vejam bem! Homem de caráter imaculado, um perfeito cavalheiro. Casamento de estrito decoro! Poderia aquela pobre mulher ter esperado um divórcio? O quê! Um marido modelo. Não era infiel aos olhos da lei. No entanto, tornou a sua esposa miserável durante trinta anos. Nunca foi, de todo, um marido para ela. O deles foi um casamento inteiramente imoral e, como digo, houve homens que foram divorciados por uma má conduta menos imperdoável do que aquela de que ele era culpado dia após dia e ano após ano.

Não se pode imaginar o reencontro de tal casal no outro mundo. A lei pode amarrar uma mulher a um bruto ou um homem a uma desleixada para a vida, mas a morte libertará o prisioneiro. Apenas o amor pode manter mulheres e homens unidos naquela margem mais feliz. O amor.

Mas o que é o amor? Se o magnetismo sexual não é o amor, o que é esta qualidade esquiva? Penso que o verdadeiro amor, o amor que é mais forte do que a morte, nasce do conhecimento — isto é, da apreciação mútua que vem do conhecimento. Penso também que o amor é uma planta de crescimento lento. Em ambas as características, assemelha-se à amizade.

O que quase invariavelmente acontece num casamento de paixão é que, quando os jovens acordam do seu sonho hipnótico, têm de começar de novo um namoro novo, mais arriscado e difícil. Têm de aprender os caracteres um do outro. Passa-se com a noiva o mesmo que com a esposa em *"A Casa de Bonecas"* de Ibsen: ela dá por si a viver com um homem estranho. E o homem estranho encontra-se ligado para a vida a uma mulher que nunca tinha visto realmente antes da lua de mel. Ambos estão acordados, e descobrem os seus eus conscientes a olharem um para o outro com espanto, quando não com medo.

E, para tornar a sua ignorância mais perigosa e desamparada, são fustigados por uma multidão de dificuldades imprevistas, pequenas provações e mal-entendidos inquietantes. Talvez haja disparidades de temperamento, ou vícios enlouquecedores, ou grosserias de alma erradicáveis que tornam a sua tarefa desesperada. Talvez, à medida que o

magnetismo sexual se desvanece, a indiferença, a aversão ou o puro nojo possam tomar o seu lugar.

Talvez, após muitos choques, mágoas e lágrimas, cada um possa começar a perceber no outro alguma promessa de uma possível camaradagem baseada na necessidade mútua e na confiança mútua, caso em que o verdadeiro amor, essa amizade mais terna, mais forte e mais íntima, começará a lançar raízes e a crescer. Crescerá lentamente, pois é para durar para sempre. Pode ser que o preço da doçura seja amargo, mas, quando se está a comprar o céu!

O casamento terreno é apenas um namoro, que pode terminar em sucesso ou em fracasso. Os verdadeiros casamentos, as uniões, são feitos no céu. Pelo menos, é nisso que os espiritualistas acreditam. Para mim, parece uma fé muito bela e esperançosa, e profundamente enraizada na justiça e na razão.

Claro que, como já indiquei, existem alguns casais afortunados que, por pura sorte, encontram as suas afinidades e simplesmente correm um para o outro e se fundem como dois nódulos de mercúrio. Estes estão verdadeiramente casados, não para a vida, mas para sempre. A Morte pode separá-os por algum tempo, mas a Morte terá de os reunir. Assim dizem os espiritualistas.

E se aceitarmos a perspetiva do espiritualista, as respostas a algumas perguntas de outro modo difíceis tornam-se fáceis. Quando uma viúva morrer, irá ela reunir-se ao seu marido? Sim, se essa for a vontade deles. Quando um homem casou duas vezes, qual das mulheres será a sua parceira no Grande Além? Talvez uma, talvez a outra, talvez nenhuma. Encontrará um solteiro uma parceira por lá? Sim, se ele for digno e se a sua parceira natural o encontrar.

E em que fundamentos edificam os espiritualistas esta fé radiante? Simplesmente no testemunho das mensagens espirituais. Os espíritos comunicam como homens e mulheres. Retiveram o seu sexo. Esposas espirituais enviam mensagens de amor aos seus maridos vivos, maridos enviam mensagens de amor às suas esposas vivas. Mensagens dos espíritos falam da reunião de esposas e maridos no outro mundo. Não chegam notícias de anjos ou de demónios; apenas ouvimos falar de mulheres e homens mais ou menos perfeitos ou imperfeitos. Mas devemos lembrar-nos de que esses espíritos deixaram todos a sua carne para trás e, com ela, espera-se, os desejos da carne e as dores e fardos de que a carne é herdeira. Dizem-nos também, estas mensagens espirituais, que os pecados da carne

são encarados de forma menos implacável pelos olhos espirituais. São os pecados da alma que deixam as cicatrizes mais profundas e exigem a expiação mais longa e árdua.

Quer os espiritualistas estejam ou não equivocados, penso que a sua filosofia é doce e sã. A Natureza, isto é, o magnetismo sexual, impele homens e mulheres para uniões inadequadas ou infelizes neste mundo, e a sabedoria humana tem sido incapaz de conceber uma salvaguarda. Pareceria justo, portanto, que numa vida futura os pobres seres humanos fossem emparelhados de forma mais adequada e afim. Assim, gosto de pensar que os verdadeiros casamentos são feitos no céu, onde a música quebrada da vida é consertada e as feridas do coração e as vergonhas da alma são curadas. Mas é uma filosofia curiosa, não é? E lança algumas luzes reveladoras e estranhas sobre os casamentos ao acaso que fazemos aqui e agora.

Existe hoje uma quantidade considerável de comentários francos e moderados sobre o espiritualismo, fora das fileiras espiritualistas. Agradou-me encontrar a seguinte passagem no livro do Sr. J. St. Loe Strachey, *"The River of Life"*:

"A nossa carência é de novos sentidos, não de novos factos. Onde falhamos é nos nossos poderes de perceção. Apenas sabemos o que sentimos, vemos e ouvimos, e apenas vemos, sentimos e ouvimos aquelas coisas que são capazes de impressionar os nossos sentidos imperfeitos. Ao resto — e quem ousará colocar limites a isso? — chamamos justamente invisível, inaudível, intangível, mas, lembremo-nos, não inexistente. Talvez algum dia estes incognoscíveis se tornem cognoscíveis, mas apenas através do desenvolvimento de um novo sentido ou sentidos. Então saberemos mais, embora ainda não tudo. Além do sentido mais recente, um sentido mais novo será sempre necessário."

O Sr. Strachey continua dizendo que deve ser impossível para os espíritos falar-nos de certos aspetos do seu mundo e da sua vida, porque não existem palavras ou termos nos quais as ideias inteiramente estranhas possam ser transmitidas ao nosso entendimento.

Nestas páginas fugitivas, tratei apenas de um médium, um médium de transe. Existem outros, e um dos tipos mais importantes é o médium clarividente. Um médium desse género subirá a uma plataforma, numa cidade estranha, e descreverá e nomeará espíritos que vê na sala. Descrevê-los-á como estando de pé junto a algum amigo ou parente na assistência. Dessas descrições acontece geralmente que oito ou nove em cada dez são

reconhecidas. Existem alguns exemplos impressionantes no livro do Sr. J. Arthur Hill, *"Psychic Investigations"*. E a minha filha e um amigo nosso tiveram experiências muito interessantes. A Sra. Brittain é uma clarividente de primeira classe reconhecida.

Mas muito depende do participante. Ele precisa de estar calmo e paciente, e de ter uma mente amigável. Vai contra as probabilidades de sucesso que o participante "ande a tentar sondar a mente" do médium, "como se o quisesse conduzir a uma armadilha". Não tentamos induzir em erro um médico quando ele está a fazer um diagnóstico. É aconselhável observar de perto e escutar com atenção, mas é prejudicial considerar o médium como fraudulento desde o próprio início de uma sessão.

As minhas próprias experiências, às quais me limitei, não são de modo nenhum sensacionais, e os investigadores apenas perceberão o seu pleno significado quando estudarem as provas mais importantes apresentadas noutros livros psíquicos.

Como me foi pedido que nomeasse alguns dos livros que me conduziram à minha busca, imprimirei a resposta aqui, pois servirá de guia para aqueles que são estranhos à literatura psíquica e gostariam de ter uma melhor familiaridade com ela.

Penso que comecei a prestar atenção depois de ler dois livros científicos. Foram eles *"Introduction to Science"*, do Prof. J. A. Thomson (Williams & Norgate, 2s. 6d.) e *"The Origin and Nature of Life"*, do Prof. B. Moore (mesmo editor e preço). Esses dois pequenos livros são muito instrutivos e intensamente interessantes.

Depois, creio eu, veio o primeiro volume de *"Death and its Mystery"*, de Flammarion (Fisher Unwin). Não me lembro do preço. Os três volumes estão cheios de prodígios, e o professor é muito convincente. Inclinando-me a pensar, foi a leitura de Flammarion para recensão crítica que me colocou na pista. E o Sr. J. Arthur Hill, de Bradford, enviou-me três dos seus livros, o primeiro dos quais, *"Psychical Investigations"* (Cassell), despertou o meu interesse e pôs-me a pensar.